

ISBN 978-85-5722-647-0

ANAIS

III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A comunicação da floresta e a
conexão de todas as coisas

De 21 a 25 de novembro de 2022

Manaus e Parintins | Amazonas

Marina Magalhães
Massimo Di Felice
Sebastião Nascimento
Thiago Cardoso Franco (Orgs.)



Realização:



Apoio:





Wilson Miranda Lima
Governador do Estado do Amazonas

Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação

Pauderney Tomaz Avelino
Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação - SEDECTI



Márcia Perales Mendes Silva
Diretora-Presidente da Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado do Amazonas

Esta obra foi financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de
Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

AN532 Anais do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.
Anais...Parintins (AM) UFAM, 2023

Disponível em <www.even3.com.br/anais/congressodecidadaniadigital>

ISBN: 978-85-5722-647-0

1. Ciências sociais 2. Educação 3. Ciência da computação, informação e obras gerais

UFAM

CDD - 370

CORPO EDITORIAL

COORDENAÇÃO DO EVENTO

MARINA MAGALHÃES DE MORAIS (ICSEZ/UFAM)

MASSIMO DI FELICE (ECA/USP)

THIAGO CARDOSO FRANCO (UFG)

COMISSÃO CIENTÍFICA

MARINA MAGALHÃES DE MORAIS (ICSEZ/UFAM)

MASSIMO DI FELICE (ECA/USP)

THIAGO CARDOSO FRANCO (UFG)

ADRIANO CLAYTON DA SILVA (ICSEZ/UFAM)

ALLAN SOLJENÍTSIN BARRETO RODRIGUES (FIC/UFAM)

BRUNO MADUREIRA FERREIRA (ECA/USP)

CÂNDIDA MARIA NOBRE DE ALMEIDA MORAES (ICSEZ/UFAM)

HELLEN CRISTINA PICANÇO SIMAS (ICSEZ/UFAM)

ELI BORGES JÚNIOR (UFJF)

ELIANE SCHLEMMER (UNISINOS)

ELIETE DA SILVA PEREIRA (ECA/USP)

EVANDRO JOSÉ MEDEIROS LAIA (UFOP)

LARA LINHALIS GUIMARÃES (UFOP)

LEANDRO YANAZE (UNIFESP)

MARCELLA SCHNEIDER FARIA-SANTOS (FAPCOM)

MATHEUS SOARES M. CRUZ (ECA/USP)

RITA MACHADO DE CAMPOS NARDY (ECA/USP)

SEBASTIÃO JOSÉ NASCIMENTO DE SOUZA (ICSEZ/UFAM)

TERESA CRISTINA DA COSTA NEVES (UFJF)

COMISSÃO ORGANIZADORA GERAL

MARINA MAGALHÃES DE MORAIS (ICSEZ/UFAM)

MASSIMO DI FELICE (ECA/USP)

THIAGO CARDOSO FRANCO (UFG)

ADRIANO CLAYTON DA SILVA (ICSEZ/UFAM)

ALLAN SOLJENÍTSIN BARRETO RODRIGUES (FIC/UFAM)

ANA EMÍLIA DINIZ SILVA GUEDES (UNINORTE)
BRUNO MADUREIRA FERREIRA (ECA/USP)
CÂNDIDA MARIA NOBRE DE ALMEIDA MORAES (ICSEZ/UFAM)
CRISTIANE DE LIMA BARBOSA (FIC/UFAM)
ELI BORGES JÚNIOR (UFJF)
ELIANE SCHLEMMER (UNISINOS)
ELIETE DA SILVA PEREIRA (ECA/USP)
GABRIELA REBECA RAPP GAIARDO (UFG)
GRACIENE SILVA DE SIQUEIRA (ICSEZ/UFAM)
HERNÁN GUTIÉRREZ HERRERA (FACULDADE BOAS NOVAS)
KAMILY GLORIA PANTOJA (ICSEZ/UFAM)
KAREN MICHELLA DAS CHAGAS RIBEIRO (UNINORTE)
MARCELLA SCHNEIDER FARIA-SANTOS (FAPCOM)
MARCELO RODRIGO DA SILVA (ICSEZ/UFAM)
MATHEUS SOARES M. CRUZ (ECA/USP)
RITA MACHADO DE CAMPOS NARDY (ECA/USP)
SEBASTIÃO JOSÉ NASCIMENTO DE SOUZA (ICSEZ/UFAM)
TAYNNARA RODRIGUES DE OLIVEIRA FRANCO (UFG)
TERESA CRISTINA DA COSTA NEVES (UFJF)

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL (APOIO DISCENTE)

ANA BEATRIZ VIANA DE MELO (ICSEZ/UFAM)
ANA CLARA AGUIAR ROCHA (FIC/UFAM)
ANNE ERLINY ARRUDA DE SOUZA (ICSEZ/UFAM)
CÉLIA BEATRIZ MESQUITA DE SOUZA (FIC/UFAM)
DAVI ALMEIDA DE FREITAS (FIC/UFAM)
DYELEM PINTO RODRIGUES (ICSEZ/UFAM)
ESTÉFANY ALEXANDRA MENEZES (ICSEZ/UFAM)
GABRIELLA DE SOUZA BARROS (ICSEZ/UFAM)
JUAN PABLO LUZ MUNIZ (ICSEZ/UFAM)
KLYSNA LAYANA MOREIRA (ICSEZ/UFAM)
LYVIA MARTINS BERNARDO (FIC/UFAM)
PEDRO HENRIQUE PINTO ROCHA (FIC/UFAM)
RALF CORDEIRO BATISTA (ICSEZ/UFAM)

RUBIA ANYÊ CASSOL (FIC/UFAM)
SORAIA MARIA CASTRO CASTRO (ICSEZ/UFAM)
THAÍS NAYRA CARDOSO DA SILVA (ICSEZ/UFAM)
THALITA EDUARDA PEREIRA DOS SANTOS (FIC/UFAM)
YASMIM BARAÚNA RODRIGUES (ICSEZ/UFAM)

ENTIDADES PROMOTORAS/COPARTICIPANTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)
NÚCLEO DE ESTUDOS DE LINGUAGENS DA AMAZÔNIA (NEL-AMAZÔNIA)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (ICSEZ/UFAM)
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO AMAZONAS (FIC/UFAM)
CENTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA ATOPOS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
(ECA/USP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM DIREITOS HUMANOS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (PPGIDH/UFG)
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO NORTE (UNINORTE)
FACULDADE BOAS NOVAS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)

ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS DO EVENTO

MARINA MAGALHÃES DE MORAIS (ICSEZ/UFAM)
MASSIMO DI FELICE (ECA/USP)
SEBASTIÃO JOSÉ NASCIMENTO DE SOUZA (ICSEZ/UFAM)
THIAGO CARDOSO FRANCO (UFG)

CAPA

BRUNO MADUREIRA FERREIRA (ECA/USP)

EDITORAÇÃO

SEBASTIÃO JOSÉ NASCIMENTO DE SOUZA (ICSEZ/UFAM)

REVISÃO

MARINA MAGALHÃES DE MORAIS (ICSEZ/UFAM)

SEBASTIÃO JOSÉ NASCIMENTO DE SOUZA (ICSEZ/UFAM)

APOIO

ESTA OBRA FOI FINANCIADA PELO GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS COM RECURSOS DA FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO AMAZONAS – FAPEAM, QUE APOIOU A REALIZAÇÃO DO III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL POR MEIO DO EDITAL N.º 02/2022 DO PROGRAMA DE APOIO À REALIZAÇÃO DE EVENTOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS NO ESTADO DO AMAZONAS – PAREV.

NOTAS SOBRE A CIDADANIA DIGITAL: UMA INTRODUÇÃO À OBRA

Com o desenvolvimento das arquiteturas digitais de interação – como redes sociais digitais, plataformas, *blockchain* etc. –, todos os âmbitos da nossa experiência e das nossas relações assumiram novos formatos, permitindo, através do acesso a dados e diversas modalidades de interação informatizada, novas possibilidades de participação e novas práticas de protagonismo. A nossa privacidade, a nossa relação com o meio ambiente, a nossa saúde, os debates públicos, as relações com o governo, a nossa maneira de nos informar vêm passando por um importante processo de alteração.

Mais do que um simples uso de novas ferramentas para a realização de práticas tradicionais, a chegada das interações em redes proporcionou novos significados, implementando, além de novas modalidades de participação e de ação, a necessidade de redefinir o próprio sentido do agir público em todo o mundo. Também no Brasil e na América Latina, a chegada da banda larga e das redes sociais digitais gerou uma tomada generalizada da palavra, oferecendo visibilidade e protagonismo a setores menos favorecidos da população e promovendo uma alteração qualitativa das esferas públicas nacionais. Novos atores, antes excluídos do debate público, por meio das tecnologias digitais, tomaram a palavra e iniciaram práticas originais de agregações e de ativismo via web em defesa de seus direitos.

Em época mais recente, o advento de plataformas de interação, de big data e de criptomoedas vem difundindo, através da disseminação de startups, um novo tipo de empreendedorismo de massa, baseado no compartilhamento de dados e no barateamento dos custos através do acesso a serviços de diversos tipos por meio da internet. Nesse novo contexto, a inovação tecnológica, a participação e as mudanças sociais tornaram-se aspectos incindíveis. Logo, a cidadania do terceiro milênio vem se revelando uma cidadania conectada, que promete redesenhar relações e dinâmicas, oferecendo novas oportunidades através das contribuições e do papel ativo desenvolvido pelas tecnologias informáticas.

Diante da urgência de pensar esse cenário surgiu o Congresso Internacional de Cidadania Digital, evento transdisciplinar promovido pelo Centro Internacional de Pesquisa ATOPOS desde 2020, com o objetivo de representar e estimular o debate sobre a ideia e as práticas de cidadania realizadas por meio da introdução de tecnologias digitais, arquiteturas de redes e ambientes colaborativos. Em 2022, a proposta encontrou na floresta amazônica as condições ideais para a sua primeira realização presencial, tendo como principal parceira a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e como apoiadora a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

Em torno do tema “A comunicação da floresta e a conexão de todas as coisas”, a terceira edição do evento promoveu, entre os dias 21 e 25 de novembro, um debate itinerante entre as cidades de Manaus e Parintins (AM), com transmissão online e participação híbrida de professores e pesquisadores de todo o Brasil e de diversos países (Canadá, México, Argentina, Portugal e Itália).

Em razão dos desafios impostos aos professores, pesquisadores, profissionais e ativistas de diversas áreas, o III Congresso Internacional de Cidadania Digital buscou estimular a produção de resumos expandidos, relatos de experiência, ensaios e artigos científicos que tratassem da temática a partir dos seguintes eixos:

1. Epistemologias reticulares: o protagonismo dos não-humanos e a comunicação pós-antropocênica;
2. Práticas de cidadania digital para se conectar com a Floresta Amazônica;
3. O local digital das culturas;
4. Net-ativismo, participação e conflitos em redes;
5. Jornalismo possíveis: ecologia de traduções de mundos;
6. Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital; e
7. Uma outra universidade possível.

As apresentações das palestras e mesas redondas do evento foram gravadas e estão disponíveis no canal do Centro Internacional de Pesquisa ATOPOS no YouTube: <https://www.youtube.com/c/CanalATOPOS>. Já nestes anais eletrônicos, leitores e leitoras encontrarão os trabalhos submetidos pelos participantes do Congresso – pesquisadores, professores, profissionais de diversas áreas, estudantes, ativistas, artistas etc. – e relacionados às tendências e características da colaboração das tecnologias digitais para o desenvolvimento de práticas cidadãs, conforme cada eixo acima apresentado.

Entre os trabalhos submetidos ao evento, 54 foram aprovados pela Comissão Científica, sendo 38 na modalidade resumo expandido, 3 relatos de experiência, 3 ensaios e 10 artigos científicos. Todos os conteúdos são de responsabilidade dos seus autores, que ao submeterem os trabalhos às mesas coordenadas declararam ciência das leis de direitos autorais em vigência, como também cederam os direitos de publicação nos anais do evento ou em produtos editoriais derivados do Congresso.

Por fim, este livro, que junta visões de diversas áreas de conhecimento sobre as

mudanças que caracterizam a passagem para o novo milênio, tornou-se possível graças ao financiamento do Governo do Estado do Amazonas, com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, que apoiou a realização do Congresso por meio do Edital n.º 02/2022 do Programa de Apoio à Realização de Eventos Científicos e Tecnológicos no Estado do Amazonas – PAREV.

Massimo Di Felice¹ e Marina Magalhães²

¹ Massimo Di Felice é Professor titular da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, com pós-doutorado em Sociologia pela Universidade Paris Descartes V, Sorbonne. Fundador do Centro Internacional de Pesquisa ATOPOS.

² Marina Magalhães é Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Pesquisadora integrada ao Centro Internacional de Pesquisa ATOPOS, ao Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (NEL-Amazônia) e ao Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa (ICNOVA).

SUMÁRIO

ARTIGOS.....	17
A AVATARIZAÇÃO DE CELEBRIDADES E A PUBLICIDADE CONTEMPORÂNEA . 18 <i>Daniel Rossmann Jacobsen e Flávia Mayer dos Santos Souza</i>	
A CIDADANIA TECNOCIENTÍFICA SOB A PERSPECTIVA DE UMA CULTURA TÉCNICA: HORIZONTES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DE GRADUAÇÃO 32 <i>Priscila Caldas Bianchini, José Augusto da Silva Neto e Emerson Freire</i>	
AÇÕES NET-ATIVISTAS NA AMAZÔNIA LEGAL: DESAFIOS E ALTERNATIVAS . 47 <i>José Eustáquio de Melo Júnior</i>	
BIEL TUPÃ: AUTORREPRESENTAÇÃO INDÍGENA NO ESPAÇO DIGITAL 62 <i>Ana Idalina Carvalho Nunes e Diego Lucas Nunes de Souza</i>	
CONECTAKATCHING: A CO-CRIAÇÃO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INVENTIVA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ONLIFE..... 81 <i>Bruna Elisa Schuster e Eliane Schlemmer</i>	
CONVERSAS SOBRE CONTROLE SOCIAL E CIDADANIA DIGITAL: OS USOS DA METODOLOGIA DE GRUPO FOCAL NUMA REUNIÃO ON-LINE 96 <i>Suzana Gilioli, Iara Cruz e Adriano Castorino</i>	
ÉTICA E TRADUÇÃO DE MUNDOS: A DIMENSÃO DO OUTRO A PARTIR DE COMUNICADORES INDÍGENAS 112 <i>Lara Linhalis Guimarães, Ana Garcia de Miranda, Gabriela Lopes Gomes, Jonathan Robert Viana da Silva e Leiriane Santana da Silva</i>	
LEGADO DIGITAL E CIDADANIA: O DESTINO DOS DADOS DOS USUÁRIOS EM PLATAFORMAS DIGITAIS 134 <i>Vanessa Martins</i>	
TRANSPARÊNCIA ATIVA NO INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS 149 <i>Suzana Gilioli C. Nunes e Fabrício Barbosa da Costa</i>	
USOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR MULHERES MIGRANTES E DESCENDENTES PALESTINAS: POSSIBILIDADES SOCIAIS E POLÍTICAS..... 166 <i>Simone Munir Dahleh</i>	
ENSAIOS.....	181
A INCLUSÃO DIGITAL POR MEIO DE AVALIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EM PLATAFORMA ON-LINE 182 <i>Antonio Carlos dos Santos Xavier e Lucas Pazoline da Silva Ferreira</i>	

CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA: UM PERCURSO TEÓRICO PARA A COMPREENSÃO DO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO 186
Sebastião José Nascimento de Souza e Hellen Cristina Picanço Simas

INFLUENCIADORES E O PODER DE MOVIMENTAR O COMÉRCIO DIGITAL: UM ESTUDO SOBRE OS MODOS DE COMPRAR DOS ACADÊMICOS DO ICSEZ 202
Gabriel de Lima e Marina Magalhães

RELATOS DE EXPERIÊNCIA 214

ARTE E VISUALIDADES SOBRE CORPO E LUGAR: SABER TRADICIONAL AMERÍNDIO E EXPERIÊNCIAS TRANSMETODOLÓGICAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL 215
Marcelo Rodrigo da Silva, Fabiana Feronha Wielewicki e Teresa Luzio

NOSSOS CAMINHOS: CONSTRUINDO METODOLOGIAS POR MEIO DA ESCUTA SENSÍVEL 229
Orlane Pereira Freires, Francine Rebello Pereira e Paulo Antônio M. Silveira

RELAÇÕES PÚBLICAS E O METAVERSO: CRIAÇÃO E APLICAÇÃO DA EMPRESA CREWAVE 244
Bárbara Lis Barbosa Martins, Gabriela Rebeca Rapp Gaiardo e Thiago Cardoso Franco

RESUMOS EXPANDIDOS 266

REDES SOCIAIS DIGITAIS: USO, POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE ADOLESCENTES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU NO AMAZONAS 267
Joristela de Souza Queiroz

DEMOCRACIA À VENDA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE MARKETING POLÍTICO E PRIVACIDADE NO MEIO DIGITAL 271
Luísa Mariano Machado Barreto, Marcelo Augusto Pedreira Xavier e Thiago Cardoso Franco

LIMITES E POTENCIALIDADES DO ACESSO ÀS TECNOLOGIAS: A INFORMAÇÃO DIGITAL POR MEIO DO CELULAR, TABLET E NOTEBOOK NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE NÍVEL MÉDIO NO BRASIL 276
Eunice de Jesus Santos e Ana Paula de Oliveira Villalobos

ENTRE TERRITÓRIOS FÍSICOS E VIRTUAIS: IMERSÃO E INTERATIVIDADE PARA A COMPREENSÃO DE CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS 281
Daniela Zanetti, Pedro Marra, Ruth Reis e Gabriel Schettino Lucas

CONEX@O CAMPO & CIDADE DA COMUNIDADE RURAL DO DISTRITO AGROPECUÁRIO DA SUFRAMA.....	286
<i>Maria Isabel de Araújo e Silas Garcia Aquino de Sousa</i>	
FATO OU BOATO? O PAPEL DO JORNALISMO DE CHECAGEM NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL.....	289
<i>Willian Ythano Araújo Costa e Lucas Milhomens Fonseca</i>	
TRABALHO ACADÊMICO É NOTÍCIA: DIVULGAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DA PESQUISA CIENTÍFICA NO ICSEZ/UFAM	293
<i>Klyсна Almeida e Marina Magalhães</i>	
TECNOLOGIAS VESTÍVEIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA “CIDADANIA DIGITAL” DE DI FELICE	296
<i>Aline Patrícia Sobral dos Santos e Marcelo de Miranda Lacerda</i>	
FLUXO CONECTADO: O FLUXO COMO UM MOVIMENTO EM REDE	300
<i>Giovanna Barros de Lima e Thiago Cardoso Franco</i>	
AS REDES E ECOLOGIAS COMUNICATIVAS NO ENFRENTAMENTO À MINERAÇÃO EM MG: ATIVISMOS SOCIOAMBIENTAIS NAS CONEXÕES DE CIDADÃOS E TERRITÓRIOS ATINGIDOS	304
<i>Adriana Bravin e Luisa Silva Baraldo Paiva</i>	
UMA PROPOSTA DE ESTUDO DE CASO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM HÍBRIDOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA À LUZ DA EDUCAÇÃO ONLIFE.....	308
<i>Camila Scheifer Lawson e Marisa Helena Cleff dos Santos</i>	
NET-ATIVISMO AMERÍNDIO: A RESISTÊNCIA NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS ..	313
<i>Ana Beatriz Viana de Melo e Marina Magalhães</i>	
REINVENTANDO A PROPOSTA DOS CÍRCULOS DIALÓGICOS INVESTIGATIVO-AUTO(TRANS)FORMATIVOS: CÍRCULOS PRESENCIAIS-VIRTUAIS	317
<i>Ivani Soares e Celso Ilgo Henz</i>	
A CONFIGURAÇÃO DA CIDADANIA DIGITAL NO INSTAGRAM E O USO DA HASHTAG #FLORESTAEMPÉ COMO FORMA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL SOBRE A AMAZÔNIA	320
<i>Jessica de Souza Carneiro e Walter Teixeira Lima Júnior</i>	
PLATAFORMAS INDÍGENAS: CULTURA, MEIO AMBIENTE E MERCADO	322
<i>Caio Henrique Trentini Urbano</i>	
CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS: UMA	

ANÁLISE DO CANAL BBC NEWS E DO COLETIVO ATIVISTA MÍDIA NINJA NO INSTAGRAM	325
<i>Juan Pablo Luz Muniz e Marina Magalhães</i>	
‘EXISTIRMOS, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?’ JORNALISMO AMOROSO EM NARRATIVAS (AUTO)TRANSPOIÉTICAS. ENTRELAÇOS DE FLORESCERES DE SUJEITOS E LUGARES	328
<i>Maria Luiza Cardinale Baptista</i>	
O LETRAMENTO DIGITAL NAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	335
<i>Maria das Graças Pereira Soares e Melissa Andrade Cunha</i>	
TRADUÇÃO E AMPLIAÇÃO DE UMA LÍNGUA AMEAÇADA: ESTUDO DE CASO DO SATERÉ-MAWÉ	339
<i>Francy Wotete, Suanny Beatriz Silva Lira e Adriano Clayton da Silva</i>	
POR UMA OUTRA UNIVERSIDADE POSSÍVEL: PESQUISA SOBRE EGRESSOS DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DO ICSEZ/UFAM.....	344
<i>Ralf Cordeiro Batista e Marina Magalhães</i>	
DESACONTECIMENTO COMO NOTICIABILIDADE DAS RESISTÊNCIAS	347
<i>Tayane Abib</i>	
APLICATIVO PARA ESCRITURAÇÃO ZOOTÉCNICA NA CRIAÇÃO DE AVES E SUÍNOS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS	351
<i>Pedro Jorge Carvalho da Silva Junior, Thalia Tenório Bezerra, Tayane Tenório Bezerra, Flavio Augusto dos Santos Aguiar Júnior e Adelson Menezes Portela</i>	
A LINGUAGEM MUSICAL DIGITAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	355
<i>Maria das Graças Pereira Soares e Aline dos Santos Souza</i>	
DEPOIS QUE DESCOBRI A TV 247 NUNCA MAIS VI O JORNAL NACIONAL: UM ESTUDO DE COMUNICAÇÃO, MÍDIA E JORNALISMO DIGITAIS PARA A CIDADANIA	359
<i>Cláudio Cardoso de Paiva</i>	
CRISE DO ENSINO SUPERIOR E POTÊNCIA DO PENSAMENTO	363
<i>Teresa Neves</i>	
DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA NA 2ª ONDA DA PANDEMIA: A COBERTURA SOBRE PESQUISAS CIENTÍFICAS DA COVID-19 NO PORTAL D24AM.....	366
<i>Célia Beatriz Mesquita de Souza e Cristiane de Lima Barbosa</i>	

CIENTISTAS NAS MÍDIAS SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE DOS CANAIS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO	371
<i>Rubia Anyê Cassol e Cristiane de Lima Barbosa</i>	
JORNALISMO CIENTÍFICO NA 3ª ONDA DA PANDEMIA: A COBERTURA DA COVID-19 NOS PORTAIS D24AM E A CRÍTICA	376
<i>Ana Clara Aguiar Rocha e Cristiane de Lima Barbosa</i>	
A TECNOLOGIA BLOCKCHAIN PARA A GESTÃO DE RESÍDUOS	381
<i>Mariana Araujo Rodrigues Chapouto Lopes e Massimo Di Felice</i>	
APROPRIAÇÃO DE AMBIENTES IMERSIVOS: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	384
<i>João Velasques Paladini e Eliane Schlemmer</i>	
CIÊNCIA NA MÍDIA: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS DO AMAZONAS	387
<i>Guilherme Augusto da Silva Nery, Fabiane da Silva Monteiro dos Santos e Cristiane de Lima Barbosa</i>	
LADYBUG TRACK: O CAMINHO TRILHADO POR ESTUDANTES DE 4º ANO DESDE A VISITA DE UMA JOANINHA EM SALA DE AULA ATÉ A ELABORAÇÃO DE UM JOGO DE TABULEIRO	390
<i>Gisele Susan Giacomini, Letícia Klimick de Freitas, Lucas Prates Martins e Vanessa Schwartz Riva</i>	
MIDIATIZAÇÃO DA PANDEMIA EM 2021: A COBERTURA CIENTÍFICA DA COVID-19 NO PORTAL A CRÍTICA/AM	394
<i>Thalita Eduarda Pereira dos Santos e Cristiane de Lima Barbosa</i>	
GAMBIT STUDIOS: UMA ANÁLISE DE MERCADO DE JOGOS DIGITAIS DO GÊNERO INDIE	399
<i>Jennifer Karoline Nascimento Dos Santos, Marcelo De Souza Menezes Filho, Pedro Henrique de Abreu Vitor e Thiago Cardoso Franco</i>	
DOS FLUXOS DOS RIOS AOS FLUXOS DA REDE: UM ESTUDO DO CANAL EDUCATIVO AMAZÔNIA RIBEIRINHA COMO ESPAÇO DE PROTAGONISMO DOS POVOS DA FLORESTA	403
<i>Estéfany Machado, Vivian Tourinho, Cândida Nobre e Soriany Neves</i>	
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM UM CONTEXTO DATIFICADO	407
<i>João Velasques Paladini e Eliane Schlemmer</i>	
DESAFIOS LOGOLÓGICOS DA CIDADANIA DIGITAL: SERES INFORMES E	

ONTOLOGIAS NÃO-OCIDENTAIS411
Fernanda Valle e Vinícios Menezes

LINN, ANASTÁCIA E A QUEBRA DA MORDAÇA: CORPO E ROUPA A PARTIR DO
PERSPECTIVISMO 415
Cristiane Maria Medeiros Laia



Artigos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

A Avatarização de Celebidades e a Publicidade Contemporânea¹

Daniel Rossmann JACOBSEN²

Flávia Mayer dos Santos SOUZA³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Neste artigo investigamos o fenômeno comunicacional que põe em evidência avatares de celebridades como ferramentas da publicidade no contexto da sociedade de consumo contemporânea. Compreendemos que a avatarização se amplia com o aprimoramento das tecnologias de animação, e encontra na publicidade contemporânea um mercado fértil para a experimentação na criação de conteúdo. Nesse movimento, se entende como possibilidade que esses avatares favorecem uma extensão do trabalho das celebridades em quem se baseiam, pois podem cobrir uma maior variedade de pautas, atender a um leque maior de marcas e assim atingir novos nichos de consumidores/seguidores, levando em consequência a uma possibilidade de maior faturamento.

Palavras-chave: humanos virtuais; avatares; publicidade; redes sociais; celebridades.

Considerações iniciais

Em nossa pesquisa de mestrado, estudamos a presença de humanos virtuais na publicidade contemporânea. Os humanos virtuais são particulares, possuindo características não universais, o que acaba por dificultar uma caracterização do termo. Burden e Savin-Baden (2019, p. 16, tradução nossa) propõem a seguinte definição geral: “Um humano virtual é uma entidade digital (ou talvez, de forma mais geral, um programa, algoritmo ou mesmo um processo) que (parece) pensar, sentir e se comportar como um humano”. Em outras palavras, humanos virtuais são simulações de humanos, que atuam nas redes manifestando características humanas em diferentes graus.

Propomos uma forma de caracterização que considera pelo menos três tipos de humanos

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 1) Epistemologias reticulares: o protagonismo dos não-humanos e a comunicação pós-antropocênica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Mestrando em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: danieljacobsen.ufes@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: flavia.mayer@uol.com.br.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

virtuais na publicidade. Os dois primeiros são criados sem referência a uma pessoa humana específica, são aqueles criados por marcas como parte de sua identidade e aqueles desenvolvidos por agência para a prestação de serviço publicitário; o terceiro tipo de humanos virtuais é baseado em pessoas humanas específicas, os chamados avatares.

Neste artigo, investigamos esses terceiros, que entendemos como parte de um fenômeno publicitário localizado técnica, estética e discursivamente na sociedade do consumo pós-moderna e capitalista. Nesse movimento, os avatares não são mais apenas representações do cidadão comum em jogos e outros ciberterritórios. Através da apropriação publicitária, ocorre o que chamamos de avatarização de celebridades, processo pelo qual pessoas de grande relevância midiática criam duplicatas virtuais de si mesmas com finalidade comunicacional, que vão atuar como influenciadores virtuais nas redes sociais digitais.

Compreensões em torno da noção de avatar

Em nossa pesquisa, descobrimos através de revisão de literatura que muitos pesquisadores têm adotado o termo avatar de forma genérica, como sinônimo de humano virtual e não como um de seus tipos. Nessa compreensão generalista, o avatar é uma representação humana inespecífica. Uma análise mais aprofundada da noção de avatar, por isso, é demandada. Mesa (2009, p. 173, tradução nossa) aponta a origem da palavra avatar e seu significado contemporâneo: “Um termo da mitologia hindu para o corpo temporário que um deus habita enquanto visita a Terra. Em mundos virtuais, um avatar é uma representação visual do usuário que interage no mundo”. Waggoner (2009) compreende da mesma forma, ressaltando que a palavra em sânscrito Avatara, que significa literalmente descida, é a origem do termo Avatar utilizado atualmente principalmente na indústria de videogames.

Waggoner (2009) destaca a importância de distinguir avatares de agentes. Segundo Goldberg (apud WAGGONER, 2009, p. 9, tradução nossa), avatares são quaisquer “representações de pessoas ‘reais’ em ambientes gerados por computador”, enquanto agentes são “quaisquer peças de software semiautônomos que assumam alguma incorporação visual”. Têm-se então a principal característica de um avatar: seu ancoramento na realidade existencial de um humano específico. Wilson destaca outra característica, o potencial criativo envolvido



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

no processo de construção do avatar:

um eu virtual que atua como um substituto para nossos eus do espaço real, que representa o usuário. O avatar do ciberespaço funciona como um locus multifacetado e polimorfo, deslocado da facticidade de nossos eus do espaço real... Os espaços avatares envolvem indiscutivelmente a escolha na criação do próprio avatar; há um escopo substancial para exercitar a escolha e criar significado (WILSON apud WAGGONER, 2009, p. 9, tradução nossa).

Evans (2010) destaca que em um contexto de comunidades e redes sociais digitais, qualquer imagem que retrata o usuário com a intenção de identificá-lo, é chamada de avatar. Isso implica em considerar como avatares as fotos de perfil em redes sociais, ícones e outras formas visuais de representação, mas não adotamos essa aplicação ampla quando discutimos avatares neste texto. Aqui, consideramos avatares as animações que representam pessoas humanas em ambientes 3D ou em redes sociais digitais, simulando uma presença no ambiente, tal como Waggoner (2009) acentua.

Dessa forma, entendemos os avatares como textos em primeira pessoa enunciados em espaços virtuais de interação, como games, redes sociais digitais, metaversos e formas híbridas dessas ciberterritorialidades. No entanto, é preciso distinguir o avatar e a pessoa a que ele se refere como dois seres semióticos autônomos, e não como expressões diferentes de um mesmo ser. Segundo Landowski (2017, p. 127), toda produção de sentido está sujeita a uma regra: “Ao ser, qualquer que seja o objeto considerado e o sujeito que olha, não se tem acesso senão mediante o parecer”. Em outras palavras, não existe semioticamente o ser real, senão enquanto instância pressuposta e, portanto, inacessível. Mediado ou ele mesmo mediador, o objeto, de qualquer natureza, pode ser apreendido, então, apenas pelos efeitos que, através da linguagem, afetam o sujeito observador e assim constituem os sentidos que serão apreendidos diante do ato interativo.

Segundo Landowski (2017), na esteira de Greimas, todo ato enunciativo é, por natureza, um ato de disjunção entre enunciador e enunciado, já que no término da enunciação o texto enunciado adquire vida própria, existindo semioticamente independente de seu enunciador e podendo, inclusive, ser apreendido à revelia da intencionalidade desse enunciador. Mesmo nos textos em primeira pessoa, onde ocorre debreagem actancial enunciativa, ou seja, a projeção do



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

“eu” que fala, esse “eu” existe descolado do enunciador original, que passa a existir apenas como hipótese pressuposta, enquanto o sujeito projetado no enunciado, esse sim, existe semioticamente e é passível de interação sensível. Cada um desses seres constitui então um duo (LANDOWSKI, 2017).

Quase como um auto-retrato fictício, os avatares são construções artificiais, e nesse sentido não são limitados plasticamente à reprodução fidedigna dos traços da pessoa que o origina. Embora alguns enunciadores optem por criar um avatar o mais parecido possível com si mesmos, e nisso os avanços tecnológicos ajudam, outros podem manifestar uma criação mais livre e descompromissada, tanto para criar um avatar com características físicas mais privilegiadas socialmente, quanto para inserir elementos fantasiosos e não-humanos no corpo modelado. Para Hemp (2006), os avatares fornecem uma certa liberdade expressiva, permitindo que as pessoas manifestem aspectos da ordem da fantasia. Considera, assim, que “o avatar é a mais visível manifestação online do desejo das pessoas de experimentar identidades alternativas ou projetar algum aspecto privado de si mesmos” (HEMP, 2006, p. 50).

O Second Life, uma das mais bem-sucedidas misturas de jogo e rede social digital, foi lançado em 2003 com o objetivo de fornecer um mundo virtual 3D onde os usuários, através de avatares, pudessem interagir, se divertir e trabalhar. A aparência do mundo, de suas construções e de seus moradores depende da personalização dos próprios usuários. Atingiu seu pico em 2010 com 21 milhões de contas registradas, e um ano antes registrou 88 mil usuários logados simultaneamente interagindo no mundo virtual, segundo divulgado pela empresa e recuperado por Rymaszewski et al. (2007) em um livro sobre o jogo.

Rymaszewski et al. (2007) afirmam que o Second Life permite um renascimento do usuário de várias formas, principalmente em relação à aparência, que eles consideram fundamental para definir a presença no mundo virtual. Uma vez que a aparência tenha sido definida, ela continua suscetível a alterações, a gosto e necessidade do usuário. Os autores elencam seis componentes básicos e personalizáveis da identidade do avatar no Second Life: nome; forma, que inclui silhueta, altura, formato do corpo, da cabeça, dos olhos, do nariz etc.; pele, incluindo cor e textura; cabelo e olhos, sendo possíveis diferentes formatos, modelos e cores; indumentária, o conjunto de roupas, sapatos, acessórios e outros objetos; animações, os



movimentos do corpo do avatar. Nesses componentes se inclui a escolha de gênero, que pode ou não corresponder ao gênero do usuário. Também é possível criar avatares com imagens mais ou menos distantes de um referencial humano.

Esse estilo de personalização, que dá liberdade criativa ao usuário, vai ser utilizado também em outros produtos que mesclam jogos com redes sociais, como o IMVU, semelhante em proposta com o Second Life, mas focado em salas de conversação através da mediação de avatares em ambientes virtuais, e jogos como The Sims, em que o usuário define a aparência de personagens e seu ambiente. Mais tarde, avatares criados com propósitos comunicacionais vão se basear nas referências deixadas pelo Second Life, embora priorizem uma aparência humana mais autêntica plasticamente na maioria das vezes.

Não falando sobre avatares, mas em uma discussão que muito se aplica a este tema, Landowski (2017, p. 126) escreve:

Efetivamente, a partir dos índices manifestos que nosso fazer expressivo traz à superfície sem que jamais sejamos inteiramente mestres de sua forma, é um *outro eu*, às vezes quase uma caricatura, que se constrói. Mas sobre que expressões poderiam debruçar-se nossos interlocutores a fim de nos “conhecer”, senão sobre aquelas, enganosas ou não, que emitimos?

Avatares de celebridades na publicidade contemporânea

Especificamente na publicidade brasileira, se observa um fenômeno crescente na criação de avatares de celebridades, mas não para jogos ou redes sociais de conversação, e sim para protagonizar atuações no mundo virtual, uma consequência da Web 3.0 e de maiores investimentos que têm colocado o Metaverso em pauta.

O conceito de celebridade é investigado por diferentes autores, que predominantemente o distinguem do conceito de influenciador digital. Segundo Karhawi (2021), uma das características dos influenciadores é o agenciamento individual da visibilidade em plataformas gratuitas e abertas, enquanto as celebridades, segundo Lafloufa (2020), surgem na mídia tradicional, tendo sua visibilidade agenciada pela TV ou pelos jornais. Essa distinção não é absoluta, uma vez que influenciadores nativos de redes sociais digitais da internet podem crescer em visibilidade a ponto de extrapolar os limites dessas redes e serem convidados para reality shows e programas de TV ou se tornarem pautas da imprensa, alcançando a mídia



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

tradicional; do mesmo modo, celebridades nativas da mídia tradicional podem migrar para redes sociais da internet, tanto levando consigo os seus fãs quanto conquistando novos seguidores. Esse movimento pode ser tão fluido, que alguns autores, como Trevisan et al. (2020), vão considerar as celebridades como um tipo específico de influenciadores: são os que alcançam mais pessoas ao mesmo tempo, independentemente de terem relação com o tema ou com a marca, pois são os rostos mais conhecidos.

O projeto que colocou em evidência os avatares de celebridades no Brasil foi lançado em novembro de 2021 pela startup Biobots, trata-se de Satiko (Figura 1), avatar da apresentadora Sabrina Sato, embora alguns casos com menos repercussão já pudessem ser pontuados antes disso. Em entrevista à Forbes Brasil, Sato afirma:

Eu venho acompanhando o mercado sinto que esse novo formato na produção de conteúdo proporciona experiências e oportunidades. Para mim, a Satiko nasce para chegar também a novos públicos, me permitindo alcançar não só os meus, mas novos seguidores. [...] A Satiko vai me ajudar a criar experiências totalmente novas, por exemplo, ela pratica esportes que eu não pratico (sic), estará em lugares onde eu não posso estar. Terá uma personalidade muito mais livre e solta. [...] Ela não será exclusivamente para fins comerciais, mas construirá uma narrativa que promove empatia [e] humor e, além disso, fazer publicidade para marcas que tenham sinergia com sua personalidade. Eu também quero que ela tenha um papel social muito grande, mas (sic) do que influenciadora eu quero que ela seja uma encorajadora com coragem de realizar, fazer e viver (SATO, 2021, s.p.).

Sabrina Sato destaca em sua declaração que Satiko é baseada e está alinhada a ela, mas se constitui como um ser autônomo, com novas habilidades e personalidade. Além disso é evidenciado o papel de complementar de experiências, no sentido de que mais conteúdos podem ser criados em um intervalo de tempo menor e simultâneo. O mesmo potencial é destacado por Bianca Andrade, influenciadora e empresária que teve seu avatar Pink (Figura 2) criado pela mesma empresa de Satiko em julho de 2022:

A Pink será um alter ego meu e, a partir daí, o céu é o limite. Estou realizando o sonho de poder me multiplicar pra (sic) fazer tudo o que almejo como influenciadora e com as minhas marcas. A Pink é um avatar que tem responsabilidade social e o objetivo de levar inovação. Ela vai liderar os projetos da holding Boca Rosa Company que envolve minhas marcas Boca



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Rosa Beauty e Hair, como diretora de marketing e criatividade (ANDRADE, 2022, s.p.).

Figura 1: Satiko e Sabrina Sato.



Fonte: Perfil de @iamsatiko_ no Instagram. Acesso em: 04 out. 2022.

Figura 2: Bianca Andrade e Pink.



Fonte: Perfil de @iampink no Instagram. Acesso em: 04 out. 2022.

A cantora e musicista canadense Grimes manifesta outro tipo de visualidade em seu avatar WarNymph (Figuras 3 e 4), apresentando um corpo ciborgue que mescla uma identidade



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

humana orgânica com traços robóticos e fantasiosos, com inspiração na ficção científica e no estilo cyberpunk. Em suas declarações, Grimes problematiza a digitalização da vida, que segundo ela revela um processo de duplicidade que o avatar apenas escancara. Devido ao potencial de debate proporcionado pela temática, apresentamos a declaração completa de Grimes:

WarNymph é meu avatar digital, também conhecido como meu eu digital. Todo mundo está vivendo duas vidas: sua vida digital e sua vida offline. Quero desamarrar minhas duas vidas uma da outra para fins de saúde mental, haha. E também por diversão.

Quando você vê imagens manipuladas nas mídias sociais, é um mundo intermediário entre real e sintético. Nos jogos, as pessoas vivem vidas plenas e complexas em mundos e corpos preferenciais.

O avatar nos permite jogar com os pontos fortes da existência digital em vez de ser um humano tentando navegar por um mundo que não é feito para nós... Por exemplo, o corpo digital pode envelhecer, morrer, ressurgir, mudar seu rosto... Há tanto potencial de identidade! Meu eu humano é muito mais limitado. Então há esse aspecto simples e criativo.

Eu também estou grávida. Ter um corpo digital me permite continuar trabalhando durante as fases posteriores da minha gravidez, e depois de ter meu bebê, para que eu possa passar mais tempo com eles. É difícil para mim fazer sessões fotográficas e caber em roupas no momento, mas WarNymph está aqui em sua revista promovendo meu álbum para mim, haha. Então outra de suas funções é como... tecno-feminismo ou algo assim. Muitos dos meus amigos não estão tendo filhos porque estão preocupados com suas carreiras, e queríamos encontrar uma maneira de superar esse problema.

Outro aspecto disso é que queremos experimentar em público e fazer com que o processo criativo faça parte da arte. Mac Boucher (que é meu parceiro criativo nisso e lida com a execução técnica) e eu tenho vontade de fazer isso por anos, mas não tínhamos recursos para competir com os avatares mais avançados.

Então, eventualmente, decidimos que em vez de fazer a coisa perfeita atrás de portas fechadas e estrear um produto acabado, você verá a Versão 1, Versão 2, etc. Ela vai começar como um bebê, envelhecer (ela parece atualmente uma adolescente), morrer e voltar melhor (como um novo bebê: Versão 2). Eventualmente descobriremos como nos formar em imagens em movimento e rastreamento facial e outras coisas. Grande parte da história dela é que ela está no laboratório.

Também queríamos desenvolver uma nova espécie que estivesse pronta para a próxima evolução na mídia. Algo que pode transportar nossas identidades para mundos que simplesmente não podem existir na realidade. Estamos olhando para a maneira como o jogo está mudando radicalmente a paisagem criativa e queremos encontrar uma maneira de entrar nesse mundo sem ser amarrado a apenas um jogo. Se nossas identidades podem ser digitalizadas, o que mais pode ser? Estamos explorando muitas das formas teóricas e técnicas



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

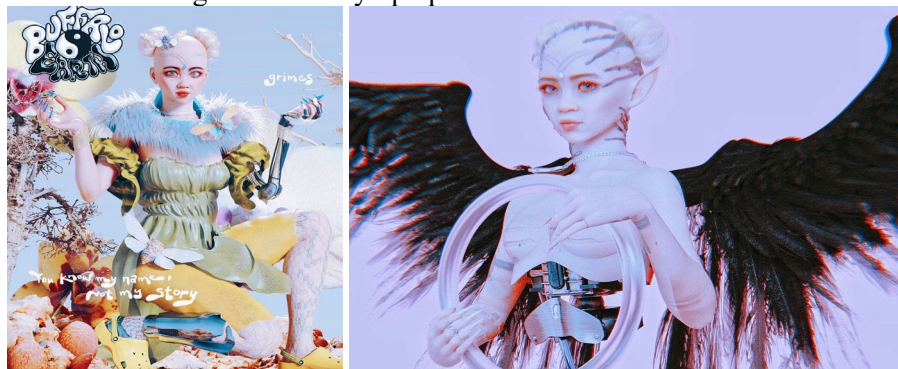
que podemos evoluir neste espaço (GRIMES, 2020, s.p.).

Figura 3: WarNymph veste a coleção S/S 20 da Balenciaga na revista *The Face*.



Fonte: colagem nossa com imagens da revista *The Face* de fevereiro de 2020 (LHOOQ; KOWALSKI, 2020).

Figura 4: WarNymph para a revista Buffalo Zine.



Fonte: colagem nossa com imagens do perfil de @warnymph no Instagram. Acesso em: 04 out. 2022.

Para além de disputar na economia da atenção através de personagens que instigam curiosidade e de manifestar sintonia com a emergência de novos metaversos, a delegação de atividades para um avatar de si próprio possibilita uma expansão da capacidade de realização de trabalhos de publicidade e criação de conteúdo. Com o efeito de aceleração do tempo na pós-modernidade, como assinalado por Bauman (2001), e com a alta demanda por produtividade característica do capitalismo contemporâneo, profissionais de mídia precisam, quase que literalmente, se multiplicar, como destaca Andrade (2022) em sua declaração, superando os limites a que o corpo humano biológico está sujeito. Além disso, essas construções podem explorar novos traços físicos e comportamentais, expandindo o seu público de influência e, de certa forma, superando os humanos originais em alguns aspectos. Oliveira e Chimenti (2021)



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

chamam de escalabilidade o potencial de um não humano superar um humano. Segundo os autores, isso já se verifica em termos de performance nas redes.

Em uma perspectiva crítica, Aderaldo, Aquino e Severiano (2020, p. 370) afirmam que “a aceleração no contexto social transforma valores e comportamentos, assim como as relações estabelecidas entre os indivíduos, de modo que ritmos de vida se reconfiguram para atender aos padrões sociais criados”. Essa aceleração do tempo social é entendida por Rosa (2003) como sustentada por três formas de aceleração inter-relacionadas e que se retro-alimentam: aceleração tecnológica, aceleração das mudanças sociais e aceleração dos ritmos de vida.

Com a aceleração tecnológica, “os computadores e outras tecnologias, cada vez mais avançadas, intensificam o número de atividades que podem ser realizadas ao mesmo tempo. O objetivo social imediato é o de economizar tempo, o que fomenta mudanças nas estruturas sociais para se integrarem ao modelo de organização pautado nas multitarefas” (ADERALDO; AQUINO; SEVERIANO, 2020, p. 370). Segundo os autores, também é com a aceleração tecnológica que se objetiva eliminar os tempos improdutivos e intensificar o tempo de trabalho. Nesse sentido, os avatares cumprem a função de otimizar o tempo quando a celebridade que o originou já não o pode. Os avatares não demandam tempo de descanso e férias, não ficam doentes e não são limitados a estar em apenas um lugar ao mesmo tempo. A aceitação desses avatares, nessa perspectiva, deriva da aceleração da mudança social, que implica na alteração dos costumes. Inseridos no contexto de digitalização e de constantes revoluções tecnológicas, torna-se cada vez mais normalizado o convívio com ferramentas virtuais e robôs em diversas esferas da vida cultural.

Camargo (2007) afirma que a publicidade participa diretamente das mudanças culturais da sociedade. O autor destaca a inovação criativa como forma de enriquecimento da experiência cultural, provocando que extrapolar fórmulas tradicionais significa oferecer ao público novas ideias e opções.

A responsabilidade cultural da publicidade, capaz de torná-la muito mais motivadora para quem faz e interessante para quem vê ou ouve, é, desse modo, uma necessidade cultural e mercadológica. Um trabalho que passa pela criatividade e pelo risco, mas que se justifica pelo aumento do impacto da mensagem e pela ampliação do repertório da população (CAMARGO, 2007,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

p. 150).

De modo semelhante, Coelho (2007, p. 164) afirma que

A impossibilidade de distinguir a indústria cultural e a publicidade é o que permite a caracterização da cultura contemporânea como cultura publicitária. Na cultura publicitária o triunfo da lógica mercantil é total, como consequência (sic) do poderio econômico dos grandes conglomerados empresariais, que possuem dimensão mundial e são capazes de determinar as principais características da vida social.

Nesse sentido, podemos entender a adoção de novas tecnologias pela publicidade, e aqui nos referimos mais precisamente aos avatares, como demonstração da atenção do mercado à aceleração do tempo social e aos novos regimes de publicização do self, agora duplicado.

Bauman (2001) apresenta a metáfora da corrida, em que consumidores estão em uma pista e não podem alcançar a linha de chegada por mais rápido que corram, pois a linha de chegada, que representa a satisfação, também está em movimento. Souza (2010) amplia essa compreensão, entendendo que as marcas e empresas também estão na pista de corrida buscando se destacar na busca pelo novo e, assim, serem capazes de oferecer esse novo aos consumidores, movendo a engrenagem da sociedade de consumo. Baudrillard (1995) destaca que a abundância de objetos, serviços e bens materiais move a sociedade de consumo através de um ciclo acelerado de compra, descarte e substituição. Segundo Souza (2010, p. 4), “a fartura de opções requer a oferta permanente do novo, demanda das empresas criatividade e inventividade, para manter o movimento de inchaço do mercado, fundamental para a lucratividade dos seus membros”. Propõe, assim, que a publicidade contemporânea participa ativamente desse movimento, pois é uma das responsáveis por constituir os objetos de consumo e apresentá-los como novidades, revestindo-os de valores principalmente imateriais. Para tanto, essa publicidade precisa estar atenta ao espírito do tempo contemporâneo, pois também a comunicação é atingida pela necessidade de criatividade e inventividade. A publicidade, nesse contexto, também está na pista de corrida, em movimento constante pela busca do novo.

A adoção de avatares como ferramentas publicitárias parece surgir dessa demanda por inovação. A Biobots, responsável pela criação de Satiko e Pink, começou suas atividades em



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

novembro de 2021, como uma promessa para o mercado brasileiro de produtos digitais e influenciadores (MEIO&MENSAGEM, 2021). Sua operação já iniciou com o investimento de R\$20 milhões, com a expectativa de faturar R\$50 milhões no primeiro ano de atividade (JULIO, 2021). Após oito meses de operação, mais dez contratos para criação e gestão de avatares de celebridades foram anunciados (TIINSIDE, 2022). Os dados revelam, então, a boa receptividade do mercado anunciante e o interesse do público consumidor. A avatarização das celebridades se mostra alinhada ao tempo contemporâneo na apropriação das tecnologias de criação de avatares por animação 3D e sua utilização com finalidade publicitária.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Carlos Victor Leal; AQUINO, Cassio Adriano Braz de; SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Aceleração, tempo social e cultura do consumo: notas sobre as (im)possibilidades no campo das experiências humanas. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, abr.-jun. 2020, p. 365-376. Disponível em: <https://bit.ly/3TXtId8>. Acesso em: 05 out. 2022.

ANDRADE, Bianca. Avatares custam até R\$ 150 mil e são nova aposta das celebridades. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Pacete. **Forbes**, 28 jul. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3swr9hE>. Acesso em: 04 out. 2022.

BAUDRILLARD, Jean. **Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURDEN, David; SAVIN-BADEN, Maggi. **Virtual Humans: Today and Tomorrow**. Boca Raton, Florida (EUA): CRC Press, 2019.

CAMARGO, Ricardo Zagallo. A publicidade como possibilidade. In: PEREZ, Clotilde; BARBOSA, Ivan Santo (Orgs.). **Hiperpublicidade: fundamentos e interfaces**. v. 1. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. A publicidade e a cultura contemporânea: uma visão crítica. In: PEREZ, Clotilde; BARBOSA, Ivan Santo (Orgs.). **Hiperpublicidade: fundamentos e interfaces**. v. 1. São Paulo: Cengage Learning, 2007.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

EVANS, Liana. **Social Media Marketing: Strategies for Engaging in Facebook, Twitter & Other Social Media**. Indiana (EUA): QUE, 2010.

GRIMES. Grimes on evolving her digital self into WarNymph. Entrevista concedida a Michelle Lhooq. **The Face**, v. 4, n. 3, versão online, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3gK3Uyd>. Acesso em: 04 out. 2022.

HEMP, Paul. Avatar-Based Marketing. **Harvard Business Review**, [S.l.], jun. 2006, p. 48-57. Disponível em: <https://bit.ly/3Dwt8c3>. Acesso em: 03 out. 2022.

JULIO, Rennan A. Biobots levanta R\$ 20 milhões com objetivo de virar a agência de publicidade dos avatares digitais. **Revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios**, 22 nov. 2021. Disponível em: <http://glo.bo/3D35bYy>. Acesso em: 25 out. 2022.

KARHAWI, Issaaf. **De Blogueira a Influenciadora: etapas de profissionalização da blogosfera de moda brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2021. [Livro eletrônico].

LAFLOUFA, Jacqueline. **Influenciadores digitais: uma jornada**. [S.l.]: Publicação independente, 2020. [Livro eletrônico].

LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas: interações semióticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores; Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2017.

LHOOQ, Michelle; KOWALSKI, Dylan. Grimes on evolving her digital self into WarNymph. **The Face**, v. 4, n. 3, versão online, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3gK3Uyd>. Acesso em: 04 out. 2022.

MEIO&MENSAGEM. Startup chega ao mercado com foco em NFT e avatares. **Meio&Mensagem**, 22 nov. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3D8ad67>. Acesso em: 25 out. 2022.

MESA, Alycia de. **Brand Avatar: Translating Virtual-World Branding into Real-World Success**. New York (EUA): Palgrave Macmillan, 2009.

OLIVEIRA, Antonio Batista da Silva; CHIMENTI, Paula. “Humanized Robots”: A Proposition of Categories to Understand Virtual Influencers. **Australasian Journal of Information Systems**, Sydney (Austrália), v. 25, 2021, p. 01-27. Disponível em: <https://bit.ly/3N4ws1s>. Acesso em: 22 jul. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ROSA, Hartmut. Social Acceleration: Ethical and Political Consequences of a Desynchronized High-Speed Society. **Constellations**, Oxford (Inglaterra); Malden (EUA), v. 10, n. 1, 2003, p. 03-33. Disponível em: <https://bit.ly/3ziPITg>. Acesso em: 05 out. 2022.

RYMASZEWSKI, Michael et al. **Second Life: The Official Guide**. New Jersey (EUA): John Wiley & Sons, 2007.

SATO, Sabrina. Sabrina Sato fala sobre Satiko, sua influenciadora virtual. Entrevista concedida a Luiz Gustavo Pacete. **Forbes**, 22 nov. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Dxk5aO>. Acesso em: 04 out. 2022.

SOUZA, Flávia Mayer dos Santos. Publicidade e Consumo: o apelo ao novo e ao ser novo. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Caxias do Sul, 2010. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3TFPIEU>. Acesso em: 25 out. 2022.

TIINSIDE. Após oito meses de lançamento, Biobots anuncia contrato de dez novos avatares. **TiInside**, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3NdZTOz>. Acesso em: 25 out. 2022.

TREVISAN, Nanci Maziero et al. **Publicidade on-line**. Porto Alegre: SAGAH, 2020.

WAGGONER, Zach. **My Avatar, My Self: Identity in Video Role-Playing Games**. Jefferson (EUA); North Carolina (EUA); London (Inglaterra): McFarland & Company, 2009.



A Cidadania Tecnocientífica sob a Perspectiva de uma Cultura Técnica: Horizontes para a Educação Profissional e Tecnológica de Graduação.¹

Priscila Caldas BIANCHINI²

José Augusto da SILVA NETO³

Emerson FREIRE⁴

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, SP

Resumo

Partindo do exemplo e de reflexões acerca da inteligência artificial e suas intersecções com a educação profissional e tecnológica, o presente artigo objetiva refletir espaços inventivos para o ensino superior a partir de novas concepções dentro do cenário digital. Sob a perspectiva utilitarista da sociedade neoliberal, essas tecnologias engendram comportamentos e políticas em mesma esfera. O que nos leva ao problema: quais os espaços de invenção possíveis na sociedade contemporânea e seu relacionamento com as tecnologias digitais? Nessa perspectiva, essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica e documental de modo a contrastar as hodiernas conduções das práticas educativas em tecnologia à perspectiva da cultura técnica proposta pelo filósofo francês Gilbert Simondon, buscando lançar luzes a uma possível cidadania tecnocientífica.

Palavras-chave: cidadania digital; cultura técnica; educação profissional; educação e trabalho.

Introdução

Dentro de um cenário de rápido desenvolvimento e implementação das tecnologias digitais, suas capacidades e limites se movem para o centro de reflexões que, para além de questões econômicas relacionadas a produtividade e competitividade, abrangem questões éticas, sociais e culturais, sob o prisma da sustentabilidade. Emerge, portanto, um

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 7) Uma outra universidade possível do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do CEETEPS – priscila.bianchini@gmail.com

³ Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do CEETEPS – jasn.augustoneto@gmail.com

⁴ Docente pesquisador do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do CEETEPS – freire.emerson@uol.com.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

questionamento acerca do modo como se dá o desenvolvimento da cidadania neste novo tecido social que vem sendo apresentado; ademais das expectativas geradas no tocante à reconfiguração da força de trabalho, em que se prospectam as posições a serem substituídas por automação e pela inteligência artificial, além da necessidade da capacitação e/ou requalificação de trabalhadores para atuarem com novas tecnologias (ILO, 2018).

Em uma breve contextualização, vemos que sistemas produzidos por empresas de tecnologia atravessam quase a totalidade dos setores da vida social contemporânea e, ao automatizar processos, moldam o comportamento (BEIGUELMAN, 2021) e impactam processos políticos em um mercado mundial que movimenta cifras que só são possíveis de serem comparadas com o PIB dos Estados Unidos ou da China. Ainda nesse exemplo, datado de janeiro de 2020, Alphabet (Google), Apple, Facebook, Amazon e Microsoft juntas correspondiam a cinco trilhões de dólares em valor de mercado, o que significa que, com a exceção dos dois países citados, nenhum outro país do mundo seria capaz de equiparar seu PIB ao valor das big tech (BUCCI, 2021, p.15).

Nesse sentido, a Educação Profissional Tecnológica (EPT) tem um papel fundamental por sua perspectiva norteadora assinalada no artigo 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica que define os princípios da EPT:

- I - articulação com o setor produtivo para a construção coerente de itinerários formativos, com vista ao preparo para o exercício das profissões operacionais, técnicas e tecnológicas, na perspectiva da inserção laboral dos estudantes;
- II - respeito ao princípio constitucional do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- III - respeito aos valores estéticos, políticos e éticos da educação nacional, na perspectiva do pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho; (BRASIL, 2021c).

Além disso, se tomarmos áreas de ponta no eixo tecnológico de Informação e Comunicação, por exemplo, encontramos uma preocupação apontada pela Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial (EBIA) através do relatório “*Global de Competitividade de Talentos, GTIC/ INSEAD*” (2020) com relação a essa formação: o Brasil ocupa a 101ª posição no item formação técnica.

A própria EBIA, por sua vez, assume proposições na ampliação de cursos de graduação



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

e pós-graduação para formação tecnológica (BRASIL, 2022), muito embora é necessário pontuar que a EPT tem a capacidade de alavancar novas formas do fazer tecnológico e sua inserção sociocultural para além da profissionalização e instrumentalização da força de trabalho. Não se trata, portanto, de uma discussão que se encerra no âmbito estritamente técnico-econômico, mas que envolve aspectos socioculturais fundamentais e lançam desafios também para a formação tecnológica, tanto no contexto da EPT como nos demais segmentos de ensino superior. Torna-se urgente compreender a relação entre as concepções que se apresentam nessa literatura e as políticas educacionais que estão sendo levadas a cabo no que concerne ao desenvolvimento de tecnologias digitais.

Nessa esteira de problematização, podemos nos remeter ao filósofo francês Gilbert Simondon ([1958] 2020) que, já no período inicial da cibernética e das discussões sobre a automação na sociedade, apontava a necessidade de uma tomada de consciência do modo de existência dos objetos técnicos pela cultura em benefício de uma relação não opositiva entre homens e máquinas, mas capaz de criar “condições de possibilidade para uma cidadania tecnocientífica”, onde se pode vislumbrar “cidadãos capazes e motivados para abrir a caixa-preta e questionar, ou participar, da construção e difusão do conhecimento” como apontado por Castelfranchi e Fernandes (2015) quanto ao papel imprescindível de repensar o papel educativo e do conhecimento.

Diante desse cenário, o problema que norteia nossa reflexão é: quais seriam as alternativas possíveis para criar espaços inventivos diante dos desafios da sociedade contemporânea e seu relacionamento com as tecnologias digitais? Dessa forma, considerando tal perspectiva e contexto, o objetivo deste trabalho é, a partir da temática das tecnologias digitais, com exemplificações relacionadas à inteligência artificial e suas intersecções com a educação profissional tecnológica, traçar reflexões para o ensino superior que comportem espaço para a invenção a partir de novas concepções dentro do cenário digital.

Para tanto, utilizou-se pesquisa documental e bibliográfica de caráter exploratório e qualitativo sobre a formação profissional tecnológica no contexto das tecnologias digitais, representadas pelo eixo de tecnologia em informação e comunicação (TIC). O levantamento da literatura que fundamenta teoricamente o estudo foi realizado com base na perspectiva da



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

filosofia de Gilbert Simondon e em buscas de artigos e produções acadêmicas em bases de dados abertas, envolvendo essencialmente a temática da cidadania tecnocientífica e do papel da educação em estratégias nacionais de inteligência artificial. Com relação à pesquisa documental, nossa base são os artefatos legais referentes às Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial.

O problema da técnica: o exemplo da inteligência artificial

Dentro do contexto do desenvolvimento de tecnologias de IA, diversos aparatos têm sido criados para atender padrões éticos e legais, como os apresentados por Floridi e COWLS: o princípio da explicabilidade, respondendo à pergunta de “como funciona?” e, também, com o princípio de responsabilidade “quem é o responsável pela forma como funciona?” (FLORIDI, COWLS, 2019) para além da automação em si. Neste sentido, ao buscar novas formas de observância do automatismo e utilitarismo, temas postos desde a questão da cibernética (WIENER, 1985; SIMONDON, 2020). Para Simondon, o automatismo:

apresenta uma significação econômica ou social, mais do que uma significação técnica. O verdadeiro aperfeiçoamento das máquinas, aquele que eleva o grau de tecnicidade, não corresponde a um aumento do automatismo e sim, ao contrário, preserva certa margem de indeterminação. Essa margem permite que a máquina seja sensível a uma informação externa. (SIMONDON, 2020, p. 46),

Tratando-se do automatismo no contexto da inteligência artificial, suas limitações são retratadas nos casos de discriminação algorítmica, notoriamente os de raça e gênero, uma vez que os bancos de dados utilizados para treinamento da IA refletem os vieses da sociedade representados nos bancos de dados históricos (PASQUINELLI; JOLER, 2021), o que levariam a processos realizados por algoritmos e a distorções e reducionismos de diversidade nas formas de resposta, implicando em resultados limitados e determinados, enfraquecendo o próprio potencial da IA em termos emancipatórios.

Para o entendimento da cultura técnica, outro conceito apresentado por Simondon, que nos permite entender a relação dos objetos técnicos, é o da tecnicidade. A ideia de tecnicidade



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

em Simondon permite que nos afastemos do tecnicismo recorrente quando se trata da relação homem-máquina. A tecnicidade, que engloba os aspectos culturais, é a propulsora para a conformação de uma cultura técnica. Para Freire (2014, p. 247), “a tecnicidade aparece enquanto processo de resolução de problemas entre o vivente e seu meio, ela surge para resolver uma incompatibilidade do sistema homem-mundo”. A tecnicidade não se resume à instrumentalização dos objetos, mas procura entender o modo de existência das máquinas nas relações sociotécnicas, procurando estabelecer uma máquina aberta, não automatizada totalmente, o que significa sua evolução concomitante ao do homem. Portanto,

O verdadeiro aperfeiçoamento das máquinas, aquele que eleva o grau de tecnicidade, não corresponde a um aumento do automatismo e sim, ao contrário, ao fato de que o funcionamento de uma máquina preserva certa margem de indeterminação. Essa margem permite que a máquina seja sensível a uma informação externa. Por essa sensibilidade das máquinas à informação, muito mais que por um aumento do automatismo, um conjunto técnico pode se completar. Uma máquina puramente automática, completamente fechada em si num funcionamento predeterminado, só pode oferecer resultados sumários. A máquina dotada de alta tecnicidade é uma máquina aberta, e o conjunto das máquinas abertas pressupõe o homem como organizador permanente, como intérprete vivo das máquinas, uma relação as outras. (SIMONDON, 2020, p. 46)

A integração entre a cultura e a técnica é a via que possibilita o desenvolvimento de potencialidades sociotécnicas de modo que “quando a tecnicidade opera de modo que o objeto técnico possa expressar o mundo, em que ele não é reduzido ao utilitário apenas” (FREIRE, 2018, p. 21) e que o indivíduo capaz de realizar este papel não seria puro e simplesmente o de um especialista, que seria um trabalhador-operador de máquinas, mas o de um indivíduo capaz de entender profundamente o valor técnico, considerando aspectos socioculturais, o papel de coordenar e organizar as máquinas estaria, portanto, destinado ao mecânico (o tecnólogo), que figuraria ao lado do filósofo ou de um psicólogo.

Neste sentido, tanto para os cursos de educação profissional tecnológica de graduação como especificamente os do eixo das TICs, muito embora possa aplicar-se no contexto da educação superior de forma abrangente, vê-se um desafio para uma formação profissional que não seja apenas a de especialista, mas capaz de entender e resolver problemas complexos que envolvem questões éticas, sociais, culturais e ambientais.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

No contexto de políticas nacionais de IA, vários países já divulgaram suas estratégias e no caso do Brasil, a formação do profissional tecnólogo encontra uma grande oportunidade dentro da perspectiva do tema “Qualificações para um futuro digital” (BRASIL, 2021a). É possível questionar se concepções como as trazidas por Simondon, como a cultura técnica, encontram espaço no desenvolvimento dos projetos político pedagógicos ou se o lado especialista segue sendo enfatizado, uma vez que está previsto na EBIA esta integração de aspectos culturais e sociais com aspectos técnicos, a necessidade da reflexão e do pensamento crítico na implementação dos projetos educacionais:

A qualificação para um mundo com IA envolve mais do que ciência, tecnologia, engenharia e matemática. À medida em que os computadores se comportam mais como seres humanos, as ciências sociais e humanas se tornarão ainda mais importantes. Os cursos de idiomas, arte, história, economia, ética, filosofia, psicologia e desenvolvimento humano podem ensinar habilidades críticas, filosóficas e éticas que serão fundamentais para o desenvolvimento e gerenciamento de soluções de IA. A promoção de literacia digital passa a ser fator chave para o desenvolvimento de uma nova massa de profissionais preparado para os desafios do próximo século (BRASIL, 2021a, p. 30).

O estabelecimento de políticas nacionais e estratégias de inteligência artificial muitas vezes apoia-se nas diretrizes estabelecidas por órgãos internacionais, uma vez que a falta de direcionamento global poderia tanto incorrer em uma falta de clareza nos rumos estabelecidos localmente pelos países, como também que as sugestões destes órgãos, como os desenvolvidos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), correm o risco de tornarem-se normativas (SCHMITT, 2022). Ao aplicar práticas globais sem o entendimento do cenário nacional, perde-se a oportunidade do entendimento real para o desenvolvimento das estratégias bem como o da busca de soluções inventivas existentes localmente que poderiam capitanear estratégias profundamente conectadas com a cultura.

Segundo a proposta realizada por Simondon de reconciliação entre cultura e técnica seria possível ao entender a natureza das máquinas, e seu modo de existência poderiam “ser universalmente ensinados, tal como se ensinam os fundamentos da cultura literária. A iniciação nas técnicas deve ser colocada no mesmo plano que a educação científica.” (SIMONDON,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

2020, p. 49). Neste sentido, é necessário entender tanto o papel da educação profissional tecnológica como os programas de literacia digital previstos na estratégia brasileira de inteligência artificial, que podem ir além da formação técnica especializada ou ensino de robótica e pensamento computacional. Neste sentido, Freire (2014, p. 244) coloca a seguinte questão: “Até que ponto um modelo de ensino focado nas exigências do mercado apenas, sem compreender o papel da tecnicidade, não pode sufocar as potências da relação homem-tecnologia?” apontando que é necessário entender profundamente a relação sociotécnica estabelecida entre humano e máquinas e do impacto das tecnologias digitais na sociedade em seus aspectos éticos, legais, culturais e educacionais.

Por uma cultura técnica

A crítica ao modelo utilitário feita por Simondon faz emergir uma proposição com base na cultura técnica, que pretende não somente reposicionar o ser humano em sua relação com os objetos técnicos, mas repensar toda a lógica a que esse está submetido. A saber, ao propor sua filosofia da técnica, em referência aos estudos heideggerianos publicados em 1954⁵, esse autor rejeita a oposição que se estabelece entre a cultura e a técnica, de modo a considerar que a técnica e seus produtos, os objetos técnicos, devem ser compreendidos enquanto realidade humana.

A oposição entre a cultura e a técnica, entre o homem e a máquina, é falsa e sem fundamento; ela esconde apenas ignorância ou ressentimento. Ela mascara atrás de um humanismo fácil uma realidade rica em esforços humanos e em forças naturais e que constitui o mundo dos objetos técnicos, mediadores entre a natureza e o homem (SIMONDON, 2020, p. 169)

Essa abrangência do pensamento de Simondon, ao mesmo tempo que critica e problematiza as dimensões utilitárias que emergem da sociedade moderna, redefine e amplia o horizonte antropológico, ao abordar os processos de individuação e o modo de existência dos objetos técnicos. O humanismo, portanto, a que se dirige o filósofo, atrela aos seus princípios uma dimensão estética, ou seja, da validação do objeto técnico não mais por sua utilidade, mas,

⁵ HEIDEGGER, M. *A questão da técnica*.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

como sugere Pablo Esteban Rodriguez no prefácio a *Do modo de existência dos objetos técnicos*, como parte da cultura, expressão do humano, do irrepetível autoral.

Esse redimensionamento da condição do humano nos permite considerar um matiz ético que lança luzes ao coletivo em suas composições biossociotecnológicas (LAYMERT, 2011), político-econômicas (LOTTI, 2022) e inventivas (FREIRE, 2022); uma vez que comportam a relação inter-humana, naquilo que Simondon propõe como transindividualidade, ou ainda, nas palavras do autor, na compreensão de que “a realidade técnica deve ser pensada, deve ser conhecida pela participação em seus esquemas de ação” (SIMONDON, 2020, p. 229).

Nessa perspectiva, o que pressupõe os campos supracitados é o caráter antecipatório de suas articulações, não na esfera da competitividade na lógica neoliberal, mas da intuição técnica e da intuição político-social que integram à totalidade virtual a parte atual de modo a inserir tendências e expressões de virtualidade na realidade (SIMONDON, 2020, p. 229). Ou seja, o caráter inventivo assinalado em Simondon pretende reconhecer na relação atual-virtual uma ação política. Destarte, conforme Freire (2022), uma formação com base na cultura técnica que privilegie a invenção enquanto antecipação permite modificar o conceito de técnico e tecnólogo, bem como o da técnica e tecnologia, o que afetaria centralmente as concepções, as diretrizes e o lugar da Educação Profissional e Tecnológica (FREIRE, 2018, p. 31).

A crítica que se estabelece evidencia o cunho epistemológico a que se reduz a educação e, de maneira subsequente, intensifica os parâmetros racionalistas modernos cujo solipsismo em suas reverberações éticas apartam o ser humano da natureza e tem como consequência a gradual degradação do segundo e a iminente extinção de ambos. Conforme discute o professor Laymert Garcia dos Santos (2011), em *A encruzilhada da política ambiental brasileira*, os esforços para se estabelecer uma noção de capital natural representam uma ameaça ainda maior à biodiversidade.

Quando se considera o velho e predatório estilo de desenvolvimento que prevaleceu nessa região⁶, é espantoso constatar que as florestas estão sendo destruídas precisamente porque só tem valor qualitativo, um valor ambiental, um valor vital e, como tais, *não têm valor nenhum*, isto é, não têm valor econômico (SANTOS, 2011, p. 22, grifo do autor).

⁶ Aqui o autor faz referência à Amazônia brasileira.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Assim que, quando levada em consideração junto aos avanços tecnológicos, a biodiversidade segue refém do hodierno utilitarismo. Ainda conforme Santos (2011), o autor afirma em outro texto que a tecnociência e o capital global pouco estão interessados nos recursos biológicos (animais, plantas e humanos), seu interesse primário está em sua instrumentalização ao extremo de modo a explorar suas virtualidades caracterizando-os como matéria-prima (SANTOS, 2011, p. 84).

Consideremos, portanto, a perspectiva simondoniana acerca do trabalho, e de como este está submetido aos parâmetros de dominação e utilitários. De acordo com Muriel Combes (1999), filósofa e estudiosa de Simondon, os eixos de dominação começam partindo do ser humano sobre a natureza e culminam numa esfera social que hierarquiza seres humanos nesses mesmos processos. Dessa forma, entende-se que, na lógica simondoniana, é necessário “reduzir o ponto de vista marxiano a um economicismo para formular sua hipótese de uma alienação mais geral que aquela situada no plano econômico, hipótese que não procura negar a existência de uma expropriação econômica, mas procura ressitua-la⁷” (COMBES, 1999, p. 121).

A saber, os horizontes que compõem essa reflexão são focados na crítica ao trabalho enquanto expressão de uma perspectiva mercadológica e utilitária, que se propõe ao controle de desvios humanos; e que, são aqui postos como trabalho de má qualidade, onde a máquina é apreendida enquanto meio dentro do trabalho e o ser humano como parte de uma humanidade mutilada.

Para Simondon, somente uma saída do paradigma do trabalho pode permitir aos homens transformar sua relação inadequada com a técnica, a natureza e entre si. O trabalho deve devir atividade técnica, pois somente a partir dela que tais relações podem ser reinventadas. A atividade técnica como modelo da relação coletiva, a relação com o objeto técnico só se torna adequada na medida em que faz existir essa realidade interindividual coletiva, que Simondon chama de transindividual, pois cria um acoplamento entre as capacidades inventivas de vários sujeitos (SILVA, 2014, p. 443).

Os horizontes mais elementares que se erigem a partir dessa problematização são um

⁷ Ibidem.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

retorno a práticas entendidas como originárias e que pretendem compreender o objeto da técnica enquanto mediação entre humano e natureza, ou mais, como propõe Santos, uma conjugação harmônica da compreensão de um todo natural onde humano e objeto técnico estão integrados. As proposições apresentadas a título de exemplo serão as perspectivas quilombolas e indígenas, que, consideradas suas particularidades, procuram compartilhar conhecimentos e inventar partindo de problemas verdadeiros, não aqueles que inflamam uma organização social que parte da competitividade e do consumo.

Dessa forma, evidencia-se a possibilidade em se estabelecer linhas de fuga capazes ou a exploração das potencialidades não somente de uma reinterpretação do trabalho em si, mas do próprio humano, uma vez que o trabalhador está no humano, mas o humano não se esgota no trabalhador. Será, portanto, essa compreensão aquela capaz de garantir o futuro do humano em consonância à coexistência do todo, ou ainda, a compreensão de que “somente um pensamento tão atento à vida pode nos ajudar a não deixá-la esperando enquanto se trabalha” (SILVA, 2014 p. 459).

O exemplo de um contraponto possível se revela na figura do xamã, cuja inventividade não está atrelada aos meios de produção e mercado, mas a uma dimensão outra relacionada ao trabalho e aos objetos técnicos. Evocado por Santos (2011), o paralelo que se estabelece entre xamanismo ritualístico originário e aquele apresentado por Bill Viola, cujo aparato tecnológico de que dispõe serve à concretização das potencialidades do mito (SANTOS, 2011, p. 186).

A exaltação se apodera da imagem e do som, consumindo os homens, a música e as vozes. Tudo é operado e alterado eletronicamente; e no entanto, aos olhos do espectador, a alteração se justifica plenamente por que ocorre para expressar uma "alteração" maior ou, como se diz, uma "força maior". É que, a seu modo, e graças à intervenção do xamã, o espectador já efetuou também uma travessia, já passou pelo brasileiro (SANTOS, 2011, p. 196).

Em outra análise, o xamã é revisitado como o primeiro técnico (SANTOS, 2011, p. 70), uma vez que a ele é atribuída a invenção do avião e toda sorte de objetos técnicos. Obviamente que isso não ocorre em vias de fato, mas demarca a virtualidade de um pensamento que conecta o humano a seu meio, e que considera a conjunção coletiva dessa possibilidade de fazer. Pense-se o avião, mas a ele também se atrela o risco da queda. Rejeita-se sua criação. O pajé em



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

mesma medida demarca a mais primitiva e originária fase de relação entre o humano e o mundo.⁸

Conforme Santos (2011), os brasileiros contemporâneos são dotados de uma oportunidade singular quando se considera a tradição de mais de 200 tribos ainda existentes nesse território. Não se trata de se remeter a um passado remoto, mas em redescobrir esse país em sua cultura mais primordial que ainda vive e guarda em sua cultura uma ordem outra de significação quanto à natureza.

Cidadania Tecnocientífica: futuros possíveis por meio da técnica

Diante das mudanças tecnológicas postas e das novas formas de relacionar-se no mundo físico e digital, Castelfranchi e Fernandes descrevem a necessidade do exercício de uma cidadania tecnocientífica, que vai além dos princípios normativos previstos no aspecto legal de deveres e direitos, mas também as respectivas assimetrias de poder geradas, buscando garantir “tornar visível o que era, até então, invisível” (CASTELFRANCHI; FERNANDES, 2015, p. 173) com os respectivos aspectos éticos envolvidos, no caso da tecnologia e sua repercussão na sociedade, mais intensamente discutidos nos últimos anos.

Fazendo o devido alerta de que este conceito não seria pura e simplesmente junções de ciência e tecnologia, mas antes a proposição de pensarmos a partir de três aspectos: o sistema em que estamos alicerçados, ou seja, o capitalismo, a produção de conhecimento, dentro da perspectiva de produção e divulgação inclusive do conhecimento científico, e a tecnologia em si e suas intersecções e combinações (CASTELFRANCHI; FERNANDES, 2015), e que estes arranjos podem ser levados tanto ao determinismo e progresso tecnológico, quanto a novas formas e possibilidades de reorganização destes atores. Neste trabalho, tentaremos desenvolver ideias relacionadas à produção do conhecimento, pois se “tecnociência que envolve política, mercado e conhecimento, e a cidadania com questões de agência e poder” (CASTELFRANCHI; FERNANDES, 2015, p. 173) a educação profissional tecnológica de graduação pode ocupar um papel central na problematização de suas contribuições na interseção entre cidadania e tecnologia.

⁸ Ibidem.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

No contexto da cidadania tecnocientífica, a possibilidade então de outras formas de relacionar-se com a tecnologia e de organizar-se socio-culturalmente através e com ela. Com relação à produção de conhecimento acadêmico, no que tange a grupo de tecnólogos e cientistas buscar a reconciliação da técnica, que não seja vista como apartada do humano.

A proposta feita pelo filósofo da tecnologia Yuk Hui (2020) foi a de que todas as culturas têm o papel de refletir sobre a questão da técnica para além do que é dado na modernidade, e apenas desta forma seria possível superá-la e vislumbrar outros futuros tecnológicos:

Por que não considerar outra forma de aceleração que não leve a velocidade a seus extremos, mas que mude a direção do movimento, que dê a tecnologia um novo referencial e uma nova orientação no que diz respeito ao tempo e ao desenvolvimento tecnológico? (HUI, 2020, p. 88)

A partir de reflexões como esta, sobre o papel da tecnologia no resgate a novas formas de entendimento, “recolocar a questão da tecnologia é recusar esse futuro tecnológico homogêneo que nos é apresentado como única opção” (HUI, 2020, p. 46). Desta forma, as proposições de Hui através da cosmotécnica, ou seja, “a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou obras de arte” (HUI, 2020. P. 39). Neste sentido, aponta para a necessidade de buscar no local, longe de nacionalismos e formas reacionárias, mas antes no resgate de possibilidades outras que não sejam as visões hegemônicas da modernidade. A riqueza de nossa biodiversidade traz elementos potenciais para se pensar uma formação técnica e tecnológica imbricada aos conhecimentos tradicionais.

Considerações finais

Este trabalho procurou contribuir com a literatura a respeito da questão da técnica e cidadania tecnocientífica pela ótica da cultura técnica em um recorte de educação e formação para o trabalho. A intenção foi trazer a problemática da formação profissional, trazendo o exemplo do eixo tecnológico Informação e Comunicação dentro da Educação Profissional Tecnológica de Graduação. Independente da linguagem de programação ou de outros aspectos estritamente instrumentais do aprendizado técnico, a noção de cultura técnica pode ser uma categoria de análise na formação cultural e social dos profissionais que atuarão no desenvolvimento de tecnologias de IA.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Portanto, de acordo com as análises que nos propomos, pode se afirmar que, do ponto de vista da formação tecnicista, aquilo que se pretende em suas proposições formativas, mesmo que sob a roupagem daquilo que a OCDE e outras entidades internacionais chamam de inovação, obedecem a um horizonte limitado que é o da ideologia neoliberal. Nesse modelo educacional pouco ou nada se cria; tudo serve a um propósito bem definido pelas vias do consumo e da demanda.

Coloca-se necessário problematizar o papel transformativo da formação de força de trabalho tecnológica para um setor com representatividade econômica e financeira, como o tecnológico, em especial o que envolve inteligência artificial. Para além de uma formação utilitarista da tecnologia, pensar com Gilbert Simondon o papel do tecnólogo em relação às máquinas, no caso, as digitais, auxilia a encontrar resoluções inventivas para temas socioculturais e éticos colocados em torno da IA e que não estão restritos puramente ao conhecimento de ferramentas e linguagens de programação. Trata-se, portanto, de pensar uma formação profissional que não seja interpelada o tempo todo apenas pela velocidade com que as tecnologias emergentes são colocadas no mercado.

O que se propõe então é a exploração das potencialidades da educação profissional tecnológica, em novas formas de abordar a questão da tecnologia, como a exploração do espaço inventivo em contraponto, ou complemento, ao fomento da inovação, a conexão entre natureza, cultura e técnica e seus caminhos através da cultura técnica.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, G. **Políticas da Imagem: Vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo. Ubu Editora, 2021.

BUCCI, E. **A Superindústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

BRASIL. **Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial - EBIA**, 2021a. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/transformacaodigital/arquivosinteligenciaartificial/ebia-diagramacao_4-979_2021.pdf Acesso em 28 jul. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

BRASIL. **Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial -EBIA. Consolidação das Iniciativas**, 2021b. Disponível em: Acesso em 28 jul. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/transformacaodigital/arquivosinteligenciaartificial/ebia_consolidacao-das-iniciativas-2021-06.pdf/view Acesso em 28 jul. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica**, 2021c. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578> Acesso em: 10 nov. 2022.

BRASIL. **Comitê de Governança da Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial. Plano De Trabalho**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/transformacaodigital/arquivosinteligenciaartificial/ebia-plano-de-trabalho-2022.pdf> Acesso 28 jul. 2022.

CASTELFRANCHI, Y. FERNANDES, V. Teoria crítica da tecnologia e cidadania tecnocientífica: resistência, “insistência” e *hacking*. **Rev. Filos. Aurora**, Curitiba, v.27. n.40. p 167-196, jan./ abr. 2015.

COMBES, M. **Simondon - individu et collectivité: pour une philosophie du transindividuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

FLORIDI, L.; COWLS, J. A unified framework of five principles for AI in society. **Harvard Data Science Review**, 2019. <https://doi.org/10.1162/99608f92.8cd550d1>

FREIRE, E. Tecno-estética e formação: especulações iniciais a partir de Simondon e Buckminster-Fuller. Emerson Freire, 2014. **Filosofia e Educação** – ISSN 1984-9605 Volume 6, Número 3, 2014.

FREIRE, E. Faltam-nos poetas técnicos: em direção a uma formação tecno-estética. In: FREIRE, E.; VERONA, J.; BATISTA, Sueli Soares dos Santos (orgs.). **Educação profissional e tecnológica: extensão e cultura**. São Paulo: Pocco e Littera, 2018, p. 21-40.

FREIRE, E. Inovação tecno-estética como política de sobrevivência: uma reflexão a partir do documentário *Khiam* (2000-2007). In: NOVAES, T.; VILALTA, L.; PAOLO, L.; SMARIERI, E. **Máquina aberta: a mentalidade técnica de Gilbert Simondon**. São Paulo: Editora Dialética, 2022, p. 279-305.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo. Ubu Editora, 2020.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

INTERNATIONAL LABOUR OFFICE, ILO. **The Future of Work: A Literature Review, 2018**

Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---inst/documents/publication/wcms_625866.pdf Acesso em: 10 nov. 2022.

LOTTI, L. O dinheiro como objeto técnico: uma introdução à política econômica de Simondon. In: NOVAES, T.; VILALTA, L.; PAOLO, L.; SMARIERI, E. **Máquina aberta: a mentalidade técnica de Gilbert Simondon**. São Paulo: Editora Dialética, 2022, p. 81-116.

OCDE. **OECD AI Principles/ Building human capacity and preparing for labour market transformation** (Principle 2.4). 2022. Disponível em: <https://oecd.ai/en/dashboards/ai-principles/P13> Acesso em 28. jul. 2022.

ONU. **The age of digital interdependence: report of the UN Secretary-General's High-Level Panel on Digital Cooperation 2019**, 2019. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3865925> Acesso em 28 jul. 2022.

PASQUINELLI, M.; JOLER, V. The Noosphere manifested: artificial intelligence as instrument of knowledge extractivism. **AI & SOCIETY**, v. 36, n. 4, p. 1263–1280, 2021. <https://doi.org/10.1007/s00146-020-01097-6>

SCHMITT, L. Mapping global AI governance: a nascent regime in a fragmented landscape. **AI Ethics** 2, 303–314, 2022. <https://doi.org/10.1007/s43681-021-00083-y>

SANTOS, L. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Editora 34, 2011.

SILVA, Rafael Alves da. **O trabalhador do futuro ou o futuro do humano**. Orientador: Laymert Garcia dos Santos. Tese (Intituto de Filosofia e Ciências Humanas) Universidade de Campinas, Campinas, 2014.

SIMONDON, Gilbert. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. (Tradução Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

WIENER, N. **Cibernética e Sociedade**. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1985.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Future of Jobs 2020**, 2020. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf Acesso em 10 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Ações Net-Ativistas na Amazônia Legal: Desafios e Alternativas¹

José Eustáquio de MELO JÚNIOR²

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

A sociedade informacional, segundo Castells (2002), caracteriza-se como a nova forma específica de organização social a partir do emprego de novas tecnologias da informação. O acesso à tecnologia é fundamental para o pleno desenvolvimento dos indivíduos, mas na Amazônia Legal identifica-se elevada exclusão digital e a sua redução é um desafio cuja superação não pode aguardar indefinidamente por políticas públicas de iniciativa exclusiva dos Poderes Executivo e Legislativo. Nesse passo, é preciso identificar os principais desafios que ainda impedem a ação em rede nessa localidade e investigar alternativas para proporcionar aos indivíduos excluídos as ferramentas necessárias para oportunizar a sua participação em ações net-ativistas.

Palavras-chave: Sociedade informacional. Exclusão digital. Net-ativismo. Amazônia Legal.

Introdução

Vivemos os novos tempos que acompanham a consagração de uma sociedade transformada pelas tecnologias, que Castells (2002) chama de *sociedade informacional*.³³, e esse arcabouço conduz a diversas reflexões, notadamente aquelas relacionadas com o desenvolvimento de ações net-ativistas na Amazônia Legal⁴, especificamente os desafios para sua concretização e alternativas possíveis para assegurar aos indivíduos excluídos o acesso a essa importante ferramenta de manifestação social.

A sociedade informacional é a organização social cujo eixo principal é o conhecimento

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 4) Net-ativismo, participação e conflitos em redes do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutorando em Desenvolvimento Regional pela UFT, email: jose.eustaquio@tjto.jus.br.

³ Entretanto, é possível encontrar outra designação para o mesmo fenômeno como sociedade da informação, expressão empregada pela primeira vez por Daniel Bell em sua obra *O advento da sociedade pós-industrial*, do ano de 1973 (ZILIO; DE FREITAS, 2022).

⁴ Para fins desta investigação, empregaremos a expressão Amazônia Legal para designar os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima, Tocantins, Pará e Maranhão, na sua porção a oeste do Meridiano 44° (Lei Complementar n.º 123, de 3 de janeiro de 2007). Optamos por excluir da pesquisa o Mato Grosso, pois integrante da Região Centro-Oeste e atualmente já tramita no Congresso Nacional projeto de lei para excluí-lo da Amazônia Legal (PL n.º 337/2022).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

teórico, isto é, a sua base de sustentação é a informação, mas se desenvolve graças às inovações tecnológicas em processo contínuo. Castells (2002) afirma, a esse respeito, que as fontes fundamentais da produtividade e do poder dessa sociedade são a geração, o processamento e a transmissão de informação, em um processo contínuo que se desenvolve a partir da aplicação do conhecimento e da informação.

Essa nova organização social contribuiu para o surgimento da noção de cidadania digital. De acordo com Di Felice (2021), cuida-se de uma nova maneira de enxergar as diversas relações que se estabelecem entre seres humanos, não humanos, tecnologias e natureza, englobando um extenso rol de entidades interligadas, mas, também, uma conexão de diversos mundos: geológicos, biológicos, climáticos, tecnológicos etc. Segundo o autor, sinaliza a modificação dos paradigmas tradicionais e a oportunidade para uma profunda transformação das relações e da nossa ideia de sociedade.

Esse fenômeno descrito por Di Felice processa-se no âmago da sociedade informacional a qual enfrenta diversos problemas, dentre os quais se destaca a dificuldade de acesso às tecnologias por muitos indivíduos da Amazônia Legal, em um processo de verdadeira exclusão digital.

Esse cenário impulsiona várias reflexões e inúmeras possibilidades de pesquisa, mas alguns problemas em especial chamam a atenção: (a) quais são os desafios encontrados na Amazônia Legal que impedem o acesso de inúmeros cidadãos a movimentos net-ativistas? (b) quais são as alternativas possíveis para viabilizar a oportunidade de participação dessas pessoas nesse movimento social?

Dessa maneira, o objetivo desta pesquisa é analisar o Net-ativismo, enquanto manifestação popular e social, identificar os desafios que impedem diversos indivíduos da Amazônia Legal de terem acesso a essa forma de organização social e investigar as alternativas cabíveis.

Para a consecução do objetivo, apresentada a introdução (1), analisam-se os desafios que muitos indivíduos da Amazônia Legal encontram para o exercício de ações net-ativistas (2). Em seguida, investigam-se algumas alternativas cabíveis para superar esses desafios (3). Enunciam-se as considerações finais.



1. Desafios ao net-ativismo na Amazônia Legal: inclusão digital e exclusão digital na sociedade informacional à luz de Manuel Castells

Quando se fala em inclusão digital deve-se ter em mente a superação da noção incipiente de possuir equipamento e internet e saber utilizá-los. Warschauer (2006) afirma, nesse passo, que o acesso à tecnologia da informação e comunicação contempla um “complexo conjunto de fatores, abrangendo recursos e relacionamentos físicos, digitais, humanos e sociais” (p. 21). Também é preciso evitar a tentação do emprego da noção antagônica à exclusão digital, pois apesar de ser evidente a contraposição dessas expressões, inclusão digital não pode mais ser vista como a positivação da exclusão digital; é algo que vai além, conforme será demonstrado.

A construção da noção de inclusão digital enseja a identificação de diversos elementos, aspectos, fatores ou questões e aqui apresentaremos alguns deles que consideramos mais importantes. Da lição de Bonilla e Oliveira (2011) extraem-se os seguintes: (a) apropriação de tecnologia; (b) desenvolvimento dos indivíduos; (c) produção da melhoria da qualidade de vida das famílias; (d) incentivo à construção e manutenção de uma sociedade ativa, culta e empreendedora. Warschauer (2002) entende a necessidade de conjugação de quatro fatores distintos para falar-se em inclusão digital: (a) recursos financeiros; (b) recursos digitais; (c) recursos humanos; (d) recursos sociais. Lemos, Rigitano e Costa (2007) destacam a necessidade de haver: (a) acesso; (b) capacitação (ensino-aprendizado); (c) desenvolvimento comunitário; (d) iniciativas culturais. Silva et al. (2005) afirmam ser indispensável a identificação dos seguintes fatores: (a) acesso à informação; (b) assimilação da informação; (c) reelaboração de um novo conhecimento; (d) melhoria da qualidade de vida dos indivíduos.

A inclusão digital, portanto, deve ser analisada em nível complexo, pois precisa contemplar quatro capitais básicos: social, cultural, intelectual e técnico. O capital social refere-se à valorização da dimensão identitária e comunitária, os laços sociais e a ação política. O capital cultural refere-se à história e aos bens simbólicos de um grupo social.

O capital intelectual diz respeito à formação do indivíduo e o seu desenvolvimento a partir da aprendizagem. Por fim, o capital técnico relaciona-se com a potência da ação e da comunicação. Esses capitais complementam-se, em maior ou menor grau, dependendo da posição do indivíduo na sociedade, mas necessitam coexistir no processo da inclusão digital.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

De acordo com Lemos e Costa (2005), a inclusão digital pode ser espontânea ou induzida. No primeiro caso, a utilização de tecnologia pelos indivíduos configura-se necessária, o que os impele a incluírem-se ou aprenderem a usar essas diversas ferramentas. No caso da inclusão digital induzida criam-se espaços, projetos, dinâmicas educacionais por iniciativas governamentais, privadas ou do terceiro setor, como os telecentros e totens, visando induzir a formação.

Tecidas essas considerações a respeito da inclusão digital, mostra-se necessária a reflexão relativa a sua importância e alcance na sociedade informacional. Para tanto, tomaremos como base algumas lições de Castells (2002).

O autor considera a importância da tecnologia como ponto de partida para o desenvolvimento de seus estudos com relação às mudanças que estão em curso e enfatizam o papel fundamental da informação nos novos processos sócio-econômicos-culturais. As redes de computadores, na visão do autor, estão proporcionando um espaço novo de comunicação, de interação, de aprendizagem e de socialização.

Castells (2002) identifica três processos revolucionários, responsáveis pela transformação da sociedade, ou seja, virtualidade, interatividade e globalização e ainda considera o conhecimento, no contexto atual, como fonte de riqueza e produtividade. Segundo o autor, a nova organização social estrutura-se seguindo um modelo de rede, especialmente a partir da informação e do conhecimento, daí a denomina como *Sociedade em Rede*, local na qual as fontes de riqueza dependem da capacidade de geração de conhecimento e processamento da informação. O autor prossegue aduzindo que essa capacidade depende de relacionamentos com recursos humanos, infra-estrutura tecnológica e inovação organizacional e estrutural. Por essa razão, Castells (2002) assevera que há sociedades majoritariamente conectadas e existem outras em que somente um polo dinâmico pertence a essas redes globais informacionais.

Nesse contexto, percebemos que a inclusão digital é fundamental para o progresso e o desenvolvimento dessa sociedade informacional, seja do ponto de vista econômico, social ou cultural. Essa rede mencionada por Castells, para desenvolver o seu potencial máximo, necessita da interação da maior quantidade possível de indivíduos, o que somente ocorrerá se houver êxito em um processo amplo de inclusão digital, pois o conhecimento é fonte de riqueza



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

e produtividade. Cuida-se de um novo paradigma de desenvolvimento e nesse processo a tecnologia possui um papel de destaque no sistema, como ferramenta fundamental, mas não se pode deixar de lado o ser humano.

Extraí-se da Declaração de Princípios de Genebra, divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014), que a sociedade da informação deve estar centrada na pessoa, integradora e orientada ao desenvolvimento, de forma que todos possam criar, consultar, utilizar e compartilhar a informação e o conhecimento. Essa centralidade no indivíduo, para ser realmente alcançada, necessita ser precedida do fortalecimento da inclusão digital.

Além disso, a inclusão digital é essencial para o desenvolvimento social e cultural dos indivíduos, pois a partir do emprego das tecnologias da informação e comunicação, é possível democratizar processos sociais, fomentar a transparência de políticas e ações governamentais e incentivar a mobilização e participação dos cidadãos nas instâncias cabíveis (TAKAKASHI, 2000, p. 45).

A partir do momento em que se intensificam os processos de inclusão digital, torna-se possível ao indivíduo a obtenção de conhecimentos que poderão ser empregados no processo de autoafirmação social, proporcionando ou elevando a sua participação nesse contexto⁵, inclusive em ações net-ativistas.

Ademais, na esteira das investigações de Melo (2016) e de Mendonça, Maciel e Alonso (2017), a inclusão digital pode consubstanciar-se em importante instrumento para a evolução do processo de aprendizagem nas escolas, algo que foi identificado na Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras (CGI.br, 2017).

Outro aspecto que chama atenção refere-se ao acesso aos serviços governamentais por parte dos indivíduos, através do *Governo Eletrônico (E-Gov)*⁶. Existem no Brasil inúmeros serviços públicos que são disponibilizados para os indivíduos através do E-Gov e objetivam,

⁵ A esse respeito, Dias (2011) sustenta existir relações entre a inclusão digital de jovens de baixa renda e a sua inclusão social. Em sentido contrário, Alonso; Ferneda e Santana (2010) afirmam que a inclusão digital não garante necessariamente a inclusão social.

⁶ Lemos (2007), na segunda parte de sua obra *Cidade Digital: portais, inclusão e redes no Brasil*, desenvolveu estudo que contemplou a análise de conteúdo e de interfaces nos portais governamentais brasileiros. Xavier (2022) realizou estudos de caso em sua Tese de Doutorado, analisando o portal de três instituições que oferecem serviços de interesse público: Instituto Benjamin Constant, Tribunais Especiais do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

dentre outros, a melhoria de relacionamento com o usuário e a integração com os parceiros e consumidores (LEMOS; ROCHA, 2007, p. 106).

Farias (2016) cita outra experiência consistente no *Pensando o Direito (PoD)*, iniciativa do Ministério da Justiça que proporciona aos interessados participação no debate público através de pautas e troca de informações, de maneira colaborativa.

Essas experiências descritas indicam que, na sociedade informacional, sobleva a figura do cibercidadão, ou seja, aquele que emprega o espaço virtual para o exercício da democracia, conforme Di Felice (2008). Nesse passo, segundo Dutra e Oliveira Júnior (2018), desenvolvem-se “possibilidades de equilíbrio entre as formas de exercício democrático, as ferramentas auxiliaadoras no aprimoramento sociopolítico, com a atuação participativa ou deliberativa”.

A inclusão digital mostra-se fundamental para viabilizar esses relacionamentos não apenas entre o Estado e os indivíduos, mas entre os indivíduos, característica marcante do net-ativismo, além de viabilizar o acesso a diversos serviços públicos, proporcionando o exercício da cidadania, no espaço digital⁷.

Demonstrada a necessidade de ampliação da inclusão digital, percebemos também que ainda é muito grande a exclusão digital no Brasil, conforme estudos desenvolvidos por Côrtes (2003), Almeida et al. (2005) e Grossi, Costa e Santos (2013).

Moura et al. (2020) realizaram uma revisão sistemática de literatura na qual identificaram nos textos encontrados as principais expressões que caracterizam a exclusão digital. Percebemos a partir dessa investigação, em resumo, que a exclusão digital encontra-se atrelada, de um lado, às ausências de: (a) acesso a tecnologias; (b) alfabetização digital. Por outro lado, configura-se em um cenário de: (a) desigualdade social; (b) desigualdade de acesso às tecnologias.

A esse respeito, precisamos avaliar de que maneira a alfabetização digital e a ausência ou insuficiência de políticas públicas influenciam a exclusão digital e, conseqüentemente, impedem diversos indivíduos de se organizarem em torno de ações net-ativistas.

De acordo com dados divulgados pelo IBGE (2019), na Pesquisa Nacional por Amostra

⁷ Sobre as noções de cibercidadania e ciberdemocracia vide Félix (2021) e Santos (2013).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de Domicílios Contínua 2016/2019 (PNAD Contínua), 6,6% da população brasileira, acima de 15 anos, é analfabeta, o que equivale a 11 milhões de pessoas, sendo que na Região Norte esse número é de 7,6%, abaixo apenas da Região Nordeste, que apresentou taxa de 13,9%. Essa pesquisa ainda indicou a existência de relação entre analfabetismo e idade, de maneira que quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos.

O analfabetismo digital⁸ também contribui de maneira decisiva para a exclusão digital. De acordo com a Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros, realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), apenas 39% dos domicílios brasileiros possuem computador, mas esse número cai para 29% quando se trata da Região Norte (CGI.br, 2021), a frente apenas da Região Nordeste (27%). A investigação também apontou que existem cerca de 35,5 milhões de indivíduos não acessam a internet no Brasil e 43,5% da população jamais utilizou computador, sendo que na Região Norte 48,9% dos habitantes declararam que nunca usaram computador, índice inferior apenas ao da Região Nordeste, na qual apenas 51,9% afirmaram que jamais haviam utilizado esse tipo de máquina.

Acrescente-se a esse panorama o fato de que não houve políticas públicas suficientemente adequadas para a superação dessas vicissitudes e aquelas que foram desenvolvidas fracassaram. Essa afirmação se fundamenta na ausência de resultados significativos das principais iniciativas estatais que foram desencadeadas desde a criação, pelo Governo Federal, do Programa Sociedade da Informação no Brasil, pelo decreto n.º 3.294, de 15 de dezembro de 1999.

Constata-se que o Governo Federal não contemplou adequadamente as necessidades dos usuários de maneira que pudesse “promover a universalização do acesso e o uso dos meios eletrônicos de informação”, conforme pretendia e descrito no *Livro Verde* (TAKAKASHI, 2000). Xavier (2022), em estudo sobre a questão, assevera que as ações governamentais,

⁸ Duran (2008) afirma que o conceito de alfabetismo digital encontra-se em aberto e depois de apresentar a posição de diversos autores sobre a expressão conclui que somente existe consenso em relação à mediação proporcionada pela linguagem digital. Para fins deste estudo, na esteira da lição de Oliveira e Azevedo (2007, p. 106), entende-se por analfabetismo digital a incapacidade ou incompetência das pessoas de utilizarem minimamente as tecnologias modernas, “pela modalidade complexa Não Querer-Ser, Não Poder-Ser, Não Querer-Fazer, Não Poder-Fazer”.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

incluindo o governo eletrônico, não estão acessíveis ao cidadão comum, pois se desenvolveram recursos tecnológicos sem que se pensasse nos usuários e se desconsideraram aspectos de acessibilidade física dos potenciais usuários aos serviços prestados pelo Estado.

Desde então, outras iniciativas do Estado não foram capazes de reduzir a exclusão digital dos indivíduos, em especial da Amazônia Legal. Programas como o Portal da Transparência e o Portal Único Gov.br não alcançaram a camada mais humilde da população de forma que não se constatou a produção de resultados significativos. Nesse passo, Lemos (2007) apresentou o rol dos quase 50 principais projetos de inclusão digital no Brasil e podemos observar que a maioria foi descontinuada, salvo os seguintes Projetos: Viva Favela, Rede Saci, Escola de Arte e Tecnologia (Kabum!), Consulado da Mulher, Estação Futuro, Cibersolário em Rede e Educação Digital – Moradia e Cidadania, cujos sites continuam funcionando.

Dessa maneira, investigados os principais desafios ao exercício do net-ativismo na Amazônia Legal, surge a necessidade de investigar alternativas para proporcionar aos indivíduos excluídos do local a oportunidade de participação nesse movimento social.

2. Alternativas para a superação dos desafios de acesso aos movimentos net-ativistas na Amazônia Legal

Di Felice (2018) lembra, invocando a lição de Schwatz, que a expressão *NetActivism* configura a abreviatura de *Network-Activism*, que simboliza, em síntese, uma nova modalidade de participação social. Cuida-se de um “conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia entre atores de diversas naturezas – pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas” (DI FELICE, 2013).

Cardoso e Manieri (2019) explicam que no Net-ativismo “o ciberespaço atua como uma tecnologia que permite a interação de redes entre diversos atores, como humanos, biológicos e técnicos por meio de ações em rede”, ensejando uma nova arquitetura informacional digital. Em sua investigação, ao analisarem o *Movimento Passe Livre*, concluíram que se tratou de uma ação net-ativista em razão da presença dos seguintes elementos: (a) autônomo; (b) apartidário; (c) horizontal; e (d) independente (CARDOSO; MANIERI, 2019, p. 271).

Roza e Melo (2017), ao investigarem o *Movimento das vadias* no Brasil, concluíram



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

que se tratava de movimento que se aproximava do Net-ativismo em razão das seguintes características: (a) descentralizado, (b) apartidário, (c) nada afeito à hierarquia, (d) nascido em ambientes digitais, (e) delineado pelas tecnologias comunicativas.

Ferreira et al. (2022) elencaram as seguintes configurações net-ativistas em dois movimentos investigados: (a) emprego de plataformas digitais; (b) ausência de ações governamentais; (c) mobilização coletiva, por intermédio de ações comunitárias; (d) alternativa às ações estatais; (e) ecossistemas complexos.

Conforme se pode perceber, o net-ativismo possui um apelo popular inerente, desenvolve-se em um ecossistema ecológico reticular e configura uma dimensão de um agir *não institucional*. Daí percebemos claramente a necessidade de expansão do processo de digitalização e, ainda, a emergência de uma cultura ecosófica, isto é, que reúna atitudes ecológicas com o pensamento abstrato humano (DI FELICE, 2020, p. 32), algo que somente será possível em um contexto de máxima inclusão digital.

A esta altura questiona-se quais seriam as alternativas viáveis para que os indivíduos excluídos da Amazônia Legal possam ter acesso às tecnologias e, assim, exercitarem o seu direito de participação em movimentos net-ativistas⁹.

Entendemos que nesse cenário de baixo alfabetismo digital, relatado acima, e de pouco acesso às tecnologias, a consecução de parcerias interinstitucionais pode configurar-se como o impulso necessário para o processo de digitalização mencionado por Di Felice. De acordo com a Lei n.º 13.019, de 31 de julho de 2014, essas parcerias podem acontecer entre órgãos estatais, entre si, ou entre eles e pessoas jurídicas de Direito Privado, através de acordo de cooperação, no qual não existe a obrigação de repasse de recursos entre os participantes, nos termos do Parecer 15/2013, da Advocacia-Geral da União; ou por meio de convênios, nos quais existe a previsão de repasse (BRASIL, 2014).

Dessa forma, no âmbito da Amazônia Legal, podemos considerar a celebração de

⁹ Sobre esse aspecto, não se desprezam as adversidades de acesso e de deslocamento, características da Região Amazônica, mencionadas por Lima e Costa (2012) e Bastos e Brasileiro (2020). Este estudo sugere alternativas de acesso às tecnologias nas sedes dos Municípios que integram a Amazônia Legal, à exceção do Mato Grosso, conforme já consignado anteriormente, de modo que alcançariam a seguinte quantidade de Municípios: (a) Rondônia 52; (b) Acre 22; (c) Amazonas 62; (d) Roraima 15; (e) Pará 144; (f) Amapá 16; (g) Tocantins 139; (h) Maranhão 183.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

instrumentos, entre as Prefeituras Municipais ou as Câmaras Municipais e os Cartórios de Registro Civil, com imensa capilaridade no território local e com acesso à internet, para proporcionar aos indivíduos excluídos alternativa para acesso às tecnologias e assim obterem serviços do E-Gov em dias e horários previamente agendados, por exemplo.

Essa espécie de iniciativa também pode ser empregada pelos Tribunais de Justiça integrantes da Amazônia Legal, através dos seus Fóruns locais, e os Cartórios Extrajudiciais, com o intuito de proporcionar aos jurisdicionados excluídos a participação em audiências por videoconferência na sede dos Offícios Extrajudiciais. Cuida-se de cooperação interinstitucional que se encontra prevista na Resolução n.º 350/2020 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), cabível desde que possa “promover o aprimoramento da administração da justiça, a celeridade e a efetividade da prestação jurisdicional” (BRASIL, 2020).

A proposta assemelha-se ao emprego das “salas passivas”¹⁰, autorizadas pelo CNJ, por meio da Resolução n.º 350, de 27/10/2020, e que se encontram previstas e instaladas em diversos Tribunais brasileiros, inclusive no âmbito da Amazônia Legal, como no Tribunal de Justiça do Amazonas (Provimento CGJUS n.º 402/2021); o Tribunal Regional do Trabalho da 11ª Região, que engloba Amazonas e Roraima (Resolução Administrativa n.º 65/2021); e o Tribunal de Justiça de Rondônia (Provimento n.º 13/2021). A diferença reside no fato de que as próprias sedes dos Offícios Extrajudiciais sejam utilizadas como “salas passivas” e haver a celebração de ajuste interinstitucional entre os órgãos parceiros.

Percebemos que essas ações assemelham-se com as iniciativas disruptivas dos totens e telecentros, mas com a capilaridade muito maior, em razão da participação dos Cartórios Extrajudiciais.

Em face dessa possibilidade de alcance dessas propostas, mostra-se razoável considerar que se trata do primeiro estágio que pode favorecer grande parte dos indivíduos excluídos da Amazônia Legal para terem acesso às tecnologias e, assim, desenvolverem o seu direito de participação em movimentos net-ativistas, não apenas em manifestações nas ruas, mas

¹⁰ “As salas passivas de videoconferência são espaços físicos reservados para a realização de atos processuais por meio de videoconferência, especialmente depoimentos e audiências. As partes e as testemunhas que não dispusessem de condições técnicas serão ouvidas pelo Magistrado, por meio de videoconferência, em salas passivas disponibilizadas pelo PJBA nas Comarcas para essa finalidade, ou por meio da rede de cooperação Judiciária (Resolução CNJ n. 350/2020), de qualquer sede de Tribunal do País” (Cartilha Juízo 100% Digital).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

especialmente nas deliberações nas redes digitais.

Considerações finais

Ante o exposto, podemos concluir que na sociedade informacional restringe-se o direito de grande parte dos indivíduos da Amazônia Legal em um contexto de baixa inclusão digital e elevada exclusão digital.

Os desafios, nesse contexto, consubstanciam-se na necessidade de fomento da inclusão digital bem como na urgente redução da exclusão digital, proporcionando aos indivíduos excluídos da região acesso às tecnologias e educação tecnológica.

Algumas alternativas foram sugeridas neste estudo, especificamente, a oportunidade de acesso às tecnologias, pelos indivíduos excluídos, através de parcerias interinstitucionais entre entes públicos, como a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal e o Fórum, sede da Comarca, com cartórios extrajudiciais, dada a sua capilaridade territorial.

Assegurada a ampliação do acesso às tecnologias para grande parte dos indivíduos excluídos da Amazônia Legal, no primeiro estágio, devem ser pensadas outras alternativas subsequentes, especialmente referentes ao letramento digital, algo que merece ser objeto de estudos futuros.

Referências

ALMEIDA, Lília Bilati de; PAULA, Luiza Gonçalves; CARELLI, Flávio Campos; OSÓRIO, Tito Lívio Gomes; GENESTRA, Marcelo. O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira. **Revista de Gestão de Tecnologia e Sistemas de Informação**, vol. 2, n.º 1, 2005, p. 55-67.

ALONSO, Luiza Beth Nunes; FERNEDA, Edilson; SANTANA, Gislane Pereira. **Inclusão digital e inclusão social**: contribuições teóricas e metodológicas. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n.º 32, jan./jul. 2010.

BASTOS, Micheline da Silva; BRASILEIRO, Tania Suely Azevedo. Educação na Amazônia: os desafios para uma educação de qualidade. **Revista Educação e Humanidades**, vol. 1, n.º 1, jan./jun. 2020, p. 266-278.

BONILLA, Maria Helena Silveira; OLIVEIRA, Paulo Cezar Souza de. Inclusão digital: ambiguidades em curso. In BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Inclusão digital**:



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 23-48.

BRASIL. **Lei n.º 13.019, de 31 de julho de 2014**. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/L13019compilado.htm. Acesso em 06 nov. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução n.º 350, de 27 de outubro de 2020**. Brasília, 2020 Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/files/compilado164344202111036182bc40024fd.pdf>. Acesso em 06 nov. 2022.

CARDOSO, Elisa Manuela Ferreira; MANIERI, Tiago. Net-ativismo: possibilidade de um novo conceito de comunicação. In **Anais do XII Seminário Nacional de Mídia e Cidadania**. GOMES, Suely; MÜLLER, Geisa; OLIVEIRA, Mayllon (Org.). Goiânia, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 6ª Ed., 2002.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). (2014). **Documentos da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação**, ano 2014. São Paulo: CGI.br, 2014.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). (2017). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras: Pesquisa TIC Educação**, ano 2016. São Paulo: CGI.br, 2017.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). (2021). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros: Pesquisa TIC Domicílios**, ano 2021: Relatório metodológico. São Paulo: CGI.br.

CÔRTEZ, Marcelo (Coord.). **Mapa de exclusão digital no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003.

DIAS, Lia Ribeiro. Inclusão digital como fator de inclusão social. In BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 61-90.

DI FELICE, Massimo Di. **A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais**. São Paulo: Editora Paulus, 2021. Versão Ebook.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

DI FELICE, Massimo. **Do público para as redes**. São Caetano do Sul: Difusão, 2008.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. São Paulo: Editora Paulus, 2018. Versão Ebook.

DI FELICE, Massimo. O net-ativismo e as dimensões ecológicas da ação nas redes digitais. **Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM**, vol. 4, n.º 7, jan./jun. 2020, p. 17-36.

DI FELICE, Massimo. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. In **Matizes**. Ano 7, n.º 2, jul./dez, p. 49-71. 2013.

DURAN, Débora. **Alfabetismo digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.48.2008.tde-07052013-162230. Acesso em: 2022-11-04.

DUTRA, Deo Campos; OLIVEIRA JÚNIOR, Eduardo F. de. Ciberdemocracia: a internet como Agora Digital. **Revista Direitos Humanos e Democracia**. Editora Unijuí, ano 6, n.º 11, jan./jun. 2018.

FARIAS, Victor Varcelly Medeiros. Ciberdemocracia e inclusão digital: uma busca pelo maior acesso da população às questões públicas. **X Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura. I Simpósio Internacional em Comunicação e Cultura**, 2016. Disponível em [file:///C:/Users/Tribunal/Dropbox/PC%20\(2\)/Downloads/2016_ciberdemocraciaeinclusodigital-1.pdf](file:///C:/Users/Tribunal/Dropbox/PC%20(2)/Downloads/2016_ciberdemocraciaeinclusodigital-1.pdf). Acesso em 06 nov. 2022.

FÉLIX, Mariana Caroline Pereira. **Ciberdemocracia no Brasil: a esfera pública digital como espaço de deliberação social e instrumento de cidadania**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Direito, Programa de Pós-Graduação em Direito. Fortaleza, 2021.

FERREIRA, Bruno Madureira; NARDY, Rita; CRUZ, Matheus Soares; DI FELICE, Massimo. Net-ativismo e plataformas digitais em contexto pandêmico no Brasil. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFJF)**, vol. 16, n.º 2, p. 61-76, maio/ago. 2022.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; COSTA, José Wilson da; SANTOS, Ademir José dos. A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, vol. 24, n.º 2, p. 68-85, maio/ago. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional**



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

por **Amostra de Domicílios Contínua 2016/2019 (PNAD Contínua)**. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em 04 nov. 2022.

LEMOS, André; COSTA, Leonardo Figueiredo. Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 7, n. 3, 2005.

LEMOS, André; RIGITANO, Eugênia; COSTA, Leonardo. Incluindo o Brasil na era digital. In LEMOS, Carlos (Org.). **Cidade Digital**. Portais, inclusão e Redes no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 15-34.

LEMOS, André; ROCHA, Flávia. Governo Eletrônico. In LEMOS, Carlos (Org.). **Cidade Digital**. Portais, inclusão e Redes no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 99-112.

LEMOS, Carlos (Org.). **Cidade Digital**. Portais, inclusão e Redes no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007.

LIMA, Marcos Vinícius da Costa; COSTA, Solange Maria Gayoso da. Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia. **Revista Geografares**, n.º 12, p. 76,113, jul. 2012.

MENDONÇA, Patrícia Graziely Antunes de; MACIEL, Cristiano; ALONSO, Kátia Morosov. Inclusão digital induzida: problemas e propostas em um contexto escolar. **Educativa**. Goiânia, v. 20, n.º 3, set./dez. 2017, p. 567-588.

MELO, Ângela Fernandes. A inclusão digital na escola para a erradicação do analfabetismo tecnológico. **Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)**, v. 5, n.º 10, dez. 2016.

MOURA, Luzia Menegotto Frick de; LUCIANO, Edimara Mezzomo; PALACIOS, Rosiane Alves; WIEDENHÖFT, Guilherme Costa. Exclusão digital em processos de transformação digital: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Gest@ao.Org**, vol. 18, Ed. 2ª, 2020, p. 198-213.

OLIVEIRA, C. A.; AZEVEDO, S. P. de. Analfabetismo Digital Funcional: perpetuação de relações de dominação? **Revista Brasileira de Linguística**, v. 15, n. 2, p. 101- 112, 2007.

ROZA, Erick; MELO, Raquel. A experiência net-ativista das vadias no Brasil. In DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick (Orgs). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de**



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

participação. Campinas, SP. Papyrus, 2017. Versão Ebook.

SANTOS, Diego Fruscalso. **A invenção da ciberdemocracia**: o conceito de democracia na era do ciberespaço. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. 85 f. São Leopoldo, 2013.

SILVA, Helena; JAMBEIRO, Othon; LIMA, Jussara; BRANDÃO, Marco Antônio. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 1, p.28-36, jan./abr. 2005.

TAKAKASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

XAVIER, Jean Frederick Brito. **Governo eletrônico**: o cidadão e o direito de acesso à informação. 2022. 302 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2022.

WARSCHAUER, Mark. Reconceptualizing the Digital Divide. In **First Monday**, vol. 7, n.º 7, jul. 2002. Disponível em <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/967/888>. Acesso em 5 nov. 2022.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social**: A exclusão digital em debate. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

ZILIO, Daniela; DE FREITAS, Riva Sobrado. O caso Alain Cocq: liberdade de expressão, privacidade e autonomia decisória no processo de morte à luz da sociedade da informação. **Revista de Biodireito e Direito dos Animais**, v. 8, n. 1, p. 53-72, 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Biel Tupã: Autorrepresentação Indígena no Espaço Digital¹

Ana Idalina Carvalho NUNES²

Diego Lucas Nunes de SOUZA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente artigo visa apresentar uma reflexão acerca do impacto das tecnologias digitais sobre os indígenas da Aldeia Ocoy, situada na cidade de São Manoel do Iguaçu (PR), através da atuação do *digital influencer* Biel Tupã. Com perfis no TikTok, Facebook, Instagram e YouTube, Biel publica conteúdos que visam desconstruir a visão estereotipada do indígena brasileiro, mas que também levam importantes conhecimentos para os membros da sua comunidade. Tomando como base o material publicado por ele no YouTube e TikTok, a proposta é tecer considerações sobre a autorrepresentação indígena no meio digital e identificar a ressignificação da vida da aldeia Ocoy, a partir da influência de Biel Tupã.

Palavras-chave: Cultura indígena; Antropologia Digital; Pandemia; Autorrepresentação; Avá-Guarani.

Introdução

O presente estudo consiste em um recorte feito em duas pesquisas de doutorado em andamento, ambas situadas no campo da Antropologia Digital, envolvendo as interações sociais no Free Fire, um *game mobile* desenvolvido e distribuído pela Garena, braço de *games* da Sea Limited, empresa sediada em Singapura, que tem na América Latina, no Sudeste Asiático e na Índia os territórios de maior arrecadação financeira do mundo. O fato de ter *download* gratuito e funcionar até mesmo em aparelhos celulares mais simples explica a explosão no número de usuários, bem como o poder de penetração do *game* até mesmo em regiões mais distantes dos

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 3) O local digital das culturas do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, bolsista FAPEMIG. Email: idalinadecarvalho@gmail.com

³ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, bolsista CAPES. Email: di.lucas2@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

centros urbanos, como, por exemplo, na Reserva Indígena Avá-Guarani Ocoy, situada em São Miguel do Iguçu, no Paraná.

Lá residem os integrantes da guilda⁴ Los Tribos, do Free Fire, que tem como *gamer influencer* Biel Tupã, que selecionamos como sujeito deste estudo. Ele é responsável pelas redes sociais da Los Tribos e atua também como organizador da Copa Los Tribos, competição indígena de Free Fire.

Tomando como referencial teórico o conceito de autorrepresentação em Stuart Hall (2006; 2016), o objetivo deste estudo é lançar luz sobre as duas formas como Biel Tupã se apresenta em suas redes sociais: como um propagador da cultura indígena dos Avá-Guarani, na tentativa de desconstruir o olhar estereotipado sobre os indígenas e também como um jovem que, através da visibilidade que conquistou em suas redes sociais, leva para o seu público vídeos curtos que são uma autorrepresentação do indígena do novo século. A questão principal a que buscaremos responder é: a partir das interações promovidas entre indígenas e não indígenas, qual a influência da tecnologia digital sobre a vida dos indígenas da aldeia Ocoy? Para responder a esta questão, utilizaremos trechos da entrevista com a Los Tribos, vídeos publicados nos canais de comunicação de Biel Tupã, além de trechos de conversas que tivemos, entre 2021 e 2022, pelo WhatsApp.

1. O contato inicial: entrevista com a Los Tribos

Uma guilda do Free Fire dentro de uma aldeia indígena! A primeira reação que tivemos ao encontrar a Los Tribos no Instagram, ainda em dezembro de 2020, foi de êxtase. Eu, Ana Idalina, buscava gamers e guildas para seguir no Instagram e Diego Lucas, colega de trabalho (ambos professores da rede pública) que lidera uma guilda de Free Fire desde 2019, foi quem me passou o contato. A partir do Instagram, consegui também encontrá-los no YouTube e me inscrevi no canal da guilda⁵ em 11 de janeiro de 2021. Após um período inicial de visualização

⁴ Na Idade Média, as guildas eram associações que reuniam grupos que tinham interesses em comum, como, por exemplo, artistas, artesãos e comerciantes. Essas associações tinham como objetivo conseguir maior proteção e benefícios para seus integrantes. No game Free Fire, as guildas continuam a ter o mesmo sentido que tinham na Idade Média: é uma espécie de associação que reúne jogadores e jogadoras, com o objetivo de fortalecer o grupo e obter maiores benefícios e vantagens no jogo.

⁵ Canal da Los Tribos no YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCRsySESPjgU4NejUSJX88jA>. Acesso em: 8 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

do material que publicavam, fiz contato com o seu influenciador, Biel Tupã, que se tornou um colaborador de fundamental importância para a pesquisa em curso. Nossa primeira conversa se deu pelo direct do Instagram da Los Tribos no dia 14 de outubro de 2021. Eu me apresentei, deixei meu contato de WhatsApp e tão logo ele me adicionou, passei a detalhar para ele a temática, os objetivos, a questão que a pesquisa buscava responder e a importância que a participação da Los Tribos traria para a produção de conhecimento científico. Nesse contato inicial falei também que havia um site e um canal no YouTube, utilizado para compartilhamento de etapas da pesquisa, inclusive de entrevistas.

Figura 1. Banner de divulgação da entrevista com a Los Tribos no YouTube.



Fonte: Arte gráfica de Arkan sobre foto enviada por Biel Tupã.

Assim, a proposta que levei para ele foi de que eles mesmos se gravassem em vídeo, como se estivéssemos realizando uma transmissão ao vivo. Eu enviaria as perguntas, eles gravariam as respostas e, quando me enviassem o material, eu me gravaria fazendo a entrevista e editaríamos o vídeo completo. Ele levou as informações para a liderança da guilda e todos concordaram em participar. A partir de então, enviei para ele o roteiro com orientações de filmagem e as perguntas, em documento que continha também o convite oficial, relatando todos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

os detalhes sobre a pesquisa e informações sobre mim. Nesse roteiro, eu solicitava algumas informações mais gerais sobre a Los Tribos, para apresentar na abertura da entrevista. Biel Tupã enviou, em documento de texto, uma lauda com um breve histórico sobre a guilda, que abaixo transcrevo:

Guilda indígena Los tribos

A guilda Los tribos foi criada no dia 28/08/2020 e conta com todos os membros indígenas da etnia Avá-guarani, da aldeia chamada Tekoha Ocoy, que está localizada no Oeste do estado do Paraná, no município de São Miguel do Iguçu. No começo, a guilda era composta apenas por 4 integrantes, mas, com o passar do tempo, a guilda foi recebendo mais membros - tanto do gênero masculino como feminino. Todos os membros são da mesma etnia e moram na mesma aldeia e, atualmente, a guilda é composta por 10 integrantes. O líder da Los Tribos se chama Osmar Karai Miri Poty Ramos que tem a idade de 23 anos; e o vice se chama Leonardo Tupã Rerojogueraa Gonzales, tem a idade de 20 anos. Mas a guilda não tem limite de idade dos membros, a guilda tem jogadores de todas as idades e o objetivo da guilda é mostrar que todos podem jogar na humildade, sem desvalorizar ninguém, e jogar com respeito. Além deste, o objetivo é participar de campeonatos organizados por indígenas e não indígenas e, quem sabe, participar de campeonatos grandes e mostrar que os indígenas estão presentes no mundo de jogos online e que todos têm a capacidade de jogar e de tirar esse pensamento da sociedade não indígena de que [...] o indígena só mora no mato e que está afastado do mundo atual.

Todo o material para a produção do vídeo foi enviado por Biel Tupã no dia 28 de outubro e a entrevista protagonizada por ele contou com uma significativa participação do vice-líder Leonardo González e ainda com a fala do líder Osmar Ramos e dos outros integrantes da guilda. Transcrevemos abaixo a parte inicial da entrevista, que foi publicada no dia 30 de outubro de 2021.⁶

E aí rapaziada, tudo bem com vocês? Então, me chamo Gilmar Chamorro, mais conhecido como Biel Tupã por causa do meu trabalho como youtuber e também faço vídeos em várias plataformas digitais onde divulgo trabalhos, vídeos, né? Sobre a questão da minha cultura indígena, que é a cultura indígena Ava-guarani. Então... eu sou aqui do Estado do Paraná, moro numa aldeia indígena chamada Ocoy que fica aqui no município de São Miguel do Iguçu. E aqui na nossa aldeia moram indígenas da etnia Ava-Guarani. Então... além de ser youtuber, eu também sou professor de Língua Materna

⁶ Entrevista com a guilda indígena Los Tribos – Série Guildas do Free Fire. Canal Cibercultura.Game, 30 out. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/ZbMTqn1xfjY>. Acesso em: 28 out. 2022



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

aqui na minha aldeia e também sou estudante do curso de Geografia (licenciatura) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que fica em Foz do Iguaçu. Além disso, nos meus tempos livres, eu faço parte da guilda Los Tribos, que é uma guilda indígena da etnia Ava-Guarani, onde todos os membros moram aqui na minha aldeia e são de várias idades. Então não tem limite de idade, pode ser mais jovem ou pode ser mais adulto, não tem limite de idade - o único requisito é que os membros sejam moradores aqui da nossa aldeia e que sejam indígenas da etnia Ava-Guarani, pra ficar mais fácil da gente se comunicar, de poder planejar projetos juntos e pra gente, sempre que tiver oportunidade, fazer um encontro aqui na nossa aldeia pra gente jogar, conversar e se divertir.

Não apenas Biel Tupã, mas outros membros da Los Tribos são estudantes de licenciatura na UNILA: alguns estão na área da Geografia, outros cursam História e outros ainda Pedagogia - são estudantes que já atuam como professores dentro da aldeia e suas rotinas não diferem muito do cotidiano dos que trabalham, estudam e jogam Free Fire nos grandes centros urbanos. Um dos maiores problemas que os indígenas da aldeia Ocoy enfrentam para jogar é a conexão com a internet. Leonardo González, vice-líder da Los Tribos, explica que a conexão de internet “na hora do treino assim ela cai, é meio ruim de jogar, não dá nem pra entrar no jogo. Aí, como nós moramos na aldeia assim ... bem pra baixo... é ruim de pegar o sinal, mas com tempo bom, céu limpo, aí a conexão é boa”. Osmar Ramos, líder da guilda, complementa que, “pra jogar campeonato, a gente sempre joga na nossa casa mesmo, a nossa organização é assim né?...O problema é a rede de *wifi*, às vezes não pega direito, às vezes cai o sinal...”. Leonardo Gonzáles explica como são realizados os treinos para campeonatos:

O líder da guilda marca um horário certo para que todos os membros possam entrar, jogando todos juntos. O horário seria das 20:30 até às 21:30, é sempre assim, porque alguns membros é...na verdade todos nós, membros (eu por exemplo, faço a faculdade e aí tenho pouco tempo livre assim pra jogar o jogo com os meus colegas) ... a maioria dos nossos membros estudam. O estudo é mais importante, né? E aí a gente não pode deixar de lado, pra que esse jogo possa não nos atingir, aí só na parte do treinamento que, às vezes, dificulta pra nós - os membros - jogarmos todos os dias ou três, quatro vezes por semana. É... nesse caso a gente sempre faz treino só de 20:30 às 21:30, duas vezes por semana. Já no sábado e domingo, por exemplo, aí é um pouco mais difícil, porque algumas atividades acontecem também aqui dentro da aldeia, nós temos que participar também.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Dentro do Free Fire, Biel Tupã explica que a Los Tribos é uma guilda diferente das outras e o seu diferencial é o fato de ser uma guilda que representa a cultura indígena. Por conta disso, eles acabam chamando mais a atenção da mídia – é por meio da visibilidade que eles conseguem espaço para falar da luta pelos direitos dos povos indígenas, para mostrar que os indígenas não são um grupo social restrito apenas ao espaço das aldeias, que hoje estão presentes em vários espaços. Segundo ele, existem várias aldeias e algumas lideranças indígenas que apoiam os campeonatos entre aldeias, organizados pela Los Tribos. Quando esses campeonatos acontecem, explica Biel,

Cada aldeia participa, enfim, e eles acabam torcendo para a guilda que está representando a aldeia deles, e é uma forma da gente interagir entre as aldeias, né, entre o pessoal de outras aldeias, de outras regiões, de outras etnias, então isso traz muita importância pra nós, principalmente pra nós, jovens, que jogamos o Free Fire, né? [...]

Biel ressalta que essa integração entre aldeias possibilita “uma diversidade imensa de culturas, de etnias indígenas existentes”, considerando que há várias aldeias com guildas de Free Fire e que muitas delas participam dos campeonatos organizados pela Los Tribos. Além disso, segundo ele, a visibilidade que a aldeia vem alcançando, através do Free Fire lhes permitiu conhecer pessoas com um interesse real em compreender a cultura indígena Ava-Guarani. Por outro lado, ele e outros jovens da aldeia Ocoy também acabam enfrentando o preconceito, o que torna ainda mais importante o papel deles, pois há a chance de levar informação para que as pessoas compreendam melhor a cultura indígena. Ele ressalta que “a mídia está cheia de informações e a gente sabe que nem todas as informações são verdadeiras, principalmente quando se trata da questão indígena”. O próprio nome da guilda, segundo ele, é uma ironia diante dos equívocos que as pessoas cometem, por não buscarem conhecimento sobre a cultura indígena. “Los Tribos” é uma espécie de crítica ao preconceito, uma sátira, conforme ressalta Biel Tupã:

A gente leva o nome Los Tribos porque “tribos” é um termo muito inadequado né, pra falar sobre indígenas, porque o certo seria indígenas, indígenas originários, nativos originários, enfim. [...] Tribos é um termo muito inadequado, então a gente vê como um deboche pro pessoal da sociedade não indígena, pra mostrar, olha, Los Tribos estão presentes no mundo atual, nos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

jogos *online*, nas tecnologias, então eles não estão afastados, eles estão presentes no mundo dos *games*, então o nosso nome Los Tribos da nossa guilda traz isso, de impactar o pessoal quando vê “Los Tribos, nossa! Tribo não é aqueles povos que moram na mata, é... aqueles povos que moram na floresta, que estão afastados da sociedade?” Não, estamos aqui! Somos a Los Tribos e esse é o objetivo também da nossa guilda, de levar pra frente a nossa cultura, de levar a visibilidade, de mostrar a importância de a gente sempre estar ocupando os espaços.

O período de produção da entrevista foi permeado de muitas conversas com Biel Tupã, o que permitiu conhecer mais a fundo o seu trabalho como influenciador, não apenas da Los Tribos, mas da cultura Ava-Guarani. Ele transmite, em seus vídeos curtos no Instagram e TikTok, conhecimentos acerca da cultura de seu povo e busca sensibilizar as pessoas para as mais sérias questões que envolvem os indígenas do sul do Brasil. Ao me enviar imagens para ilustrar a entrevista, por exemplo, Biel enviou foto de uma maquete que, segundo ele, fica exposta na escola onde leciona, em uma sala que funciona “como se fosse um memorial da aldeia, onde há várias imagens, artesanato, trabalhos dos alunos”.

Figura 2 – Maquete que mostra a aldeia Ocoy



Fonte: Foto enviada por Biel Tupã

Essa exposição foi criada para que os visitantes que chegam à escola possam conhecer mais sobre a aldeia Ocoy. Ao enviar a foto, que ele mesmo tirou com seu celular, Biel descreveu



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

a aldeia, apontando as preocupações dos indígenas da etnia Ava-Guarani da aldeia Ocoy com relação ao agronegócio:

Então essa é a nossa aldeia - como você pode ver, a nossa aldeia é bem pequena e fica à beira do lago que é o lago da Itaipu e você pode perceber que em volta dela tem... a maioria são plantações dos colonos do agronegócio, então a gente sofre bastante por causa dessa questão dos agrotóxicos que são usados pelos colonos nas suas plantações e a gente sofre muito quando chove, principalmente. os agrotóxicos, essas coisas, quando chove vai tudo lá no nosso lago e acaba contaminando o nosso lago. Então as águas do lago, a gente não consegue beber e a gente tem o risco de pegar doenças por causa disso. E, além disso, a gente sofre por conta da questão do espaço, que hoje tem mais de 150 famílias e 900 pessoas morando na aldeia, então imagina o espaço que tá faltando pra gente - tanto pra gente morar quanto pra fazer nossas plantações.

Assim, através das várias conversas que tivemos pelo WhatsApp, Gilmar Chamorro, o Biel Tupã, conseguiu despertar em nós um desejo muito grande de visitar a aldeia e conhecer todos os membros da Los Tribos de perto. Através do seu perfil no Instagram, conseguimos, inclusive, participar de celebrações da aldeia, em tempo real, acompanhar atividades cotidianas, conhecer a cultura Ava-Guarani.

Figura 3 – Biel Tupã em duas versões: indígena e *gamer influencer*



Fonte: Montagem de Ana Idalina, feita com fotografias enviadas por Biel Tupã



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Embora o contato com Biel tenha ocorrido em 2021, foi apenas a partir da possibilidade de vir a participar do III Congresso Internacional de Cidadania Digital que voltamos a atenção para o seu trabalho para além da Los Tribos. Ele é estudante de graduação em Geografia pela UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Foz do Iguaçu, PR) e atua como professor da rede pública estadual do Paraná, lecionando as disciplinas Língua Materna, Laboratório de Escrita e Audiovisual na Aldeia Ocoy. Em 2021, ele lecionava também Geografia e utilizou o seu canal no YouTube⁷ para apresentação de algumas dinâmicas desenvolvidas com estudantes da aldeia.

Youtuber, produtor de conteúdos, cinegrafista amador – todas essas atividades integram a atuação de Biel Tupã como influenciador da cultura indígena no meio digital. Presente nas redes sociais YouTube⁸ (921 inscritos), Instagram⁹ (4.696 seguidores), TikTok¹⁰ (13.700 seguidores) e Facebook¹¹ (1.300 seguidores), Biel se apresenta como “*Digital Influencer Guarani*” e publica conteúdos voltados para o ensino da Língua Guarani, para a divulgação da cultura indígena e para a interação entre culturas.

2. A representatividade de Biel Tupã na aldeia Ocoy

O canal do YouTube de Gilmar Chamorro, o Biel Tupã, foi criado no ano de 2016 e teve seu primeiro vídeo publicado no dia 15 de abril: trazendo uma curta apresentação em que os irmãos Gilmar (Biel Tupã) e Milena Chamorro dançam a música “Amor de Chocolate”, de Naldo Benny, que tocava muito nas paradas de sucesso naquele período. Na época, ele era um estudante do terceiro ano do ensino médio na Escola Estadual Diamante D’Oeste, na cidade de mesmo nome, estado do Paraná. Mas foi apenas a partir do dia 14 de maio de 2019 que ele passou a publicar conteúdos sobre a cultura indígena Avá-Guarani, sendo o maior número de vídeos publicados a partir da pandemia (2020-2021). Os vídeos dialogam tanto com indígenas como com os não indígenas – para os primeiros, Biel busca levar informações úteis e confiáveis,

⁷ Canal Biel Tupã. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCtB6iaftp6FJA37N2lwEYw>. Acesso em 28 out. 2022.

⁸ Canal Biel Tupã. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCtB6iaftp6FJA37N2lwEYw>. Acesso em: 8 nov. 2022.

⁹ Perfil Biel Tupã no Instagram: @biel_tupa. Acesso em: 8 nov. 2022.

¹⁰ Perfil de Biel Tupã no TikTok: @bieltupa. Acesso em 8 nov. 2022.

¹¹ Página de Biel Tupã no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/bieltupa>. Acesso em: 8 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

especialmente sobre assuntos sobre os quais circulam muitas *fake news* na internet, mas também apresenta vídeos que divulgam o trabalho e projetos realizados no Colégio Indígena Teko Ñemoingo da aldeia Ocoy, onde é professor. Nos vídeos direcionados aos indígenas, Biel busca usar uma linguagem que ele, de forma divertida, apresenta como a língua “portuguarani”, uma mistura entre a língua portuguesa e guarani, que visa promover uma compreensão mais ampla das suas falas.

Para os não indígenas, Biel Tupã traz uma espécie de autorrepresentação que, segundo ele, leva à sociedade uma visão mais real da sua cultura, que tem como objetivo desconstruir estereótipos e favorecer a compreensão do indígena enquanto cidadão brasileiro como todos os outros, com os mesmos direitos e possibilidades de atuação nos mais diversos ambientes.

Entre os vários conteúdos publicados, selecionamos dois vídeos que deixam bastante clara a preocupação da comunidade acadêmica de indígenas a respeito do impacto da internet sobre o comportamento de crianças e jovens da aldeia e sobre os prejuízos que causa a disseminação das informações falsas ou distorcidas, especialmente sobre os indígenas mais velhos da aldeia.

Em um vídeo intitulado “Respondendo dúvidas sobre as vacinas do covid-19 (em portuguarani)”¹², Biel Tupã aparece dentro da sua casa em um cenário previamente organizado, boa luminosidade, câmera próxima do rosto e, ao fundo, na parede de madeira da sua sala, adereços indígenas pendurados e um fio com pequenas luzes azuis. Ele veste uma camisa de malha cinza e tem uma caneta na mão – esta caneta está presente em grande parte dos seus vídeos. Ele inicia apresentando o seu objetivo de trazer informações sobre a vacina contra a Covid-19 para os indígenas, especialmente para os Avá-Guarani da aldeia Ocoy, onde ele vive. Depois da fala introdutória e da exibição da vinheta, Biel Tupã passa a falar na língua Guarani e língua portuguesa, simultaneamente. Assim, as falas aqui transcritas foram produzidas a partir da tradução feita por Biel e inserida como legenda no vídeo.

¹² Vídeo publicado no dia 21 de janeiro de 2021. Tempo de duração: 53 minutos. Disponível em: <https://youtu.be/dd07hBia3Ds>. Acesso em 10 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Através da fala de Biel, é perceptível que há uma grande desconfiança, por parte dos indígenas de sua aldeia, especialmente dos mais idosos, com relação à vacina. Conforme relata Biel Tupã, no vídeo,

Então eu trouxe algumas informações para passar a vocês. Não porque eu sei tudo sobre isso, não é porque eu sou profissional. Mas sim, devemos sempre passar algumas informações para os nossos parentes se informarem também. Para que eles não tenham muito medo por conta de algumas informações que chegam até nós. As informações que mais chegam são pelas redes sociais, para aqueles que usam WhatsApp, Facebook. E muitas vezes o que chega até nós e repassamos para outras pessoas... muitas vezes essas notícias, informações que chegam até nós, não são avaliadas, não procuram saber se é verdadeira ou não. Quando chegam essas informações sobre a vacina, as pessoas só repassam para outras. Não pesquisam, não procuram saber se é verdadeira ou falsa. Por causa dessas informações que são recebidas e repassadas, por causa disso não sabemos se é verdade ou não. E muitas vezes, em nossa comunidade indígena, tem as mulheres e homens mais idosos que não usam as redes sociais, não usam celular, notebook, que não sabem como usar. Como eles vão saber se as notícias e informações são verdadeiras ou não? Muitas vezes os jovens e até mesmo adultos só repassam as informações que chegam para eles – falam as informações para eles, mesmo não tendo a certeza se é verdade ou não as informações.

Como disse Biel, em conversas anteriores que tivemos e mesmo na entrevista com a guilda Los Tribos, os indígenas não são selvagens, eles acessam a internet, eles jogam *games*, eles também estão presentes no ambiente digital. Segundo a professora Délia Takúa¹³, “essa tecnologia veio, de fato, pra fortalecer a cultura também, mas, ao mesmo tempo, é uma questão que pode ser negativa para os nossos jovens de hoje em dia”, pois há, segundo ela, muitas informações na internet que não condizem com a verdade e isso acaba interferindo até mesmo na forma como crianças e jovens indígenas compreendem a própria cultura. Com um notebook ou celular à mão, as pesquisas escolares sobre a própria cultura indígena são feitas com base na internet, os estudantes indígenas já não buscam os mais velhos para responderem a questões relacionadas aos costumes do povo. Outro ponto destacado por ela é a questão das informações falsas que os jovens recebem pelos grupos de WhatsApp e Facebook e disseminam entre os

¹³ Délia Takua Yju Martines é professora do Colégio Indígena Teko Ñemoingo e acadêmica do curso de Pedagogia da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

adultos e idosos, gerando medo. De acordo com ela, essa tecnologia pode influenciar mal nossos jovens:

é... porque, de fato, é muita novidade para a nossa comunidade que até os pais não conseguem acompanhar ainda os filhos nessa questão de tecnologia, eles não têm esse conhecimento de como orientar, como orientar os filhos a usar essa tecnologia da maneira correta e incorreta. E... através disso, pode causar mau visão do povo indígena da outra etnia, também e quanto ao não indígena, porque a tecnologia ela é muito avançada hoje em dia e acaba...esse lado negativo acaba prejudicando os povos indígenas no mau uso da tecnologia.¹⁴

Esse mau uso da tecnologia de que a professora Délia fala trouxe grandes prejuízos para a aldeia Ocoy, especialmente no período da pandemia, com a disseminação de *Fake News* sobre a vacina contra a Covid-19, que despertaram muitas dúvidas, desconfiança e medo entre os Avá-Guarani, conforme ressalta Biel no vídeo informativo sobre a vacina, publicado em 21 de janeiro de 2021:

Não podemos esquecer que o nosso próprio governo do Brasil, sempre em televisão, em entrevistas, sempre fala que a pandemia nunca existiu. Que é normal morrer. Especialmente o nosso presidente atual, sempre falou besteira, sempre fez brincadeiras com essa doença. Que, segundo ele, aqueles que se vacinarem viram um jacaré. Ele nunca respeitou outras famílias que foram infectadas com o vírus. Ele sempre desrespeitou com os cuidados que devemos ter. Como, por exemplo: ele não usa máscaras quando tem bastante pessoas perto. Isso que o nosso presidente da república faz ... sempre ficou contra, não quer comprar a vacina, não quer ajudar com os medicamentos, seringas que serão usadas para a vacina. E também vale lembrar que ele sempre foi contra nós, povos indígenas. Sempre falou por entrevistas que ele não vai dar mais nenhum centímetro de terra aos povos indígenas. Com isso, sempre vamos ter dúvidas sobre ele e sempre não vamos acreditar nele.

Quando o discurso oficial do governo se torna motivo de desconfiança, o caos se estabelece. Biel esclarece que, depois de quase um ano de pandemia, “mais de 5 mil indígenas que morreram”. Além das mortes, ele destaca que há inúmeros outros “que ficaram com sequelas da pandemia. Foram 50 mil indígenas infectados, segundo as informações passadas pela APIB.¹⁵”. A entrevista com a professora Délia foi, realmente, um bate-papo descontraído

¹⁴ Entrevista: Professora Delia Takua com bate papo com Biel Tupã sobre a tecnologia e o povo guarani. Vídeo publicado em 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/UiDFJRsoLMo>. Acesso em: 10 nov. 2022.

¹⁵ APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) é uma associação nacional de entidades que representam os



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ao ar livre ao som do canto exaltado de uma variedade de pássaros. E, da forma como foi conduzida a conversa, ela veio atender aos dois públicos: de indígenas e de não indígenas – para os primeiros, os esclarecimentos sobre os riscos do mau uso da internet foi um alerta. Todavia, a segunda parte do vídeo traz importantes conhecimentos para nós que trilhamos o campo da Antropologia, principalmente, e remete a Roy Wagner, quando Délia chama a atenção sobre um aspecto importante: ainda que os indígenas utilizem o meio digital para explicarem a sua própria cultura para os não indígenas, eles podem não conseguir apreender o sentido do que está sendo dito – porque não são indígenas. Assim, comumente, nós, os não indígenas, “inventamos” a cultura indígena:

O estudo ou representação de uma outra cultura não consiste numa mera "descrição" do objeto, do mesmo modo que uma pintura não meramente "descreve" aquilo que figura. Em ambos os casos há uma simbolização que está conectada com a intenção inicial do antropólogo ou do artista de representar o seu objeto. Mas o criador não pode estar consciente dessa intenção simbólica ao perfazer os detalhes de sua invenção, pois isso anularia o efeito norteador de seu "controle" e tornaria sua invenção autoconsciente. Um estudo antropológico ou uma obra de arte autoconsciente é aquele que é manipulado por seu autor até o ponto em que ele diz exatamente o que queria dizer, e exclui aquele tipo de extensão ou autotransformação que chamamos de "aprendizado" ou "expressão" (WAGNER, 2010, p. 40).

O que despertou o surgimento dessa questão sobre a dificuldade de compreensão da cultura do outro foi a explanação feita por Biel na parte final, acerca do trabalho que ele realiza nas redes sociais para o fortalecimento da cultura indígena. Ele explica que sempre teve “o pensamento de que a tecnologia é uma forma muito utilitária - isso na minha opinião - de mostrar um pouco mais da nossa cultura. O meu canal visa mostrar a realidade, né... do nosso povo”. Biel também destacou a existência de *sites* que trazem conteúdos que buscam também mostrar a realidade dos povos indígenas, mais especificamente do povo guarani e, a partir dessa apresentação geral, perguntou à professora Délia qual era a importância de utilizar as redes sociais e *sites* para mostrar a cultura dos indígenas – ao que ela respondeu, apresentando a questão acima abordada, acerca da dificuldade que os não indígenas podem ter em compreender



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

a cultura indígena. Na visão dela, o fato de “ter o seu próprio canal de mostrar para o pessoal não indígena o que a gente tem ainda dentro da aldeia, na minha visão é muito importante, desde que você tenha o cuidado de como trazer esse conhecimento para não indígenas”. Segundo Délia, alguns conhecimentos devem ser mantidos em sigilo, restritos apenas às comunidades indígenas, sob o risco de serem usados para prejudicá-los, de alguma forma:

Mas tem ... todas certas coisas que a gente tem que ter limite, né? Daonde que a gente vai partir, daonde que a gente vai parar... porque a nossa cultura é bem diferente em bastante coisas que pode ser conhecida lá fora e tem bastante coisa que pode ficar só para a aldeia, para o nosso conhecimento, é pra levar para as nossas gerações. Porque tem coisa que só a gente vai entender, saber como é que funciona, como é que a gente compreende essa questão. Não adianta a gente levar isso pra fora porque os não indígenas não vão ter essa visão como a gente tem sobre a nossa própria cultura. E você falou sobre o site, sobre a questão guarani... também é importante, até pra mim, porque quando a gente, estudante ou acadêmico de todas assim, de curso, a gente pode também pesquisar nesses sites, conhecer mais um pouco da outra aldeia, a visão do outro [...]

Entre os vídeos presentes no canal de Biel Tupã, vale ainda destacar aqueles que mostram as atividades extraclasse da disciplina de Geografia, ministrada por Gilmar (Biel Tupã) e a professora Janaína em 2021. São aulas ministradas em movimento, professores e estudantes explorando o território da aldeia, numa aula sobre territorialidade, em que se aborda a questão da demarcação das terras indígenas¹⁶. Ao todo são 32 vídeos abordando meio ambiente, cultura indígena, política, saúde e relatos de experiências.

3. A autorrepresentação indígena em vídeos do TikTok

Seja através da hegemonia estatal ou da articulação da sua identidade étnica como política, fato é que a identidade indígena passou por muitas transformações até chegar ao momento atual, em que eles buscam uma ressignificação com o objetivo de alcançar novas possibilidades sociais. Em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall (2006) destaca que todos aqueles que pertencem às culturas tidas como híbridas vêm sendo forçadas a renunciar ao projeto de redescobrir “qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou

¹⁶ Demarcação já. Aula ministrada pelos professores Gilmar e Janaína. Vídeo publicado no dia 21 de agosto de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/qloQgvjRIyk>. Acesso em: 10 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de absolutismo étnico”, ou seja, as culturas, grupos sociais e pessoas que integram esse universo considerado ‘híbrido’ estão, conforme ressalta ele, traduzidas de uma forma que é irrevogável e, dessa forma,

[...] devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia (HALL, 2006 p. 89).

Através dos vídeos curtos postados por Biel Tupã no TikTok que, diferente do YouTube, não traz o discurso verbal, mas apenas visual, a autoafirmação da sua identidade indígena soa como resistência, protesto contra o preconceito com os quais ele se depara em pleno século XXI. A grande visibilidade que se tornou possível a partir das tecnologias digitais tornou possível romper com os limites territoriais das aldeias e apresentar ao mundo o empoderamento e o protagonismo de povos indígenas do Brasil dentro das universidades, nas redes sociais, na política, enfim, em todos os setores da sociedade. Os vídeos de Biel na plataforma TikTok apresentam a sua dupla identidade, através de duas linguagens culturais que dialogam entre si: o uso do cocar, das pinturas indígenas fazem parte de um mesmo roteiro que apresenta as conhecidas “dancinhas” do TikTok, coreografias de músicas que são verdadeiras ‘febres’ na internet. Vale ressaltar que, em vários desses vídeos, aparece a dança, a música, a imagem indígena e legendas que visam desconstruir estereótipos ainda presentes na sociedade acerca do indígena, como nas cenas abaixo, reproduções de trechos de um vídeo que tem, como legenda: “Em pleno século 21, até nas universidades, a cultura indígena ainda é vista de forma pejorativa”. Na publicação, Biel colocou as hashtags: #indigenaa; #universidadefederal; “descolonizando. A música de fundo é de “La Banda” (remix).

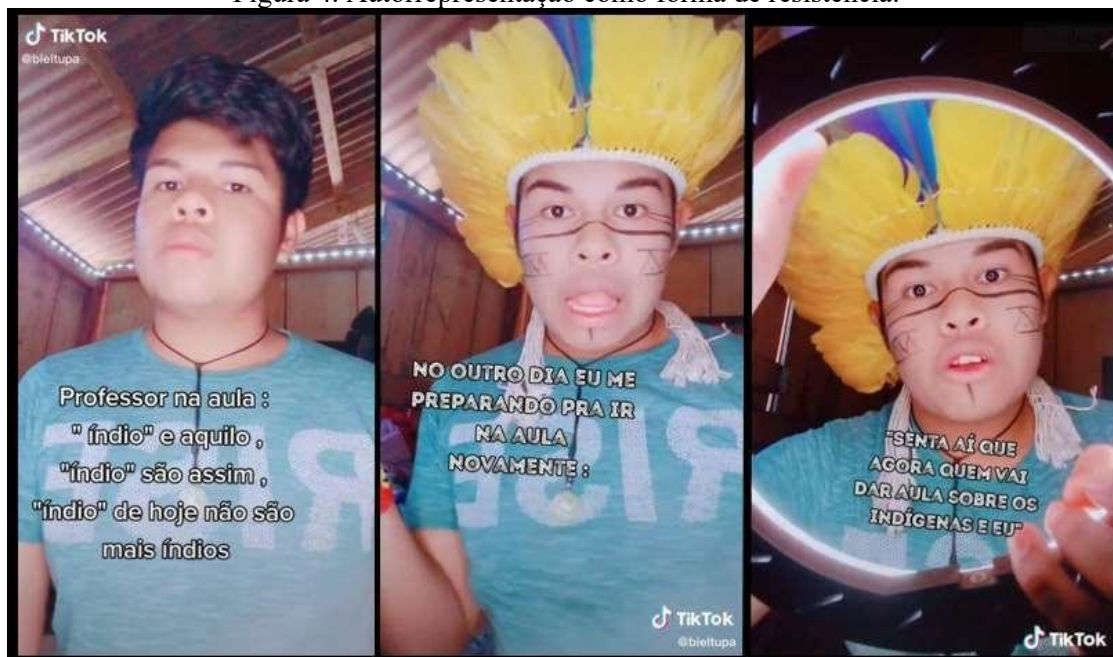


III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Figura 4. Autorrepresentação como forma de resistência.



Fonte: Colagem feita por Ana Idalina, a partir de prints do vídeo no TikTok.

Diante desse incômodo causado nos diversos espaços onde os indígenas estão presentes na atualidade, Biel Tupã utiliza a sua visibilidade digital para tentar desconstruir essa representação negativa dos indígenas, que foi sendo construída histórica e socialmente no território brasileiro. Entretanto, mesmo quando não se obtém êxito em mudar essa realidade incômoda, a autorrepresentação indígena possibilita que os membros desses grupos híbridos consigam maior visibilidade para reivindicar o poder de fala para a luta contra estereótipos e narrativas equivocadas. A esse respeito, vale a pena citar Terry Eagleton (2005), sobre a liberdade que cada pessoa ou grupo deve ter para especificar socialmente quem é ela é, quem quer se tornar – e isso só se torna possível, justamente, quando é possível considerar a diferença. Segundo ele, “As formas mais inspiradoras são aquelas em que é exigida uma igualdade com os outros, uma igualdade para ser livre de decidir aquilo que se gostaria de ser.” (EAGLETON, 2005, p. 91).

A imagem abaixo, produzida a partir de prints de um vídeo postado por Biel Tupã, sob a legenda “Indígenas LGBTQIA+ existe sim e merece respeito assim como todos merecem”. Ao fundo, a música “Vermelho” de Glória Grove.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Figura 5. A questão de gênero entre indígenas.



Fonte: Montagem feita por Ana Idalina, a partir de prints do vídeo no TikTok

Na autorrepresentação indígena, especialmente considerando o rompimento dos limites de seu território para além dos limites físicos das aldeias a partir da expansão da internet, surgem questões importantes que eles trazem a público, através de suas redes sociais, que englobam justamente os aspectos apontados por Hall (2006), que envolvem a afirmação da diferença cultural, linguística, étnica entre indígenas e não indígenas. Entretanto, pelo caráter desterritorializado do mundo digital, os indígenas se deparam com a pluralidade cultural de uma forma muito mais ampla, o que potencializa o processo de transformações na forma como significam o mundo e a própria vida.

Considerações finais

A inclusão digital promoveu uma resignificação total da vida nas aldeias e isso não significa que a cultura indígena tenha perdido sua pureza. Conforme disse a professora Délia em sua conversa com Biel Tupã, há conhecimentos que pertencem às futuras gerações indígenas e devem ser resguardados. Por outro lado, o conhecimento que adentra as aldeias pelas telas de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

notebooks e celulares amplia os sonhos dos mais jovens e isso interfere na construção de papéis sociais: os leva às cadeiras das universidades, aos cargos políticos, à atuação docente, à ocupação de cargos que, há algumas décadas, não lhes eram acessíveis. Todavia, parece que não estamos preparados para o ritmo acelerado das transformações que estamos vivendo. Se, por um lado, as famílias indígenas não sabem ainda como guiar seus filhos pelos caminhos tortuosos e escorregadios do ciberespaço, os não indígenas vivem o drama da desconstrução de imagens e padrões que lhes foram transmitidos pela educação, pela história, pelo poder dominante. O ‘índio’, para grande parte dos brasileiros, é uma espécie de lenda, alegoria, fantasia, não humano. Ver o indígena vestido como eles, utilizando tecnologias, isso lhes soa como uma destruição da cultura indígena. Diante desse cenário, Biel foi para as redes sociais para fazer o que escolheu como profissão: foi ensinar, foi levar conhecimentos para tirar da ignorância os que se acreditavam escolarizados.

O preconceito, a injustiça, a negação de direitos – tudo isso incomoda profundamente Gilmar Chamorro, esse jovem indígena de 23 anos que reage e afirma sua identidade indígena em forma de imagem, de som, de arte. Ao permitir ser visto por inteiro, ele permite que seja criada uma identidade entre indígenas e não indígenas – mostra o quanto somos todos semelhantes em nossa humanidade. Biel é múltiplo e uno – reúne sob tantas faces a verdadeira face do Brasil.

Se ele exerce influência sobre sua aldeia? É bem provável que crianças e adolescentes o imitem em seus gestos e falas, mas, sobretudo, em sua determinação na busca por visibilidade para garantir para si e para os outros indígenas os espaços que ele sabe serem seus por direito.

Referências

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Editorial: PUC-Rio: Apicuri. Rio de Janeiro: Brasil, 2016. 264 p.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. S. Paulo: Editora 34, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura**. S. Paulo: Editora 34. 1993.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ConectaKaTching: a Co-criação de uma Prática Pedagógica Inventiva na Perspectiva da Educação OnLIFE.¹

Bruna Elisa SCHUSTER²

Eliane SCHLEMMER³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS

Resumo

O processo de digitalidade, conectividade e algoritmização do mundo que estamos vivenciando desafia as atuais formas de operar da Educação, especialmente, no que se refere ao desenvolvimento de metodologias e práticas pedagógicas que privilegiem o engajamento dos estudantes na aprendizagem. O presente artigo emerge no contexto da pesquisa de Mestrado em Educação “Aprendizagem inventiva em ato conectivo: As práticas pedagógicas no contexto da Educação OnLIFE”, financiada pela CAPES, e tem como objetivo identificar elementos do processo inventivo que proporcionam engajamento na co-criação da prática pedagógica. O percurso metodológico da pesquisa e do desenvolvimento da prática pedagógica inventiva é orientado pelo Método Cartográfico de Pesquisa-Intervenção. Como resultados parciais, é possível inferir que a co-criação de práticas pedagógicas desenvolvidas na perspectiva da invenção de problemas, na relação com a problematização do tempo/mundo presente, proporciona o surgimento de temáticas importantes para o desenvolvimento da cidadania. As TD potencializam o desenvolvimento da prática ao serem compreendidas enquanto forças ambientais. A gamificação presente nas ações e práticas da Rede ConectaKaT proporciona imersão e engajamento nos KaTs. Compreende-se que a ConectaKaTching configura-se como um espaço de co-criação e de discussão destas temáticas em ato conectivo entre entidades humanas e não humanas, na perspectiva da Educação OnLIFE.

Palavras-chave: Educação OnLIFE; Invenção; Prática Pedagógica Inventiva; Aprendizagem Inventiva.

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Mestranda do PPG em Educação da UNISINOS. Email: brunaelisaschuster@gmail.com.

³ Doutora em Educação e professora do PPG em Educação da UNISINOS. Email: elianeschlemmer@gmail.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

INTRODUÇÃO

A presente investigação aborda o desenvolvimento de uma prática pedagógica inventiva⁴, na perspectiva de Educação OnLIFE⁵.

No contexto atual de uma realidade hiperconectada, proporcionada pela digitalidade e pela conectividade, a nossa condição habitativa se reconfigura. Passamos a viver e conviver de forma híbrida e multimodal⁶.

Essa realidade hiperconectada na qual vivemos é referida por Floridi (2015) no documento “*The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*”, que resulta de um compilado de pesquisas e discussões sobre as transformações que as redes digitais provocam na sociedade, nas mais diversas áreas da vida humana. A concepção da realidade hiperconectada, é, então, o resultado do imbricamento entre os mundos online e offline, do qual emerge o termo *onlife*, enquanto vinculado à sociedade.

De acordo com Schlemmer e Palagi (2021), o conceito de Educação OnLIFE teve maior visibilidade durante a pandemia. No entanto, ele tem origem em uma rede conceitual e tecnológica do Grupo Internacional de Pesquisa Educação Digital GPe-dU UNISINOS/CNPq, apresentado na Figura 1.

O percurso que constitui a tríade pesquisa-desenvolvimento-formação resultou, em 2005, na construção do conceito de hibridismo tecnológico digital, o qual posteriormente evoluiu para a tecnologia-conceito Espaço de Convivência Digital Virtual (ECODI) e para a tecnologia-conceito Espaço de Convivência e Aprendizagem Híbrido e Multimodal (ECAHiM), dando origem ao conceito de Educação Híbrida e Multimodal. Nesse percurso de construção, diferentes elementos teórico-epistemológico-metodológicos e tecnológicos foram fornecendo pistas sobre o processo do desenvolvimento e amadurecimento, o que resulta no conceito de Educação OnLIFE, ainda em elaboração (SCHLEMMER; PALAGI, 2021, p. 4).

O conceito de Educação OnLIFE, parte da compreensão de educação digital e amplia e a compreensão de Educação Híbrida e Multimodal, levando consigo a cognição inventiva

⁴ SCHLEMMER, 2020.

⁵ SCHLEMMER, 2020, 2021; MOREIRA; SCHLEMMER, 2020; SCHLEMMER; DI FELICE; SERRA; 2020; SCHLEMMER; MOREIRA, 2020; SCHLEMMER; OLIVEIRA; MENEZES, 2021; SCHLEMMER; PALAGI, 2021; SCHLEMMER; MOREIRA, 2022a; SCHLEMMER; MOREIRA, 2022b.

⁶ SCHLEMMER et al., 2006; SCHLEMMER 2014a, 2014b, 2015a, 2015b, 2015c, 2016a, 2016b, 2016c, 2019; SCHLEMMER; BACKES, 2015; SCHLEMMER, MORETTI; BACKES, 2015.



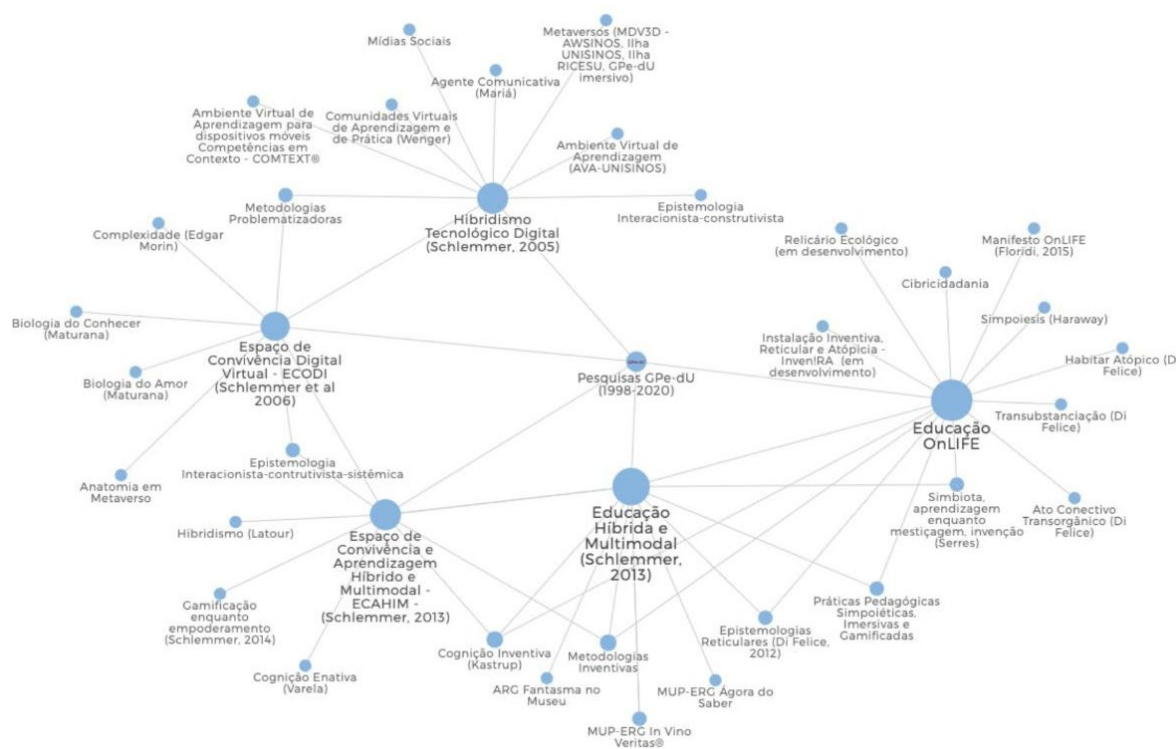
III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

(KASTRUP, 2015a, 2015b), as epistemologias reticulares e conectivas (DI FELICE, 2013; DI FELICE, TORRES, YANAZE, 2012), elementos do Método Cartográfico de Pesquisa-Intervenção (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009), em especial a metáfora das pistas e rastros, além da gamificação enquanto empoderamento (SCHLEMMER, 2014; 2020b). A partir desta construção teórico-metodológica, tem origem as metodologias e práticas pedagógicas inventivas.

Figura 1 - Rede conceitual e tecnológica que dá origem ao conceito de Educação OnLIFE



Fonte: Schlemmer, 2020a.

Schlemmer, Di Felice e Serra (2020) definem a Educação OnLIFE como a hibridização do tempo/mundo presente, potencializadas pela digitalidade e conectividade, que produzem a realidade hiperconectada que habitamos e onde os processos de ensino e de aprendizagem se dão em atos conectivos entre entidades humanas e não humanas, evidenciando a superação da visão antropocêntrica de mundo.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Schlemmer, Oliveira e Menezes (2021), ao analisar a construção do conceito Educação OnLIFE, Schlemmer (2020) e Schlemmer, Di Felice e Serra (2020) destacam algumas mudanças necessárias no paradigma educacional para que a Educação OnLIFE possa emergir: a) a compreensão da característica reticular da educação, que se dá em atos conectivos entre entidades humanas e não humanas; b) a superação do dualismo sujeito-objeto e a compreensão das relações que se dão entre humanos, natureza e máquinas, em um ecossistema conectivo; c) a compreensão dos processos de ensino e de aprendizagem em rede; d) a compreensão da TD enquanto “forças ambientais”; e) a necessidade de pedagogias conectivas em rede; f) o imbricamentos das modalidades de educação presencial física e educação online; g) a emergência de práticas pedagógicas inovadoras que problematizam o tempo presente; h) a emergência de metodologias inventivas baseadas na perspectiva da aprendizagem inventiva; i) a compreensão de que o digital também é real que compreende além do átomo, também o “bit”; j) a compreensão de que a inovação está no virtual enquanto potência; k) a compreensão que a realidade hiperconectada que vivemos é compreendida enquanto potência.

Portanto, faz-se importante problematizar o desenvolvimento de práticas pedagógicas inventivas na perspectiva de uma Educação OnLIFE.

É neste contexto que emerge a pesquisa de mestrado em Educação “Aprendizagem inventiva em ato conectivo: As práticas pedagógicas no contexto da Educação OnLIFE”, financiada pela CAPES, a qual está vinculada à pesquisa intitulada “TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO: Ecossistemas de Inovação em contexto híbrido e multimodal”, financiado pelo CNPq e desenvolvida pelo GPe-dU UNISINOS/CNPq. No âmbito desta pesquisa está a Rede Internacional de Educação OnLIFE - RIEOnLIFE, da qual se origina o Hub/Rede ConectaKaT.

Dessa relação, emerge o problema de pesquisa “Como a invenção, em ato conectivo, potencializa o desenvolvimento de práticas pedagógicas no contexto da Educação OnLIFE”?

A partir desta problematização, este artigo visa identificar elementos do processo inventivo que proporcionam engajamento na co-criação de uma prática pedagógica. Nesse sentido é apresentada a ação ConectaKaTching que emergiu no habitar da Rede ConectaKaT e das relações com outras ações que são derivadas da vivência de cidadania digital



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

MOVEOnCibricity, realizada pela ConectaKaT no contexto do I Festival Internacional de Cidadania Digital, em 2020, promovido pelo Grupo Internacional de Pesquisa Atopos-USP.

A COCRIAÇÃO DA REDE CONECTAKAT

A Rede ConectaKaT teve início em 1º de julho de 2020, com o objetivo de cocriar uma rede/plataforma de vivências de Educação OnLIFE Cidadã, a partir do protagonismo e inventividade de crianças e adolescentes⁷. Participam da rede, atualmente, crianças, adolescentes, professores, gestores e pesquisadores das regiões Sul e Nordeste do Brasil, além da recente conexão com Portugal, ampliando assim a rede de conexões.

As propostas desenvolvidas na ConectaKaT são co-criadas pelas crianças e adolescentes que integram a rede e que atuam como protagonistas dos seus processos de aprendizagem, participando desde a ideação e planejamento das ações, até o seu desenvolvimento. Os professores, gestores e pesquisadores, atuam propiciando espaços (híbridos, físicos e digitais) para que os encontros possam acontecer e realizam intervenções no decorrer do percurso, em um processo de co-criação com os KaTs⁸. É importante referir como os processos são realizados e as formas de participação dos integrantes da rede:

Todos os processos que acontecem dentro da rede se dão de forma democrática, característica que emergiu das crianças já nos primeiros encontros, em momentos de discussões e necessidade de tomada de decisão, nos quais os KaTs solicitaram que fosse realizada votação argumentada, ou seja, o voto precisaria vir acompanhado de uma argumentação. Assim, a rede foi se constituindo e tomando forma, a partir de uma proposta de organização que emergiu das interações entre as crianças e adolescentes, pais, professores e pesquisadores, realizadas nos primeiros encontros da sua criação (SCHUSTER, ROSA, SCHLEMMER, 2022, p. 110).

Da mesma forma, as práticas desenvolvidas na rede contam com a característica democrática e reticular, na qual todos trabalham em conjunto no desenvolvimento das ações da rede.

⁷ <http://conectakat.com/conectakat/>.

⁸ Denominação dada aos integrantes que fazem parte da rede.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Como provocador de ações, a rede conta elementos da gamificação, como narrativas, missões, desafios, puzzles, dentre outros que originaram a narrativa do TomKaT, um gatinho guerreiro explorador, vindo da KaTolândia, um planeta de gatos, que viaja com seu skate voador, sua mochila intergaláctica, seu novelo conectivo e seu super tablet.

Esta narrativa foi co-criada pelos KaTs e, a partir dela, foi desenvolvida a vivência de cidadania digital MOVEOnCibricity⁹ (SCHLEMMER, 2021), apresentada e vivenciada no I Festival Internacional de Cidadania Digital.

PERCURSO METODOLÓGICO: O PERCURSO DA AÇÃO

A pesquisa e ação apresentada neste artigo é orientada pelo Método Cartográfico de Pesquisa-Intervenção de Kastrup (2007, 2015), Passos, Kastrup e Escóssia (2015), Kastrup, Tedesco e Passos (2015), que é inspirado na cartografia de Deleuze e Guattari (1995).

Este método vem sendo estudado e desenvolvido nas pesquisas do GPe-dU, assim como tem sido apropriado e investigado como potencializador para o desenvolvimento de novas metodologias e práticas pedagógicas, devido à sua característica intervencionista de acompanhar processos (SCHLEMMER; LOPES, 2013).

A cartografia, inicialmente formulada por Deleuze e Guattari (1995), visa acompanhar a produção dos processos, sem estabelecer um caminho linear a ser seguido. Ela não visa regras definidas, nem objetiva alcançar metas pré-definidas. Desta forma, o percurso é orientado por pistas que Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p. 17) consideram como “o processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados”.

A partir do método cartográfico de pesquisa-intervenção, evidencia-se a indissociabilidade entre o fazer e o conhecer, visto que toda pesquisa configura-se como intervenção. Partindo desta compreensão, denota-se a importância do pesquisador mergulhar no campo de experiência, ficando imerso no território da pesquisa. A intervenção acontece quando o pesquisador, ao habitar o território da pesquisa, atua intervindo e comunicando suas interpretações. Esse processo de pesquisa-intervenção, possibilita um agenciamento entre sujeito e objeto em um mesmo plano de produção.

⁹ <http://conectakat.com/moveoncibricity/>



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Desse modo, compreende-se que o saber emerge do fazer, uma vez que o conhecimento é construído durante o percurso investigativo. Ou seja, investigar um percurso equivale a constituir esse caminho e constituir-se no caminho.

Para orientar este percurso investigativo, Passos, Kastrup e Escóssia (2015) elaboram pistas sobre o método. Dentre estas pistas, destaca-se o funcionamento da atenção do pesquisador-cartógrafo, que configura-se como uma importante pista para o delineamento da pesquisa, pois não baseia-se em uma mera seleção de informações, mas sim, na detecção de signos e forças circundantes que exigem do pesquisador-cartógrafo atenção flutuante, concentrada e aberta, caracterizando-se por quatro variedades do funcionamento atencional: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

Inicialmente, o pesquisador-cartógrafo parte de uma atenção aberta e desfocada, exercendo o rastreio, que configura-se como uma varredura/exploração de seu campo de investigação, não no sentido de uma simples busca de informações, mas com o objetivo de compreender processos em deslocamento, até que algo o toque.

O toque é caracterizado por uma sensação rápida que estimula o processo de seleção. Nesse momento, algo chama a atenção do pesquisador-cartógrafo e o faz entrar em estado de alerta, “através da atenção do toque, a cartografia procura assegurar o rigor do método sem abrir mão da imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento” (KASTRUP, 2015, p. 43).

O início do movimento do toque, nesta pesquisa, ocorreu durante a experiência da vivência de cidadania digital MOVEOnCibrity, que, por sua vez, estava vinculada à pesquisa de doutorado "NOS RASTROS DE ALGORITMOS NA CIDADE: cartografia do desenvolvimento do pensamento computacional na perspectiva da Educação OnLIFE" (MENEZES, 2022).

A vivência foi desenvolvida na perspectiva da co-criação entre os KaTs participantes do ConectaKaT, pais, professores e pesquisadores voluntários, e foi experienciada no 1º Festival Internacional de Cidadania Digital, organizado pelo Grupo Internacional de Pesquisas Atopos/USP em parceria com outras instituições e grupos de pesquisa do Brasil. A partir das



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

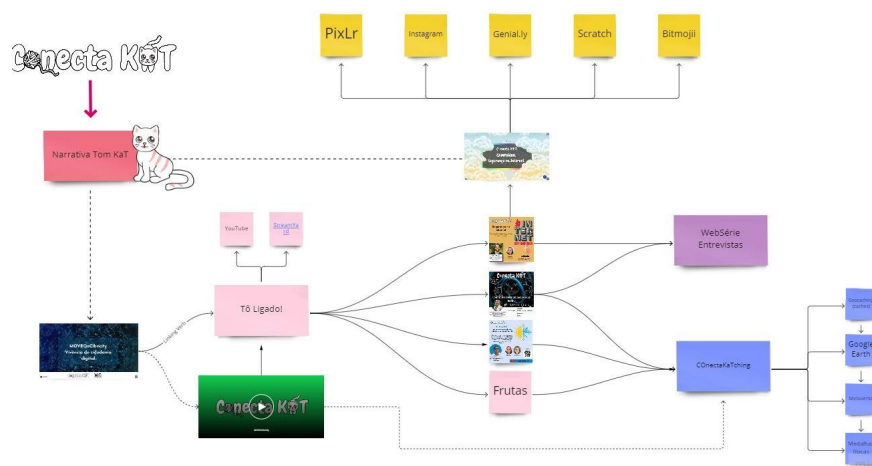
relações e conexões estabelecidas entre as missões dos KaTs, que povoam geograficamente diferentes estados do Brasil, criamos uma rede de conhecimento.

Esse movimento de produção coletiva e conectiva de conhecimento iniciava com conversas realizadas em momentos síncronos, Saturday Morning with TomKaT, os quais se prolongavam durante a semana, de forma assíncrona, num grupo criado no WhatsApp.

Destes encontros, na relação com a construção da rede construída no MOVEOnCibricity, muitas curiosidades emergiram, referentes às diferenças presentes em cada região do país, tais como: sotaque, animais, frutas e clima. De certa forma, esses momentos também funcionaram como um rastreio para os KaTs, sendo que em dado momento ocorreram alguns toques (sotaque, animais, frutas, clima...), sobre os quais se deu o pouso, no momento em que se constituíram enquanto interesse de pesquisa pelos KaTs.

Nesse contexto, depois dos KaTs realizarem uma pesquisa sobre o interesse em questão e compartilharem em rede suas descobertas, conversando sobre o assunto, pesquisadores-especialistas são convidados para auxiliar nas dúvidas e questões que emergiram no percurso. Assim, foi se delineando o quadro “Tô Ligado!” (SCHUSTER, ROSA, SCHLEMMER, 2022). Pela característica reticular que a rede possui, outras ações foram se ramificando como a WebSérie Entrevistas e a Campanha Segurança na Internet, conforme Figura 2, configurando reconhecimento atento.

Figura 2 - Fluxo das ações que emergiram no MOVEOnCibricity



Fonte: Arquivo da rede ConectaKaT, 2021.



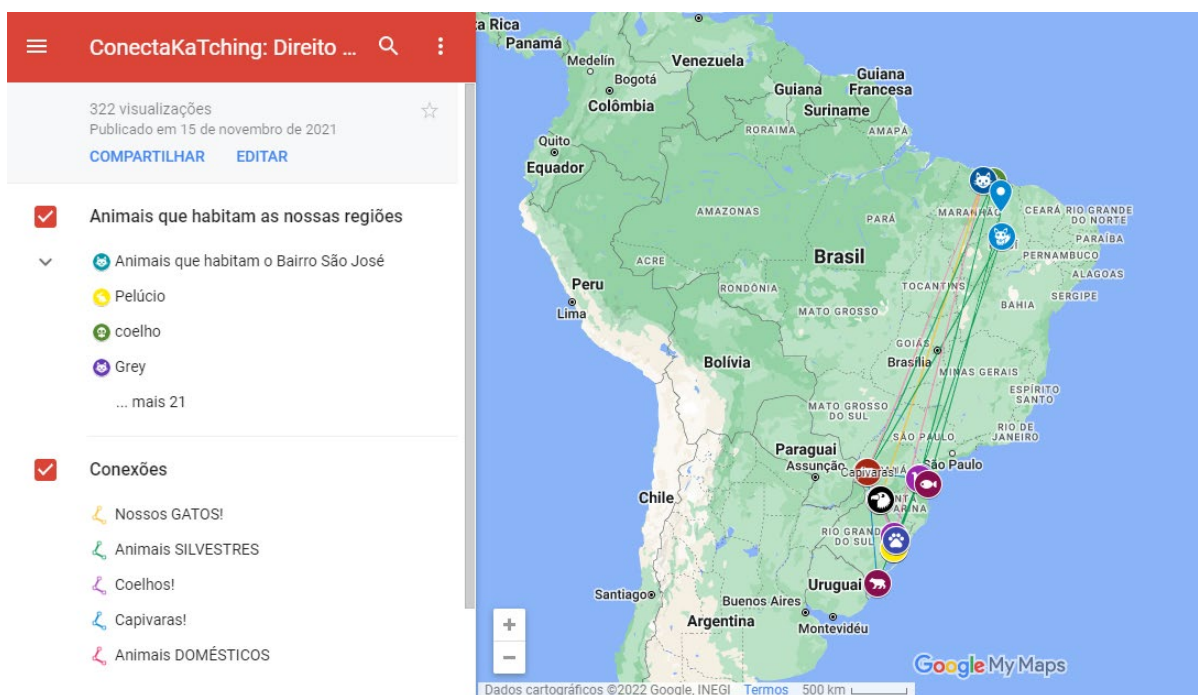
III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

O toque, no âmbito da pesquisa, se deu então quando no habitar destas ações emerge a necessidade de conectar os conhecimentos com as realidades das diferentes regiões do Brasil, numa perspectiva gamificada. Assim, nasce a ação ConectaKaTching, que em um primeiro momento consistiu em criar um mapa no Google Maps, colocando pontos nas respectivas regiões que os KaTs habitam geograficamente e no qual são identificados os animais que habitam cada região e, em um segundo momento, conectando-os de acordo com a espécie, habitat e características, conforme pode ser observado na Figura 3.

Figura 3 - ConectaKaTching



Fonte: Arquivo da rede ConectaKaT, 2021.

Uma vez que acontece o movimento de seleção, o terceiro movimento de atenção do cartógrafo, o pouso começa a se configurar, definindo um ponto específico da atenção. O pouso identifica-se então como uma percepção, caracterizando-se como uma parada sobre algo, em que é possível “dar um zoom” e observar de forma mais atenta.

Neste sentido, o território se reconfigurou e a atenção mudou de posição, migrando do desenvolvimento amplo das ações da ConectaKaT, para a análise sobre as possibilidades de co-



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

criação da ação ConectaKaTching, problematizando como as distâncias geográficas e a proximidade digital poderiam compor o desenvolvimento desta prática pedagógica.

Surgiram algumas pistas, como os jogos de Geocaching, GeoguessR e tecnologias como Google Earth e Metaverse, capazes de ampliar e aprofundar a experiência proporcionando a criação de um “metaverso do mundo real”. Esse conceito, segundo Schlemmer (2022), é apresentado pela Niantic em parceria com a Universal Pictures, e propõe a utilização da realidade aumentada, para imputar elementos digitais no mundo físico-geográfico, ampliando e potencializando as experiências do humano. Ou seja, no “metaverso do mundo real”, as interações são hibridizadas a partir de dispositivos móveis, sensores, sistemas de geolocalização, marcadores e wearables, o que permite ao humano ampliar sua experiência no mundo geográfico (SCHLEMMER, 2022).

Nesta linha, o GPe-dU vem desenvolvendo pesquisas com tecnologias de realidade aumentada desde 2014, com o Alternate Reality Game ARG “Fantasma no Museu” no museu de Ciência e Tecnologia da PUC/RS e com os Mobile-Ubiquitous-Pervasive Extended Reality Game - MUP-ERG “In Vino Veritas” (SCHLEMMER, CHAGAS, PORTAL, 2016) e “Ágora do Saber” (SCHLEMMER, et. al., 2018) em 2016 e 2017. E recentemente em 2022, com o desenvolvimento do CoVerso (SCHLEMMER, LEHNEMANN, SILVEIRA, THOMAZZONI, 2022).

O reconhecimento atento, quarto movimento/variedade atencional, guia a atenção do pesquisador-cartógrafo para observar o que está se passando no território investigado. Tem como característica uma atitude investigativa sobre o que lhe chamou atenção.

Assim, o pesquisador-cartógrafo realiza o mapeamento do território de investigação e produz o conhecimento no decorrer da pesquisa. Este conhecimento é essencial tratando-se de uma pesquisa que se desenvolve na perspectiva da co-criação e COMpartilhamento de práticas pedagógicas inventivas, que propiciem a autoria e protagonismo dos estudantes no contexto da ConectaKaT.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, a partir da compreensão de como a invenção, em ato conectivo, potencializa o desenvolvimento de práticas pedagógicas no contexto da Educação OnLIFE, é possível inferir com base no acompanhamento dos processos realizados e analisados até o momento, que a co-criação de práticas pedagógicas desenvolvidas na perspectiva da invenção de problemas, na relação com a problematização do tempo/mundo presente, proporciona o surgimento de temáticas importantes para o desenvolvimento da cidadania. Essas estão presentes no cotidiano das crianças e adolescentes, e foram evidenciadas por eles ao proporem a discussão sobre animais de rua, maus tratos com animais, ações para promover uma vida digna aos animais sem lar, a história dos animais que vivem em zoológicos e os fatores climáticos que podem influenciar no bem-estar dos animais.

A partir do acompanhamento do desenvolvimento das práticas pedagógicas que compuseram a ação ConectaKaTching, evidencia-se que os elementos do processo inventivo que proporcionam engajamento na co-criação de práticas pedagógicas envolvem o protagonismo dos participantes, a autoria e o coengendramento de TD. Essas, ao serem compreendidas enquanto forças ambientais, possibilitam para além da conexão, a ampliação das nossas formas de viver e conviver.

Compreende-se que a ConectaKaTching, enquanto prática pedagógica inventiva desenvolvida em co-criação, na Rede ConectaKaT, configurou-se como espaço propício para a invenção de problemas, fazendo emergir questões como: as relações que os animais que habitam a região sul tem com os animais que habitam a região nordeste; os diferentes nomes empregados para uma mesma espécie nas diferentes regiões do país; os animais que vivem apenas na região Sul, devido ao clima e a extensão continental do território brasileiro; os animais de estimação que possuem em comum; o cuidado e trabalho das ONGs com os animais de rua de ambas regiões do país.

As TD potencializam o desenvolvimento da prática, pois elas passam a ter protagonismo também nos processos de ensino e de aprendizagem, uma vez que possibilitam o acoplamento enquanto agenciamento entre as entidades humanas e não humanas em ato conectivo transorgânico.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Por fim, a gamificação presente nas ações e práticas da Rede ConectaKaT proporciona imersão e engajamento, assim como as tecnologias de realidade aumentada que potencializam as experiências e a dinâmica das conexões estabelecidas entre as realidades das crianças e adolescentes das diferentes regiões que compõem a ConectaKaT, evidenciando o que os aproxima e conecta, a partir das tecnologias, biodiversidades, lugares e instituições, na perspectiva da Educação OnLIFE.

REFERÊNCIAS

DI FELICE, Massimo. **A Cidadania Digital: A crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2020. 184 p. (Coleção Cidadania Digital).

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. São Paulo: Paulus, 2017. 288 p. (Coleção comunicação).

DI FELICE, Massimo. NET-ATIVISMO E ECOLOGIA DA AÇÃO EM CONTEXTOS RETICULARES. In: **Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura** - v.11 – n.02 – mai-ago 2013 – p. 267-283. ISSN: 18099386 2. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneapostcom/article/view/8235/6497>. Acesso em: 24 mar. 2022.

KASTRUP, Virgínia. A Aprendizagem da Atenção na Cognição Inventiva. In: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015a. p. 154-173.

KASTRUP, Virgínia. A Cognição Contemporânea e a Aprendizagem Inventiva. In: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015b. p. 91-110.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

SCHLEMMER, Eliane. A vida está ON. **Revista Educatrix**, ano 10. n. 21, 2021. p. 44 - 51. Disponível em: https://educatrix.moderna.com.br/a-vida-esta-on/?fbclid=IwAR2e_68FkTq1h27NNxvjsfkpij3viI9OGjBYINM_Fvmd4Lre5n0-VtwBnwY

SCHLEMMER, Eliane. Gamificação em espaços de convivência híbridos e multimodais: design e cognição em discussão. **Revista FAEEBA**, v. 23, p. 73-89, 2014.

SCHLEMMER, Eliane. Hibridismo, multimodalidade e nomadismo: codeterminação e coexistência para uma educação em contexto de ubiquidade. In: MILL, Danie Ribeiro Silva; PIMENTEL, Nara Maria. (Org.). **Qualidade na educação: convergências de sujeitos, conhecimentos, práticas e tecnologias**. 1. ed. São Carlos: EDUFCar, 2016a.

SCHLEMMER, Eliane. GAMIFICAÇÃO EM ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA HÍBRIDOS E MULTIMODAIS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR. **Relatório Técnico de Pesquisa**. Processo: 408336/2013-7. Chamada Pública: Chamada 43/2013 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. 2016b.

SCHLEMMER, Eliane. Games e Gamificação: uma alternativa aos modelos de EaD. **Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, v. 19, p. 1-12, 2016c. Disponível em: <http://revistas.uned.es/index.php/ried/article/view/15731>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SCHLEMMER, Eliane. PROJETOS DE APRENDIZAGEM GAMIFICADOS: Uma metodologia inventiva para a educação na cultura híbrida e multimodal. **MOMENTO - Diálogos em Educação**, v. 27, p. 41-69, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330206280_Projetos_de_aprendizagem_gamificados_uma_metodologia_inventiva_para_a_educacao_na_cultura_hibrida_e_multimodal. Acesso em: 11 jun. 2019.

SCHLEMMER, Eliane. Dossiê: Educação em contextos híbridos e multimodais. **Educação Unisinos** – v.23, n. 4, out-dez 2019.

SCHLEMMER, Eliane. Ecosistema de Inovação na Educação na cultura híbrida e multimodal. **Relatório de Pesquisa**. Porto, 2020a.

SCHLEMMER, Eliane. JOGOS e GAMIFICAÇÃO: Inventividade e Inovação na Educação? **Agrinho**, Curitiba, 2020b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/352826298_JOGOS_E_GAMIFICACAO_INVENTIVIDA_DE_E_INOVACAO_NA_EDUCACAO. Acesso em: 11 jul 2021.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

SCHLEMMER, Eliane. Série: Entrevistas. Educação em Destaque, 07 jan. 2022. **Podcast**. Disponível em:

https://open.spotify.com/episode/6njzOMK0kJeISU0pKizna4?si=egiCy3SgRmiTSuvrUyyR9w&utm_source=copy-link. Acesso em: 21 out. 2022.

SCHLEMMER, Eliane; CHAGAS, Wagner Santos; PORTAL, Cleber. IN VINO VERITAS: UM GAME PERVASIVO NA TERRA DO VINHO. In: SBGames 2016: XV Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital, 2016, São Paulo. **Anais do SBGames 2016**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Computação, 2016. v. 1. p. 1-7.

SCHLEMMER, Eliane; LEHNEMANN, Rodrigo de Medeiros; SILVEIRA, Clauê Souza; THOMAZZONI, Emanuele Schlemmer. COVerso: uma organização cooperativa para a Educação OnLIFE em Metaverso (Multiverso). In: **II Congresso Internacional de Educação Empreendedora e Cidadania 2022 (CiEECi 2022)**, 2022, Vila Nova de Gaia - Portugal. Educação Empreendedora e Cidadania: Construindo Pontos, Criando Futuros - Livro de Resumos. Lisboa: Theya Editores, 2022. v. 1. p. 109-110.

SCHLEMMER, Eliane; LOPES, Daniel Queiroz. Avaliação da aprendizagem em processos gamificados: desafios para apropriação do método cartográfico. In: ALVES, L.; COUTINHO, I. de J. (org.). **Jogos digitais e aprendizagem**. Campinas: Papyrus, 2016. v. 1. p. 179-208.

SCHLEMMER, Eliane; LOGES, Klaus; PORTAL, Cleber; NARDIN, I. F.; SILVEIRA, C. S.. Ágora do Saber: um game pervasivo sobre a cultura na cidade de Bento Gonçalves. In: 4º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning, 2018, Coimbra - Portugal. **Atas do 4º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning**. Coimbra - Portugal: CEIS20, 2018. v. 1. p. 303-310.

SCHLEMMER, Eliane; MOREIRA, José António. Ampliando conceitos para o paradigma de Educação Digital OnLIFE. **INTERACCOES**, v. 16, p. 103-122, 2020.

SCHLEMMER, Eliane; OLIVEIRA, Lisiane C.; MENEZES, Janaína. O habitar do ensinar e do aprender em tempos de pandemia e a virtualidade de uma Educação OnLIFE. **PRÁXIS EDUCACIONAL (ONLINE)**, v. 17, p. 1-25, 2021.

SCHUSTER, Bruna Elisa; ROSA, Gláucia Silva da; SCHLEMMER, Eliane. COnectaKaT: UMA REDE EM PROCESSO DE COCRIAÇÃO DE VIVÊNCIAS DE EDUCAÇÃO OnLIFE CIDADÃ. In: Eliane Schlemmer, Luciana Backes, Ana Maria Marques Palagi, Anibal Lopes Guedes. (Org.). **O HABITAR DO ENSINAR E DO APRENDER: DESAFIOS PARA/NA/DA EDUCAÇÃO OnLIFE**. 1ed. São Leopoldo: Casa Leiria, 2022, v. 1, p. 109-122.

SCHUSTER, Bruna Elisa; ROSA, Gláucia Silva da; SCHLEMMER, Eliane. TÔ LIGADO:



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Desenvolvimento sustentável em CO-criAÇÃO e COMpartilhAÇÃO. In: **Anais III RIEOnLIFE**, 2022 (no prelo).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Conversas Sobre Controle Social e Cidadania Digital: Os Usos da Metodologia de Grupo Focal Numa Reunião On-line.¹

Suzana GILIOLI²

Iara CRUZ³

Adriano CASTORINO⁴

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O acesso à informação pública é um direito de todos os cidadãos garantido pelo sistema jurídico brasileiro. Assim, o Estado tem o dever de garantir a todos o acesso à informação, de incentivar a participação e promover a inclusão social como princípio democrático. Nesse contexto, este trabalho apresenta os resultados da pesquisa realizada no Portal da Transparência da Prefeitura de Palmas com o objetivo de analisar sua capacidade de transmissão de informações como instrumento de comunicação e educação à população palmense. A metodologia utilizada pautou-se na abordagem qualitativa, conjugando as técnicas de análise de conteúdo, por meio do Grupo Focal e de análise documental. Os resultados apresentaram evidências comprobatórias das hipóteses formuladas nesta pesquisa em relação ao acesso ao portal somente por um público especializado.

Palavras-chave: Portal da Transparência. Grupo Focal. Palmas.

INTRODUÇÃO

Este texto é parte da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Gestão de Políticas Públicas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. No dia 12 de maio de 2021, às 14h05, foi realizada uma roda de conversa, por meio de um Grupo Focal (GF) on-line, pela plataforma *Google Meet*, com a participação de cinco atores sociais de Palmas – TO, garantindo a representatividade de diversos segmentos, a saber: um jornalista, um representante do Sindicato dos Servidores Municipais de Palmas, uma representante da Secretaria Municipal da Educação, uma representante da Ouvidoria Geral do Município de

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 2) Práticas de cidadania digital para se conectar com a Floresta Amazônica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Docente do Mestrado em Gestão de Políticas Públicas da UFT. Email: suzanagilioli@yahoo.com.br.

³ Mestre em Gestão de Políticas Públicas da UFT. Email: cruzdap@gmail.com.

⁴ Docente do Mestrado em Gestão de Políticas Públicas da UFT. Email: adrianoastorini@uft.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Palmas, e um representante da classe dos advogados, que também atua como professor universitário.

A necessidade de que o encontro se desse por meio de plataformas digitais se justificou pelo fato de o contexto ainda ser o da Pandemia de Covid-19. Além disso, como o tema também girava em torno do acesso às ferramentas de controle social, como é o Portal de Transparência do Município de Palmas, essa vinculação da mediação da conversa pela internet também se encaixava dentro dos objetivos do trabalho.

O GF foi realizado com o objetivo de dialogar sobre questões relacionadas à transparência pública, democracia, educação e participação popular. O fio condutor do diálogo foi o seguinte questionamento: o portal da transparência da Prefeitura de Palmas é eficaz como instrumento de educação e comunicação para a população palmense?

Para **preservar** a identidade do grupo, cada um dos cinco participantes recebeu nomes de conceitos importantes à pesquisa para efeito de registro, a saber: P1 = Democracia; P2 = Transparência; P3 = Comunicação Pública; P4 = Participação Popular; e P5 = Controle Social.

Aspectos Metodológicos

Com o intuito de analisar a eficácia do Portal da Transparência da Prefeitura de Palmas quanto à sua capacidade de transmissão de informações como instrumento de comunicação e educação à população palmense adotou-se a abordagem qualitativa. Esta abordagem se mostra adequada para o entendimento, descrição e explicação dos fenômenos dessa natureza, por meio de análise de experiências individuais ou grupais, pela observação em campo *in loco* ou de documentos (LAKATOS; MARCONI, 1991).

Dentro da abordagem qualitativa, foi utilizada a análise de conteúdo, que se trata de um conjunto de instrumentos metodológicos, aplicado aos discursos com o intuito de realizar deduções a respeito das mensagens. A técnica proposta por Bardin (2006) é composta por três fases, a saber: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2006).

Seguindo a proposta de Bardin (2006) na primeira etapa da pesquisa, denominada pré-análise, foi feita uma ampla revisão de literatura sobre o tema, por meio de: (i) leitura flutuante (quando o pesquisador toma conhecimento do texto); (ii) seleção do material analisado; (iii)



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

formulação de hipóteses e objetivos (afirmações provisórias, que o pesquisador se propõe a verificar). Para a seleção dos documentos foram adotados os seguintes critérios: representatividade (os documentos selecionados devem conter informações que representem o universo a ser pesquisado); homogeneidade (os dados devem referir-se ao mesmo tema); pertinência: os documentos precisam ser condizentes aos objetivos da pesquisa. (BARDIN, 2006).

Na segunda e terceira etapas da técnica proposta de Bardin (2006) foi feita a exploração do material, com uma leitura acurada, e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesta etapa foram realizadas a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; sendo, portanto, o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2006).

A pesquisa também pode ser caracterizada como do tipo descritiva, pois teve o propósito de analisar, com maior precisão possível, fatos ou fenômenos em sua natureza e características, procurando observar, registrar e analisar suas relações, conexões e interferências (THIOLENT, 2009).

Com base nestes conceitos, para a coleta de dados foram combinadas técnicas de análise documental e do grupo focal (GF). A análise documental também denominada de pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica, mas difere pela natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Nem sempre fica clara a distinção entre a pesquisa bibliográfica e a documental, já que, boa parte das fontes usualmente consultada nas pesquisas documentais, tais como jornais, boletins, legislações e folhetos, também pode ser tratada como fontes bibliográficas ou bibliografia cinzenta (GIL, 2002, p.25).

Quanto ao Grupo Focal (GF), trata-se de uma técnica adequada à abordagem qualitativa, de origem anglo-saxônica, que começou a ser aplicada a partir de 1940. Ela é usada quando o pesquisador,

...procura apreender concepções e percepções das pessoas sobre determinado



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

assunto ou tema. Estas concepções e percepções são obtidas em interação discursiva com um grupo de pessoas desconhecidas, mas com perfil determinado e por um tempo preestabelecido, sob moderação de um pesquisador (ALMEIDA, 2012, p.13).

Desse modo, o grupo contou com a participação de cinco pessoas, garantindo a representatividade de diversos segmentos da comunidade local: um representante da imprensa local; um representante do Sindicato dos Servidores Municipais; uma representante da Ouvidoria Geral do Município, uma professora de Ensino Fundamental, representante da Secretaria Municipal de Educação e um representante da classe dos advogados.

O objetivo da realização deste GF foi conhecer e compartilhar a leitura individual, de cada um dos participantes, sobre as informações disponibilizadas no Portal da Transparência.

Dialogando sobre transparência pública

Inicialmente, foi explicada a metodologia utilizada, destacando a importância de conhecer a leitura individual de cada convidado/a sobre os temas apresentados. Em seguida, cada convidado/a apresentou sua visão sobre o que considera ser democracia na prática.

Posteriormente, foram debatidas as seguintes questões: a) quais elementos poderiam fazer a gestão pública mais democrática? b) como a transparência poderia ser um instrumento de gestão e participação democrática? A educação e a comunicação poderiam ser alternativas para que a gestão fosse mais transparente e democrática? Como a prestação de contas dos gestores públicos poderia ser feita de forma a incentivar o cidadão a participar? O portal da transparência da Prefeitura de Palmas atende às demandas de acesso à informação da população palmense?

Para responder a esta última pergunta, foi proposto a cada participante que, antes da realização do GF, buscasse no portal da transparência da Prefeitura de Palmas alguma informação do interesse de cada um, observando a facilidade de acesso, a qualidade e a clareza da informação. Após o relato da experiência de acesso feito por cada convidado/a, foram feitas as considerações finais. O encontro foi encerrado às 15h50, sendo, portanto, cerca de duas horas de diálogo.

Nesta pesquisa, foram levantadas as seguintes hipóteses sobre o portal da transparência



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

da Prefeitura de Palmas: a) há pouco interesse da população, no sentido geral, em acompanhar as informações disponíveis no referido portal; b) o portal somente é consultado para atender demandas específicas de um público igualmente específico, como jornalistas e servidores/as com demandas na área da gestão pública.

Oliveira (2004) destaca que o conceito mínimo de democracia pressupõe que os cidadãos estejam aptos para usar as regras de participação democrática e que os mecanismos institucionais de representação sejam efetivamente democráticos. Ao debater este tema, observou-se que houve consenso entre os cinco participantes no sentido de que a prática dos valores democráticos precisa avançar, principalmente no sentido de participação conforme assinalado por Oliveira (2004). Esta inclusive é a percepção de duas representantes da gestão pública municipal, conforme observa-se na fala da Participante 1, denominada neste trabalho de Democracia.

Na prática gostaríamos de ter avançado mais, porém ainda estamos muito aquém dessa realidade, principalmente em relação à política nacional, em especial nas áreas da educação e saúde, nesse momento pandêmico. “A democracia na prática ainda é algo com que sonhamos e idealizamos, mas em uma instância menor, ou seja, em se tratando do município de Palmas, mesmo que ainda longe do ideal, estamos avançando, falo não somente como gestora, mas principalmente como educadora” (DEMOCRACIA, 2021).

Aqui, nota-se que há o reconhecimento de que a prática democrática ainda permanece como um ideal a ser atingido, inclusive dentro da gestão municipal, ainda que a participante destaque que, em seu entendimento, tem havido avanço. Em se tratando da política nacional, no entanto, a expressão utilizada é “muito aquém”, o que denota a ideia de abaixo do esperado.

Ainda dentro deste tema, corrobora com esta visão e traz novos elementos ao debate o Participante 4, denominado neste trabalho como Participação Popular. “Como se tem participação se o cidadão sequer entende o que está publicado ali? Mas o grande retrocesso democrático está maior em relação à política nacional, com uma gestão ditatorial” (PARTICIPAÇÃO POPULAR, 2021).

Observa-se que este participante compartilha da visão apresentada pela Participante 1 no sentido de que na gestão pública a prática não coaduna com o conceito teórico de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

democracia. Nota-se também consenso em relação à política nacional, descrita como “retrocesso democrático”. No entanto, este participante apresenta um novo elemento ao debate que, segundo assinala, interfere diretamente em uma gestão democrática e participativa. Trata-se do rigor técnico dos portais da transparência, que dificulta o acesso à informação e à participação popular.

Aqui é importante ressaltar que, conforme destacou Gomes (2018), a informação pública e acessível ao cidadão se tornou um operador estratégico dos processos democráticos, à medida que estabelece mecanismos e canais, que podem e devem dar voz ao cidadão. Assim, essas plataformas tecnológicas deveriam servir para a construção de sociedades mais democráticas e menos excludentes.

Ao dialogar sobre quais elementos poderiam tornar uma gestão pública mais participativa, a expressão “investimento em educação de qualidade” foi recorrente em todas as falas. O Participante 3, a quem denominamos de Comunicação Pública, destacou que para que haja participação social é necessário investir na formação de um cidadão crítico e cômico de seus direitos e deveres, por meio de uma educação de qualidade.

“Não adianta ter políticas de fomento ao controle social se não tivermos um cidadão crítico. E a gestão pública tem um grande papel na formação desse cidadão ao oferecer-lhe uma educação de qualidade, inclusiva, e acessível a todos. Essa educação não se trata apenas daquela que se refere às disciplinas curriculares, mas algo mais amplo que inclui questões sociais, políticas, inclusive políticas partidárias e suas ideologias. Um desses instrumentos de participação é o próprio portal da transparência que é muito pouco utilizado porque as pessoas não sabem de sua importância como ferramenta de participação e controle social” (COMUNICAÇÃO PÚBLICA, 2021).

É neste sentido que o pensamento de Paulo Freire (1983) defende a importância da educação para gerar compreensão crítica da realidade. A educação seria, portanto, um caminho para a democratização da sociedade, uma educação que possibilite também a leitura do mundo (FREIRE, 1983).

“Uma educação básica de qualidade é essencial ao cidadão e aliada à garantia desse direito é importante destacar o papel das políticas de comunicação informando o cidadão sobre



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

como e onde estão disponíveis a informação que ele deseja e tem direito. A comunicação pública, por meio de outros canais como mídia espontânea e comunicação interna, também é um instrumento para uma gestão mais democrática” (TRANSPARÊNCIA PÚBLICA, 2021 – grifo nosso).

Aqui é importante revisitar o conceito de comunicação pública delimitado neste trabalho como sendo aquele relacionado à defesa dos interesses públicos e que possui natureza emancipatória e de mudança das relações entre a sociedade e o Estado. Trata-se de uma comunicação inclusiva, que propicia o diálogo da sociedade com entes governamentais num sentido horizontal e inclusivo (ESCUDEIRO, 2015).

PARTICIPAÇÃO SOCIAL E CIDADANIA DIGITAL

Para que houvesse um aprofundamento da conversa, os/as participantes foram convidados/as a falar sobre como a transparência poderia ser um instrumento de gestão e participação democrática. Nesse sentido, também houve como premissa metodológica uma concepção de cidadania digital. Como esse é um conceito ainda dentro de uma noção de direitos digitais, portanto, bem recente na sociedade, é importante ter cuidado com o seu uso. Por isso, tanto o conceito de participação quanto o de cidadania, neste caso aqui, estão intrinsecamente relacionados com o contexto digital.

Sobre esta questão o Participante 5, denominado neste trabalho como **CONTROLE SOCIAL**, destacou alguns dispositivos legais que determinam a prática da transparência pública.

No Brasil tem a LEI Nº 12.527, DE 18 DE NOVEMBRO DE 2011, aliada ao artigo 37 da Constituição Federal de 1988, fala da transparência, assim, tanto a legislação complementar quanto à CF determinam a necessidade da transparência como controle de gestão e, também, dão apoio para o que chamamos de controle social, que é quando a população participa do controle da administração. “E a transparência nesse caso é o acesso da população às informações, sendo fundamental para a pressão popular na ótica do Estado democrático de direito para mudar as políticas públicas ou para ajudar o governo na formulação de políticas públicas, isso em governos democráticos, que respeitam a Constituição” (CONTROLE SOCIAL, 2021).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Observa-se que na avaliação do Participante 5, descrita acima, surge um novo elemento diretamente ligado à transparência que é o controle social. Para a Controladoria-Geral da União (CGU, 2012), este controle pressupõe a efetiva participação da sociedade, não só na fiscalização da aplicação dos recursos públicos como também na formulação e no acompanhamento da implementação de políticas.

Já o Participante 4 destacou, mais uma vez, a necessidade de que os portais da transparência sejam de fácil acesso e compreensão à população. “Ter a transparência como objetivo deveria ser a meta de todo gestor público, na prática, porém, sabemos que não é assim. Os portais da transparência, por exemplo, normalmente não são acessíveis pois, possuem muitos dados técnicos, e muitos caminhos a percorrer até a informação. É um caminho que não é todo cidadão que está disposto a percorrê-lo” (PARTICIPAÇÃO POPULAR, 2021).

Essa avaliação reitera o pensamento de diversos pesquisadores da área, como Bittencourt e Manfio (2019). Segundo esses autores, para que exista transparência as informações disponíveis nos portais devem ser facilmente acessíveis e inteligíveis, ou seja, precisam ser facilmente compreendidas por quem as acessa. Já Silva (2009) destaca que esses portais devem ser facilmente acessados por qualquer pessoa de qualquer lugar, e neles devem conter a oferta de serviços públicos e a prestação de contas públicas, por meio de consultas, como canal de comunicação em larga escala, de baixo custo e variadas funcionalidades.

Como confirmação das hipóteses formuladas nesta pesquisa de que o portal seria pouco consultado, e quando consultado é apenas em casos específicos e por grupos específicos, é essencial descrever aqui a avaliação da Participante 2, que recebeu o nome neste trabalho de TRANSPARÊNCIA PÚBLICA.

“Analiso os relatórios do e-Sic e percebo que quando algum questionamento é feito, é sempre de forma muito técnica o que demonstra ser feito por pessoas especialistas no assunto [...] então, até o modo de questionar é muito técnico, não é feito por um cidadão comum. O cidadão comum não demonstra esse interesse. Infelizmente, os questionamentos só são feitos por pessoas que têm um interesse maior, mas sempre por pessoas que entendem do assunto e este é um público muito reduzido” (TRANSPARÊNCIA PÚBLICA, 2021).

Aqui criou-se um ponto de divergência, quando o Participante 3 discordou



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

veementemente dessa avaliação em relação à falta de participação do cidadão, como se observa a seguir: “Não podemos penalizar ou culpabilizar o cidadão por sua falta de participação. O cidadão é vítima de um sistema macro que não o prepara com uma educação qualificada, que não o prepara para a criticidade. Em qual escola tivemos a oportunidade de discutir sobre o que é um portal da transparência? Não temos esse tipo de formação cidadã, não somos preparados para esta participação popular. Não é uma questão cultural, não é causa, mas consequência de toda uma fragilidade na formação cidadã” (COMUNICAÇÃO PÚBLICA, 2021).

Ainda durante a roda de conversa, aqui concebida como Grupo Focal, os/as participantes puderam relatar como se deu a experiência de acesso de cada um/a ao Portal da Transparência da Prefeitura de Palmas, como proposto para que esta conversa lograsse o êxito.

A participante 1 ressaltou que acessa com frequência o portal e que raras vezes ocorreu de não encontrar a informação desejada, e destacou como um quesito exitoso do portal o link Covid, que, segundo avalia, é de fácil acesso, atualizado e completo.

Para a Participante 2, também representante da gestão municipal, o portal da Transparência da Prefeitura de Palmas é “muito satisfatório, mas tem que melhorar”. Aqui nota-se uma contradição na própria avaliação da participante, que ao mesmo tempo em que usa o advérbio de intensidade “muito” para potencializar, intensificar o adjetivo “satisfatório”, utiliza a conjunção adversativa “mas” para destacar que precisa melhorar, denotando um paradoxo na avaliação.

Ela também corrobora com o pensamento da Participante 1 de que a atual gestão se destaca em transparência pública e reconhece que as informações nem sempre são disponibilizadas em tempo real, devido a questões administrativas internas, mas acrescenta que são pontos que já estão sendo trabalhados pela gestão.

Já o Participante 3 demonstrou insatisfação com o modelo atual do portal da Transparência da Prefeitura de Palmas. Para ele, quem não tem nenhuma familiaridade com o portal terá muita dificuldade em encontrar o que precisa. Ele ressaltou que durante seu exercício de navegação pelo portal conseguiu encontrar o que buscava porque já tem o hábito de consultar o portal rotineiramente, mas enfatizou que o modelo atual não favorece a acessibilidade. Ainda segundo ele, as informações não são disponibilizadas em tempo real, conforme preconiza a lei,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

e a quantidade de abas dificulta a navegação.

“Se você acessar a folha de pagamento do município, por exemplo, o sistema vai abrir muitas abas e isso confunde a navegação. A ferramenta de busca também precisa ser melhorada, pois apresenta diversas buscas dentro da própria busca” (COMUNICAÇÃO PÚBLICA, 2021).

O Participante 4, identificado como Participação Popular, pontuou que há itens simples e complexos, quando na verdade deveria apresentar simplicidade em toda a plataforma. Destacou como fácil acesso a aba sobre gastos com pessoal, mas a aba referente a pagamentos e despesas avaliou como complexas e de difícil compreensão.

Como fator positivo, destacou que conseguiu acessar o portal pelo celular, o que ajuda a ampliar o alcance da informação.

Aqui é importante retomar a diferença entre informação e comunicação, cujos conceitos estão implícitos na avaliação do participante acima. Conforme Gomes (2018), a informação comparece na forma de dados, um esquema informacional. Já a comunicação implica entendimento, compreensão, relação dialógica. Assim, não basta ao portal ser apenas um repositório de informações, mas é preciso que se compreenda o seu conteúdo para que se possa haver de fato participação (BITTENCOURT e MANFIO, 2019).

O Participante 5, identificado neste trabalho como Controle Social, também ressaltou que a navegação pode ficar comprometida pela quantidade de abas que o sistema apresenta no momento da busca. No entanto, destaca que, em relação aos demais municípios tocantinenses com os quais teve contato, o portal da Transparência da Prefeitura de Palmas está, a seu ver, acima da média.

Durante o relato das experiências de acesso, nenhum participante observou se o Portal da Transparência adota as medidas necessárias para garantir a acessibilidade de conteúdo para pessoas com deficiência, conforme preconiza a Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

COMUNICAÇÃO E CIDADANIA DIGITAL

Conforme destacado ao longo deste trabalho, a legislação brasileira determina que é dever dos atores governamentais garantir o acesso à informação, por meio de uma comunicação inclusiva e acessível à sociedade, que inclui uma diversidade de públicos, a exemplo das



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

peças com pouco letramento e pessoas com algum tipo de deficiência ou limitação. Nesta perspectiva, urge promover a acessibilidade de toda população palmense às informações públicas disponíveis no Portal da Transparência da Prefeitura de Palmas para que este funcione como ferramenta de comunicação e educação.

Para que se compreenda a urgência da inclusão digital torna-se imperativo desconstruir a ideia de que a acessibilidade se restringe somente aos espaços físicos. O conceito de acessibilidade, conforme a Lei 10.098/2000, em seu artigo 2º, refere-se à possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias.

É importante também reiterar que grande parte da comunidade surda não consegue ler e interpretar textos em língua portuguesa, conforme aponta Silva (2015). “No Brasil, o surdo encontra barreiras para o acesso à informação, à comunicação e à interação, pois, normalmente, a informação é transmitida em português e muitos não possuem domínio desta língua” (SILVA, 2015, p. 6).

A Lei Nº 10.436/2002, em seu artigo 1º, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como sistema linguístico natural dos surdos, enquanto meio oficial de comunicação e expressão do pensamento.

Diante disso, observa-se que existe uma lacuna sociocultural no Portal da Transparência, por isso torna-se urgente o desenvolvimento de um sítio mais inclusivo, que garanta a todos e todas, indistintamente, o acesso à informação clara e transparente e ao exercício pleno da cidadania. Aqui, como está na cartilha da Câmara do Deputados, encarte do site Plenarinho, o conceito de cidadania digital pressupõe tudo aquilo que é relativo ao modo de existir no meio digital. Nesta cartilha digital, por exemplo, cuja linguagem se destina às crianças, as várias explicações dos termos sociológicos e jurídicos tomam uma acepção bem mais comum.

Por isso, como forma de mitigar o problema da desigualdade social no que se refere ao acesso à informação, um dos principais instrumentos de controle social do município de Palmas, o Portal da Transparência, poderia se tornar mais inclusivo e democrático se adotasse as seguintes estratégias de comunicação: a) veiculação de conteúdo do portal em formato de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

podcast; b) transmissão de informações também em Língua Brasileira de Sinais (Libras), além de tentar ser cada vez mais próximo do cotidiano das pessoas.

A escolha do podcast como mídia a ser utilizada no portal se deve principalmente ao fato de ser uma mídia de simples implantação e grande alcance. O podcast pode ser definido como uma produção de áudio que difere do rádio tradicional pela maior facilidade de acesso e produção de conteúdo.

Trata-se de um meio de publicação de programas informativos de áudio na internet, de forma gratuita, cujo conteúdo pode ser ouvido on-line a qualquer momento, pois sua veiculação não é feita em tempo real. Isso permite ao usuário gravar ou acessar conteúdos sempre que desejar, diferentemente de uma rádio comercial ou comunitária, além de poder ser baixado como qualquer outro arquivo, clicando-se em um link postado em site ou blog (FREIRE, 2011).

A partir de um viés educativo inclusivo, podemos dizer que o podcast consiste em um modo de produção/disseminação de conteúdos focados na reprodução de oralidade, distribuídos sob demanda na forma de episódios, acessíveis via download direto ou assinatura de conteúdo, para utilização em tempos e locais à escolha dos usuários (FREIRE, 2011, p. 08, grifo nosso).

No entanto, para Freire (2011), as definições conceituais técnicas de podcast não contemplam os diversos modos de uso dessa tecnologia e nem comportam seu potencial na perspectiva do elemento humano. Para ele, definições de tecnologias baseadas somente em critérios técnicos não dão conta de todo potencial informativo e educativo desses meios tecnológicos.

Por se aproximar muito da linguagem do rádio, essa modalidade de mídia certamente alcançará um público diverso e em maior número, de todas as faixas etárias, que terão uma facilidade maior de entendimento das informações governamentais por meio da oralidade. A possibilidade de ouvir os informes quantas vezes o cidadão desejar amplia a capacidade de compreensão das informações disponíveis no portal. Além do uso de podcasts no portal da transparência sobre temas referentes à educação fiscal, propomos que estes mesmos conteúdos estejam disponíveis no portal em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Nesta mesma perspectiva de inclusão social e acessibilidade, reforça-se que é dever dos atores governamentais promover a inclusão de pessoas com deficiência ou algum tipo de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

limitação, conforme Decreto Nº 5.296/2004, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade. Como vimos anteriormente, há ainda outros dispositivos legais que asseguram à comunidade surda condições socioculturais de inclusão na sociedade, a exemplo da Lei nº 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Pesquisas demonstram que o número de usuários, bem como o de acesso à rede mundial de computadores cresce significativamente, porém de maneira desigual entre os brasileiros. Assim, quanto maior for a acessibilidade na web, no que se refere às condições de uso e facilitadores, maior será a produção e troca de conteúdos, possibilitando que toda a população tenha acesso à internet, com autonomia independentemente de suas limitações físicas (OLIVEIRA; CRUZ, 2017; MAGALHÃES, 2014).

Diante disso, propomos a inserção de ferramenta de tradução automática do português para a Libras, no Portal da Transparência da Prefeitura de Palmas. Nesse sentido, há atualmente uma política pública digital do governo federal, cujo aplicativo é distribuído gratuitamente para que todos os entes públicos possam usufruir da ferramenta. Trata-se do programa VLibras, que é um conjunto de ferramentas computacionais de código aberto, que traduz conteúdos digitais (texto, áudio e vídeo) para a Língua Brasileira de Sinais - tornando computadores, celulares e plataformas web acessíveis para pessoas surdas (Fonte: VLibras.gov.br).

Além das estratégias acima mencionadas, vislumbra-se ainda outras possibilidades que podem ampliar ainda mais o alcance da informação e aproximar o cidadão da administração. A exemplo da realização de campanhas de comunicação incluindo, além das mídias digitais, inserção de conteúdo institucional sobre o portal da transparência em mídias mais tradicionais, como placas, outdoors, murais, informes impressos e em programações de rádios e televisões que operam no município de Palmas.

Por meio desses canais de comunicação, a Prefeitura poderia divulgar informações não somente sobre a importância do Portal da Transparência, mas também informes semanais de prestação de contas. Essa presença do Portal de Transparência no dia a dia das pessoas não só contribui para a familiarização com esta ferramenta, mas também fomenta um interesse contínuo pela educação fiscal e o controle social.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Assim, acredita-se que a adoção dessas estratégias facilitadoras já mencionadas poderá contribuir para que o Portal da Transparência do município de Palmas seja um instrumento de comunicação e educação, promovendo a participação popular e o exercício da cidadania. É importante destacar que não se pretende aqui redimir plenamente essa plataforma, mas apenas iniciar um processo mais democrático de acesso à informação, que busque alcançar toda pluralidade de públicos que formam o conjunto social da capital tocantinense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia do Grupo Focal, mediado por aplicativos digitais de conversas cujo tema é justamente a participação das pessoas, representa uma intersecção de fatores. De um lado, a própria ideia de reunir pessoas, com diferentes formações e histórias de vida, numa conversa voluntária sobre um determinado tema, já é um avanço dialógico. De outro, o tema desta conversa sendo os usos que estas pessoas fazem das ferramentas digitais, de comunicação e informação, para exercerem a cidadania.

Assim, ao longo da roda de conversa, uma roda on-line, por assim dizer, além do prazer da conversa, do alto nível dos argumentos, do contraditório, das divergências conceituais, foi ficando cada vez mais evidente que o contexto de Pandemia da Covid – 19 traria mudanças profundas nas sociabilidades. Uma destas mudanças, que interessa mais ao trabalho aqui, é o uso das ferramentas digitais para o exercício do controle público, para o exercício da participação social.

Isso significa que a noção de cidadania, um conceito sociológico que foi cunhado no advento do estado como regulador da vida em sociedade, passa agora a ter mais um adendo: a cidadania digital. Esta, como a sua antecessora, se faz também com regras éticas e com participação ativa. Por isso, à medida que mais pessoas possam acessar o Portal da Transparência isso também significa, além de mais controle social, um exercício de cidadania. Um ponto que pôde-se perceber foi a utilização do Portal em especial por um público mais especializado, o que pode ser enumerado como uma oportunidade de melhoria.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. Sesc. São Paulo: CEBRAP, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARNETT, S. New Media, Old Problems: new technology and the political process. **European Journal of Communication**. v. 12, n. 22, 1997, p.193-218.

BITTENCOURT, C.; MANFIO, V. M. **Informação, Transparência e Controle Social no Estado Democrático de Direito**. 2019. Texto disponível em:
<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/19545>.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição Federal do Brasil. Brasil, DF: Senado, 1988.
BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 18 nov. 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **CIDADANIA DIGITAL**. Disponível em:
<https://plenarinho.leg.br/index.php/2020/08/o-que-e-cidadania-digital/>. Acesso em: 18 out. 2020.

CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO (CGU). **Aplicação da Lei de Acesso à Informação na Administração Pública Federal**. 4º ed. Brasília: CGU, 2012.

ESCUDEIRO, Regina. **Comunicação pública, a voz do cidadão na esfera pública**. São Paulo: Editora Appris, 2015.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, W. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Revista Fronteiras**, 2005, p. 214-222.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAGALHÃES, Roberto; PEREIRA, José Roberto. **Lei de Acesso à Informação: em busca da transparência e do combate à corrupção**. 2014. Texto disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/13520> Acesso em: 10 de maio de 2021.

OLIVEIRA, Maria José Costa (org). **Comunicação Pública**. Campinas (SP): Editora Alínea, 2004.

OLIVEIRA, R. C. **O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia, vol. 39, 2017.

PETERS, B. G. **American Public Policy**. Chatham, N.J.: Chatham House. 1986. Acesso em: 13 jun. 2020.

SILVA, L.M. **Contabilidade governamental: um enfoque administrativo**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação nas Organizações**. Rio de Janeiro (RJ): Editora Atlas, 2009.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**Ética e Tradução de Mundos: A Dimensão do Outro a Partir de Comunicadores
Indígenas¹**

Lara Linhalis GUIMARÃES²

Ana Garcia de MIRANDA³

Gabriela Lopes GOMES⁴

Jonathan Robert Viana da SILVA⁵

Leiriane Santana da SILVA⁶

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

Resumo

A ideia aqui é migrar de epistemologias ocidentais para pensar as traduções de mundos postas em movimento nos processos comunicativos contemporâneos, a fim de auscultar novas camadas constituintes nas relações com a diferença. Para essa “virada ontológica”, acionamos especialmente a cosmovisão dos povos indígenas amazônicos, em muito através da teoria do perspectivismo ameríndio e da ideia de equívoco (VIVEIROS DE CASTRO, 2002); dos escritos de Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019) e Aparecida Villaça (2000); da ideia de uma comunicação pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2014) e, por fim, do experimento conceitual jornalismo de perspectivas (GUIMARÃES, 2016). A fim de cartografar algumas dessas experiências com a diferença, realizamos a primeira temporada do Podcast Parabolicamará, um espaço de produção de conhecimento sobre os processos comunicativos a partir da cosmovisão de povos originários do Brasil. Esta proposta de pesquisa, com este recorte, se insere dentro de um campo maior de investigação, desenvolvido no âmbito do Observatório Jornalismo(S), sobre tecnologias ancestrais de comunicação, como o xamanismo; e iniciativas em comunicação midiática desenvolvidas por indígenas, especialmente aquelas que buscam “inventar” (WAGNER, 2010) um outro jornalismo possível.

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 5) Jornalismo possíveis: ecologia de traduções de mundos do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ. Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa “Quintais: cultura da mídia, arte e política” (Dejor-UFOP) e “Núcleo de Jornalismo e Audiovisual” (PPGCom-UFJF); e do Observatório Jornalismo(S). Email: lara.guimaraes@ufop.edu.br.

³ Bacharel em Jornalismo pela UFOP. Pesquisadora colaboradora do Observatório Jornalismo(S). Email: anagmiranda97@gmail.com.

⁴ Bacharel em Jornalismo pela UFOP. Pesquisadora colaboradora do Observatório Jornalismo(S). Email: lopes.gabrielagomes@gmail.com.

⁵ Graduando em Jornalismo pela UFOP. Bolsista de Iniciação Científica (FAPEMIG). Email: jonathan.robert1670@gmail.com.

⁶ Graduanda em Jornalismo pela UFOP. Pesquisadora colaboradora do Observatório Jornalismo(S). Email: leiriane.silva@aluno.ufop.edu.br.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Palavras-chave: comunicação; ética; cuidado; povos indígenas; virada ontológica

Introdução

Esta pesquisa se insere no âmbito do Observatório Jornalismo(S) (Dejor-UFOP): um espaço desterritorializado de partilha de saberes sobre jornalisismos possíveis, mundos possíveis coordenado pelos pesquisadores Lara Linhalis Guimarães e Evandro Medeiros Laia, vinculado ao Grupo de Pesquisa “Quintais: cultura da mídia, arte e política”. É onde lançamo-nos a imaginar jornalisismos que traduzam mundos, sobretudo, a partir do encontro com a diferença, um manancial de ideias muito particular. Instaure-se, nesse sentido, no âmbito do que convencionou-se chamar de “virada ontológica”, especialmente a partir do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2015). É dele a advertência, que tomamos aqui como máxima, de que “temos a obrigação de levar absolutamente a sério o que dizem (...) os índios e todos os demais povos ‘menores’ do planeta, as minorias extranacionais que ainda resistem à total dissolução pelo liquidificador modernizante do Ocidente” (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 15).

A hipótese central é que comunicadores indígenas, ou seja, aqueles que comunicam mundos, traduzem mundos, a partir de tecnologias de comunicação ancestrais - como o xamanismo - e/ou contemporâneas - como as redes sociais digitais - nos dão pistas do que “significa tornar-se outro” (VILLAÇA, 2000), já que, em suas traduções de mundos, estão, em tese, mais dispostos que nós, comunicadores brancos e brancas, a investir em deslocamentos de perspectivas. Isso em razão da própria cosmovisão a partir da qual são geridas suas naturezas “em variabilidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Esses deslocamentos, cabe ressaltar, assim como a dimensão da ética (preocupação com o outro), não se restringem ao que convencionamos chamar de humanidade, baseados numa concepção moderna ocidental da coisa. O outro (ou, a diferença) implicado em um dilema ético é ampliado a uma quantidade sem nome de seres, os quais fazem parte de uma espécie de “humanidade moral”. Por fim, parece-nos que comunicadores indígenas estariam mais aptos a comunicar pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2014) e exercitar um jornalismo de perspectivas (GUIMARÃES, 2016).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Por essa via, o objetivo é compreender como comunicadores indígenas pensam e realizam processos comunicativos, transversalizando a ideia de ética no sentido amplo: uma preocupação com a dimensão do outro (MARTINO, 2010). Buscamos verificar quais dimensões das relações com o outro se instauram nesses processos, a fim de promover uma discussão sobre ética e cuidado considerando a cosmovisão ameríndia. Para que esse caminho seja percorrido, estamos desenvolvendo uma pesquisa em Iniciação Científica, para a qual realizamos inicialmente uma imersão teórica na Teoria do Perspectivismo Ameríndio, especialmente a partir de Viveiros de Castro (2002), mas também nos escritos de Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019) e Aparecida Villaça (2000). Desenvolvemos também uma discussão sobre ética e cuidado principalmente a partir de Guimarães (2021) e Miranda (2021). Posteriormente, idealizamos o podcast Parabolicamará (@pod.camara). O podcast é inspirado na canção de mesmo nome de Gilberto Gil, lançada no ano de 1992. Para os três episódios,⁷ já gravados e disponibilizados gratuitamente na plataforma Spotify, conversamos com Ailton Krenak, Edgar Kanaykõ, Kelly Bone Guajajara e Lídia Guajajara.

Uma “abstração civilizatória”, para Ailton Krenak, liderança indígena, nos aliena da Terra, este organismo do qual nos divorcamos principalmente a partir dos postulados do que convencionou-se chamar modernidade. Para Krenak (2019), é a partir então deste momento, especialmente, que passamos a imaginar que a Terra é uma coisa e nós, outra. “A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo uma abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (KRENAK, 2019, p. 22-23). Ao acessar Boaventura de Sousa Santos (2007), Ailton Krenak crê que uma “ecologia dos saberes” deveria ser a tônica para nossa experiência como comunidade. Ao se referir ao termo criado pelo sociólogo português - a ecologia de saberes - Krenak aciona uma proposta de descolonização da vida, das instituições e do próprio modo de apreender a

⁷Disponível em <https://open.spotify.com/show/6GYQGCcEcpIHx7kSWbjbxd?si=oLwW-pp9Sh6zXAD0ykrD7w&nd=1>. Acesso em 03.06.22



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

realidade (e, por consequência, de produzir conhecimento).

É especialmente a partir do estudo de povos originários amazônicos que Eduardo Viveiros de Castro faz emergir a teoria do perspectivismo ameríndio, a qual abriga a crença, partilhada em algumas cosmovisões ameríndias, de que o mundo é habitado por diferentes tipos de seres, humanos e não-humanos, que são sujeitos, ou seja, têm capacidade de agência sobre o mundo, são pessoas, mesmo que pessoas não humanas, agindo então com base em intencionalidade e reflexividade. O perspectivismo traz também a ideia de que cada um desses seres se veem como humanos, vendo todos os outros, então, como não humanos. Nesse sentido, a partir do que emana desta teoria, é possível vislumbrar uma ideia de humanidade relacional e também moral, partilhada por uma grande quantidade de existências, as quais se diferenciariam então pelo corpo (pela “natureza”). O que nos convoca a explorar o radical oposto de cosmologias multiculturalistas, império do relativismo cultural, e faz emergir o multinaturalismo: uma cultura, várias naturezas; ou, uma unidade do espírito e uma diversidade de corpos, ou, ainda, a variabilidade como natureza (VIVEIROS DE CASTRO, 2015). “A ‘cultura’ ou o sujeito seriam aqui a forma do universal, a ‘natureza’ ou o objeto, a forma do particular” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 43). A atitude perspectivista reclamaria a personitude, ou perspectividade, isto é, a capacidade de ocupar um ponto de vista diferente daquele de origem de quem (ou do que) se dispõe a conhecer um outro – a potência de ver como um outro – interpenetrando menos conceitos e mais perceptos. O deslocamento xamânico ameríndio almeja a interlocução transespecífica entre humanos e não humanos, vendo os não humanos como eles se veem, ou seja, como humanos.

Segundo explica o antropólogo, “a forma manifesta de cada espécie é um envoltório (uma ‘roupa’) a esconder uma forma interna humana” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 351). Por essa via, os deslocamentos xamânicos cultivam um certo ideal de conhecimento – mais que uma forma de conhecer – alojado no extremo oposto da epistemologia objetivista, cultivada na modernidade ocidental, de acordo com a qual conhecer é objetivar, despir o objeto de toda presença de sujeito – dessubjetivar – de maneira a reduzi-lo a um mínimo ideal, conduzindo o feixe de intencionalidades das agências à não-existência. O inverso desse modo de conhecer apoia-se na crença de que conhecer é personificar. Nesse sentido, a tradução



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

pretendida pelos xamãs como interlocutores ativos no diálogo transespecífico almeja “o ‘quem’ das coisas (Guimarães Rosa), saber indispensável para responder com inteligência à questão do ‘por quê’” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 50). O ideal epistemológico, aqui, apoia-se na busca por revelar um máximo de intencionalidades, sendo uma boa interpretação xamânica “aquela que consegue ver cada evento como sendo, em verdade, uma ação, uma expressão de estados ou predicados intencionais de algum agente” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 51).

“Entre os ameríndios, a performance não se descola das formas de vida, simplesmente, porque ela é a maneira como estas formas se constituem, se relacionam e se alteram mutuamente” (BRASIL, 2010, p. 13). Assim o é quando os xamãs assumem outros corpos no movimento de tradução transespecífica. A narrativa desse deslocamento - que, em última instância, nada mais seria que um deslocamento interno, a considerar-se o outro como margem da existência do mesmo - é comunicada ao restante da aldeia através do corpo-linguagem, num exercício radical de alteridade. Para Aparecida Villaça (2000), que analisou a relação entre xamanismo e contato interétnico a partir da etnografia wari’ (grupo de língua Txapakura da Amazônia Meridional), esse movimento é análogo a um jogo de espelhos. “O que ocorre é uma dupla inversão: um homem destaca-se do grupo tornando-se animal e adotando um ponto de vista humano (wari’) para que o resto do grupo, permanecendo humano (Wari’), possa adotar o ponto de vista animal” (VILLAÇA, 2000, p. 64). Não se trata, portanto, nesse reino da inconstância, de seres autônomos postos em relação – numa performance como estratégia de falseamento cínico – mas da relação como propulsora de processos de subjetivação. Brasil (2010) profere, com base em Viveiros de Castro (2002): “No interior de uma relação de alteridade constitutiva, os sujeitos são, desde o princípio, alienados. Como se a autonomia só fosse possível pela heteronomia” (BRASIL, 2010, p. 14).

É a partir desse modo muito específico de existência onde a relação é propulsora de processos de subjetivação que Viveiros de Castro desenha a ideia de equívoco.

O perspectivismo projeta uma imagem da tradução como um processo de equivocação controlada - “controlada” no sentido de que caminhar pode ser considerada uma forma controlada de cair. O perspectivismo indígena é a teoria do equívoco, ou seja, da alteridade referencial entre conceitos homônimos. O equívoco aparece aqui como o modo de comunicação por excelência entre diferentes posições de perspectiva (VIVEIROS DE



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

CASTRO, 2004, p. 5).

Ou seja, não é compreensão, consenso e ordem, mas incompreensão que marca o processo comunicativo. Guimarães e Laia (2014) estendem esse pensamento a todo ato comunicativo, a partir de uma ideia de “comunicação pelo equívoco”. Algumas pistas na própria explicação do conceito de equívoco nos permitem empreender essa ampliação. Viveiros de Castro (2004, p. 12) afirma que o equívoco “é a condição-limite de toda relação social, condição que se torna supersubjetificada no caso extremo da chamada relação interétnica ou intercultural, onde o jogo de linguagem diverge ao máximo”. Comunicar seria, então, traduzir o equívoco, mas não de um modo eficaz, que procura o comum, mas de um outro jeito, procurando dobras, fendas, possíveis sulcos que deixam em evidência a inadequação a este novo estado. Traduzir, nesse caso, seria explicitar o erro, mostrar que falamos de coisas diferentes, usando o mesmo nome. Traduzir passaria então a se tornar um tanto do outro, a ocupar pontos de vista com uma boa dose de imaginação, inventando possibilidades, como fazem os xamãs.

A imagem de um jogo de espelhos, analogia proposta por Villaça para apresentar o movimento xamânico de “tornar-se outro”, comunicando pela diferença (ou, pelo equívoco), parece-nos potente para pensar o modo como o jornalismo – especialmente os ou as jornalistas – acessa e faz conversar mundos tão diferentes. Leva-nos a pensar que tipos de narrativas são mais potentes para que a “aldeia” do ou da jornalista – ou seja, seu público – possa adotar um outro ponto de vista, de modo que essas narrativas atuem impelindo a diferença, ao invés de se assentarem na busca por um sentido único, consensual, sobre as coisas do mundo.

A partir dessas compreensões, Guimarães propõe uma nova visada sobre a “rede sociotécnica” (LATOUR, 1994) jornalismo, reunida na expressão jornalismo de perspectivas (GUIMARÃES 2016; 2019): uma provocação apadrinhada pela habilidade dos xamãs na cosmologia ameríndia.

Fazer parte do jogo de espelhos, que é o movimento de tornar-se outro (VILLAÇA, 2000), significa, para o jornalista, estar disposto e proporcionar a tantos leitores, espectadores, audiências, públicos, consumidores, colaboradores e afins; a experiência, indireta e permeada de si, de um outro ponto de vista que, considerando a analogia que estamos construindo, é na verdade um outro mundo. Sob essa égide, não há fatos a serem narrados, externos à experiência, tampouco há lugar aqui para representações. Os



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

jornalistas seriam os mestres do esquematismo cotidiano, inventando a existência ordinária desses mundos. A performance envolvida nessa tradução/invenção, mais que teatralização do eu, se aproximaria do modo como os ameríndios alteram seus corpos. Nada próximo do cinismo contemporâneo nascido, como destaca Brasil (2010), da separação, dissolução e gestão estratégica (nessa ordem) do par artifício-realidade. (GUIMARÃES, 2019, p. 10).

Trata-se mais, portanto, de um experimento estético/ético, nó de uma rede em curso, baseado no deslocamento transespecífico dos xamãs, ou seja, no modo como os mestres do esquematismo cósmico traduzem - e fazem comunicar - mundos. Aqui, há que se evitar entender essa proposta como um enquadramento. Não é polícia esse jornalismo; é sobretudo desejo.

Acessando a ideia de invenção de Roy Wagner (2013), só é possível olhar para algum eu quando há o olhar que captura algum outro e nos coloca diante desse estranho, como em um espelho. Em Wagner, essa equação aparece da seguinte forma: a cultura é o que precipita do choque cultural, do encontro entre alguns outros. Antes disso, não há cultura, há comportamentos naturalizados, os nossos “territórios existenciais familiares” (2010). Por essa via, não há reflexão sobre o eu sem reflexão sobre o outro. Parece-nos que um mundo possível, e um jornalismo possível, necessitam fortemente abandonar os hábitos de ser, explorar o estranho em si. Parece-nos ainda que uma de nossas tarefas, neste momento, enquanto intelectuais, professores, profissionais e/ou estudantes de jornalismo é imaginar um jornalismo que se estranhe inicialmente, inaugurando outras bordas na maneira de lidar com os outros que envolvem o fazer jornalístico. O que necessariamente implica revisitar a quais outros ofertamos o estatuto de pessoa e refletir sobre a relevância desses “outros” outros para a própria constituição do eu.

Partindo, então, da ideia de uma comunicação pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2014), um jornalismo de perspectivas precipitaria a partir de uma tradução quando, ao menos: 1) assume-se um modo de conhecer em que conhecer é subjetivar; 2) há a disposição (e disponibilidade) para o deslocamento entre pontos de vista; 3) a noção de pessoa é expandida a outros existentes; sendo a ideia de humanidade includente e relacional (BIRD-DAVID, 2019; KRENAK, 2019); 4) há atenção à jurisprudência, ao que brota para além da convenção (DELEUZE, 1992; ALBERT e KOPENAWA, 2015; VIVEIROS DE CASTRO, 2015), e,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

provisoriamente por fim, 5) quando esse deslocamento é baseado em muito numa espécie de ética do zelo – em tese, um tipo de ética fundante das traduções de mundos postas em movimento por povos animistas, no geral, como os ameríndios. O que chamamos aqui de ética do zelo é órgão vital (talvez projeto) de um personagem conceitual (DELEUZE e GUATTARRI, 1992) que temos gestado há algum tempo: o repórter-xamã, aquele que atua (mesmo que provisoriamente, mesmo que em um gesto) mirando, desejando um jornalismo de perspectivas. Deleuze e Guattari são enfáticos ao dizerem que “(...) o personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste” (1992, p. 78). (R)Existe. Não se trata, assim, de um novo tipo de jornalismo, que se queira implantar. Como mencionamos, o jornalismo de perspectivas é um exercício imaginativo de um jornalismo (ou um análogo de jornalismo, caso queiramos dar outro nome a essa tradução de mundos) que seja pensado e praticado a partir de outro modo de conhecer e de existir, que envolve a prerrogativa de uma outra ética fundante a explorar as dimensões do encontro entre o eu e o outro.

Indícios dessa disposição foram encontrados em pesquisa ainda em desenvolvimento, a partir de conversas com comunicadores indígenas reunidas na primeira temporada do podcast Parabolicamará (@podcamara), quando tratamos da temática geral “ética e comunicação”. Ailton Krenak, Edgard Kanaykō Xakriabá, Kelly Guajajara (Mídia Índia) e Lídia Guajajara (Mídia Índia) trouxeram à vida o que aventamos ser uma “ética do zelo”, hipótese criada por nós com base em pesquisa teórica e exploratória anterior. Esses comunicadores indígenas, a partir de suas experiências bastante específicas na tradução de mundos, consideraram pontos importantes acerca do modo como entendem a comunicação e o trabalho que realizam.

A princípio, é nosso desejo apostar na continuidade dessa linguagem (sonora) e desse formato (podcast) no desenvolvimento/publicação da investigação que estamos aqui propondo: um desdobramento da temática da primeira empreitada (ética e comunicação), variando a forma (a roupa) sob a qual o tema se apresenta aos convidados e ao público. Essa variação está em consonância com o que temos aprendido sobre a cosmovisão ameríndia, onde a forma manifesta de cada espécie é somente um envoltório provisório de uma existência outra. É uma roupa que se veste, e a partir da qual se comunica. Assim são, em analogia, as palavras: formas



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

comunicantes provisórias. Mudam-se as palavras (as roupas), mudam-se os mundos. Por isso, para um segundo momento da investigação, estaremos guiados pelo questionamento suscitado por Aparecida Villaça (2000): “O que significa tornar-se outro?”.

Dos objetivos desta pesquisa faz parte a aproximação entre modos de tradução de mundos postos em movimento a partir de diferentes epistemologias, o que potencialmente poderá inspirar novos estudos e práticas relacionados. É uma proposta amparada pelas discussões possíveis, extensamente ricas, desenvolvidas no âmbito dos estudos contemporâneos da antropologia e da comunicação, em sua atenção aos povos indígenas e seus saberes. Também é inovadora ao cruzar conhecimentos cultivados pelas cosmologias ameríndias com aqueles perpetuados na prática profissional da atividade. Em seu Manifesto Ciborgue, Haraway defende que “uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças” (HARAWAY, 2000, p. 51). A boa notícia é que, ironicamente, a purificação do mundo vem acompanhada necessariamente da proliferação dos híbridos. E é boa nova não por uma defesa a todo custo daquilo que tenciona hegemonias, mas por que são esses híbridos que nos conectam de fato (outra ironia!) com as infinitas maneiras de viver, as quais incluem perspectivas variadas do que seja o jornalismo, enquanto tradução de mundos. Acreditam os yanomamis (povo indígena) que os xapiris (os “espíritos da floresta”, uma analogia possível) estão já há algum tempo a segurar o céu, prestes a cair. O que faremos, nós, jornalistas, comunicadores no geral, em termos de produção de conhecimento sobre o mundo, para auxiliar os mestres do esquematismo cósmico na tentativa de sobrevivência desse mesmo mundo? Acreditamos que essa tarefa envolve necessariamente rediscutir as camadas que nos dispomos a acessar (ou aquelas que aprendemos a acessar) na tessitura das relações com o outro nos processos comunicativos. Para isso, torna-se imprescindível o acesso a outros modos de conhecer o mundo, bem como a legitimidade de outras existências (as quais fazem precipitar outros mundos), que alicerçam seus processos comunicativos a partir da diferença, fazendo precipitar o que temos chamado de comunicação pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2014).

O antropólogo Bruno Latour (2012) defende que, mais importante que observar o que já está agregado e age como um todo, é necessário atentar para a natureza do que foi reunido. Para ele, os fatos são híbridos, pois possuem todas as facetas da realidade. Nesse sentido, o



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

social não pode ser definido como um tipo específico de material ou domínio, mas como um movimento de reassociação e reagregação: “[...] o social não é nunca uma coisa visível ou postulável. Só se deixa entrever pelos traços que vai disseminando (experimentalmente) quando uma nova associação se constitui com elementos de modo algum ‘sociais’ por natureza” (LATOUR, 2012, p. 27). Realizando conexões parciais com as orientações de Latour, grande parte delas presente em sua Teoria do Ator-Rede (TAR), esta pesquisa busca rastrear as controvérsias a respeito das relações com o outro na atuação de comunicadores indígenas, especialmente os equívocos (VIVEIROS DE CASTRO, 2015) que fazem emergir a partir da lida com a diferença. E, mais importante, busca ainda seguir os próprios atores nos desdobramentos instáveis – por isso, visíveis – de seus cosmos: ideias, lógicas, métodos, definições, motivações, “[...] pouco importa quão irracionais pareçam” (LATOUR, 2012, p. 44). Lemos (2013) diz que, se a TAR é uma teoria, a Cartografia de Controvérsias (CC) é seu método. “Olhar as controvérsias é olhar as redes em formação na disputa pela estabilização. Quando elas cessam, surgem as caixas-pretas” (p. 55), estabilizações, conceitos, instituições que criam a ilusão de um funcionamento homogêneo, como se não houvesse, recorrentemente, negociação de sentidos. Considera-se fecunda a aliança entre as bases teórico-metodológicas já apresentadas e a cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996). Para os pesquisadores, “(...) somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 77-76), e é essa constatação que nos encaminha para a cartografia na composição de um mapa de pesquisa em que os encontros vão sendo dilacerados em outros como uma raiz rizomática: sem eixo central, sem crescimento linear, mas habitando em vida a cada novo broto. “(...) É uma questão de cartografia. Elas [essas linhas] nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar uma na outra. Rizoma.” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 77-76).

O Podcamará

O podcast Parabolicamará é inspirado na canção de mesmo nome de Gilberto Gil,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

lançada no ano de 1992. A idealização do podcast se deu a partir de uma conversa anterior⁸, de Ailton Krenak com Muniz Sodré, em que eles compartilham a ideia de descentralizar e re-centralizar mundos. Inspirados então por Krenak e Sodré, a cada episódio do “Podcamará” desejamos mudar o centro do mundo. Acreditamos que cartografar ideias é descobrir novas criações de mundo em pequenas particularidades, é fazer e refazer memórias, é descobrir inúmeras maneiras de apresentar e vivenciar uma ideia. Como afirma Ailton Krenak, em suas “Ideias para adiar o fim do mundo”, todas as narrativas a partir das quais atravessamos contextos, conhecendo assim a cosmovisão de diferentes povos, nos fazem experimentar de fato a vida dentro do planeta Terra (KRENAK, 2019).

Nesta primeira temporada, o eixo central é constituído a partir do tema “ética e comunicação”. O intuito é pensar como comunicadores podem ser tradutores de mundos de forma a cuidar das relações com todos os atores envolvidos nos processos comunicativos. Para os três episódios⁹ já disponíveis gratuitamente na plataforma Spotify, conversamos com Ailton Krenak, Edgar Kanaykõ Xacriabá, Kelly Bone Guajajara e Lídia Guajajara.

Como um dos pensadores mais influentes da atualidade e uma das inspirações para o desenvolvimento do nosso podcast, Ailton Krenak é nosso primeiro convidado e abre a discussão que se pretende estabelecer durante os episódios posteriores, as quais tratam das relações com o outro nos processos comunicativos. Ailton Krenak é escritor, jornalista, ativista do movimento socioambiental e dos povos indígenas. Logo no início de sua fala, Krenak faz um alerta sobre a visão eurocêntrica da humanidade, onde o ser humano é colocado como o centro do mundo e de todas as coisas. Essa definição serve para exemplificar como esse modo de enxergar as coisas e se colocar no mundo está diretamente ligado com o conceito de ética que será abordado durante a conversa. Afinal, como bem explica o pensador, “em outras cosmologias, a ideia dessa responsabilidade de si diante do outro e do mundo, ela pode ter outros sentidos para além disso que nós chamamos de ética.” (KRENAK, 2022, s/n).

O autor proclama que essa ideia de ética da comunicação, como está sendo discutida, implica na relação existente com um outro. Para haver a comunicação, principalmente como é

⁸ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=78ikR_oxrtg. Acesso em: 15/03/2021.

⁹ Disponível em <https://open.spotify.com/show/6GYQGCcEcpIHx7kSWbjbxid?si=oLwW-pp9Sh6zXADOykrD7w&nd=1> Acesso em 03.06.22



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

amplamente praticada pela humanidade, é necessário que haja, além do próprio emissor, um outro interlocutor. E essa outra parte essencial da mensagem não precisa necessariamente ser uma outra forma humana. Denominando-as como “não-humanos”, Krenak cita os organismos diversos, rios, florestas ou outra das incontáveis formas de seres vivos que estão compartilhando essa mesma existência no planeta Terra. Baseado nos pensamentos de Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert na obra “A queda do céu”, Krenak defende como o ser humano tem dificuldade em reconhecer e se comunicar com a “pluralidade de mundos” existentes. A humanidade novamente se coloca no centro de tudo, como a única parte dessa coexistência que consegue vivenciar experiências ou emitir uma informação. Durante a conversa, Ailton Krenak deixa claro que entende esse lugar demarcado como “pluralidade social de mundo”, onde a comunicação é assimilada com as interações entre diferentes culturas e pensamentos. Mas faz a seguinte provocação:

Eu estou convidando vocês a imaginar uma comunicação plural, parabólica, que ela não seria nesse sentido de só um endereço. Ela seria dirigida a tudo que nos rodeia, à vida. Às vezes nós já sentimos uma dificuldade muito grande de manter a atenção responsável numa comunicação com o outro. Seria quase que um exagero convidar para uma comunicação com o todo. (KRENAK, 2022, s/n)

A partir dessa instigação, o jornalista traz a ideia de “desendereçar a mensagem”, para que ela possa chegar de forma pacífica a todas as coisas, sem qualquer tipo de distinção, “inclusive de espécie”. Ao mesmo tempo, reconhece a insistência do ser humano em se endereçar somente ao outro igual, como se essa comunicação só fosse possível desta maneira. O “outro” não é reconhecido além dessa forma tradicional e eurocêntrica de humanidade. Essa perspectiva onde existem uma numerosidade de outros "Outros", normalmente apagados pela seletividade do homem, pode ser ampliada ao se fazer o questionamento: “À quem é endereçada a minha ética?”, como observa a pesquisadora Lara Linhalis, uma das participantes da conversa. A compreensão da impossibilidade da neutralidade da linguagem diante da existência de cada um no mundo pode ser a chave para a diminuição da dificuldade das pessoas em entender e sensibilizar esse olhar com o outro.

Sendo assim, em toda comunicação entre diferentes perspectivas, seja entre línguas, culturas ou outras formas distintas, existe esse lugar rarefeito de alteridade. E a linguagem,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

assim como a ética, tem um papel fundamental na tentativa de encontrar uma ponte entre a comunicação e a alteridade. Krenak nos pede para imaginar um sujeito que vive isolado, com pouco contato com outras culturas globais, que “vive uma experiência de uma cultura com seus contornos próprios”. Em um exemplo rápido, suas reflexões nos levam a entender que aquele sujeito tem capacidade e métodos suficientes para desenvolver os próprios modos de se comunicar no meio em que está inserido sem que ocorra desastres. A linguagem e a alteridade “sugerem experiências simultâneas” e estão dialogando com outras possibilidades, sem se esquecer dessa variedade de entendimentos. O comunicador explica que:

Essa multiplicidade de lugares de escuta permite essa experiência da linguagem sem estresse. É como se não fosse necessário esse exercício de mentir. Você pode narrar uma experiência sem o tensionamento que pode causar a coisa da auto explicação. Como nós estamos vivendo uma experiência contemporânea de muita traição da linguagem, a ideia de uma comunicação aberta, parabólica, com tudo e com todos, em todas as direções, pode ser uma ambição exagerada. Ninguém vai alcançar esse objetivo, não tem uma linguagem para todos. Parece que a linguagem sempre vai ser configurada em um sentido de “o mundo que você pensa com quem você está falando”. (KRENAK, 2022, s/n)

Posteriormente, Krenak nos leva a um questionamento sobre o lugar do comunicador na sociedade. O papel desse sujeito, que antes era bem definido, agora é ocupado por muitos. Para Krenak, vivemos na “sociedade da informação”, onde todos exercem essa função de comunicar. O grande desafio, para ele, é saber fazer com veemência a distinção entre o que é realmente verdade e o que está sendo espalhado somente para confundir. “Nós estamos diante de um mundo hoje em que o digital ganhou uma potência de disparo atômica.” As redes se tornaram uma arma para espalhar desinformação e alavancar discursos de ódio em proporções capazes de traçar novos rumos para o mundo. Diante de alguns exemplos, como a falta da atuação de grandes nações na preservação da biodiversidade e da vida no mundo, a possibilidade cada vez mais eminente do surgimento de guerras e a articulação para um retrocesso das configurações mundanas, Krenak delinea a existência humana em meio a um abismo cognitivo:

Diante de toda oferta de informação, nós estamos diante de uma verdadeira avalanche de informação, nós temos do outro lado um abismo cognitivo, que é a incapacidade que a gente tem de discernir o que é que estamos vendo e



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ouvindo. Você pode ser enganado por uma imagem, assim como você pode ser enganado ou iludido por uma mensagem, textual ou falada. Então, nós estamos diluindo a experiência da vida em um termo tão absoluto, que aquela imagem da lama que desceu sobre nossos rios, avassalando tudo, parece que é a imagem mais atual sobre o que nós poderíamos imaginar como diversidade de mundo, como possibilidades identitárias, como a possibilidade de cada corpo ter a sua integridade. (KRENAK, 2022, s/n)

O cerne do abismo cognitivo está nessa insuficiência da humanidade em decodificar o mundo. O filósofo propõe uma inversão de pensamentos para incentivar uma reflexão sobre deixar de lado as mensagens emitidas para o mundo, em um esforço de tentar ler o que o mundo está emanando, o que ele está comunicando com a humanidade. Nesse sentido, interpreta-se a urgência de um questionamento sobre o próprio olhar, uma convocatória para entender que mundo é esse, um empenho para assimilar que mundos estamos deixando de viver e de cuidar. “O que você está falando? E com quem? Será que isso é ética? Uma ética do cuidado?”. Essa reflexão se estende quando a ideia de colonialidade operante aparece. Krenak a define como um “veneno, um ácido”, uma forma violenta instalada de maneira profunda e repetida para impedir que aconteça o compartilhamento de mundos. Para se opor a esse movimento, Krenak denomina ser necessário uma corrente de “radical vivo”, definição utilizada para essa vontade incessante de estar vivo para, assim, conseguir escapar ao controle. Em suas palavras, só é possível ultrapassar esse veneno se cobrindo da ancestralidade dos povos que já viraram espíritos.

No segundo episódio do Podcamará, a conversa é com Edgar Kanaykõ Xakriabá, mestre em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pertencente ao povo Xakriabá de Minas Gerais. A partir de seu trabalho e experiência como fotógrafo, a questão norteadora se concentra na ética dentro da fotografia. Kanaykõ se debruça sobre a explicação do conceito de etnovisão, concepção desenvolvida por ele mesmo sobre a forma como o olhar indígena vai além das lentes, “um olhar que atravessa o campo da visão, da fotografia.” O fotógrafo conta que essa conceituação se apoia nas concepções de etnografia e etnofotografia, da Antropologia visual, para criar registros e produzir conhecimento para além do que é escrito.

Para o povo Xakriabá, as imagens possuem uma forte ligação de tradução com outros mundos. No “Akwê”, idioma falado pelos povos Xakriabá e Xerente, a palavra “hêmba”, possui



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

um significado aproximado de alma ou espírito, que também pode ser entendido como uma imagem, situada no campo de invisível para “as pessoas comuns”. Edgar Kanaykõ explica que os pajés e as pessoas mais velhas da aldeia são os que conseguem “ver essas outras fotografias de outro mundo” através dos rituais, que é o momento onde as conexões entre os humanos e os não-humanos são estabelecidas. Kanaykõ afirma:

Todas as coisas da natureza têm um dono, que esse dono é invisível, é um espírito, é um hêmba, que cuida daquele animal, daquela árvore, daquelas coisas. Então, em um ritual, principalmente, a gente pede licença para estar nesse lugar. Se você tiver as devidas permissões, aí sim é feito a sua participação, a fotografia, o filme que se está fazendo. Então o hêmba é uma tentativa de explicar, de traduzir o que significa uma imagem, uma fotografia, para nós. (KANAYKÕ, 2022, s/n)

Em dado momento do episódio, Edgar Kanaykõ conta um pouco sobre a sua troca de experiências com o Pajé Vicente, quando compartilhou conhecimentos sobre essa relação com a fotografia. Nas palavras do fotógrafo, Pajé Vicente é uma pessoa que “gosta também de ser gravado” em determinados momentos. Mas um cuidado extra é requerido, pois quando uma imagem é produzida, cria-se também uma representação. E como Kanaykõ nos explica, nem tudo pode ser registrado para que pessoas de fora da aldeia tenham acesso. Por isso, há certos tipos de conteúdo que precisam ser planejados conforme a distribuição destes materiais. “Porque há coisas que podem ser reveladas ali que estão no campo do segredo/sagrado”. Ao dividir os ensinamentos de Pajé Vicente conosco, Edgar Kanaykõ nos alerta que “temos que ter cuidado, pois uma foto é uma imagem”. Somos então provocados a pensar a fotografia como além de uma foto: ao capturar uma foto podemos também capturar um espírito (KANAYKÕ, 2019). Essa ponderação instiga um sentimento de vigilância e precaução em relação ao que traduzimos ao partilhar uma imagem. O que pode se tornar um problema na era digital em que o mundo está inserido, onde a todo minuto, com muita facilidade, as imagens são compartilhadas nas redes. Mas Edgar Kanaykõ também reflete sobre como a imagem usada com consciência possibilita a criação de novos meios de representação e, de certa forma, um resgate da memória e permanência dos povos indígenas. Segundo o pesquisador, a presença da câmera fotográfica nas aldeias possibilitou a retomada de alguns rituais, quando as pessoas começaram a entender que poderiam preservar aquelas imagens para posteridade e também



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

como uma forma de marcar o lugar no mundo.

O cinema como uma possibilidade ou como uma ferramenta, que a gente costuma dizer, de luta e resistência. Por isso que a gente usa muito esse termo, a fotografia, o cinema e o audiovisual como uma ferramenta de luta, de resistência e de fortalecimento da nossa cultura. [...] Então a partir de que a gente usa isso ao nosso favor, essa ferramenta ao nosso favor, isso pode ser visto como algo muito positivo. (KANAYKÕ, 2022, s/n)

Kanaykõ retoma a questão de consentimento para a produção de imagens, desta vez, fazendo analogia entre o ato de caçar um animal e caçar uma imagem de um animal. Afinal, em todas as ações, independentemente de sua natureza, os emaranhados de relações entre o visível e o invisível devem ser respeitados. Em um trecho da sua dissertação de mestrado, Kanaykõ afirma que: "[...] assim como um fotógrafo ou um cineasta devora uma imagem/alma, ao capturá-la através da câmera, esta mesma imagem/alma tem o poder de devorar outras, a de seus espectadores, incluindo o próprio realizador." (KANAYKÕ, 2019, p. 89). Para o fotógrafo, a técnica é importante, mas as relações construídas até chegar naquela imagem influenciam até o produto final. A imagem, neste raciocínio, se torna, além de um elo entre mundos, uma poderosa ferramenta de luta: assim como armam-se de arco e flecha em uma caçada, os povos indígenas utilizam as lentes e a informação como meios de combate.

Em nosso terceiro episódio, as convidadas foram Lídia Guajajara e Kelly Bone Guajajara, ativistas indígenas e comunicadoras digitais que fazem parte do Mídia Índia, a maior rede de comunicação de povos originários no Brasil. As duas são indígenas do povo Tenetehar e atuam em coletivos de juventude indígenas, de mulheres e de movimentos LGBTQIAP+. Nos primeiros minutos, Kelly e Lídia Guajajara já reforçam essa ideia de um novo modo de batalhar, ao explicarem como a rede Mídia Índia atua na propagação e fortalecimento das lutas dos povos indígenas, usando a informação como um meio para ultrapassar a barreira dos territórios. De acordo com elas, a comunicação hoje é uma ferramenta de luta, um modo de retratar a realidade, de propagar conhecimento sobre sua cultura e também um meio de defender os lugares que ocupam. Ao falar sobre a logística de atuação nas redes, Lídia Guajajara conta que a Mídia Índia é formada por mais de 10 povos e existem muitos colaboradores para fazer com que esse movimento de ocupação nas redes aconteça. Kelly Bone reforça dizendo que a partir do



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

momento que um indígena possui um aparelho capaz de contribuir para a comunicação, ele pode fazer parte dessa rede colaborativa que é a Mídia Índia.

Mas para além da ocupação das redes, outras pautas tão importantes são transversais na atuação das comunicadoras. Um dos pontos defendidos é o aumento da participação das mulheres em cada vez mais espaços, tanto na Mídia Índia, quanto nas ruas. Diante da necessidade percebida de haver mulheres indígenas preenchendo mais lugares na comunicação, em 2021, foi lançado oficialmente o coletivo Articulação das Mulheres Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGAS)¹⁰, do qual as ativistas fazem parte e tudo é pensado e produzido por mulheres indígenas. Lídia Guajajara realça que a comunicação é uma ferramenta também disposta para abrir novos espaços de debate e “além de anunciar é também uma forma de denúncia”.

No entanto, surge daí outro desafio, o de produzir conteúdo, tanto no perfil da Mídia Índia quanto em seus perfis pessoais. Lídia Guajajara expõe alguns incômodos, como o de sua fala ser muito mais reconhecida durante o mês de abril (mês convencionalmente tratado como “indígena”) onde “desenterram” os povos indígenas e a desvalorização de suas raízes por estarem presentes nas redes sociais. Kelly Bone concorda exemplificando o desconforto das pessoas no simples fato de indígenas terem acesso a qualquer tipo de equipamento eletrônico. O ato desses corpos estarem produzindo conteúdos neste espaço virtual é o suficiente para chamar atenção e desencadear uma onda de ataques à sua existência, ao pertencimento e à ancestralidade. Por isso, a Mídia Índia tem uma atuação muito voltada para a juventude, promovendo oficinas dentro dos territórios de como usar o equipamento para se comunicar e interagindo com os jovens para que se interessem em utilizar esse espaço também para mostrar sua cultura. Kelly Bone indica como esse trabalho primeiro passa por uma etapa de entendimento e aprendizado, para que a juventude possa, além de levar a informação para dentro e fora do território, tenha consciência do que está sendo feito. E quanto mais comunicadores vão fazendo parte da grande rede que é a Mídia Índia, mais rápido a informação pode circular nas redes, entre outros povos e regiões, de forma massiva e positiva. Kelly relata como a união de diferentes povos é importante para tornar a atuação da Mídia Índia cada vez

¹⁰ Disponível em @anmigaorg. Acesso em 31.07.22



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

mais forte, se espalhando para vários coletivos e inspirando a criação de outras bases.

Outra preocupação emergente aparece quando Kelly Guajajara chama a atenção para a cautela na transmissão dos assuntos que retratam os povos indígenas. Persiste uma tentativa constante em subverter o estereótipo de que o lugar do indígena não é só dentro do território. Diante desse contexto de ataque constante na internet, onde a veracidade é posta à prova a cada post, a autenticidade e a linguagem simples devem ser prioridade. Como Lídia Guajajara explica, esse protagonismo que as redes indígenas proporcionam são operados para fazer denúncias, desmentir, mas também para tentar levar conhecimento sobre a cultura. Porém, em suas palavras, diz nem sempre ser fácil, por conta da enxurrada de notícias ruins relacionadas aos povos indígenas, na maioria das vezes invalidando essa luta. É um trabalho incessante contra a desinformação, onde a mídia hegemônica muitas vezes atrapalha o processo. Apesar disso, a cautela com o que pode ser mostrado ou não deve prevalecer. Lídia Guajajara explica sobre o cuidado e o respeito para com os líderes de todas as aldeias em que a Mídia Índia coleta informações.

A gente chega, primeiro vai conhecendo a comunidade, conhecendo as realidades ali do povo e pede autorização se pode ou não pode falar sobre. Porque tem muitas informações e histórias na internet que às vezes tá ali, mas foi contada não porque era para ser publicada, às vezes é contada como forma de consideração, para ter conhecimento sobre a história, por exemplo. (GUAJAJARA, 2022, s/n)

Para Kelly e Lídia, é necessária a aprovação de cada aldeia em relação aos materiais produzidos e o cumprimento às recomendações propostas pelos envolvidos em cada acontecimento que será acessado e publicado. As comunicadoras relatam uma situação recorrente de um conteúdo produzido por outras pessoas, onde não há nenhum retorno ou informação de como e para onde esse material foi disseminado. Com a Mídia Índia, esse regresso com as informações depois de prontas faz parte do processo de produção de conteúdo. Para elas, zelar pela forma como a informação chega a outros públicos é também cuidar de quem as vivenciou.



Considerações Finais

Indícios de uma "comunicação pelo equívoco", especialmente a partir de uma "ética do zelo", foram encontrados nesta pesquisa ainda em desenvolvimento, a partir de conversas com comunicadores indígenas reunidas na primeira temporada do podcast Parabolicamará, quando tratamos da temática geral "ética e comunicação". Esses comunicadores indígenas, a partir de suas experiências bastante específicas na tradução de mundos, consideraram pontos importantes acerca do modo como entendem a comunicação e o trabalho que realizam, reunidos aqui, em resumo, nos seguintes tópicos:

1) Ailton Krenak (Ep.01) nos fez entender que a ética parte do princípio de que o homem é o centro do mundo e, enquanto centro, rege feito "parabólica" os sinais de vida da civilização ocidental, o que, conseqüentemente, nos levaria à ausência de um cuidado com os outros existentes. 2) Edgar Kanayko Xakriabá (Ep.02) acredita que a ética parte de um lugar de construção e cuidado, onde o importante para além do "click" é a construção de uma relação entre o fotógrafo e o fotografado. 3) Kelly Guajajara e Lídia Guajajara (Ep.03) levantam debates interessantes sobre como o aprendizado do comunicador deve ir além do saber lidar com as novas tecnologias. É importante saber como o discurso sobre suas origens e cultura nas redes deve ser trabalhado para alcançar a todos de forma massiva e positiva, para além de seu próprio povo.

Até o atual momento da pesquisa, é possível concluir que, partindo da visão de povos originários ameríndios – considerando conversas com comunicadores e comunicadoras indígenas para a realização do podcast, além de revisão de literatura – é necessário descentralizar o pensamento humano para que a voz desses povos seja levada a sério. A comunicação tem a necessidade de ser traduzida para que todos os mundos sejam compreendidos: eu não conheço o "mundo da onça", mas ainda sim tenho respeito por ele, como coloca Taddei (2020). Partindo dessa frase, é de suma importância que comunicadores, sejam eles de diversos mundos, realidades e culturas, re-centralizem o mundo para que novos processos comunicativos possam ser visualizados, imaginados, tensionados com nosso mundo e postos em prática. Para exemplificar essas considerações, é possível abordar alguns pontos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

que já foram traçados no podcast a respeito da ética de acordo com comunicadores indígenas:

1) o cuidado com as traduções de mundos entre indígenas e não indígenas, de modo a fazer evidenciar os equívocos (VIVEIROS DE CASTRO, 2015), e construir um campo de entendimento comum, baseado em afetações mútuas; 2) o cuidado na lida com as pessoas envolvidas nos acontecimentos, as quais são libertadas das noções redutoras de “fontes” ou “entrevistados”; 3) a ampliação da noção de humanidade para além do “clube seleta da humanidade” (KRENAK, 2019), o que potencializa a descentralização do homem branco como o centro do mundo; 4) a inclusão, no rol das preocupações éticas relacionadas aos processos comunicativos, de outros existentes enquanto pessoas, ou seja, sujeitos portadores de afetos e intencionalidades, como animais, plantas, e o que entendemos como natureza e ou Terra; 5) o cuidado em relação à ancestralidade dos povos originários.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BIRD-DAVID, Nurit. “**Animismo**” Revisitado: Pessoa, Meio Ambiente e Epistemologia Relacional. Porto Alegre: Debates do NER, ano 19, n. 35, p. 93-171, jan- jul 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S. (Orgs.). **Redes ecológicas e comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação**. São Paulo: Paulus – Coleção Comunicação, 2017.

GUAJAJARA, Kelly; GUAJAJARA, Lídia. **Podcast Parabolicamará - Ep.3** Podcast Parabolicamará, Spotify, maio 2022. Disponível em:
https://open.spotify.com/episode/3djCodd1r2YQCHzeCjpBNY?si=3hzbCLRQGO1oLni5vYYjw&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=parabolicamar%C3%A1. Acesso em: 04 jul. 2022.

GUIMARÃES, Lara Linhalis. **Uma invenção de jornalismo: ninjas, xamãs e outras perspectivas**. 2016. 177 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

_____. **Jornalistas e xamãs: a performance na cosmologia ameríndia e a invenção de um jornalismo diferenciante.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais** [...] Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

_____; LAIA, Evandro José Medeiros. **Comunicação pelo equívoco: anotações para uma teoria antropológico-comunicacional. Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização.** pp. 4329-4341, 2014.

_____. **Povos indígenas e tradução de mundos: a invenção de uma ética (im)possível ao jornalismo.** In: ANAIS DO 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/sbjor-2021/papers/povos-indigenas-e-traducao-de-mundos--a-invencao-de-uma-etica--im-possivel-ao-jornalismo>. Acesso em: 13 mai. 2022.

KANAYKÕ XAKRIABÁ, Edgar. **Etnovisão: o olhar indígena que atravessa a lente.** Dissertação. Belo Horizonte, 2019.

KANAYKÕ XAKRIABÁ, Edgar. **Podcast Parabolicamará - Ep.2** Podcast Parabolicamará, Spotify, maio 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/02w66Q3qwJidL6tS4jCE3H?si=07d668ce50b6490>. Acesso em: 04 ago.2022

KRENAK, Ailton. **Podcast Parabolicamará - Ep.1** Podcast Parabolicamará, Spotify, maio 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2NU40NVZgWzcratLj3sRz1?si=48ce25e23aa94003>. Acesso em: 04 ago.2022

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LIMA, Tânia Stolze. **Por uma cartografia do poder e da diferença nas cosmopolíticas ameríndias.** In: **Revista de Antropologia**, n. 54, v.2, 2011.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Ética como discurso estratégico no campo jornalístico.** In: **Revista Líbero**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 31-38, dez. de 2010.

MIRANDA, Ana Garcia de. **De dentro do ninho para fora da pele: uma imersão através do perspectivismo ameríndio.** 2021. 66 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

PAUL, Dairan; CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Cuidado, virtude e dilemas morais nas práticas de não-jornalistas**. São Paulo, v. 43, n. 1, p.21-36, jan./abr. 2020, [s. l.], 2020.

TADDEI, Renzo. In: Observatório Jornalismo(s): **Série Traduções**. Transcrição nossa. Universidade Federal de Ouro Preto, 2020.

TADDEI, Renzo. **Jornalimos possíveis, mundos possíveis**. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. Série audiovisual Traduções, Youtube, episódio 1, maio 2020. Disponível em: <[youtube.com/jornalimos](https://www.youtube.com/jornalimos)>. Acesso em: 20 dez. 2021.

VILLAÇA, Aparecida. **O que significa tornar-se Outro?** Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15, n. 44, out. 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac e Naify, 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo. Cosac Naify. 2010.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Legado Digital e Cidadania: O Destino dos Dados dos Usuários em Plataformas Digitais^{1,2}

Vanessa MARTINS³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

A vida em rede vem configurando formas de armazenar dados e de habitar. Conseqüentemente, a morte vem adquirindo diferentes aspectos compatíveis com esses cenários. Este artigo apresenta um mapeamento das possibilidades de tratamento de bens *online* de pessoas falecidas e como a morte é caracterizada nesses ambientes. Dessa forma, a produção apresenta perspectiva sobre a cidadania digital e os dados de pessoas mortas (DRUETTA, 2013; HINTZ et al., 2018). Conclui-se que políticas públicas devem ser aplicadas, englobando direitos e deveres no ambiente digital para que mudanças efetivas possam ocorrer garantindo mais segurança e autonomia.

Palavras-chave: legado digital; cidadania digital; plataformas.

Introdução

A nossa sociedade está passando mais tempo *online* do que nunca. O habitar não resume-se mais em apenas relações de sujeitos com locais físicos, mas de múltiplas práticas comunicativas por seres humanos, dados e algoritmos em uma territorialidade informatizada e arquiteturas digitais (DI FELICE, 2020). Cada indivíduo corresponde a um conjunto de informações em rede, que podem ser visíveis ou invisíveis a nós. Assim, o social não é mais limitado aos cidadãos, mas estendido a códigos.

As empresas que detêm um grande volume dos nossos dados estão explorando a falta de conhecimento dos cidadãos para seu próprio ganho financeiro, vendendo nossas informações para terceiros sem que saibamos. Há, ainda, a incógnita da disposição e destino

¹ Artigo reestruturado e expandido a partir da produção "A ressurreição na rede: percepções da morte e memória através do site 'My Wishes'", apresentado no Encontro Virtual da ABCiber de 2020.

² Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 1) Epistemologias reticulares: o protagonismo dos não-humanos e a comunicação pós-antropocênica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

³ Doutoranda e Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). É integrante do grupo de pesquisa "Narrativas Midiáticas e Dialogias" (CNPq/UFJF) e bolsista de Pós-graduação (CAPES). Email: vanessacoutinhomartins@gmail.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

do grande volume de informações referente a pessoas já falecidas, como contas nas redes sociais, *bitcoins*, e milhas de companhias aéreas, por exemplo.

Com relação ao destino dos dados disponíveis nas redes sociais, Öhman e Floridi (2018), em estudo que trata sobre a *digital afterlife industry* (DAI), afirmam que, dependendo da taxa de crescimento de usuários do Facebook, o número de pessoas mortas pode até superar o número de perfis de pessoas vivas antes do fim do século. Em contrapartida, apesar do número crescente de perfis de pessoas mortas na rede, gerenciar e transferir essas informações não é algo amplamente aplicado, além de ser fragmentado e estreitamente ligado à monetização, já que existem serviços que lucram com o segmento.

Porém, a lucratividade nesse âmbito não é algo novo. Ronaldo Henn (2012) nos apresenta que, no decorrer do século XX, a cultura foi encontrando novos rumos em decorrência das estruturas do sistema midiático e, com isso, a morte também passa a integrar as lógicas que regem as mercadorias simbólicas transformando-se em segmento lucrativo, seguindo a premissa '*Data is the New Oil*'.

Assim, após esse aporte teórico, este artigo propõe uma reflexão a partir de pesquisa bibliográfica sobre o destino dos dados digitais após o falecimento do usuário. A produção segue uma perspectiva de cidadania digital (DRUETTA, 2013; DI PELICE, 2020; HINTZ et al., 2018) e seu panorama central é focado no plano das obrigações, identificando a cidadania digital como o exercício de direitos e o cumprimento de alguns deveres (DRUETTA, 2013).

A finitude na rede e o legado digital

Atualmente, existem algumas opções para gerenciar o acesso aos dados digitais de pessoas falecidas, como a possibilidade de controlar o acesso aos dados pessoais, postumamente. Tais questões geram debate sobre a privacidade póstuma e sua aplicabilidade. É preciso levar em conta, ainda, como os sites de redes sociais tratam o tema e expõem a seus usuários.

No Facebook é possível indicar um contato que funciona como um herdeiro. Esse contato possui liberdade para cuidar da conta e pode transformá-la em um memorial ou excluí-la. No Instagram há a opção de deletar a conta ou transformá-la em um local de homenagens



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

póstumas. Porém, depois que a conta é transformada em memorial, não há a possibilidade de alterar as publicações realizadas pela pessoa falecida. Já o Twitter oferece apenas a possibilidade de remoção da conta através do preenchimento de formulário por uma pessoa próxima alegando seu falecimento ou possível estado de incapacidade. É interessante notar que apenas o Twitter informa sobre as consequências de más condutas com a imagem do falecido.

Nota-se, no atual cenário, uma midiaticização da morte, em que perfis de pessoas falecidas recebem mais visitas e seguidores do que quando em vida. "A morte midiaticizada continua sendo um investimento coletivo derivado da esperança na vida. [...] A tentativa é fazer durar o que não deve durar. Construir, enfim, uma existência virtual para quem foi apartado abruptamente do mundo." (BARBOSA, 2015, p. 15). Segundo Henn (2012),

[...] a morte passa por uma série de apropriações com vivências múltiplas, que vão desde um perfil no Facebook em que alguém repentinamente falece e seu mural transforma-se em espaço de condolências e manifestações de carinho, até perfis *fakes* no Twitter em que personagens já mortos "ressuscitam" arregimentando uma série de seguidores[...] (HENN, 2012, p. 111)

Uma ferramenta para o gerenciamento de dados *online* é o *My Wishes*⁴. Um site que oferece recursos de forma gratuita que, segundo a empresa, se dedica à forma como a sociedade pensa e se prepara para a morte *online*. Dentre as possibilidades, estão o agendamento de mensagens para entes queridos, arquivamento de senhas de banco e instruções quanto ao que deve acontecer com suas contas.

É relevante pontuar, porém, que nem todos os nossos bens digitais possuem fácil designação. As criptomoedas, como o *Bitcoin*, tornaram-se ativos digitais cada vez mais populares, mas nem todos os indivíduos possuidores desses bens sabem exatamente como preparar os entes para herdar esse tipo de patrimônio. Essas informações não são amplamente divulgadas entre os consumidores desse tipo de moeda, mas já possuem produções que se dedicam a preparar usuários para passar adiante criptomoedas, tokens e outros criptoativos com linguagem acessível ao público (MORGAN, 2018).

⁴ Disponível em: <https://www.mywishes.co.uk/>. Acesso em: 14 out. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Tudo isso pode parecer, à primeira vista, um episódio de *Black Mirror*⁵, mas já existem soluções com propostas ligadas à pós-vida. Alguns exemplos de serviços que se propõem a trazer soluções parecidas a seus usuários são: *Eternime*⁶ e *Replika*⁷. Ambos referem-se ao armazenamento de memórias para a criação de um avatar. Grandes empresas também já entraram nesse segmento. Em 2020, a Microsoft informou que havia desenvolvido um sistema de *chatbot* que permitiria "conversar com os mortos". Porém, em comunicado à imprensa, a empresa afirmou não planejar comercializar a tecnologia por concordar tratar-se de algo "perturbador".

Na contramão desses serviços que gerenciam dados em uma tentativa de permanência de legado digital, há o *Postumer*⁸, que elimina os vestígios das redes sociais dos falecidos. O serviço pode ser aderido por diversas razões, como acabar de vez com o legado digital de uma pessoa ou delegar a terceiros o que pode ser uma tarefa dolorosa. A ferramenta afirma que, uma vez apagados, os rastros não podem ser recuperados.

Em paralelo aos serviços do *Postumer*, por meios judiciais, existe o "direito ao esquecimento". No Brasil, a tutela do direito ao esquecimento não possui guarida legal, tendo surgido por discussões doutrinárias e jurisprudenciais. Os primeiros passos na tentativa de sua formalização ocorreram de discussões de grandes processualistas civis, tendo nascido da proposta do desembargador Rogério Fialho Moreira, do Tribunal Regional da 5ª Região, o enunciado 531 da 6ª Jornada de Direito Civil da Justiça Federal, que aconteceu em 2013.

Segundo o enunciado "A tutela da dignidade da pessoa humana na sociedade da informação inclui o direito ao esquecimento". Segundo Canário (2013) isso significa que "[...] a regra que protege a intimidade, a imagem e a vida privada de todos os cidadãos também se aplica ao caso de informações sobre o passado das pessoas: ninguém é obrigado a conviver eternamente com os erros ou desvios de sua vida pretérita". Em resumo, se consubstancia no direito de não permitir que um fato ocorrido no passado possa ser exposto.

⁵ O episódio em questão é o Episódio 1 "Be Right Back", em português, "Volto já", da Temporada 2. O episódio trata de uma personagem que, por meio de ferramenta auxiliada por inteligência artificial, continua em contato com seu marido que já faleceu.

⁶ Disponível em: <https://vimeo.com/eternime>. Acesso em: 14 fev. 2022.

⁷ Disponível em: <https://replika.ai/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/postumer/>. Acesso em: 14 fev. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Os defensores da tese encontram guarida no direito brasileiro afirmando que tal instituto representa o Direito à vida privada (art. 5º, X, CF c/c art. 21, CC) e a dignidade da pessoa humana (art. 1º, III, CF.). Esse posicionamento chegou a ser abraçado pelos Tribunais Superiores, sendo que o Superior Tribunal de Justiça reconhecia o direito ao esquecimento, conforme pode se observar no REsp 1.335.153-RJ e no REsp 1.334.097-RJ, o que obstaculizava, em tese, que as pessoas pudessem rememorar fatos eternamente. Contudo, o STF pacificou a matéria, ao decidir que o direito ao esquecimento é inconstitucional por afrontar diretamente a liberdade de expressão, o que fez com que o STJ se curvasse ao entendimento do Supremo reconhecendo a inconstitucionalidade do aludido instituto.⁹ A tese fixada é a seguinte:

É incompatível com a Constituição a ideia de um direito ao esquecimento, assim entendido como o **poder de obstar, em razão da passagem do tempo, a divulgação de fatos ou dados verídicos e licitamente obtidos e publicados em meios de comunicação social analógicos ou digitais.** Eventuais excessos ou abusos no exercício da liberdade de expressão e de informação devem ser analisados caso a caso, a partir dos parâmetros constitucionais - especialmente os relativos à proteção da honra, da imagem, da privacidade e da personalidade em geral - e das expressas e específicas previsões legais nos âmbitos penal e cível" .¹⁰ (Grifo nosso).

São inúmeras as pesquisas que perpassam o assunto. Um estudo do *Oxford Internet Institute*, intitulado *An ethical framework for the digital afterlife industry* (ÖHMAN; FLORIDI, 2018) afirma que os restos digitais devem ser tratados com o mesmo respeito que os restos físicos, sem qualquer manipulação com fins lucrativos. Isso engloba empresas que prestam serviços como a criação de avatares por parentes, por exemplo. O Código de Ética de museus do *International Council of Museums* foi usado como base para os pesquisadores. Com isso, o estudo afirma que é necessário que os restos digitais sejam vistos como fonte de informação. Ou seja, suas redes sociais digitais não podem ser usadas para o lucro, sendo importante a criação de um marco regulatório comumente adotado para garantir a dignidade daqueles que se foram.

⁹ STJ. REsp 1.961.581-MS-3ª Turma.

¹⁰ Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=755910773> . Acesso em: 28 fev. 2022



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

O estudo afirma que, para o desenvolvimento de uma abordagem ética ser efetivado, o primeiro passo é averiguar as circunstâncias em que a memória do falecido será moldada pelos interesses comerciais. Para os autores, a *digital afterlife industry* é dividida em quatro categorias: (1) serviços de gestão de informações, que, de forma geral, ajudam o usuário a criar seu testamento e o que deseja fazer com seus restos digitais; (2) serviços de mensagens póstumas; (3) serviços de memoriais on-line; e (4) 'serviços de recriação', que usam os dados pessoais do usuário para gerar novo conteúdo, usualmente por meio de *chatbots*.

No Brasil, em termos legais, ao falarmos do trato de dados em ambiente digital, há a Lei n.º 12.965/14, conhecida como **Marco Civil da Internet - MCI**, que tem por objetivo central reger a relação entre empresas prestadoras de serviços ou produtos associados à internet e os seus respectivos usuários dentro do território nacional. Em seu livro, *Herança Digital no Brasil*, Pereira (2018) afirma que a ausência de lei específica relacionada à herança de conteúdos digitais no país leva a divergências em decisões. Ao analisar o MCI, o autor pontua a ausência de definições a cerca de bens disposto no ambiente digital, e afirma que

De fato, deixou a Lei n.º 12.965/2014 de contemplar questões cuja regulamentação se faz imperiosa nos nossos dias, tão marcados pela vida digitalmente ativa. Em plena era de armazenamento de bens em meio digital, situação que suscita diversos questionamentos de natureza sucessória, deixou o Marco Civil da Internet de sequer fazer menção a tal questão jurídica, menos ainda de oferecer qualquer orientação de solução da celeuma que instaurou sobre o tema (PEREIRA, 2018, p. 38-39)

Da mesma forma como o patrimônio acumulado em vida recebe disciplina pela legislação brasileira, a fim de solucionar eventuais conflitos de partilha entre os herdeiros, o patrimônio virtual também precisa ser pensado e planejado. E isso independe de valoração econômica ou não. Um estudo sobre legado digital realizado com mais de 500 pessoas (NOORLANDT, et al., 2020) foi disponibilizado no site da *Digital Legacy Conference 2021*. Segundo dados da pesquisa (Fig. 1), vários respondentes se mostraram abertos a pensar e falar sobre sua morte digital, porém, apesar de um número considerável de participantes preferirem ter acesso a perfis de pessoas falecidas, a maioria expressou o desejo de que suas próprias redes



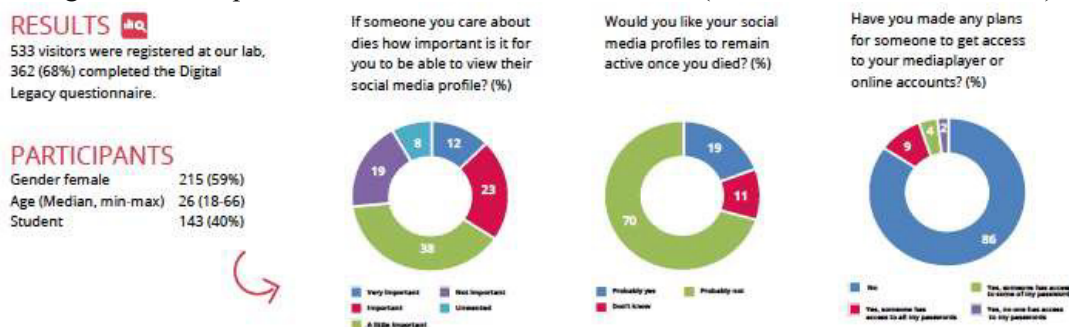
III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

sociais sejam desativadas ou excluídas após sua morte. Apenas 17% afirmaram já terem planejado algo relacionado ao destino de seus dados digitais.

Figura 1¹¹: Pesquisa sobre o destino de dados na rede (NOORLANDT et al., 2020)



Fonte: <https://digitallegacyconference.com/> Acesso em: 22 fev. 2022

Segundo os pesquisadores, todos os projetos relacionados ao âmbito de destino das informações em rede realizados pelo time apontam para uma falta de conhecimento dos indivíduos. A maioria dos participantes indicaram que quase nunca pensam no que acontecerá com seus rastros na internet quando morrerem.

Um breve panorama sobre o conceito de cidadania

Cidadania denota uma relação de pertencimento a uma comunidade política, formalizada através de garantias legais. Como conceito, está intimamente ligada ao território em que determinado indivíduo nasceu ou escolheu viver. Historicamente, desenvolveram-se diferentes vertentes de cidadania que colocam em primeiro plano distintas características. Di Felice (2020), ao apresentar questões referentes às raízes do termo, afirma que,

Há pouco mais de dois mil anos, o apóstolo Paulo declarava com orgulho ser cidadão do Império Romano: "*Civis romanus sum*". Essa era uma condição privilegiada perante a lei, uma vez que o cidadão romano contava com um conjunto de direitos específicos. Além das vantagens jurídicas, adquirir tal condição significava passar a possuir uma espécie de título social, sendo motivo de orgulho. Primeira forma de cidadania não

¹¹ A imagem foi recortada para dar enfoque aos dados de interesse deste artigo. A figura por inteiro pode ser acessada em: <https://digitallegacyconference.com/erica-witkamp-rob-bruntink-judith-rietjens/>. Acesso em: 22 fev. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

delimitada a um território, podia ser concebida a qualquer pessoa independentemente de sua origem econômica, de sua etnia, de seu credo ou religião. (DI FELICE, 2020, p. 129)

Para o autor, ser cidadão romano não estava, então, conectado a uma condição étnica, mas de status virtual. Era como passar por um processo de profunda mudança de identidade. Hintz et al. (2018) afirmam que o modelo romano enfatizava o status legal do cidadão, sua liberdade de buscar seus interesses privados e a proteção que gozava da interferência de autoridades estatais. Em contrapartida, o modelo grego enfatizava a participação dos cidadãos nos assuntos públicos na criação das regras, leis e decisões que os regiam. O envolvimento ativo nos assuntos da polis não era apenas um direito, mas uma obrigação, e a filiação era definida por laços sociais (e exclusão de acordo com gênero, raça e classe).

No final dos anos 1940, Thomas Marshall desenvolve estudos que debatem o conceito de cidadania postulado em reflexões que se originam no pós-guerra. O autor define a cidadania como um status concedido àqueles que são membros plenos em uma comunidade. No entanto, não se trata de um estado dado, mas de um estado construído ao longo da história e materializado nas seguintes dimensões: Civil, relacionada à liberdade individual e liberdade de imprensa, por exemplo, tendo como instituições marcantes os tribunais de justiça; Política, relativa à participação no exercício do poder político, tendo como a principal instituição o parlamento; e Social, relacionada ao direito mínimo do bem-estar econômico e de poder participar de uma sociedade civilizada de acordo com as prerrogativas impostas pela sociedade, relacionada ao sistema educacional e de serviço social (MARSHALL, 1967).

Em suma, para Marshall, a cidadania implica em ter um Estado que, por meio de instituições e políticas públicas sólidas, seja capaz de garantir os direitos dos indivíduos, vista, dessa forma, como um elemento integrador. O Estado se tornaria agente de transformação da vida do cidadão, mediador da redução das diferenças sociais e, assim, estabeleceria a cidadania.

É inegável a influência que Marshall ainda exerce e os aspectos que podem ser explorados a partir de suas publicações. Contudo, Druetta (2013) afirma haver limitações na proposta do autor, pois no modelo neoliberal, hoje dominante em quase todo o mundo, o Estado está longe de garantir direitos básicos nas três áreas mencionadas (civil, político e social). Para o autor, é possível afirmar que a conquista dos direitos do cidadão, na atualidade, constitui-se



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

em uma luta com o poder dominante, "[...] um contexto em que a digitalização é ao mesmo tempo um novo recurso de apoio ao processo, mas também uma nova fonte de exclusão e, portanto, um direito de reivindicação." (DRUETTA, 2013, p. 14, tradução da autora). Druetta aponta que os recursos digitais permitem a expressão de pontos de vista diferentes dos defendidos por grupos que estão no poder.

Cidadania digital e os restos digitais

O conceito de cidadania digital não é enquadrado em uma única e restrita definição, sendo usado para diferentes propósitos, bem como para o entendimento de distintas práticas. Tem sido aplicado para descrever a centralidade da infraestrutura digital nas interações sociais contemporâneas, as implicações das identidades e formas de pertencimento dos sujeitos e a ativa participação em ambientes digitais. Com *smart devices*, *smart cities* e *wearables*, por exemplo, os recursos tecnológicos transformaram algo que usamos em ambientes que habitamos, habilitando novos modelos de governança onipresentes (HINTZ, et al. 2018).

Para Di Felice (2020, p. 15), a cidadania digital pode ser entendida como uma oportunidade para uma profunda transformação na ideia de sociedade. Segundo o autor, o termo também pode ser compreendido como

[...] a expansão dos direitos e das formas participativas parlamentares e, portanto, como um fortalecimento, uma amplificação e uma versão mais completa da democracia, como a conhecemos e como o Ocidente a concebeu, ou, também pode ser interpretada como o advento de um novo tipo de comum, conectado e interativo. Uma nova morfologia das nossas ecologias e do nosso social[...] (DI FELICE, 2020, p. 15)

O autor afirma que a cidadania na *web* é algo semelhante ao que era tomar-se cidadão romano, mencionado anteriormente, não significando apenas a extensão dos direitos tradicionais, mas sim, mudar a própria natureza tornando-se algo diferente do sujeito político moderno que é detentor único de direitos.

Druetta (2013) afirma que conceituar a cidadania digital é um processo interdisciplinar e que deve partir dos desenvolvimentos teóricos existentes, que precisam ser revisitados e atualizados. Suas colocações a respeito do tema oferecem um panorama geral sobre a definição,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

que, por vezes, é assimilada a 'cibercidadania' ou 'e-cidadania'. De uma forma geral, a cidadania digital tem sido explicada a partir de algumas perspectivas básicas. São elas: acesso à infraestrutura tecnológica; desenvolvimento de habilidades digitais para gerenciar tais recursos; e-cidadania; e, ainda, um exercício cidadão inserido no conceito de cidadania cultural e canalizado por meio de recursos digitais (DRUETTA, 2013).

Dessa forma, é importante destacar que o termo não possui apenas um significado. Assim, o conceito de cidadão, levando em conta apenas a relação com o Estado, é considerado obsoleto e limitado, principalmente diante das inúmeras possibilidades de participação oferecidas pelos novos recursos digitais.

Uma das possíveis interpretações assimila a cidadania digital à Alfabetização Midiática Informacional (AMI), cuja fonte está nos estudos disponibilizados pela UNESCO. Em suma, a AMI representa uma base para aumentar o acesso à informação e ao conhecimento de modo a amplificar a liberdade de expressão e qualidade na educação. Ela "[...] descreve as habilidades e as atitudes necessárias para valorizar nas sociedades as funções das mídias e de outros provedores de informação, incluindo aqueles na internet[...]" (UNESCO, 2016, p. 5). O documento afirma que as políticas da AMI são necessárias, pois permitem que os cidadãos adquiram competências para a própria defesa de culturas que são consideradas dominantes. Dessa forma, há um empoderamento desses sujeitos que desenvolvem um papel na sociedade.

Uma outra perspectiva situa-se no plano das obrigações, pois identifica a cidadania digital como o cumprimento de determinados deveres e de alguns direitos (DRUETTA, 2013). É por isso que o conceito de cidadão, considerado apenas em sua relação com o Estado, encontra-se atualmente obsoleto e limitado, principalmente diante das enormes possibilidades de participação e interação oferecidas pelos novos recursos digitais.

Jon Katz (1997), ao definir os cidadãos digitais, observou um 'novo *ethos* político' e uma 'nova sensibilidade política'. Os cidadãos digitais eram, em sua opinião, cívicos, compartilhavam valores comuns e reverenciavam as liberdades civis. Eles consideravam a internet como uma ferramenta para expressão individual, democratização, oportunidade econômica, e educação. Essa perspectiva certamente estava alicerçada no otimismo das



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

abordagens ciberlibertárias da época, que viam a internet como um espaço autônomo onde os cidadãos e empresas privadas eram libertos da coerção dos governos (DRUETTA, 2013).

No entanto, enquanto os cidadãos têm usado ferramentas digitais para fortalecer seu papel na sociedade, o Estado e os setores empresariais não estão passivos quanto a isso, utilizando a internet como meio de ampliar seu controle. As ferramentas que usamos para decretar e exercer nossa cidadania são hospedadas por plataformas comerciais que estão em luta constante contra o cumprimento de decisões de tribunais, como o caso do Google que posicionou-se contra a desindexação de mecanismos de busca, conhecido como "direito ao esquecimento", mencionado anteriormente neste artigo. Assim, nossos dados são centrados em um contexto de mercantilização e monetização. Além disso, empresas de mídia social, lojas de aplicativos e outros provedores regulam o que é permitido em seu site por meio de termos de serviço (muitas vezes duvidosos). Logo, o cidadão digital, seria ao mesmo tempo, um cidadão ativo e um cidadão supervisionado (HINTZ et al., 2018).

Tendo em vista a amplitude do tema e sua urgente necessidade de aplicação adequada, o Manifesto pela Cidadania Digital foi redigido (DI FELICE, 2020). O documento, que é dividido em quatro partes, traduz o direito de uma participação consciente e responsável nas redes. A primeira parte apresenta a transição das formas de contratualidade social; a segunda parte refere-se às "novas modalidades de interação e conectividade que descrevem a transição das formas representativas dos processos de tomada de decisão para as plataformas digitais" (DI FELICE, 2020, p. 179); a terceira parte diz respeito à introdução do termo "infóviduo" ou "pessoa digital"; e a quarta e última parte refere-se à educação para a cidadania digital.

Tal documento mostra-se relevante, na medida em que, como temos abordado no decorrer deste artigo, notoriamente, as plataformas digitais passaram a ser dominantes, sendo fonte de questionamentos e inquietações. Como consequência, tem-se um avanço tecnológico em conjunto com a multiplicação de dados e exposição e o acesso a informações diversificadas pelos usuários.

Com base em uma pesquisa com usuários de Internet israelenses, Morse e Birnhack (2020) compararam preferências e comportamentos em relação ao acesso a "restos digitais". A análise dos pesquisadores resultou em três grupos diferentes: (1) Usuários que pensam que o



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

paradoxo da privacidade persiste postumamente; (2) Usuários que pensam que o paradoxo da privacidade está desfeito após seu falecimento; e (3) Usuários que estão interessados em compartilhar dados pessoais postumamente, mas não tomam as providências necessárias, dessa forma, as plataformas online impedirão que outros acessem os dados. A discussão trata da intersecção entre tecnologia e sociedade e o surgimento de novas possibilidades de manifestação do "eu" postumamente e a necessidade de regulamento ao acesso aos restos digitais.

Com relação à memória dos mortos, sua cidadania digital seria prolongada de forma póstuma garantindo seus desejos, seja com relação à herança ou legado digital em seu apagamento ou prevalência. Retomando questões estabelecidas anteriormente neste artigo, o dono do patrimônio poderá fazer o seu planejamento sucessório por meio de testamento, por exemplo, informando o que deseja, podendo excluir do acervo eventuais conteúdos que ele não queira expor aos seus familiares, como mensagens de e-mail e WhatsApp que possam expor terceiros ou a si mesmo.

Porém, como mencionado, a partir do controle dos dados por grandes empresas, é inegável que seu acesso não é totalmente restrito após o falecimento, muito menos totalmente deletado, pondo em xeque os direitos dos cidadãos que, mesmo não mais em vida, proclamaram seus desejos antes de falecerem. Ainda, mesmo que o direcionamento desses dados não tenha sido apontado pelo indivíduo antes de sua morte, a privacidade e ética deveriam ser mantidas, estendendo, dessa forma, os direitos constituintes desse cidadão após sua morte.

É interessante pensarmos que, como cidadãos, somos regidos por direitos e deveres que, enquanto em vida, devem ser respeitados, ficando a cargo do cidadão a extensão póstuma de seus rastros. Além da liberdade civil de escolha, o desenvolvimento de competências para compreensão e discussão sobre tudo que engloba a disponibilização e utilização de bens digitais é algo necessário a ser implementado. Assim, através da Alfabetização Midiática Informacional, o exercício da cidadania digital em suas mais diversas instâncias forneceria à população subsídios para o amplo entendimento dos direitos e deveres relacionados ao assunto. Para isso, políticas públicas voltadas à disseminação e prática dessa informação deveriam ser desempenhadas.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Outro ponto interessante a se pensar diz respeito à regulação democrática para o impedimento da intrusão e monetização de nossos dados depois da morte. Porém, essa regulamentação perpassa por muitas instâncias, já que esbarra no interesse de grandes corporações que lucram com qualquer tipo de dados disponível no ambiente digital.

Assim, sua efetivação poderia acarretar inúmeras mudanças em políticas internas e procedimentos comerciais lucrativos.

Considerações finais

Este artigo propôs uma reflexão a partir de pesquisa bibliográfica sobre o destino dos dados digitais após o falecimento dos usuários. Diante do apresentado, é importante que políticas públicas relacionadas ao assunto sejam aplicadas, englobando direitos e deveres no ambiente digital para que mudanças efetivas possam ocorrer garantindo mais segurança e autonomia com dados.

A cidadania digital, com relação aos dados de pessoas falecidas, pode ser entendida como o direito de escolha da disposição desses bens digitais sem qualquer prejuízo à imagem do sujeito. Além disso, caso essa pessoa não tenha exposto seus interesses, é imprescindível a aplicação conforme os meios legais e éticos vigentes, estendendo, dessa forma, os direitos à expressão do cidadão enquanto ainda estava em vida.

Com relação às ferramentas que prometem eternizar uma pessoa, deve-se considerar a memória e os intuítos do sujeito. O legado digital não é apenas sobre se nossas vidas online podem ou não ser preservadas após a morte, já que existem ferramentas que desempenham essa função. A questão central é se esse cenário seria desejável pelo sujeito já falecido.

Referências

BRASIL. **Lei Nº 12.965, de 23 de Abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/112965.htm. Acesso em: 28 fev. 2022.

CANÁRIO, P. **Enunciado do CJF põe em risco registros históricos**. Revista Consultor Jurídico, 25 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2013-abr-25/direito-esquecimento-poe-risco-arquivo-historico-dizem-especialistas> Acesso em: 28 fev. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

DI FELICE, M. **A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais.** Rio de Janeiro: Paulus Editora, 2020.

DRUETTA, D. C. **Escenarios para pensar la ciudadanía digital.** Versión - Estudios de Comunicación y política. Disponível em: <https://versionojs.xoc.uam.mx/index.php/version/article/view/534>. Acesso em: 28 fev. 2022.

HENN, R. Os mortos vivem no Twitter: outras camadas da morte como acontecimento. In: MAROCCO, Beatriz et al (orgs.) **Jornalismo e acontecimento: diante da morte.** Florianópolis: Insular, 2012.

HINTZ, A.; DENCİK, L.; WAHL-JORGENSEN, K. **Digital Citizenship in a Datafied Society.** Polity Press, 2018.

HORNE, A. **El tiempo de Napoleón.** Barcelona: Debate, 2005.

ISIN, E.; RUPPERT, E. **Becoming Digital Citizens.** Lanham: Rowman & Littlefield, 2015.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MORGAN, P. **Cryptoasset Inheritance Planning: a simple guide for owners.** Merkle Bloom, 2018.

MORSE, T.; BIRNHACK, M. The posthumous privacy paradox: Privacy preferences and behavior regarding digital remains. **New Media & Society**, p. 1-20, nov 2020
doi:10.1177/0262728012453977.

NOORLANDT, H. W.; *et al.* **Talking about the end of life; experiences from death lab "De Dooie Hoek" at the Lowlands Festival in the Netherlands,** 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269216320958098>. Acesso em: 22 fev. 2022.

ÔHMAN, C.; FLORIDI, L. An ethical framework for the digital afterlife industry. **Nature Human Behaviour**, 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41562-018-0335-2>.

PEREIRA, G. S. G. **Herança Digital no Brasil.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

RIBEIRO, R. **A morte midiaticizada:** como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Niterói, RJ: Eduff, 2015.

ROBLES, J. M. **Ciudadanía digital.** Una introducción a un nuevo concepto de ciudadano. Barcelona: UOC, 2009.

UNESCO. **Alfabetização Midiática e Informacional:** diretrizes para a formulação de políticas e estratégias (resumo sobre as políticas da AMI), 2016.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Transparência Ativa no Instituto Federal do Tocantins¹

Suzana Gilioli C. NUNES²

Fabrcio Barbosa da COSTA³

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O direito de acesso à informação é uma temática que emergiu a partir da procura por transparência e participação democrática na sociedade, assim como a utilização de TIC's tem proporcionado o controle social e a cobrança por direitos pela população. Esta pesquisa analisa o atendimento às legislações de acesso à informação, por meio do mecanismo de transparência ativa do portal eletrônico da Instituição de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. Este estudo é classificado quanto aos seus objetivos como descritivo e exploratório, com relação à sua natureza é quantitativa e qualitativa, e quanto aos procedimentos técnicos consiste em uma pesquisa documental e bibliográfica. Os dados foram coletados por meio da técnica de observação sistemática com o apoio do instrumento de uma tabela de navegação orientada, elaborada pelo autor com base no guia de transparência ativa da CGU, de uso obrigatório nos órgãos públicos do Poder Executivo na Esfera Federal. Os resultados apontam que o atendimento às categorias analisadas ocorre por completo em 56% do que foi observado, em 23% o atendimento se dá de forma parcial, e em 21% das categorias analisadas a entidade não atende à legislação.

Palavras-chave: Lei de acesso à informação; Transparência ativa; Controle social.

Introdução

A trajetória da humanidade é marcada por significativas alterações nas formas de interação, sobrevivência, convívio e também do funcionamento das organizações e de sua população. Estas alterações são desencadeadas, dentre outros vários motivos, principalmente devido às inovações tecnológicas. O crescimento populacional e a busca por igualdade de direitos e de participação acarretou mudanças no Estado e em suas formas de governo, assim

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 2) Práticas de cidadania digital para se conectar com a Floresta Amazônica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Docente do Mestrado em Gestão de Políticas Públicas da UFT, email: suzanagilioli@yahoo.com.br.

³ Mestre em Gestão de Políticas Públicas da UFT, email: fabricio_912@hotmail.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

como na cobrança da população por políticas públicas inovadoras que atendam essas modificações.

A inserção e a constante alteração dos mecanismos relacionados à tecnologia da informação e comunicação tem impactado profundamente a forma e a velocidade na qual ocorre o acesso à comunicação no mundo globalizado. O fenômeno social e tecnológico da Internet tem proporcionado agilidade nos trâmites governamentais, assim como passou a possibilitar o acompanhamento em tempo real por parte da sociedade, ocasionando assim um controle social dos atos e medidas implantadas pelo governo, além da possibilidade de comparação das ações e programas em atividade em sua região com as demais ao redor do planeta.

O governo, por meio da Internet, está tentando acompanhar e atender as demandas da sociedade civil, tanto em sua extensão, dimensão e complexidade de interesses. Por meio do chamado e-gov é possível atender o cidadão em sua localização, oferecendo serviços, declarações, entre outras demandas, sem exigir que o mesmo se desloque até o órgão ou entidade, evitando filas, e até mesmo de ser surpreendido por exigências documentais que o obrigue a retornar posteriormente.

O direito de acesso à informação é uma temática de discussão global desde o século XVIII, com a cobrança pela criação de normas e regras internacionais de transparência por parte das instituições governamentais. Cobrança essa que não é realizada apenas pela população, mas também conta com o apoio de instituições de diversos segmentos, inclusive o monetário, por qual circulam os montantes de recursos nas transações comerciais entre governos e empresas ao redor do mundo.

O Brasil, assim como os demais países, vem se adaptando a essa transição, assegurando o direito de acesso à informação aos seus cidadãos, com a criação de normas, exigências e políticas que garantam esse direito, com a prática de *accountability* por parte dos representantes do governo.

A legislação de acesso à informação Brasileira determina que todas as organizações públicas exerçam a prática de transparência ativa, a qual consiste em realizar a publicidade de informações relacionadas ao órgão de forma proativa, sem necessidade de ser requerida por



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

parte dos interessados, determinando uma série de conteúdos que devem ser disponibilizados no portal eletrônico do órgão.

O governo atua em diversos segmentos, sendo as instituições de ensino público responsáveis por significativa parcela de recursos públicos, sendo um dos segmentos dos quais mais se destinam recursos no País. Tendo em vista que a educação é a porta de entrada para a formação e conscientização da população, estas deveriam ser exemplo de cumprimento das políticas públicas de acesso à informação.

As tecnologias da informação e comunicação, a exemplo da Internet, facilitam a disseminação das informações governamentais para os seus interessados. Com a exigência de disponibilização de informações pelo governo, através de seus portais eletrônicos, e por ser um segmento do Poder Executivo, dentre as quais se destinam significativas quantias de recursos financeiros e humanos, assim como sua representativa importância para o futuro de uma nação e de sua população, surge o seguinte questionamento: **O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins cumpre as exigências de transparência ativa em seu portal eletrônico?**

O principal objetivo deste trabalho consiste em analisar o atendimento das legislações pertinentes de acesso à informação, por meio do mecanismo de transparência ativa do portal eletrônico do IFTO. Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: após a introdução, apresenta-se uma resumida revisão de literatura, em seguida são discutidos os aspectos metodológicos utilizados, então em seguida são descritos os resultados encontrados, e por fim as conclusões finais sobre a pesquisa.

Perspectivas conceituais e normativas

Política pública consiste em uma diretriz formada para enfrentar um problema público, composta por dois elementos fundamentais: intencionalidade pública e resposta a um problema público, tendo a objetividade de tratar ou solucionar um problema entendido como coletivamente relevante (SECCHI, COELHO, PIRES, 2019). Corroborando com a ideia, Nunes (2016) traz que o Estado surge para solucionar e regulamentar os problemas e conflitos derivados da convivência entre indivíduos de um determinado grupo.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

O conceito de sociedade civil e Estado caminham juntos, tendo em vista o controle que um exerce sobre o outro, e a dependência deles é necessária para ter legitimidade. A sociedade civil é composta pelo agrupamento de indivíduos e organizações que buscam organizar e defender os interesses da coletividade acima de benefícios pessoais de seus integrantes, ou seja, na sociedade civil as pessoas são vistas como um grande grupo, e portanto procuram alcançar o melhor para o coletivo e não apenas para um ou uma pequena parcela de pessoas específica (PEREIRA, 1995; DURIGUETTO, 2008; BOTTREL, 2016; NUNES, 2016).

A prática de transparência na administração pública proporciona o controle pela sociedade das atitudes dos seus agentes, apontando seus atos, assim como, por quê e onde estão sendo empregados os recursos públicos. Para isso as informações devem ser disponibilizadas para os cidadãos de forma transparente, livre, clara e com fácil acesso, além de ser apresentada em uma linguagem popular para que os mesmos possam fiscalizar e acompanhar (NUNES, 2016).

A LAI tem como um de seus objetivos primordiais o de garantir meios para que a sociedade obtenha acesso à informação. Para isso ela apresenta os princípios da transparência ativa e da passiva. Sendo a transparência ativa a obrigação que as instituições públicas têm em disponibilizarem de forma proativa um conjunto mínimo de informações básicas a respeito do órgão. Na transparência passiva, é garantido acesso às informações que não estão disponibilizadas, trazendo procedimentos que viabilizem a solicitação de informação, assim como prazos máximos para este atendimento (CGU, 2013).

Aspectos Metodológicos

Esta pesquisa quanto aos seus objetivos pode ser considerada como uma pesquisa exploratória, ou até mesmo uma pesquisa descritiva. Uma pesquisa exploratória, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), em sua fase preliminar, procura reunir informações relacionadas ao assunto para que seja possível defini-lo, facilitando o entendimento da temática para o direcionamento dos seus objetivos e elaboração das hipóteses. Já na pesquisa descritiva a finalidade é observar, analisar e registrar os fatos sem interferir nos mesmos, utilizando-se de técnicas padronizadas para coletar os dados, com o intuito de descrever com uma maior



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

precisão, a frequência em que ocorre suas características, fenômenos ou o estabelecimento das relações de suas variáveis (CERVO, BERVIAN, DA SILVA, 2007; PRODANOV, FREITAS, 2013).

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, esta pesquisa se enquadra como bibliográfica e documental. Ambas consistem na busca por conhecimento por meio de consulta a todo material já publicado com relação ao tema, desde livros, páginas de Internet, artigos científicos, jornais, livros, documentos oficiais, arquivos públicos, revistas, entre outros, inclusive de meios de comunicação oral. O objetivo é que o pesquisador tenha acesso e conhecimento de determinado assunto, seja ele escrito, filmado ou falado (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007; MARCONI, LAKATOS, 2009; PRODANOV, FREITAS, 2013). De acordo com Gil (2008), a principal diferença entre esses dois tipos de pesquisas consiste na natureza da fonte, na qual uma já recebeu a contribuição de vários autores relacionados à temática e o outro não passou ainda por nenhum tratamento analítico.

Com relação à natureza da pesquisa, ela pode ser classificada como quantitativa e qualitativa. A pesquisa é quantitativa quando pode ser quantificável ou mensurada numericamente, ou seja, todas as informações para serem analisadas são traduzidas em números através de recursos e técnicas estatísticas (MATIAS-PEREIRA, 2012; PRODANOV, FREITAS, 2013). Enquanto na pesquisa qualitativa, o meio é a fonte para coleta dos dados pelo investigador, no qual procuram analisar esses dados de forma indutiva, predominando a interpretação e descrição dos fenômenos, no qual existe uma indissociabilidade entre o panorama objetivo e a subjetividade do sujeito, não requerendo assim a utilização de técnicas estatísticas (PRODANOV, FREITAS, 2013).

Esta pesquisa consiste em uma fragmentação de uma dissertação de mestrado que analisa as Instituições Públicas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica da Região Norte do Brasil. Sendo objeto deste estudo em específico o Instituto Federal do Tocantins.

O instrumento para coleta de dados utilizado nessa pesquisa consiste na observação sistemática. E para alcançar o objetivo dessa pesquisa, foi averiguado o atendimento à LAI no portal do Instituto Federal do Tocantins, através da navegação orientada por uma estrutura



dividida em 13 categorias, com 47 indicadores de análise. A tabela de navegação orientada foi elaborada de acordo com os princípios da teoria da transparência ativa descritos pela Lei nº 11.527/2011, com o Decreto nº 7.845/2012 e com base na publicação da sexta edição do Guia de Transparência ativa (GTA) para os órgãos e entidades do Poder Executivo Federal, elaborado pelo CGU no ano de 2019.

A estrutura utilizada para orientar a navegação nos portais das instituições investigadas consiste em uma tabela elaborada pelo autor dividida em 13 categorias, na qual é possível visualizar a partir do Quadro 01 a seguir, o objetivo de cada uma das categorias analisadas.

Quadro 01: Categorias e objetivos da tabela utilizada para navegação orientada.

Categorias	Perguntas	Objetivo
1º	De 1 à 8	Verificar as diretrizes de acessibilidade do sítio conforme exigências.
2º	De 9 à 16	Analisar a divulgação das informações institucionais.
3º	De 17 à 20	Analisar a divulgação das ações e programas realizados pela entidade.
4º	De 21 à 25	Analisar se a entidade oferta mecanismos para a participação social.
5º	De 26 à 28	Analisar se o órgão dá publicidade aos documentos das auditorias.
6º	29	Analisar a divulgação dos convênios e transferências realizadas.
7º	De 30 à 32	Analisar se o órgão tem divulgado todas as receitas e despesas, tanto previstas, como executadas.
8º	De 33 à 35	Analisar se a entidade dá publicidade as licitações, aos contratos efetivados e as notas de empenho emitidas.
9º	De 36 à 38	Analisar a transparência dos concursos públicos de provimento de pessoal, assim como se consta o rol de servidores em exercício.
10º	De 39 à 41	Analisar se o órgão possui informações classificadas como sigilosas, e se existe publicidade dessas, assim como das informações que foram desclassificadas nos últimos 12 meses. E verificar se é disponibilizado formulário para solicitação de desclassificação ou de recurso.
11º	De 42 à 45	Analisar se a instituição fornece as informações e procedimentos para utilização da SIC.
12º	46	Analisar se o órgão disponibiliza as respostas para as perguntas mais frequentes dos cidadãos, de forma atualizada.
13º	47	Analisar os planos de dados aberto no âmbito da instituição são divulgados pela administração.

Fonte: Elaborado pelos autores.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Cada uma das questões analisadas nessa pesquisa, foram sinalizadas como: totalmente atendida, parcialmente atendida ou não atendida. A coleta das informações no portal eletrônico do IFTO (<http://www.ifto.edu.br>) ocorreu por meio da observação sistemática nos dias 27 e 28 de junho de 2021.

Resultados

Na análise do menu principal do site, é possível visualizar no lado esquerdo da página o menu específico para o acesso à informação, assim como foi identificado no canto inferior direito banner de redirecionamento para a mesma seção. Em análise aos tópicos apresentados, é possível verificar que a instituição disponibiliza 13 opções de acesso, das quais as 12 primeiras obedecem a estrutura e nomenclatura definidas pela CGU, atendendo, portanto, aos indicadores 1 e 2 da tabela de navegação orientada.

No acesso a cada um dos itens disponibilizados, é possível verificar texto explicativo a respeito do conteúdo publicizado, assim como é detectada a presença de ferramenta de pesquisa de conteúdo em todas as páginas do portal eletrônico, atendendo aos indicadores 3 e 4.

Em análise ao 5º indicador, foi constatado que em todos os tópicos da seção de acesso à informação são dispostas as datas de publicação e de última atualização, assim como é possível observar que todas encontram-se atualizadas, atendendo portanto ao que foi exigido.

A instituição atende parcialmente o indicador 6 pois, por muitas vezes, disponibiliza apenas uma opção de formato para gravar os relatórios. Foi observado mais de um formato como opção apenas nos formulários do tópico “informações classificadas” e nos índices de medição na pasta de contratos, com os formatos (.doc e .odt). No relatório dos estagiários vinculados à instituição, são disponibilizadas para o usuário as opções com os formatos .xlsx, .ods, .pdf, .html, .csv e .tsv.

O 7º indicador é atendido parcialmente pelo órgão, uma vez que na tentativa de acesso ao organograma da unidade reitoria, no tópico institucional foi exigido usuário e senha para acesso, consistindo assim em um obstáculo para leitura dessa informação.

Na análise se o portal adota as medidas necessárias para garantir a acessibilidade das pessoas com deficiência, foi constatado tópico na parte superior direita, desde o menu principal,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

com o item “acessibilidade”, no qual constam algumas medidas tomadas pelo IFTO para garantir o acesso para esse público específico. O portal afirma também nessa seção que atende às diretrizes do e-MAG, no canto superior direito é ofertado o mapa do site para facilitar a localização de informações, assim como a opção de alto contraste em todas as páginas. Em todo momento é possível identificar um banner para garantir a tradução em libras, atendendo assim ao indicador analisado.

Em observância aos dados apresentado da 1º categoria da tabela de navegação orientada, referente às diretrizes de acesso do portal, a instituição atende por completo 75%, e de forma parcial 25% dos indicadores analisados.

Na análise ao tópico “institucional”, é possível verificar que a página disponibiliza um tópico nomeado “estrutura organizacional”, no qual é apresentado o organograma de cada uma das unidades sedes do IFTO. Porém, na tentativa de acesso à unidade da reitoria, é exigido do usuário um login e senha para visualização do conteúdo. Como não foi encontrado nenhuma informação de preenchimento para o demandante, o indicador 9 desta pesquisa foi considerado como parcialmente atendido.

Com relação ao décimo indicador, é possível visualizar no tópico “institucional”, que a organização estabelece a competência da instituição, porém não apresenta esta informação relacionada aos níveis hierárquicos de suas unidades. Porém, na análise do indicador 11 relacionado à base jurídica e aos regimentos internos do órgão, são apresentados no tópico “Base Jurídica” os documentos normativos e os documentos de planejamento e avaliação, constando entre eles o regimento geral da instituição, que possui as competências da unidade da reitoria. Na tentativa de encontrar o regimento interno das demais unidades foi acessado o portal de cada um dos campi, porém foi localizado apenas o regimento interno com as competências dos níveis hierárquicos dos Campus Palmas e do Campus Porto Nacional. Sendo assim, para efeitos dessa pesquisa, os dois indicadores analisados foram assinalados como parcialmente atendidos, uma vez que não foram localizadas todas as informações demandadas.

Com relação aos indicadores 12 e 13, o IFTO atende ao requerido para essa pesquisa, apresentando no tópico “quem é quem” todos os departamentos de cada uma das unidades, com os respectivos ocupantes, endereço e informações para contato. Assim como também atende ao



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

item 15, ao disponibilizar no menu “institucional” o horário de funcionamento de cada uma das unidades vinculadas.

Quanto ao indicador 14, que analisa se o órgão disponibiliza as agendas do reitor e de seus diretores, foi constatando no tópico “quem é quem” em cada uma das páginas das unidades, link de redirecionamento para a agenda do reitor ou diretor designado. Porém, na tentativa de acesso desses documentos foi percebido que em três das unidades o conteúdo não foi disponibilizado, apresentando na página da sede de Colinas que o usuário não tem autorização para visualizar a página; na sede de Dianópolis, redireciona o interessado para a página de login do gmail; e na unidade de Araguatins, é relatado que a página não existe. Portanto, para essa pesquisa o indicador foi assinalado como parcialmente atendido.

O indicador 16 é atendido parcialmente ao ser disponibilizado na seção “quem é quem”, junto com as agendas dos diretores, o currículo dos ocupantes de cargos de algumas unidades. Como nos casos das unidades de Porto Nacional e Gurupi, que são apresentados o currículo lattes de todas as funções da instituição; na unidade de Colina possui apenas os currículos dos diretores e gerentes; e nos Campus Araguatins e Araguaína disponibilizam o currículo apenas do chefe de gabinete; as demais unidades não apresentam o currículo dos ocupantes de nenhum dos seus respectivos cargos.

É possível verificar, então, que o IFTO atende por completo 37,5% dos itens, e de forma parcial 62,5% dos indicadores da categoria que analisa as informações institucionais da organização, não apresentando nenhum percentual de não atendimento.

Na análise do indicador 17 foi constatado que o órgão disponibiliza o plano anual de atividades institucionais - PAAI, o PDI, os relatórios de gestão e os programas orçamentários executados por ano, atendendo assim ao exigido. Já com relação aos demais indicadores (18, 19 e 20) da categoria três, a entidade não atende ao determinado, uma vez que não foram localizadas: a carta de serviços prestados pela instituição; assim como nenhum conteúdo sobre a existência de renúncia de receitas para a realização dos programas; e nenhuma informação relacionada à existência de financiamento pelo FAT.

No tópico “participação social” é apresentado tópico para informações do canal de ouvidoria, com explicações a respeito do setor, apresentação dos servidores responsáveis, assim



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

como os dados para contato, localização, legislações pertinentes, horário de atendimento e link de redirecionamento para o Fala.BR, para que o usuário possa registrar a sua manifestação online, atendendo assim o indicador 21.

Ainda no tópico “participação social” é possível verificar as informações referentes aos conselhos e órgãos colegiados mantidos pela instituição, disponibilizando informações sobre sua legislação, estrutura, componentes, contatos, resoluções, atas, regimento interno dos órgãos e o calendário de reuniões. Porém ao acessar o calendário de reuniões é possível visualizar, quanto ao CODIR, que as informações encontram-se desatualizadas, apresentando apenas o calendário do ano de 2017. Por esse motivo, o indicador 23 é assinalado como parcialmente atendido.

Com relação aos demais indicadores dessa categoria (22, 24 e 25), não foram localizadas nenhuma informação referente às conferências previstas e realizadas, às audiências ou consultas públicas previstas ou realizadas, assim como nenhuma informação sobre a existência de outras ações sociais realizadas pela instituição. Sendo, portanto, todos esses indicadores assinalados como não atendidos.

A categoria 5 analisa as informações relacionadas aos relatórios de auditorias do órgão. Nesse tópico constam as informações relacionadas ao departamento responsável, disponibilização dos relatórios de gestão do ano de 2011 ao ano de 2018, no formato .pdf, e o relatório anual de contas do IFTO apenas do ano 2011. Portanto, é possível relatar que o IFTO atende apenas ao indicador 27, sendo os demais da categoria (26 e 28) assinalados como não atendidos.

Na categoria 6 são analisadas as informações relacionadas aos convênios e transferências do órgão, em que é possível observar, no tópico designado pela instituição, que a mesma disponibiliza link de redirecionamento ao portal da transparência, com breves instruções de acesso, podendo assim ser afirmado que a instituição atende ao requisitado no indicador 29.

Os indicadores 30, 31 e 32 compõem a 7ª categoria analisada, a qual o IFTO atende todas as exigências por completo ao disponibilizar links de redirecionamento para o portal da transparência do Governo Federal, com breves instruções de como realizar a consulta. Além



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

dos redirecionamentos, a instituição ainda disponibiliza o orçamento anual do órgão, do ano 2011 ao ano de 2020 no formato .ods, além do boletim de serviços e as despesas com ações de desenvolvimento de pessoas.

Com relação a 8ª categoria que analisa as licitações e contratos, é possível afirmar que a instituição atende parcialmente ao indicador 33, o qual analisa as licitações realizadas e em andamento, e não atende aos indicadores 34 e 35, que verificam a disponibilidade dos contratos firmados e as notas de empenho expedidas.

Com relação ao indicador 33, é verificável que o órgão não dá publicidade a todos os procedimentos licitatórios realizados na instituição, a partir da numeração apresentada desses, assim como foi observada falta dos resultados desses procedimentos licitatórios.

O indicador 34, apesar de apresentar um tópico específico para o assunto, não consta as informações detalhadas nem os contratos na íntegra, sendo apresentados apenas as atribuições dos gestores e fiscais de contratos, o relatório de entrega de materiais, as orientações para o processo de fiscalização, e o instrumento de medição de resultado dos serviços de internet e limpeza predial, não atendendo assim ao exigido pelo guia de transparência ativa da CGU.

Não foi localizada nenhuma informação referente aos contratos celebrados, nem aos empenhos expedidos pela instituição, por esse motivo os indicadores 34 e 35 foram assinalados como não atendidos.

Em atendimento ao indicador 36, o IFTO apresenta as informações dos concursos públicos na íntegra, com seus respectivos editais e resultados. O órgão atende também ao item 38 disponibilizando a lista de funcionários terceirizados da instituição. Já com relação ao indicador 37, este foi assinalado como parcialmente atendido, uma vez que o portal disponibiliza link de redirecionamento para o “detalhamento dos servidores públicos” no portal da transparência, porém não é fornecido nenhuma instrução ou passo a passo para consultar o conteúdo, o que é exigido pelo GTA. É válido destacar que é disponibilizada, também, a lista de bolsistas e estagiários da instituição com a opção de gravar o relatório em vários formatos (xlsx, ods, pdf, html, csv e tsv).

A entidade analisada atende todos os indicadores da categoria “informações classificadas” (39, 40 e 41), publicizando que no âmbito da instituição não existem informações



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

classificadas nem desclassificadas. O portal disponibiliza ainda os formulários de pedido de desclassificação e de recurso referente ao pedido, nos formatos .doc e .odt.

Na categoria 11, relacionada ao serviço de informação ao cidadão, o órgão atende por completo aos indicadores 42, 44 e 45, ao apresentar as informações relacionadas ao departamento, com localização, contato, horário de funcionamento, os responsáveis pelo setor, banner de redirecionamento para o e-SIC e link de redirecionamento para os relatórios estatísticos dos pedidos de solicitação de acesso.

Com relação ao indicador 43, a instituição atende parcialmente ao determinado, ao disponibilizar as informações sobre os procedimentos a serem adotados para solicitar alguma informação. Porém, apesar de disponibilizar tópico relatando conter os formulários para requisição de informação, quando acessada a página o usuário se depara com o sítio oficial de acesso à informação do Governo Federal, o qual não possui a opção de acesso a nenhum formulário.

A categoria 12 é atendida pelo órgão ao disponibilizar tópico atualizado para as perguntas frequentes, contendo diversas perguntas e respostas referentes a vários assuntos da organização.

O indicador 47 é parcialmente atendido, pois o órgão disponibiliza em tópico próprio o plano de dados abertos da instituição, porém o mesmo se encontra desatualizado, uma vez que a data de vigência deste é de 2017 ao ano de 2019.

Encerrado a análise e o levantamento de todos os dados observados a respeito do IFTO, como descritos anteriormente, é possível agora verificar o percentual de atendimento às 13 categorias e aos 47 indicadores observados por meio da ficha de navegação orientada.

Na Tabela 01 a seguir é possível visualizar o percentual de atendimento às 13 categorias analisadas:

**Tabela 01:** Percentual de atendimento pelo IFTO às categorias analisadas

<i>IFTO</i>	<i>ATENDIMENTO À LEGISLAÇÃO</i>		
	<i>Sim</i>	<i>Parcial</i>	<i>Não</i>
<i>Categorias</i>			
<i>Diretrizes de Acesso</i>	75%	25%	0%
<i>Institucional</i>	37,5%	62,5%	0%
<i>Ações e Programas</i>	25%	0%	75%
<i>Participação Social</i>	20%	20%	60%
<i>Auditoria</i>	33%	0%	67%
<i>Convênios e Transferência</i>	100%	0%	0%
<i>Receitas e Despesas</i>	100%	0%	0%
<i>Licitações e Contratos</i>	0%	33%	67%
<i>Servidores</i>	67%	33%	0%
<i>Informações Classificadas</i>	100%	0%	0%
<i>SIC</i>	75%	25%	0%
<i>Perguntas Frequentes</i>	100%	0%	0%
<i>Dados Abertos</i>	0%	100%	0%

Fonte: Elaborada pelos autores

Em observância a Tabela acima é possível visualizar que o IFTO atende por completo com o percentual de 100% em 4 das 13 categorias, e que apenas nas categorias 8 e 13, relacionadas, respectivamente, às licitações e contratos, e aos dados abertos, o órgão não apresenta percentual nesse nível de atendimento.

É válido destacar que em apenas 4 das categorias analisadas, o órgão apresenta algum percentual no nível de não atendimento, e que em todas elas esse valor é maior do que nos demais níveis de classificação de atendimento.

Em análise aos 47 indicadores analisados, é possível verificar pelos resultados que a instituição atende 25 indicadores por completo, representando 53% dos itens avaliados nessa pesquisa, em 26% os itens foram parcialmente atendidos, e em 21% (10 indicadores) o órgão não fornece nenhum atendimento às exigências estabelecidas pelo guia de uso obrigatório da CGU. É possível observar que a instituição possui maior número de indicadores atendidos,



representando mais da metade do que foi analisado. E que o número de itens com atendimento parcial é um pouco maior apenas do que os não atendidos.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o atendimento das legislações pertinentes de acesso à informação, por meio do mecanismo de transparência ativa do portal eletrônico do IFTO. Para realizar esta análise, foi elaborado pelo autor, tomando como base o guia de transparência ativa criado pela Controladoria Geral da União (CGU) e de uso obrigatório para os órgãos públicos do Poder Executivo Federal, uma tabela de navegação orientada. O instrumento de análise consistiu em uma lista de 47 indicadores para analisar 13 categorias ou tópicos de acesso à informação, que são exigidos pelo Guia de Transparência Ativa e pela Lei de Acesso à Informação.

A pesquisa foi realizada por meio da observação sistemática do portal eletrônico do Instituto Federal do Tocantins (<http://www.ifto.edu.br>), e o levantamento desses dados ocorreram nos dias 27 e 28 de junho de 2021.

Os resultados apontam que as categorias mais atendidas pela instituição quanto à disponibilização de informações em seu portal foram as categorias: 6 (Convênios e Transferência), 7 (Receitas e Despesas), 10 (Informações classificadas), e 12 (Perguntas frequentes), ambas com uma média de 100% de atendimento. E com relação às categorias que apresentaram as maiores médias percentuais de não atendimento à legislação estão: a categoria 3 (Ações e Programas), com 75%; seguida das categorias 5 (Auditoria) e 8 (Licitações e contratos), ambas com 67% de não atendimento.

É possível afirmar que o resultado geral médio da instituição analisada nessa pesquisa atende com média de 56% ao que foi observado, em 23% o atendimento se dá de forma parcial, e em 21% das categorias analisadas a entidade não atende à legislação. A partir do resultado é possível afirmar que o IFTO ainda está distante da disponibilização completa das informações obrigatórias exigidas pela legislação.

Esta pesquisa espera contribuir para a ampliação da discussão e prática do tema de acesso à informação, trazendo uma base conceitual para futuras pesquisas na área. Além de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

explicar os resultados obtidos da transparência ativa do portal eletrônico da Instituição Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins para futuras comparações ou análises relacionadas ao assunto.

Referências

AMORIM, P. **Democracia e internet**: a transparência de gestão nos portais eletrônicos das capitais brasileiras. 2012. 347 f. Tese (Doutorado em comunicação e cultura contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 11º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOTTREL, R. **Uma análise dos usos da lei de acesso à informação no Brasil em notícias do período de 2013 a 2015**. 2016. 174 f. Dissertação (Mestrado em ciência da informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 7.845**, de 14 de novembro de 2012. Regulamenta procedimentos para credenciamento de segurança e tratamento de informação classificada em qualquer grau de sigilo, e dispõe sobre o Núcleo de Segurança e Credenciamento.

..... **Lei nº 12.527**, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações. Brasília.

CALDERON, M. A evolução direito de acesso à informação até a culminância na Lei 12.527/2011. **Revista Brasileira de Ciências Policiais**, Brasília, v.4, n.2, p. 25-47, jul./dez., 2013.

CERVO, A.; BERVIAN, P.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CINTRA, M. **Lei de Acesso à Informação no Brasil**: Sua implementação e seus desafios. 2016. 302 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO (CGU). **Aplicação da Lei de Acesso à Informação na Administração Pública Federal**. 4º ed. Brasília: CGU, 2019.

..... **Controle Social**. Orientações aos cidadãos para participação na gestão pública e exercício do controle social. Coleção olho vivo no dinheiro público. Brasília: CGU, 2012.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

..... **Lei de Acesso à Informação 2011-2012** - 1º Relatório sobre a implementação da Lei nº 12.527/2011. Brasília: CGU, 2013.

DURIGUETTO, M. Sociedade civil e democracia: um debate necessário. **Libertas**, Juiz de Fora, MG, v.8, n.2, p. 83-94, jul-dez, 2008.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, W. Participação política online: Questões e hipóteses de trabalho. In: Maia, R. C. M.; Gomes, W.; Marques, F. (Orgs.). **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 19-45.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Técnicas de Pesquisa**. 7º ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MEDEIROS, S.; MAGALHÃES, R.; PEREIRA, J. Lei de Acesso à Informação: Em busca da transparência e do combate à corrupção. **Informação & Informação**, Londrina, PR, v. 19, n. 1, p. 55-75, jan./abr., 2014.

MENDEL, T. **Liberdade de informação**: um estudo de direito comparado. 2º ed. Brasília: UNESCO, 2009.

MORAIS, M.; GUERRA, L. Lei de acesso à informação: uma análise dos portais e sítios eletrônicos oficiais das prefeituras do RN. **EmpíricaBR – Revista Brasileira de Gestão, Negócios e Tecnologia da Informação**, v.1, n.2, 2015. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/EmpiricaBR/article/view/3832>>. Acesso em: 08 jan. 2020.

NUNES, S. **A relação entre Estado e Sociedade Civil na Internet**: Mecanismo de promoção da transparência e do acesso à informação e dados públicos no Tocantins. 2016. 49 f. Relatório (Pós Doutorado em Administração) – Universidade Estadual Paulista, Tupã, 2016.

PAULA, A. **Política de Acesso à informação pública: Contribuições do governo eletrônico e das redes digitais para sociedade civil**. In. Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas, v.2, n.2, 2017, Brasília. Anais do Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas. Brasília: ENEPCP, 2017. p. 641-657.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

PEREIRA, L. **Estado, aparelho do Estado e sociedade civil**. Brasília: ENAP, 1995. Disponível em: <<https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/523/1/4texto.pdf>>. Acesso em: 31 dez. 2019.

PINHO, J. Investigando portais de governo eletrônico de estados no Brasil: muita tecnologia, pouca democracia. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v.42, n.3, p. 471-493, mai-jun, 2008.

PRADO, O. **Governo Eletrônico, reforma do Estado e transparência**: O programa de governo eletrônico no Brasil. 2009. 197 f. Tese (Doutorado em Administração e Governo) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2009.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

RAUPP, F.; PINHO, J. Prestação de Contas nos Portais Eletrônicos de Assembleias Legislativas: Um Estudo Após a Lei de Acesso à Informação. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 15, n.1, p. 144-161, jan./abr., 2014.

RODRIGUES, M. **Governança digital e transparência pública**: Uma análise das prefeituras Paranaenses. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015).

SECCHI, L.; COELHO, F.; PIRES, V. **Políticas Públicas**: conceitos, casos práticos, questões de concursos. 3º ed. São Paulo: Cengage Learning, 2019.

SILVA, S. Graus de participação democrática no uso da internet pelos governos das capitais brasileiras. **Opinião Pública**, Campinas, v. XI, nº 2, p. 450-468, outubro, 2005.

UNIC Rio, 2009. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2020.



Usos de Tecnologias Digitais por Mulheres Migrantes e Descendentes Palestinas: Possibilidades Sociais e Políticas¹

Simone Munir DAHLEH²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O artigo discute a diáspora palestina e os usos de tecnologias digitais por migrantes e descendentes palestinas. Por meio de discussão teórica, estado da arte e entrevista piloto, objetivamos compreender como tais usos podem abrir possibilidades para um entendimento sobre a dimensão política e social dos palestinos, especialmente de mulheres palestinas. Ao final, é possível observar que os usos se tornam políticos ao denunciar os abusos do Estado de Israel e as censuras aos palestinos. Com relação à dimensão social, os usos contribuem para o encurtamento espacial da terra natal e da família dispersa, ao mesmo tempo, podem criar barreiras de sociabilidade ao novo local de migração.

Palavras-chave: Diáspora; Usos de tecnologias digitais; Mulheres; Palestina.

Introdução

A globalização e as tecnologias digitais intensificaram e aprofundaram as diásporas no mundo conectando culturas, de modo que a migração passa a ser definida por Hall (2003) como o evento histórico mundial da modernidade tardia. Nisto resulta a reconfiguração das identidades na atualidade. A diáspora tornou-se uma “experiência pós-moderna clássica” (Idem, p. 393). Entretanto, é preciso observar na pluralidade, nas desigualdades e na diversidade, as formas complexas que o processo de globalização incide na vida dos sujeitos.

Pensando nisso, buscamos debater neste trabalho os usos de tecnologias digitais de mulheres migrantes e descendentes, palestinas, especialmente. Refletir sobre a migração feminina é um modo de colocar em cena tal fenômeno. Apesar de estar adquirindo autonomia, a migração vista pelo viés de gênero ainda é invisibilizada por acadêmicos da Comunicação e

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 3) O local digital das culturas do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda do Curso de Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Email: simonemunird@gmail.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

pelas mídias. Para Sassen (2004), as mulheres devem ser vistas como atores-chave nas dinâmicas de globalização e imigração. Pensando nestas questões, o objetivo do texto é refletir sobre os usos de tecnologias digitais para compreensão da dimensão política e social que tais usos podem assumir na vida desse grupo de mulheres. Para tal, estruturamos nossa argumentação em quatro partes, além desta introdução.

Primeiramente, discutiremos a questão das identidades palestinas relacionadas às diásporas e às tecnologias digitais. Em seguida, abordaremos a questão da interseccionalidade e sua relevância para compreensão dos usos de tecnologias digitais por mulheres migrantes/descendentes. Na penúltima parte do trabalho apresentamos alguns achados dos usos de tecnologias digitais por mulheres migrantes no geral, e especificamente com relação às migrantes/descendentes palestinas/árabes. Tais usos são descritos por meio de pesquisas acadêmicas, obras, depoimentos e achados empíricos de uma entrevista piloto realizada³ com uma migrante palestina que vive no Brasil. Por fim, delineamos algumas considerações sobre a importância da compreensão dos usos de tecnologias digitais para pensar as migrações femininas palestinas, principalmente.

Cabe ainda salientar, que o artigo se situa no contexto de uma tese em desenvolvimento, que tem como objetivo compreender os usos táticos de tecnologias digitais por um grupo de mulheres migrantes e descendentes palestinas que vivem no Brasil.

Identidades palestinas, diáspora e tecnologias digitais

Indo na contramão das identidades fluídas, menos fixas e dispersas do território, as identidades palestinas se caracterizam justamente pela resistência a tais aspectos. O povo palestino por ser uma nação expropriada de suas terras continua a reivindicar e afirmar suas identidades primárias. A relação com o território, religião e família continua a ser um espaço de consolo e refúgio no caos da globalização, como alertado por Castells (1999).

Brah (2011) reflete sobre a imagem de “viagem” estar no centro das discussões sobre diáspora. Entretanto, alerta, esse sentido deve ser visto com cautela. É preciso considerar as circunstâncias que se inscrevem nesse deslocamento. Paradoxalmente, quem viaja em situação

³ Entrevista realizada em julho de 2021 para o projeto de tese em andamento da pesquisadora.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de diáspora busca se estabelecer nesse novo local. No caso da diáspora palestina, os principais fatores que ocasionaram o deslocamento desse povo foram a guerra e o conflito resultados da criação do novo Estado-nação de Israel.

Aouragh (2011) destaca como o mito da globalização ficou exposto em seu contexto de pesquisa, realizada na Palestina. O mundo está em constante fluxo de processos migratórios e econômicos. Geralmente, a associação mais recorrente é de que o transnacionalismo pressupõe mobilidade. A autora demonstra que, no caso da diáspora palestina, o lugar é crucial para se pensar nestas dinâmicas, já que o exílio e as deportações são quase que inseparáveis da realidade palestina.

Desse modo, os espaços territoriais assumem relevância em nossa discussão. Ao pensar no povo palestino, ainda que ele esteja disperso e desterritorializado, é possível observar que a ligação com o território, que um dia foi da Palestina, torna-se o elo de conexão entre essa nação (SAID, 2012).

O caso da Palestina e dos palestinos é de imobilidade, barreiras, muros e controle. Como sinaliza J. Gomes (2018), a mobilidade das redes sociais digitais se choca com a imobilidade física nos territórios palestinos ocupados. O muro construído na Cisjordânia, os postos de controle espalhados pelo território, os *checkpoints*⁴, a impossibilidade de cruzar o aeroporto de Tel Aviv, as longas e demoradas inspeções, são apenas alguns fatos que mostram que a globalização não chegou para os palestinos. Essas experiências afetam invariavelmente o senso de identidade desse povo.

No caso dos palestinos, embora a internet possa conferir uma sensação de empoderamento e autonomia, como salienta Aouragh (2011), muitas vezes, isso permanece somente no universo online. As noções de espaço, lugar e tempo, devem ser observadas de modo cuidadoso aos serem direcionadas aos palestinos.

Apesar disso, podemos afirmar que o barateamento dos meios de transporte e comunicação, juntamente com as novas políticas estatais, criaram um cenário favorável para a intensificação dos fluxos migratórios, de modo que a “interconexão tecnológica e midiática do planeta se traduz, [...] na unificação gradativa dos imaginários, subjetividades e códigos éticos

⁴ Postos de controles fronteiriços criados por Israel para controle da população palestina.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

e estéticos de seus povos e nações” (ELHAJJI, 2011, p. 5). Todavia, além das problematizações já expostas, tais mudanças podem vir acompanhadas também de problemas de integração ao novo contexto. O encurtamento do tempo-espço pela facilidade de acesso à terra natal pode acarretar algumas dificuldades de integração e assimilação desse novo local de destino, já que o contato com familiares e a cultura do país de origem é abrangente (Ibid. 2011).

Em estudo realizado na Palestina, majoritariamente, Aouragh (2011) enfatiza que o uso da internet pelos palestinos não apenas fortaleceu e reconfigurou a comunicação interna, como também reconstruiu a relação com o público global, já que atribuiu voz aos que não tinham. Nesse sentido, a internet é capaz de afetar a auto-identidade palestina e mudar o modo como a Palestina se apresenta para o mundo. A internet seria uma alternativa para os “sem-lugar”.

Appadurai (2004) sinaliza o aspecto de transformação de comunidades nacionais por “comunidades de sentimentos”. Essa é criada, principalmente, por populações deslocadas, desterritorializadas e em trânsito. O autor enfatiza a imaginação coletiva como capaz de ação. Em suas palavras, é “a imaginação, nas suas formas coletivas, que cria ideias de comunidades de bairro e de nação, de economias morais e governos injustos, de salários mais altos [...]. A imaginação hoje é um palco para a ação” (p. 19-20). O autor nos dá pistas para o entendimento de que a internet pode ser um meio para uma mudança concreta no espaço físico.

Considerando a perspectiva de Appadurai (2004), podemos dizer que por meio do discurso criado e compartilhado na internet, os palestinos reforçam a imaginação de sua nação. Isso é capaz de produzir sentimentos comuns que resultam em uma ação, já que ao se imaginarem como coletivo, produzem certa relação de força que pode desestabilizar e confrontar o lado dominador.

Canclini (2019) atenta para o poder de cidadania vinculado ao acesso às informações em rede. Grandes empresas e governos autoritários têm se utilizado de estratégias antidemocráticas nos ambientes online para se beneficiarem enquanto enfraquecem a cidadania dos indivíduos. Como fica demonstrado no ocultamento de dados, fake news e censuras.

Portanto, podemos afirmar que internet e política fundem-se no cenário online palestino. Apesar de adquirir autonomia e agência, a internet na Palestina continua inserida em uma realidade colonial. O Estado de Israel continua controlando o fluxo de informações.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Entretanto, isso não diminui os ganhos para os palestinos. Através de seus usos de tecnologias digitais, “eles mostram a importância da internet na luta pela autodeterminação e pelas comunidades exiladas da diáspora em geral” (AOURAGH, 2011, p. 230).

As identidades palestinas são invariavelmente vinculadas às questões de diáspora e do território palestino. As tecnologias digitais contribuem para o encurtamento da distância ou ausência do território de origem, mas também podem criar opacidades e barreiras quanto a socialização ao novo local de destino.

Na seção a seguir, abordaremos a questão da interseccionalidade e sua relevância para compreensão dos usos de tecnologias digitais por mulheres migrantes no geral e especificamente para mulheres palestinas.

Pensando em questões interseccionais: mulher, migração e tecnologias digitais

Falar em interseccionalidade significa considerar os diferentes aspectos sociais que causam opressão a distintos grupos. Uma pesquisa que trabalha com um grupo de mulheres migrantes/descendentes palestinas precisa considerar ao menos três marcadores sociais, de gênero, migratório e étnico, para construir um texto que reflita sobre as desigualdades e diferenças.

Harding (2019) destaca que a categoria “mulher universal” passa a ser contestada quando nos deparamos com experiências de qualquer outra mulher que não seja branca, de classe social elevada e ocidental.

Além de enfatizar a categoria de gênero como um marcador de desigualdade, os estudos que pensam a interseccionalidade ultrapassam as questões de gênero para refletir sobre outros aspectos de exploração/dominação. Nisto resulta nosso esforço de problematizar outros marcadores sociais do nosso grupo de mulheres.

Nesse sentido, podemos pensar na mulher oriental como um marcador a ser destacado. Abu-Lughod (2002, tradução nossa) reflete sobre a necessidade do Ocidente em “salvar” as mulheres muçulmanas como se elas não tivessem nenhuma agência sobre suas vidas. A pesquisadora propõe então que, ao invés de buscar “salvar” as mulheres - considerando a superioridade e violência colonial que isso acarreta, deveríamos pensar em



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

melhores termos para essas representações, reconhecendo-os como passíveis à transformação histórica. Para a autora, isso significa reconhecer e respeitar as diferenças – como produtos históricos diferentes, e manifestação de desejos estruturados de diferentes modos.

O véu ou burca que cobre a cabeça/corpo de mulheres muçulmanas possui diferentes significados nas comunidades nas quais o adereço é usado. As mulheres muçulmanas muitas vezes possuem autonomia para decidir por usar ou não o véu. Desconsiderar o contexto histórico e social dessas mulheres e simplesmente impor uma salvação é também um modo de violência contra esse grupo. Abu-Lughod (2002) enfatiza que o que está propondo não é aceitar tudo em nome de um “relativismo cultural”, há muito perigo nisso. O que a autora apresenta é a reflexão sobre reconhecer e respeitar as diferenças como produtos históricos de contextos diferentes dos nossos, ocidentais.

Podemos contestar essa falta de agência que o senso comum ocidental possui com relação às mulheres muçulmanas, palestinas, especificamente, com o ativismo de grupos feministas palestinos que veremos na seção seguinte.

Com relação à imigração Palestina-Brasil, Jardim (2006) enfatiza-a como sendo particular e diferente de outras imigrações. Para a autora (2006, p. 171), é difícil quantificar a extensão dessa imigração no Brasil. Primeiro pela falta de registros da tramitação de vistos de permanência, e segundo, pela abrangência de autodenominações, produzidas em diferentes contextos, com jogos identitários que dificilmente se traduzem fielmente em números.

Ao observar migrantes palestinos, Jardim (2000) relata que falar sobre a família era um assunto mais espontâneo para mulheres do que falar sobre sua trajetória como migrante, um assunto tratado entre homens. Nesse sentido, narrar as realizações e os bons frutos (escolaridade, casamento e procriação dos filhos) era um modo de falar indiretamente sobre a migração para estas mulheres. A autora atenta para a valorização do trabalho das mulheres nas lojas da família. Esse tempo que dispõem deve ser acompanhado de uma certa vigilância, já que lhe atribui um papel distintivo de trabalhadora para além de ser mãe e esposa. A mulher palestina aparece com uma função central na estrutura familiar. Segundo relatos dos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

entrevistados, o sucesso ou decadência dos homens seria resultado de suas esposas administrarem a vida familiar, e em constância, as lojas.

Em outro trabalho, Jardim (2009) reflete sobre as relações de gênero e o modo de organização das experiências migratórias na diáspora palestina. Compreender os arranjos matrimoniais e as relações de gênero levaria à compreensão entre disposições afetivas e laços sociais na experiência desse grupo. A autora salienta que o que está em jogo não é uma “revelação” sobre o que seria o “mundo muçulmano”, mas sim, uma aproximação das experiências identitárias e afetivas que os imigrantes e seus filhos buscam em relação à manutenção e continuidade dessa comunidade. As contínuas ocupações e redefinições de territórios palestinos têm produzido um “ir e vir” que é característico desse grupo. Jardim chama atenção para uma “presença ausente” entre parentes distantes, que mesmo com breve convívio, criavam relações de afinidade.

Jardim (2009) comenta que apesar do casamento ser a causa da separação da família de origem, é também a possibilidade de construção de uma nova configuração familiar neste novo local. A solidariedade feminina é destaque neste grupo. Tanto na relação de convívio e nas amizades, como no pós-parto de mulheres palestinas. Para compreender o papel da mulher nesta comunidade, seria necessário então uma ampla compreensão sobre “matrimonial” que excederia a compreensão sobre os “afetos”, que restringe a reflexão e não deixa perceber os valores morais nesse campo. A autora reforça a necessidade de ampliar o campo de visão e contemplar outras perspectivas que fazem parte das relações de gênero, já que “há uma sobreposição entre solidariedade de geração e de gênero” (p. 212).

Para pensar tais aspectos com relação aos usos de tecnologias digitais, recorreremos a pesquisadores que têm se dedicado a compreender esses usos no processo migratório dos sujeitos. Cogo e Alles (2020) observam que as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano de imigrantes haitianas no Brasil, sendo utilizadas tanto para contato afetivo com familiares, quanto para a divulgação de suas atividades profissionais. As tecnologias se mostraram como facilitadoras no processo de aprendizado da língua portuguesa. Do mesmo modo, essas tecnologias permitiram que as mulheres entrevistadas atuassem em mobilizações coletivas



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

direcionadas à melhoria da vida social e política dos imigrantes haitianos, e dos que continuam vivendo no país de origem.

O trabalho de Patrícia Fernandes (2015) analisa de que forma os migrantes haitianos que vivem no Brasil utilizam as redes sociais para construção de suas identidades. Para a pesquisadora, os avanços das TICs intensificam e aceleram os fluxos migratórios, principalmente, por serem acessíveis financeiramente. Além disso, impactam nas práticas cotidianas dos migrantes e abrem possibilidades de pertencimento neste novo lugar. As comunidades virtuais nas redes sociais configurariam um dos principais espaços de pertencimento nesta diáspora. Os perfis contruídos por migrantes em suas redes são vistos como “âncoras identitárias”, ou seja, um “ambiente familiar” em que se conhece bem o idioma, os valores, os costumes e a cultura.

O trabalho de Mejía e Cazarotto (2017) enfatiza a importância da eficácia da comunicação virtual para a experiência de migração contemporânea. A tecnologia digital permite preservar os laços afetivos com os familiares que ficam no país de origem. Entretanto, essa facilidade de comunicação com os parentes acaba contribuindo com uma certa resistência a incorporação à sociedade residente. As imigrantes investigadas constroem suas interconexões apenas no ambiente de trabalho, criando uma exclusão estrutural nos demais aspectos de sociabilidade onde estão residindo.

Este conjunto de trabalhos, resultados de um universo maior de pesquisas sobre a temática, permite afirmar que as tecnologias digitais são fundamentais para o processo migratório dos indivíduos. O barateamento e a facilidade de acesso destas tecnologias encurtam a noção de tempo/espço dos indivíduos em diáspora. As pesquisas demonstram que os usos e apropriações das tecnologias digitais podem abrir possibilidades de contato familiar, aprendizado do novo idioma, assim como contribuir para a construção dos indivíduos como cidadãos e fazê-los pertencer ao novo local de destino. Mas também podem criar barreiras de sociabilidade ao local que se migra. Além disso, as tecnologias digitais podem sofrer censuras e barreiras físicas de acesso, principalmente em territórios conflituosos. A seguir, abordaremos a atuação de coletivos feministas no Oriente Médio, assim como os usos políticos de tecnologias



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

digitais por mulheres muçulmanas ou palestinas que contestam e denunciam as censuras, violências e opressões sofridas.

Apontando caminhos políticos: Usos de tecnologias digitais e mulheres palestinas

Antes de abordar os usos de tecnologias digitais por nosso grupo de trabalho em foco, apresentamos a atuação política de mulheres na Palestina como um modo de contrapor o discurso de opressão de mulheres do Oriente Médio e falta de agência das mesmas. Não desconsideramos os problemas existentes com relação às desigualdades de gênero, apenas observamos as questões de gênero por outro viés e destacamos a existência de atuação política feminina palestina.

Barkay (2016) destaca a primeira intifada (1987) como um momento chave de atuação feminista na Palestina. Tal movimento, além de ganhar destaque na mídia internacional, fez com que feministas israelenses atentassem aos aspectos da ocupação como geradores de violência aos direitos humanos. Nesse momento, surgiram diversos grupos de feministas israelenses e palestinas, como o Marcaz al-Quds la l-Nissah (Centro para e Mulher de Jerusalém), Nashim beShachor (Mulheres de preto), Bat Shalom (Filhas da paz) (tradução da autora), entre outros.

Há diversos movimentos palestinos de luta feminista na atualidade. Um dos mais recentes ocorreu em 2017. O movimento liderado por mulheres uniu mais de 24 mil palestinas e israelenses para pedir paz na faixa de Gaza. De acordo com o site Hypeness (2017),⁵ o conflito de julho de 2014, desencadeado após três adolescentes israelenses terem sido sequestrados e mortos, levou as forças armadas de Israel a iniciarem uma série de violências na faixa de Gaza. O conflito resultou na morte de 73 israelenses e de 2.200 palestinos. Nesse momento, surgiu o grupo Women Wage Peace.⁶ (Mulheres ativas pela paz). Desde sua criação, o grupo tem se unido para debater sobre a resolução do conflito de forma pacífica, além de realizar grandes marchas em Jerusalém, na Cisjordânia e outras cidades judias e árabes. Além destas ações, as

⁵ Movimento une 24 mil mulheres palestinas e israelenses para pedir paz em Gaza Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/10/movimento-une-24-mil-mulheres-palestinas-e-israelenses-para-pedir-paz-em-gaza/>. Acesso em 13/06/2022.

⁶ Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/10/movimento-une-24-mil-mulheres-palestinas-e-israelenses-para-pedir-paz-em-gaza/>. Acesso em 13/06/2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

integrantes do grupo decidiram criar um parlamento alternativo, com o objetivo de assinar um acordo de paz e levar ao parlamento oficial de Israel, para que esse acordo seja tratado como proposta.

Para Sharoni (2012), a articulação de discursos políticos liderados por mulheres proporcionou-as um ponto de vista político sobre o contexto, adquirindo uma consciência feminista com transformações ativas em suas vidas, já que, para as mulheres envolvidas politicamente, as relações entre gênero e política culminaram em ativismos e estratégias criativas para resolução do conflito. Entretanto, a autora destaca a necessidade de se atentar que, em grande parte, as mulheres que lideravam o movimento feminista e de paz em Israel eram de classe média alta, com formação acadêmica. Portanto, suas concepções de igualdade e paz, muitas vezes, estavam articuladas às suas próprias condições sociais.

Artistas contemporâneas têm se dedicado a relatar a ocupação palestina por meio de livros, poemas e músicas. Sharoni (2012) destaca o corpo de literatura criado por feministas palestinas, como Lisa Taraki (2006) e Nadera Shalhoub-Kevorkian (2009).

Outro exemplo interessante encontramos no poema 'We teach life, sir' de Rafeef Ziadah⁷. A artista e ativista canadense-palestina relata as barreiras e dificuldades de se viver em um território em conflito, lembra dos vilarejos palestinos ocupados e das mortes violentas retratadas na mídia. O poema denuncia os silenciamentos palestinos: “não mencione essa palavra ‘apartheid’ e ocupação. Isso não é político”⁸.

No campo das redes sociais digitais, destacamos alguns casos de censuras relacionadas à Palestina. A modelo americana Bella Hadid (que tem ascendência palestina) publicou em sua rede social do Instagram que o mesmo estava censurando seus conteúdos relacionados à Palestina⁹. Em suas palavras: “Quando falo da Palestina, sou punida e minhas postagens perdem quase um milhão de visualizações” (tradução nossa).

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aKucPh9xHtM&ab_channel=sternchenproductions> . Acesso em: 27/10/2022.

⁸ Trecho do poema 'We teach life, sir' de Rafeef Ziadah traduzido pela pesquisadora.

⁹ Bella Hadid acusa Instagram de censurar postagens sobre Palestina. Disponível em: <https://www.monitorooriente.com/20220418-bella-hadid-acusa-instagram-de-censurar-postagens-sobre-palestina/> >. Acesso em: 08/06/2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

As *influencers* digitais muçulmanas e brasileiras Mariam Chami e Carima Orra foram as principais figuras, no Brasil, a denunciar as violências e retaliações do episódio de ocupação, pelo Estado de Israel, do bairro palestino Sheikh Jarrah, que fica na parte oriental de Jerusalém em maio de 2021. Como resposta, suas redes sociais tiveram um alcance reduzido drasticamente. Mariam Chami chegou a dizer que suas postagens sobre o conflito no Instagram haviam sido excluídas. É sabido que algumas políticas dessa plataforma digital “derrubam” postagens com cunho violento e que agridem os direitos humanos. Todavia, a muçulmana Elizabete Reis salienta que já teve conteúdos com relação à Palestina restringido e que não havia nenhuma associação com guerra ou violência¹⁰.

No começo de 2022 (abril-maio), Mariam Chami viajou para a Palestina e compartilhou sua viagem na plataforma do Instagram. Novamente, relatou sua queixa com os usuários sobre uma queda brusca do alcance que suas postagens tiveram em comparação a outras viagens que costuma fazer. Até mesmo no Oriente Médio. Mostra, dessa forma, como o caso palestino assume uma especificidade particular de interesses e censuras.

Como destacado por José Van Dijck (2017), as empresas e agências governamentais têm explorado os metadados coletados das mídias sociais digitais e plataformas de comunicação para rastrear o comportamento humano. “*Acessar, entender e monitorar* o comportamento das pessoas está se tornando um princípio central” (p. 41, grifos do autor). Sabemos que tais censuras possuem propósitos bem articulados a determinados interesses (israelenses).

Vale ressaltar, como lembrado por Leung (2009), que as restrições com relação às tecnologias de comunicação e o conteúdo que pode ser acessado violam o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos – UNHCHR - 1997), que declara que todos têm direito à liberdade de opinião e expressão.

Por fim, apresentamos algumas pistas dos usos de tecnologias digitais de nossa entrevista piloto. A interlocutora entrevistada é uma mulher de 42 anos, nascida na Palestina,

¹⁰ Redes sociais deletam postagens de muçulmanos sobre a Palestina: Disponível em: <https://iqaraislam.com/redes-sociais-deletam-postagens-de-muculmanos-sobre-a-palestina>. Acesso em: 08/06/2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

em Jerusalém. Atualmente vive em Santana do Livramento, uma cidade na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. É casada e tem um filho.

O uso das tecnologias digitais, celular e WhatsApp, especificamente, aparece de forma espontânea no relato da entrevistada. Ao relatar como se aproxima da família, a interlocutora destaca os dias em que faz chamada de vídeo com a família. Nestes momentos, consegue ver toda família que mora na Palestina. Comenta que conheceu o sobrinho por meio das vídeo-chamadas do WhatsApp. A interlocutora relata que em sua ida à Palestina, um pouco antes de começar a pandemia da Covid-19, seu sobrinho a reconheceu e a chamou de “mãezinha”. Comenta que esse sobrinho é como se fosse um segundo filho dela. “Ele [sobrinho] chegou [apertou] muito forte em mim, bem diferente de todos sabe, uma conexão”. Neste relato, é possível perceber a relevância do celular para conexão com familiares que moram distantes. A “presença ausente” observada por Jardim (2009) é materializada aqui. É como se o sobrinho sempre estivesse ao seu lado fisicamente.

Outro aspecto importante de ser destacado em nossa entrevista diz respeito à fala com relação ao aprendizado da língua portuguesa. A interlocutora destaca que ao chegar ao Brasil contratou uma professora particular para ensiná-la o idioma, entretanto, não se acertara. A interlocutora comenta que então conseguiu aprender o português trabalhado em sua loja, escrevendo notas fiscais e falando com clientes. Isso pode demonstrar uma certa resistência aos outros sujeitos do seu ambiente social, como amigos, já que relata que aprendeu o idioma com clientes e não pessoas com mais conexão. Esta é uma pista a ser esmiuçada no desenvolver de nossa pesquisa.

Considerações finais

O texto objetivou compreender as possibilidades políticas e sociais de usos das tecnologias digitais por mulheres migrantes/descendentes palestinas, principalmente. Após discussão teórica, estado da arte e entrevista piloto, é possível delimitar algumas possibilidades para compreensão nos dois eixos citados.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Com relação à dimensão política dos usos de tecnologias digitais, podemos observar as denúncias de mulheres com relação à censura de conteúdos referentes à Palestina, ao conflito Israel-Palestina, às opressões e violências sofridas pelo exército israelense.

Quando nos referimos à dimensão social, encontramos o encurtamento espacial com a terra natal e a conexão da família dispersa como um dos principais usos realizados por meio de tais tecnologias. Ainda é possível destacar a pista de que o acesso à internet, assim como os aparelhos digitais de comunicação, ao mesmo tempo que atuam como facilitadores da manutenção de laços familiares e culturais, podem criar barreiras de sociabilidade ao novo local de destino.

Ademais, consideramos necessária a incorporação da discussão sobre interseccionalidade em nosso trabalho. Apesar de não termos aprofundado tal tema, a ressalva torna-se importante pela dimensão abrangente de observar o campo. Considerar outros marcadores sociais para além dos de gênero complexifica e enriquece a análise. Para além das opressões de gênero, destacamos uma presença política feminina atuante, seja na Palestina ou no Brasil, seja por meio dos usos de tecnologias digitais, poemas, livros, atos e criação de parlamentos para discutirem alternativas de acordos de paz na Palestina. Portanto, é possível contestar a falta de agência de mulheres árabes e destacar a atuação feminista no Oriente Médio.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. **Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and Its Others.** AMERICAN ANTHROPOLOGIST 104(3):783-790. COPYRIGHT © 2002.

AOURAGH, Miriyam. **Palestine Online: Transnationalism, the Internet and the Construction of Identity.** I.B.Tauris & Co Ltd, London – New York, 2011.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias.** Lisboa: Teorema, 2004.

BARKAY, Rafaela. Nenhuma Mulher Será Livre até que Todas as Mulheres Sejam Livres: um olhar sobre o conflito israelense-palestino sob o prisma feminista. **Psicologia Política.** vol. 16. nº 35. pp. 53-70. jan. – abr. 2016



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

BRAH, Avtar. **Cartografias de la diáspora. Identidades em cuestión.** Traficantes de Sueños, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos.** Guadalajara, México: Calas, 2019. Disponível em:
<http://www.calas.lat/sites/default/files/garcia_canclini.ciudadanos_reemplazados_por_algoritmos.pdf>. Acesso em: 03/05/2022.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ELHAJJI, Mohammed. Mapas subjetivos de um mundo em movimento: Migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. In: **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación.** v.XIII. n.2. mai-ago. 2011. Disponível em:
<<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/109>>.

FERNANDES, Patrícia Pimenta. **Diáspora na rede: redes sociais e questões identitárias de migrantes haitianos no Brasil.** 2015. Mestrado em Mídia e Cotidiano Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói.

GOMES, Júlia Tibiriçá Diegues. **Dimensões cibernéticas de colonialidade, controle e resistência na Palestina Ocupada.** Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

HALL, Stuart. Os estudos culturais e seu legado tórico. In: SOVIK, Liv (org.) **Da diáspora.** Identidades e mediações culturais. Stuart Hall. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JARDIM, Denise Fagundes. **Palestinos no extremo sul do Brasil: Identidade étnica e os mecanismos de produção da etnicidade.** Chuí-RS. 2000. Doutorado em ANTROPOLOGIA SOCIAL. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro.

_____. Os imigrantes palestinos na América Latina. **Dossiê Migração.** Estudos Avançados. Ago 2006. p. 171-181.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

_____. “As Mulheres voam com seus maridos”: a experiência da diáspora palestina e as relações de gênero. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 189-217, jan./jun. 2009.

LEUNG, Linda. **Technology’s Refuge**. The use of technology by asylum seekers & refugees. UTSePress, 2009.

MEJÍA Margarita Rosa Gaviria, CAZAROTTO Rosmari Terezinha Cazarotto, O PAPEL DAS MULHERES IMIGRANTES NA FAMÍLIA TRANSNACIONAL QUE MOBILIZA A MIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL. **Repocs**, v.14, n.27, jan/jun. 2017

SAID, Edward W. **A questão da palestina**. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2012. 368 p.

SASSEN, S. Formación de los condicionantes económicos para las migraciones internacionales. Ecuador. **Debate**. n.63, p.63-87, 2004.

SHARONI, Simona. (2012). Gender and Conflict Transformation in Israel/Palestine. **Journal of International Women's Studies**, 13(4), 113-128. Disponível em:<<https://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=&httpsredir=1&article=1026&context=jiws>>. Acessado em: 18/05/2022.

VAN DIJCK, José. **Confiamos nos dados?** As implicações da datificação para o monitoramento social. Matrizes, São Paulo, vol. 11, núm. 1, jan.-abril, 2017, pp. 39-59.

WAJCMAN, Judy. Tecnologia de produção: fazendo um trabalho de gênero. **Cadernos pagu** (10), pp.



Ensaaios



A Inclusão Digital por Meio de Avaliação e Desenvolvimento de Competências em Plataforma On-Line.¹

Antonio Carlos dos Santos XAVIER²

Lucas Pazoline da Silva FERREIRA³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Uma reflexão sobre como as políticas educacionais de avaliação de desempenho dos estudantes e professores deveriam responder aos efeitos da transformação tecnológica em curso. A falta de políticas educacionais de avaliação de desempenho adequadas às competências digitais ainda não foi superada, e necessita de uma oferta de qualificação de estudantes e professores.

Palavras-chave: Competência Digital; Cultura Digital; Indicadores; Plataforma Online; Aprendizagem.

Introdução

Neste trabalho, interessa-nos refletir sobre a seguinte questão: como as políticas educacionais de avaliação de desempenho dos estudantes e professores deveriam responder aos efeitos da transformação tecnológica em curso? Com base nessa reflexão, considera-se necessário que sejam estabelecidos indicadores para analisar os níveis de competência e habilidade digitais de estudantes e professores brasileiros. Para tanto, nasce uma proposta exequível para o enfrentamento da necessária formação e avaliação em competências e habilidades digitais de docentes e discentes brasileiros em face aos novos desafios que a Cultura Digital lhes coloca.

De acordo com o Quadro de Referência de Competências Digitais, o DigComp 2.1, elaborado e utilizado por países da União Europeia, avaliar as competências digitais dos estudantes e professores revela-se um processo fundamental para o sucesso da educação. O DigComp 2.1 examina 16 habilidades digitais, distribuídas em cinco áreas de atividade

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Docente na Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. E-mail: xavierufpe@gmail.com.

³ Pesquisador na Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. E-mail: prof.lucasfazoline@gmail.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

(informação e dados; comunicação e colaboração; criação de conteúdo; proteção e segurança; ambiente digital), que se subdividem em 8 níveis de domínios progressivos de habilidades (LUCAS; MOREIRA, 2017). Propomos o desenvolvimento de uma plataforma de aprendizagem adaptativa que teste, desenvolva e certifique estudantes e professores sobre seu nível de competência digital. Além de ser uma ferramenta de aprendizagem customizada, dinâmica e divertida, a plataforma oferecerá aos professores trilhas de conteúdos para o desenvolver nos estudantes a Cultura Digital, uma das 10 Competências prescritas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O documento a define como a competência para “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) [...]”, cujas finalidades envolvem o sujeito “[...] se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva” (BRASIL, 2017, p.9).

A plataforma também servirá para preparar os estudantes do ensino médio a realizar com desenvoltura a edição digital do Enem, obrigatória a partir de 2026. Sabemos que hoje a tendência é de que todos os setores passem pelo processo de transformação digital. Isto significa que as informações ganharão cada vez mais o formato hipertextual, integrando links, infográficos, vídeos, bem como explorando mecanismos de gamificação, inteligência artificial e conexão de alta velocidade entre os dispositivos, incrementos tecnológicos que o digital propicia.

Nesta esteira, os sistemas de avaliação educacionais também devem começar a ser digitalizados e, conseqüentemente, eles devem estimular novos cursos de formação de professores e a criação de novas perspectivas de ensino. Para que isso aconteça, esses modelos de avaliação precisarão também ajustar suas matrizes de referência e criar novos descritores que permitam avaliar competências novas, como a leitura em hipertextos e informações disponíveis em multimídias, experiência que já vem sendo vivenciada há pouco mais de três décadas por diferentes gerações. Provavelmente, as avaliações em larga escala da educação brasileira tenderão a ser mais interativas e desafiadoras à cognição do candidato, pois exigirão dele processamentos mais complexos de códigos e linguagens com demandas de compreensão



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

e interpretação de dados hipertextualizados.

Além de testar o nível de conhecimento dos candidatos em diferentes áreas do saber, os sistemas de avaliação devem também aferir o domínio das habilidades digitais que eles possuem que lhe permitem conquistar a cibercidadania a fim de que sobrevivam na Cultura Digital que já se iniciou. Em relação aos documentos oficiais que impulsionam as políticas públicas, tanto os projetos incentivadores e programas parametrizadores (e.g. Proinfo, Programa UCA, Programa de Inovação Educação Conectada) quanto documentos normativos (e.g. PCN+, OCNem e BNCC) reconhecem a urgência para que as instituições educacionais de ensino básico desenvolvam suas propostas didático-pedagógicas associadas ao aprimoramento de competências e habilidades digitais de forma sistemática e transversal entre os diversos componentes do currículo.

Como analisado, tais conhecimentos são considerados importantes para a construção da cibercidadania de estudantes e professores em todos os níveis de educação. Além disso, informações obtidas através de entrevista semiestruturada realizada para a elaboração da plataforma de avaliação apontam para o interesse e necessidade de uma educação tecnológica cada vez mais consistente, principalmente para aqueles que ingressam no ensino superior ou que estão em busca de (re)posicionamento no mercado de trabalho.

Os participantes da pesquisa afirmam que gostariam de se qualificar tecnologicamente e obter uma certificação válida para comprovar sua expertise. Por fim, os recentes programas, projetos e documentos oficiais, elaborados pelo Ministério da Educação, apontam para o desafio de qualificar a sociedade brasileira a fim de atender adequadamente às demandas impostas pelos avanços tecnológicos cada vez mais presentes e mutáveis na sociedade.

Contudo, atualmente, podemos concluir que a falta de políticas educacionais de avaliação de desempenho adequadas às competências digitais ainda não foi superada, e necessita de uma oferta de qualificação de estudantes e professores que permita entender melhor as implicações científicas, sociais, éticas e estéticas das tecnologias digitais no presente e para as próximas gerações.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Básica/MEC, 2017.

LUCAS, Margarida; MOREIRA, Antônio. **DigComp 2.1: quadro europeu de competência digital para cidadãos**: com oito níveis de proficiência e exemplos de uso. Aveiro: UA, 2017.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Convergência Midiática: Um Percorso Teórico para a Compreensão do Jornalismo Contemporâneo.¹

Sebastião José Nascimento de SOUZA.²

Hellen Cristina Picanço SIMAS³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

Este ensaio de revisão de literatura buscou refletir sobre as especificidades do conceito de convergência na comunicação e, sobretudo, no jornalismo, com base nos autores Sola Pool (1983), Negroponte (1995), Fidler (1997), Bolter e Grusin (1999), Gordon (2003), Domingo et al. (2007), García-Avilés (2009), Salaverría et al. (2010), Dave (2011), Hendy e Auter (2011), Souza (2011), Jenkins (2015), Garson (2019), entre outros. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. A partir do resgate histórico, foi possível identificar que o conceito de convergência foi utilizado por muito tempo na comunicação e no jornalismo de forma banalizada e que este conceito implica diretamente em diversas esferas do trabalho jornalístico e que o jornalismo, neste ambiente em transformação, buscou se reconfigurar para lidar com os desafios impostos pela convergência jornalística.

Palavras-chave: Convergência midiática; Convergência jornalística; Resgate.

INTRODUÇÃO

O conceito de convergência é utilizado na literatura acadêmica no campo da comunicação há cerca de quatro décadas. Participar de fóruns ou pesquisar em periódicos científicos da área é o suficiente para confirmar a popularidade do termo "convergência midiática", que, além da extensa utilização na academia, é conhecida no meio profissional.

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Mestre em Comunicação e Sociedade pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOMS) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM/). Bolsista de Apoio Técnico FAPEAM - Nível IV (AT-IV). Email: sebastiaonascimentoc@outlook.com.

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista Capes pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Professora visitante na Universidade e Santiago de Compostela - USC. E-mail: hellenpicanco@ufam.edu.br.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Entretanto, como apresentaram Hamdy e Auter (2011), esta terminologia também se aplica a outras áreas do conhecimento, possibilitando, assim, identificar diferentes significados para convergência.

Neste sentido, é relevante destacar o contexto em que a convergência está sendo discutida. Além disso, García-Avilés (2009) argumenta que é pertinente restringir e delimitar o conceito de convergência ao discuti-lo, pois pode haver uma variação de contexto para contexto. Assim, este estudo se concentra no entendimento da convergência⁴ sob uma perspectiva da comunicação e apresenta, no primeiro momento, o olhar de alguns autores que apresentam uma discussão histórica e conceitual sobre essa terminologia e sua implicação na cultura comunicacional, como Sola Pool (1983), Negroponte (1995), Fidler (1997), Bolter e Grusin (1999), Gordon (2003), Domingo *et al* (2007), García Avilés (2009), Salaverría *et al*, (2010), Dave (2011), Hendy e Auter (2011), Souza (2011), Jenkins (2015) e Garson (2019).

A convergência midiática tornou-se o pano de fundo de discussões referentes a transformações tecnológicas, empresariais, profissionais e culturais na comunicação, sendo popularizada por profissionais e pesquisadores desta área interessados nas complexidades e implicações deste fenômeno. É significativo destacar que traçar o histórico do conceito de convergência não é uma tarefa fácil, porque esta palavra tem sido usada em diferentes contextos para distintas designações nas últimas décadas. Contudo, este ensaio traça um breve histórico sobre convergência, tal como a evolução deste conceito, que, por muito tempo, foi usado de forma banalizada e traça também as diferentes perspectivas e implicações deste conceito na comunicação.

Além disso, esta discussão teórica se faz necessária para que se possa compreender o fenômeno da convergência no jornalismo, partindo da tese de que este conceito proporciona um novo cenário ao jornalismo e o força a reestruturar como profissão.

4 Este estudo parte da visão sobre convergência midiática na perspectiva ocidental.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Historicidade e evolução do conceito de convergência

Apesar da popularidade na área da comunicação, Gordon (2003) descreve que o conceito de convergência foi utilizado pela primeira vez referindo-se à ciência, na qual, o uso mais antigo pode ser atribuído a William Derham. “Em 1713, a Físico-Teologia de Derham: Ou uma Demonstração do Ser e Atributos de Deus, de Suas Obras de Criação, referia-se a "convergências e divergências dos raios"” (GORDON, 2003, p. 58, tradução nossa). Ainda de acordo com o pesquisador, nos séculos seguintes, a palavra convergência foi relacionada a séries matemáticas, correntes de ventos, linhas não paralelas e à biologia evolutiva.

Em matemática, convergência descreve comportamento limitante, particularmente de sequência ou série infinita em direção algum limite. A definição biológica de convergência descreve como estruturas biológicas semelhantes têm se desenvolvido a partir de fontes separadas de origem (Charles Darwin usou o termo em seu livro *Origin of Species*, em 1866) (DAVE, 2011, p. 171 -172. tradução).

Já em meados do século XX, o termo convergência foi aplicado à ciência política (convergência dos sistemas norte-americano e soviético) e à economia (convergência econômica global) (GORDON, 2003). A partir deste período, este termo foi relacionado às transformações tecnológicas e passou, especialmente, a chamar atenção dos profissionais e pesquisadores da comunicação. Nas décadas de 1960 e 1970, como constatou Gordon (2003), o desenvolvimento de computadores e da rede forneceu o contexto para novos significados à convergência, pois muitas das agências de comunicação e de empresas governamentais passaram a usar computadores para armazenar e acessar informações. Estas empresas passaram a transmitir o conteúdo digital pelos sistemas de telecomunicações:

Finalmente, em meados dos anos 70, chegou-se à conclusão de que, uma vez que as informações pudessem ser armazenadas digitalmente e comunicadas em uma rede, as tecnologias que os consumidores usam para acessar informações e entretenimento poderiam ser transformadas. As empresas comerciais começaram a experimentar com o computador serviços on-line e videotexto entregues em telas de TV (GORDON, 2003, p. 58. tradução nossa).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Contudo, como apresentaram Salaverría et al. (2010), embora o conceito de convergência aplicado à mídia remeta ao final dos anos 1970, somente no final dos anos de 1990, devido a profundas mudanças nas empresas de comunicação e adoção das tecnologias digitais, o conceito teórico ganhou destaque. Neste sentido, Dave (2011) descreve que antes de a convergência midiática se tornar o conceito-chave para transformações na comunicação, superestrada e/ou rodovia eletrônica era uma palavra que estava na moda em todas as discussões sobre o futuro da mídia. “Agora é substituído pelo termo convergência, onde o mundo digital dominado por computador confunde as fronteiras da mídia tradicional” (DAVE, 2011, p. 172, tradução nossa).

Em conexão com a mídia, o uso deste conceito é muito mais recente. A palavra convergência midiática foi utilizada pela primeira vez no final da década de 1970, por volta de 1979, quando Nicholas Negroponte, professor do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), chamou a atenção para o fenômeno da convergência ao organizar uma série de palestras nos Estados Unidos para arrecadar fundos para a construção do Media Lab (FIDLER, 1997; GORDON, 2003; DAVE, 2011; GARSON, 2019). “Os executivos aos quais ele se dirigiu acharam uma visão atraente. Ganhou milhões de dólares em apoio financeiro deles, permitindo que o MIT abrisse seu famoso Media Lab em 1985” (GORDON, 2003, p. 59, tradução nossa).

O termo convergência, utilizado por Negroponte, mostrou a interseção entre os três principais ramos da comunicação e informação, “indústria de transmissão e imagem de movimento”, “indústria de computadores” e “indústria de impressão e publicação”, que se tornaria, até o ano 2000, uma tendência dominante (FIDLER, 1997). Cabe destacar que, referindo-se à convergência dessas três áreas relacionadas à comunicação, Nicholas Negroponte apenas apontou possíveis regiões para o desenvolvimento de novas mídias e retratou o colapso da divisão das indústrias de mídia fortemente influenciadas pelas tecnologias digitais.

Na época, como relatado por Fidler (1997, p. 25, tradução nossa), “[...] o usuário foi muitas vezes surpreendido pelas revelações de Negroponte de que todas as tecnologias de comunicação estavam sofrendo uma metamorfose conjunta”. Para Fidler (1997), a noção colocada por Negroponte, de que as indústrias estariam se unindo para criar novas formas de comunicação, contribuiu e moldou pensamentos sobre o futuro da mídia massiva e das



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

comunicações humanas. Portanto, neste período, o termo convergência, geralmente, era relacionado às ideias de integração de sistemas de comunicação descritos por Negroponte. Após a popularização desta palavra, geralmente, convergência, quando usada, se referia às estratégias corporativas, como a fusão da AOL e Time Warner, ao desenvolvimento tecnológico, estratégias comerciais, a descrição de funções e a narrativa multimídia (GORDON, 2003).

Essa visão do futuro pareceu se acelerar em meados da década de 1990, quando a World Wide Web emergiu na consciência popular e parecia ser o "um grande sistema" que Pool previra. Quando a AOL e a Time Warner anunciaram sua fusão histórica no início de 2000, palavra convergência havia se tornado lugar-comum em conexão com a entrega de conteúdo eletrônico. Nesse ínterim, porém, outro desenvolvimento no setor de notícias preparou o terreno para outro significado da palavra (GORDON, 2003, p. 58, tradução nossa).

Na literatura acadêmica, o primeiro uso do conceito de convergência midiática se remete a Sola Pool (1983). No livro *Technologies of Freedom* (Tecnologias da Liberdade), o autor descreveu o termo "convergence of modes" como um processo que rompeu as linhas entre os meios de comunicação. Para Gordon (2003), certamente, Ithiel de Sola Pool, ajudou a popularizar o termo, no entanto, como aponta o autor, "mesmo antes da publicação do livro de Pool, os principais pensadores do jornalismo e da academia já estavam se dando conta de que as mudanças tecnológicas iriam afetar a mídia" (GORDON, 2003, p. 58, tradução nossa). Negroponte foi um dos primeiros a falar em convergência, contudo, Ithiel de Sola Pool ajudou a popularizá-la academicamente.

Outro personagem que observou e chamou a atenção para a convergência foi John Sculley, CEO da *Apple Computers*, que abraçou a visão de Negroponte. Ao realizar apresentações sobre a visão da Apple no futuro, John projetou dois gráficos para representar os anos de 1980 e 2000:

No gráfico dos anos 80, ele mostrou sete caixas independentes para sete setores distintos - mídia, publicação, fornecedores de informações, computadores, eletrônicos de consumo, telecomunicações, equipamentos e distribuidores de escritório. Para o ano de 2000, o gráfico foi rotulado como convergência e sete decorridos sobrepostos foram mostrados. Interseções de diferentes tempos de sobreposição foram rotuladas com alguns novos termos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

como realidade virtual, TV interativa etc. (DAVE, 2011, p. 172, tradução nossa).

Após realizar esforços para construção do Media Lab, Negroponte se debruçou em estudar a convergência dos meios de comunicação. Em *Vida Digital [Being Digital]*, de 1995, Negroponte traçou o nítido contraste entre “velhos meios de comunicação passivos” e os “novos meios de comunicação interativos”, “[...] prevendo o colapso da radiodifusão (*broadcasting*) em favor do *narrowcasting* (difusão estreita) e da produção midiática sob demanda destinada a nichos” (JENKINS, 2015, p. 29). O pesquisador previu ainda que a comunicação televisiva sofreria marcantes mudanças, na última metade da década de 1990 (1995-2000), fortemente influenciadas pela convergência midiática. Na concepção de Souza (2011), “[...] os prognósticos de Negroponte, lançados no final da década de 1970, permaneceram em *Vida Digital*, de 1995. Apesar de hoje parecer defasado, o livro ajudou a popularizar noções ligadas à digitalização e à multimídia” (SOUZA, 2011, p. 21).

Posteriormente, Fidler (1997), a partir de uma análise genealógica da mídia, concepção originária da biologia, descreveu a noção de midiamorfose, na qual, para ele, a mídia sofreu um estado de interdependência. Segundo Fidler (1997), as novas mídias surgiram a partir de uma metamorfose com a mídia existente, que ocorreu de uma evolução da própria mídia, das complexas interações sociais, pressões políticas, inovações sociais e tecnológicas. Para compreender as mídias emergentes, é necessário observar três conceitos-chave da metamorfose, sendo eles: coevolução, convergência e complexidade (FIDLER, 1997). Este segundo conceito-chave, na concepção do pesquisador, pode ser entendido como um cruzamento de dois caminhos ou um “matrimônio” de dois pares, nos quais essa junção pode dar a origem a novo meio com características híbridas, defendendo que as mídias são resultantes de vários tipos de convergência (SOUZA, 2018).

Já por volta do final da década de 1990, Jay David Bolter e Richard Grusin, a partir da noção de remediação, desenvolveram significativas contribuições para os estudos de convergência midiática. Bolter e Grusin (1996) defenderam e compararam a convergência como uma forma de remediação. Para os autores a convergência é uma remediação mútua no campo das telecomunicações, informática e televisão, promovendo transformações nestas áreas.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Na literatura recente sobre convergência, destacam-se os estudos do pesquisador norte-americano Henry Jenkins (2001, 2004, 2015), que demonstrou que o fenômeno da convergência midiática é mais do que uma simples mudança tecnológica. O autor acredita que a convergência “[...] altera a relação entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e usuários existentes. A convergência refere-se a um processo, mas não a um ponto final” (JENKINS, 2004, p. 34. tradução nossa).⁵ de uma transformação e carece ser observada em toda sua plenitude. Primo (2010) argumenta que é justamente por ir contra o viés tecnicista que liderou por muitos anos debates sobre convergência, que o livro *Cultura da Convergência*, de Henry Jenkins, publicado em 2009, se tornou referência na academia e no mercado.

Para Jenkins (2001, 2004, 2015), o conceito de convergência deve ser pensado em termos culturais. Segundo o autor, a convergência é encarada como uma transformação cultural e não como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro do mesmo aparelho, pois a “[...] convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2015, p. 39). Por conseguinte, a proliferação de canais e a portabilidades de novas tecnologias aliadas à comunicação e às telecomunicações permitiram a possibilidade de a mídia estar em “todos os lugares”, o que, por sua vez, alterou a maneira que se consome mídia na cultura atual e isso reflete em mudança nos padrões de propriedade da mídia e de relacionamento com o usuário (JENKINS, 2001, 2004, 2015).

Jenkins (2015) argumenta que a sociedade contemporânea vive a cultura de convergência e que pensar a convergência em termos culturais diz respeito à mudança de paradigmas no funcionamento da mídia, principalmente, de como o usuário se relaciona e consome a mídia na cultura atual e isso reflete em mudanças econômicas, empresariais, políticas, sociais e culturais, impulsionadas pela sociedade em rede (CASTELLS, 2003), pela digitalização e pela convergência midiática. Essa nova abordagem da convergência midiática como um processo cultural, pensando na perspectiva sociológica e cultural, é aceita por uma

⁵ [...] alters the relationship between existing technologies, industries, markets, genres and audiences. Convergence refers to a process, but not an endpoint.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

parte dos pesquisadores de mídia e profissionais de comunicação, dando um novo caráter aos estudos de convergência.

Como constatado, ao longo da trajetória histórica, o conceito de convergência tem sido utilizado por diferentes áreas do conhecimento e diferentes segmentos da comunicação, mas deve-se considerar as contribuições de cada estudo para compreender as complexidades do fenômeno da convergência midiática.

Diferentes perspectivas e implicações da convergência midiática na comunicação

Pesquisadores da comunicação concordam em descrever a convergência de mídias como um conceito multidimensional (DUPAGNE; GARRISON, 2006; DOMINGO et al., 2007; SALAVERRÍA et al., 2010; DAVE, 2011) e que apresenta certo grau de polissemia e caráter dinâmico. Segundo Micó, Masip e Barbosa (2009), a polissemia e o dinamismo do conceito de convergência fizeram com que este fosse proposto a partir de diversas abordagens e de diferentes perspectivas. Distintos pesquisadores e acadêmicos definem de maneira divergente, uma vez que diversos pesquisadores o caracterizam como consequência dos avanços ocorridos em nossa sociedade, enquanto outros o descrevem como “um processo contínuo e uma tática gerencial para lidar com os desafios e aproveitar as oportunidades produzidas pelas crescentes tecnologias da comunicação” (DAVE, 2011, tradução nossa).

Dave (2011) destaca que as primeiras definições sobre convergência midiática enfatizavam apenas o aspecto tecnológico deste fenômeno. Mesmo com toda a evolução deste conceito, Primo (2010) descreve que a ideia de convergência ainda é ilustrada por uma televisão conectada à internet mediada por meio de um controle remoto que fornece as decisões de programação. Há muito tempo, como descreveu o autor, é assim que convergência é definida. Esta definição parte da premissa que os meios de comunicação tradicionais desapareceriam em virtude de apenas um único meio “convergente”. No entendimento de Primo (2010):

[...] o desaparecimento de outros meios diante de um único “faz tudo”, capaz e completo — a descrição desse possível fenômeno poderia ser encarada como um “darwinismo midiático”! —, essa perspectiva não leva em conta a especificidade de cada meio e as necessidades que cada um supre. Ora, experiências diferentes são mediadas por tecnologias distintas. É neste sentido



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

que o prazer de assistir-se a um filme em um grande cinema não pode ser reproduzido em uma sala de televisão, mesmo que se apague as luzes e se aumente o som (PRIMO, 2010, p. 22).

A ideia de que os meios de comunicação estariam se aglutinando em uma super mídia e que as notícias, informações e entretenimento seriam fornecidos por uma “caixa preta” não é aceita por boa parte dos pesquisadores da comunicação. Jenkins (2015), por exemplo, argumenta que este discurso sobre convergência começa e termina em “falácia”. “Mais cedo ou mais tarde, diz a falácia, todos os conteúdos de mídia irão fluir por uma única caixa preta em nossa sala de estar (ou, no cenário dos celulares, através de caixas pretas que carregamos conosco para todo lugar)” (JENKINS, 2015, p. 38). Para o autor, o problema desta ideia é que ela reduz as transformações dos meios de comunicação a uma transformação tecnológica, deixando de lado outras vertentes da convergência, principalmente o aspecto cultural.

Ao longo da evolução do conceito de convergência, como constatou Salaverría (2003), é comum encontrar análises reducionistas. Em muitas dessas análises, a tecnologia se destaca como o único parâmetro que promove o processo de convergência, enquanto outros aspectos são esquecidos e subestimados. Apesar desta limitação, pesquisadores da área alertam que não existe uma definição unanimemente aceita para convergência ou uma única dimensão para observar a convergência midiática. Pelo contrário, este fenômeno é composto por muitas faces (LAWSON-BORDERS, 2006) e consolida-se como um conceito multidimensional (DUPAGNE; GARRISON, 2006; DOMINGO et al., 2007; SALAVERRÍA et al., 2010; DAVE, 2011).

Olhar o conceito de convergência a partir da multidimensionalidade permite neutralizar o discurso determinista que prega que a integração total é o final de todo processo convergente. Este conceito se torna um processo multidimensional sistêmico por não existir uma única definição na literatura e ser analisado por diferentes contextos e dimensões. Por conta disso, há uma discrepância conceitual na academia e no ambiente profissional. Segundo Micó, Masip e Barbosa (2009), a polissemia que envolve o termo convergência se deve ao uso diferenciado tanto na academia, quanto no ambiente profissional. As definições originárias do mundo profissional tendem a se concentrar em aspectos específicos, especialmente na configuração de redações e processos de produção, que geralmente divergem das definições do mundo



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

acadêmico que são mais amplas (MICÓ; MASIP; BARBOSA, 2009). Domingo et al. (2007) também compartilham desta ideia e apontam que a convergência é um conceito que é utilizado para retratar várias tendências na comunicação.

Para Quinn (2005), o conflito entre o meio profissional e a academia, que possuem visões diferentes sobre convergência, é uma dicotomia fundamental. As definições profissionais tendem a ser mais reducionistas e geralmente limitam-se a aspectos logísticos da mídia, especialmente no que diz respeito à operação de redações e de processos de produção (SÁBABA et al., 2008). Ainda neste sentido, Salaverría (2009) conta que este conceito é visto por proprietários da mídia como sinônimos de integração de redação. Já para a academia, as interpretações não se referem aos profissionais de modo reducionista, visto que abordam a convergência além das redações. “No entanto, como contrapartida, essas definições, particularmente as mais recentes, são caracterizadas por uma heterogeneidade muito mais pronunciada” (SALAVERRÍA, 2009, p. 4. tradução nossa).

Os autores apontam que essa diferenciação não possui uma relação linguística, mesmo que exista uma disparidade nas definições. Há um consenso em designá-las como convergência, ainda que pesquisadores proponham termos alternativos a modalidades relacionadas à convergência, como fusão, cooperação, remediação etc. Para Salaverría et al. (2010), no entanto, este conceito ainda permanece “indescritível” para os pesquisadores da mídia, porque a ampla literatura publicada nos últimos anos sugere que as “definições teóricas foram expressas, na maioria dos casos, implicitamente. É surpreendente, é claro, que pouquíssimos autores tenham expressamente formulado uma definição de convergência” (SALAVERRÍA et al., 2010, p. 42. tradução nossa).

Assim, Salaverría et al. (2010) afirmam que boa parte dos pesquisadores que tentam obter definições desta literatura devem, frequentemente, agir por meio de procedimentos de inferência, que no ponto de vista destes autores se consolida como um problema. Outro obstáculo, para eles, é que entre os autores que ousaram definir o conceito de convergência há uma grande disparidade de critérios. Essa disparidade se deve, parcialmente, ao fato de que houve várias abordagens e perspectivas para estudos de convergência e sua estreita relação entre



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

tecnologias, mercados, indústrias, gêneros e usuário (SÁDABA et al., 2008), como já apresentado anteriormente.

Essa diversidade de abordagens faz com que a convergência seja “[...] um conceito dinâmico. Muitos autores argumentam que convergência, em vez de um fenômeno estático ou o destino final de alguma transformação, na verdade se refere a um processo” (SALAVERRÍA et al., 2010, p. 43, tradução nossa).

Outro fator que, em certa medida, contribui para este emaranhado que gira em torno da convergência é o fato desta terminologia ser observada e analisada por diferentes pesquisadores, segundo o olhar de três escolas distintas, que encaravam a convergência como um produto, como um sistema e como um processo. Segundo Salaverría et al. (2010), as primeiras definições sobre convergência, desenvolvidas por teóricos da primeira escola (NEGROPONTE, 1979, 1995; SOLA POOL, 1983; GOLDING E MURDOCK, 1996; FIDLER, 1997), destacaram a produção de novas mensagens comunicativas por meio da combinação de distintos códigos linguísticos, de modo a esclarecer que, ao abordar o conceito de convergência, não se deve levar em consideração apenas o processo modernização proposto pelas tecnologias, mas também “suas possíveis implicações em áreas vizinhas, como o ambiente de negócios ou o perfil dos jornalistas. É, em suma, uma visão relativamente reducionista com ressonâncias de determinismo tecnológico. (SALAVERRÍA et al., 2010. tradução nossa).

Nessa primeira escola, percebe-se que os conceitos de convergência e multimídia apresentavam sentido aproximado, sendo tratados por pesquisadores até como sinônimos. Assim, entende-se que esta é uma “[...] visão que não considera as implicações desse processo em áreas próximas, como a reconfiguração de negócios e profissionais, se tornando assim uma visão reducionista e com eco do determinismo tecnológico” (SILVA, 2018, p. 20), em que autores definiram convergência como um processo de aproximação entre tecnologias da informação e as telecomunicações (SALAVERRÍA et al., 2010).

Já a segunda corrente teórica, aborda a convergência de modo processual, visto que ela não se limita somente a questões tecnológicas e aos aspectos instrumentais, mas também se leva em consideração a produção e o consumo dos meios de comunicação. “A maioria dos autores



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

concorda que o fenômeno é multifacetado, porém não concorda que os limites também sejam de muitas faces” (SILVA, 2018, p. 21).

Para Salaverría et al. (2010), mesmo que exista um consenso em entender a convergência como um fenômeno sistêmico, não é de concordância identificar as diferentes dimensões que compõem a convergência.

Os autores que fazem parte desta escola partem das duas concepções anteriores, mas incorporam contribuições relevantes. Em primeiro lugar, entendem que analisar a convergência apenas do ponto de vista tecnológico, como faziam os autores da primeira escola, supõe reducionismo. Agora, depois de afirmarem que é conveniente distinguir e levar em consideração as várias esferas de convergência (assumindo, portanto, o modelo sistêmico proposto pela segunda escola), apontam que o estudo de cada uma dessas esferas deve ser realizado separadamente, para evitar confusão (SALAVERRÍA et al., 2010. p. 46. tradução nossa).

Como descrito pelos autores, a heterogeneidade deste conceito pode acarretar, por exemplo, consequências metodológicas significativas para a realização de estudos empíricos acerca do processo de convergência.

A terceira escola se volta para os estudos da convergência jornalística (SALAVERRÍA et al., 2010; SILVA, 2018) e apresenta importantes contribuição ao reconhecer o determinismo e assumir a perspectiva da segunda escola, que na visão desses teóricos, deve-se observar as dimensões da convergência de forma separada, o que apresenta implicações metodológicas e conceituais, como aqui apontado. Desse modo, ao mencionar o conceito de convergência, deve-se destacar que não é pertencente a um fenômeno isolado, uma vez que, “seria na verdade um *continuum*, um quadro de referência onde cada um dos mercados de notícias, empresas de informação e / ou mídia atingiria um determinado nível de convergência” (SALAVERRÍA et al., 2010. p. 46. tradução nossa).

Para García Avilés (2009) e Salaverría et al. (2010), a convergência configura-se como um processo dinâmico, em constante mudança. Para estes autores, os meios de comunicação tradicionais perderam o protagonismo referente aos meios pessoais e às redes sociais, o que resultou em mudanças de paradigma nos processos de captação, produção e distribuição de conteúdo. Os conceitos da última escola, especificamente por focalizarem estudos referentes às



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

transformações da mídia jornalística, desempenharam papel importante para o entendimento da convergência e suas implicações na área jornalística. Pavlik e McIntosh (2005) apontam que a convergência tem transformado a natureza dos meios de comunicação de maneira geral, o que acarretou em implicações no jornalismo. Deste modo, pretende-se discutir sobre convergência jornalística para entender como se estabelece a relação entre convergência e jornalismo.

Reflexões finais

Este trabalho buscou refletir sobre as especificidades do conceito de convergência na comunicação. A partir do resgate histórico, foi possível identificar que o conceito de convergência foi utilizado, por muito tempo na comunicação e também no jornalismo de forma banalizado. Sendo considerado como um conceito em voga no jornalismo, pois como destacado, foi utilizado por diferentes autores para referir-se a diferentes coisas.

Diante do que foi apresentado, o conceito de convergência foi utilizado pela primeira relacionado à ciência e à matemática. Já na conexão com a mídia, o uso deste conceito é muito mais recente. A palavra convergência midiática foi utilizada, pela primeira vez, no final da década de 1970, por volta de 1979, por Nicholas Negroponte, professor do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). O pesquisador chamou a atenção para o fenômeno da convergência ao organizar uma série de palestras nos Estados Unidos para arrecadar fundos para a construção do Media Lab (FIDLER, 1997; GORDON, 2003; DAVE, 2011; GARSON, 2019). Portanto, ao longo da trajetória histórica, o conceito de convergência tem sido utilizado por diferentes áreas do conhecimento e de diferentes segmentos da comunicação, mas se deve considerar as contribuições de cada estudo para compreender as complexidades do fenômeno da convergência midiática.

Vale destacar que a convergência é uma palavra recorrente na comunicação, mas não é um fenômeno atual (GARCÍA-AVILÉS, 2009; SALAVERRÍA et al., 2010; GARSON, 2019), mas que as tecnologias digitais, especialmente a internet, proporcionaram uma nova perspectiva para este conceito. Assim como defendeu Quinn (2005), este estudo encara o conceito de convergência como uma questão fundamental para entender o futuro da mídia e das



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

comunicações humanas. Para isso, é importante, para refletir com clareza sobre o futuro do jornalismo, entender os diferentes significados e implicações deste fenômeno.

Foi possível perceber também que pesquisadores da comunicação concordam em descrever a convergência de mídias como um conceito multidimensional (DUPAGNE; GARRISON, 2006; DOMINGO et al., 2007; SALAVERRÍA et al., 2010; DAVE, 2011) e que apresenta certo grau de polissemia e caráter dinâmico. Isso se deve pelo fato de muitos autores tratarem deste conceito pelo olhar de escolas e dimensões diferentes, como apresentado.

Quando delimitado ao jornalismo, o conceito de convergência, a convergência jornalística, apresenta tantas definições quanto o número de pessoas que tentam defini-la (QUINN, 2005). No jornalismo, a convergência é compreendida como um fenômeno sistêmico multidimensional, que é compreendido pelas suas particularidades. Assim, entende-se que este conceito integra ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens que influenciam em todas as dimensões da convergência, definidas como dimensão tecnológica, profissional, empresarial, de conteúdo e da audiência (SALAVERRÍA, 2003; 2008; 2010; GARCÍA-AVILÉS, 2009).

Diante disso, este estudo conclui que a convergência implica diretamente em diversas esferas do trabalho jornalístico e que o jornalismo, neste ambiente em transformação, buscou se reconfigurar para lidar com os desafios impostos pela convergência jornalística. A convergência é uma oportunidade de produzir jornalismo de qualidade e profundidade, sobretudo, realizar a integração das plataformas tradicionais e emergentes. É a partir deste fenômeno que é possível introduzir novas narrativas, linguagens e gêneros no jornalismo.

Referências

CASTELLS, M. **A Galáxia Internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Zahar, 2003.

DAVE, A. **Media convergence**: different views and perspectives. IMS Manthan, 2011.

DOMINGO, D. **Four Dimensions of Journalistic Convergence**: A preliminary approach to current media trends at Spain. 2007.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

DE SOLA POOL, I. **Technologies of freedom**. Belknap Pr, 1983.

DUPAGNE, M; GARRISON, B. The meaning and influence of convergence: a qualitative case study of newsroom work at the Tampa News Center. **Journalism Studies**, v. 7, n. 2, p. 237-255, 2006.

FIDLER, R. **Mediamorphosis: Understanding new media**. Pine Forge Press, 1997.

GARSON, M. O conceito de convergência e suas armadilhas. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. ISSN 1982-2553, n. 40, 2019.

GORDON, R. Implications of Convergence. **Digital journalism: Emerging media and the changing horizons of journalism**, v. 57, 2003.

HAMDY, N.; AUTER, P. Divergence on convergence: US and Egyptian journalism professionals and educators respond. **Journal of Middle East Media**, v. 7, n. 1, p. 62-91, 2011.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Ed. Aleph, 2015.

JENKINS, H. Convergence? I diverge. **Technology review**, v. 104, n. 5, p. 93, 2001.

JENKINS, H. The cultural logic of media convergence. **International journal of cultural studies**, v. 7, n. 1, p. 33-43, 2004.

LAWSON-BORDERS, Gracie L. **Media organizations and convergence: case studies of media convergence pioneers**. Routledge, 2006.

MICÓ, Josep; MASIP, Pere; BARBOSA, Suzana. Models of business convergence in the information industry: A mapping of cases in Brazil and Spain. **Brazilian journalism research**, v. 5, n. 1, p. 123-140, 2009.

NEGROPONTE, N. **Being digital**. Vintage, 1995.

PRIMO, A. Crítica da cultura da convergência: participação ou cooptação. **Convergências Midiáticas: produção ficcional-RBSTV**, p. 21-32, 2010.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

QUINN, Stephen. Convergence's fundamental question. **Journalism studies**, v. 6, n. 1, p. 29-38, 2005.

SALAVERRÍA, R; AVILÉS, José Alberto García. La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Trípodos. Facultat de Comunicació i Relacions Internacionals Blanquerna.**, n. 23, p. 31-47, 2008.

SALAVERRÍA, R; GARCÍA-AVILÉS, José Alberto; MASIP, Pere. **Concepto de convergencia periodística.** 2010.

SALAVERRÍA, R. **Estructura de la convergencia.** 2010.

SALAVERRÍA, R. **Los medios de comunicación ante la convergencia digital.** 2009.

SALAVERRÍA. Convergencia de los medios. **Chasqui. Revista latinoamericana de comunicación**, n. 81, p. 32-39, 2003.



Influenciadores e o Poder de Movimentar o Comércio Digital: Um Estudo Sobre os Modos de Comprar dos Acadêmicos do Icese¹

Gabriel de LIMA²

Marina MAGALHÃES³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

Este ensaio busca compreender como perfis nas redes sociais digitais influenciam os acadêmicos do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) para que comprem determinado tipo de roupas e acessórios. Como tudo está mais globalizado e interligado, todos têm acesso mais facilitado a canais de digitais *influencers* e sites de propaganda que divulgam e vendem mercadorias, de todos os tipos e de diversos lugares do mundo. Para tal, contamos com pesquisas bibliográfica e documental em sites, artigos científicos, e com o auxílio de um formulário aplicado aos discentes. Em seguida, discutiu-se sobre o poder de influência que as redes sociais ganham, cada ano que passa, e como elas mudaram o rito de comprar e vender coisas.

Palavras-chave: Mídias digitais. *Influencers*. Agendamento. Comércio digital.

Introdução

O crescimento acelerado do *e-commerce*, o comércio digital, ganhou ainda mais fôlego nos últimos dois anos, em decorrência da pandemia de Covid-19. Com comércios fechados e *lockdowns* da população ao redor do mundo, motivados pela crise sanitária, as empresas de comércio que ainda não exploravam o nicho tiveram que adotar medidas para não perder clientes.

O Marketing Digital foi a solução encontrada para tais empresas não irem à falência durante a pandemia. Só que, para isso, era necessário estudar esse tipo de mercado e investir nele, principalmente as empresas que não possuíam nenhum tipo de vínculo com as redes

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 3) O local digital das culturas do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Graduando do 3º período do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: gabrieldelima096@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Docente do Departamento de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), email: marinamagalhaes@msn.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

sociais. À medida que elas foram se adaptando a esse novo estilo de vendas, também surgiram novas formas de conseguir mais clientes, e assim, aumentar o lucro. Uma delas foi a divulgação dos seus produtos nas redes sociais por meio de influenciadores digitais.

A internet e o Marketing se tornaram aliados importantes para o crescimento dessas empresas, que em meio a crises econômicas conseguiram vender seus produtos. Aliados importantes, também, são as empresas e os influenciadores, pois as primeiras pagam para que os segundos divulguem seus produtos; e eles, a partir do número de seguidores, rendem lucro para os contratantes, que podem divulgar mais vezes e em outras redes. Isso acaba por criar um sistema em que um depende do outro, o qual se torna potencialmente rentável para ambos.

A crença no papel do influenciador nas decisões de compra dos seus seguidores, no contexto da comunicação digital, nos remete ao papel do jornalista junto à audiência, à luz da *Agenda Setting* ou Teoria do Agendamento, no contexto dos meios de comunicação de massa. Segundo Pena (2018), essa teoria do jornalismo afirmava que os meios – e os profissionais – de comunicação tinham grande influência no que pensamos e como pensamos sobre determinados assuntos, papel que nas redes sociais hoje estaria sendo ocupado pelos influenciadores digitais. De posse de marcas, seja de roupas, de acessórios ou quaisquer outras, o influenciador digital busca fazer com que seus seguidores pensem de maneira positiva sobre aquilo que divulga (ou de maneira negativa, sobre as marcas concorrentes).

Desse modo, para analisarmos a questão de forma prática, desenvolvemos uma pesquisa básica na Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins em busca de descobrirmos a resposta para a questão a seguir: De que maneira a influência midiática social pode movimentar o comércio juvenil? O intuito principal deste trabalho é compreender como as redes sociais influenciam os acadêmicos do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) no momento de adquirirem roupas e acessórios na internet.

A metodologia utilizada foi a seguinte: inicialmente, fizemos uma pesquisa bibliográfica em artigos científicos e em sites sobre o tema em questão; em seguida, aplicamos um formulário no Google Forms para os acadêmicos do Instituto, questionando se já compraram peças de roupas da internet ou visitaram sites ou apps indicados por algum influenciador. Se sim, em qual site compraram?



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

O desenvolvimento deste ensaio se deu da seguinte maneira: trataremos primeiro sobre o embasamento teórico, parte em que são apresentadas as ideias de estudiosos que nos respaldam sobre o tema. Após isso, trataremos sobre os resultados e discussões dessa pesquisa, e por fim, das considerações acerca dos seus resultados.

Fundamentação teórica

O mundo como conhecemos hoje, globalizado, digitalizado, com redes sociais, aplicativos e aparelhos que monitoram tudo e todos, internet 4G e 5G, só foi possível graças ao advento da internet, no final da década de 1960. Após o seu surgimento, o planeta que aparentava ser gigante – onde uma carta demorava dias, semanas, meses para chegar até o seu destinatário – se tornou uma aldeia global (McLUHAN, 1964), já que agora é possível conversar em tempo real, com uma ou mais pessoas, a milhares de quilômetros de distância, e nos lugares mais distantes do planeta.

Com o avanço e a democratização da internet, inaugurou-se uma nova era na comunicação, entretanto, houve a necessidade de aparelhos mais sofisticados e mais digitais, que pudessem acompanhá-la. As empresas de tecnologia, observando essa necessidade, resolveram investir em aparelhos digitais, uma vez que a digitalização se expandiu para os mais diversos campos, não servindo só para a comunicação interpessoal. A maior prova disso é a força humana sendo substituída por robôs de última geração nas indústrias, e em diversos outros setores sociais, do mundo todo – e, como se não bastasse isso, ainda interagem entre si.

Hoje, o processo de digitalização surge como um novo tipo de conexão planetária, ou seja, como a constituição de redes interagentes compostas não só por seres humanos, e tecnologias, mas também por biodiversidades, objetos, superfícies, dados, redes neurais de inteligência e etc. (DI FELICE, 2020, p. 33).

Nos dois últimos anos, no Brasil e no mundo, as empresas que fecharam suas lojas físicas por conta da crise sanitária que passamos e ainda estamos vivendo, tiveram que se reinventar para não perder os clientes. E mesmo que não tivéssemos passando pela crise sanitária, em algum momento as empresas precisariam se modernizar, usar o marketing digital e outras formas de vender de maneira digital e online.

Encontramo-nos, portanto, numa era em que os meios de comunicação, a



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

cultura participativa e a inteligência coletiva se convergem. Perante este ambiente, onde os consumidores se tornaram seres autônomos e assertivos, é preciso que as empresas repensem nas suas estratégias de marketing e comunicação. (MAGALHÃES, 2018, p. 27).

Com a digitalização e a globalização da internet, as pessoas navegam de maneira livre e, conseqüentemente, têm mais acesso a conteúdos de todos os tipos, incluindo as redes sociais de pessoas que divulgam suas vidas e mercadorias, os influenciadores digitais. Estes produzem conteúdos na internet, influenciando seus seguidores a fazerem e/ou a comprarem coisas a partir do seu comportamento. Eles podem estar presentes em uma ou mais redes sociais, essa decisão é pensada à medida que há um público-alvo a ser alcançado.

Se em tempos atrás, para influenciar alguém, tinha que ser algum cantor (a), ator/atriz, “famosos” em geral, hoje isso muda totalmente. Ao menos potencialmente, na lógica horizontal das redes qualquer pessoa pode se tornar um influenciador, um criador de conteúdo, tudo isso graças à cultura da participação que vivemos nas redes sociais. E mais, um influenciador que veio do anonimato pode se tornar uma celebridade, já que se as suas críticas sobre produtos e serviços “viralizam”, mais pessoas começam a segui-lo, e assim criam comunidades à sua volta, em volta do que acreditam, dos seus interesses e estilos de vida.

É possível, por exemplo, partilhar a experiência que tivemos com determinado serviço ou produto que adquirimos. Portanto, ao pesquisar sobre esse produto ou serviço, outros consumidores têm acesso às críticas e comentários feitos em relação ao mesmo (MAGALHÃES, 2018, p. 34).

O ato de influenciar pessoas é diretamente proporcional ao número de seguidores. Quanto maior o número de pessoas que seguem alguém, mais engajamento elas têm nas redes e mídias, e, de maneira conseqüente, mais pessoas irá influenciar

Nos casos em que o utilizador atinge um grande número de seguidores que se interessam pelo seu conteúdo, a sua opinião começa a ter poder de influenciar, pois a sua reputação aumenta, assim como a confiança depositada. (MAGALHÃES, 2018, p. 34).

O aumento do número de seguidores acontece igual ao efeito dominó; entretanto, de maneira reversa. O efeito dominó, como conhecemos, acontece quando uma peça “empurra” a outra até que não haja mais nenhuma peça para cair. No aumento de números de seguidores é parecido, só que as peças, que já são seguidores, conseguem/levantam outras peças (pessoas)



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

para seguirem aquele influenciador. Ou seja, são influenciadoras do influenciador.

Assim que os influenciadores digitais começam a ficar conhecidos, a formar opiniões, e a agendar assuntos que interessam ao público, as empresas de vendas de produtos e serviços começam a procurá-los para parcerias. “Nesta fase, os influenciadores digitais começam a ser procurados por marcas e empresas para que partilhem a opinião sobre seus produtos”. (MAGALHÃES, 2018, p. 35).

Nesse formato de “permuta” entre empresa e influenciador, o capital circula entre os dois, transformando, assim, a pessoa que utiliza as redes em um profissional, haja vista que eles são pagos pelas empresas para publicar e divulgar marcas, campanhas e produtos. “Ser influenciador digital tem vindo a ser considerado já uma profissão, visto que estes utilizadores são pagos pelas marcas para fazerem publicidade”. (MAGALHÃES, 2018. p. 35).

O que os influenciadores fazem com os produtos das marcas, quando postam fotos, gravam vídeos, divulgam, opinam, é um tipo de mercado, mas diferente do convencional. Como tudo se modernizou, o ato de vender também. O ato de divulgar e vender determinado produto nas redes é chamado de Marketing Digital, um conjunto de estratégias voltadas para divulgar uma marca de maneira online, sempre com a finalidade de promover empresas e produtos. Dessa maneira, as empresas e marcas fazem uso de diferentes canais digitais e métodos que analisam, de maneira instantânea, os resultados.

O marketing digital surgiu na década de 1990, e mudou o jeito como as empresas usam as ferramentas tecnológicas na promoção de seus negócios. O termo se popularizou de maneira exorbitante, à medida que os cidadãos passaram a utilizar mais dispositivos digitais na hora de comprar seus produtos e na hora de pesquisá-los, mesmo sem a intenção de adquiri-los.

Hoje, com o marketing digital, o avanço das redes e a digitalização dos dispositivos, o consumidor possui um papel mais ativo nesse processo, que antes era restrito aos vendedores profissionais.

A propagação da internet e das novas tecnologias, assim como os preços cada vez mais baixos dos computadores, telemóveis e internet, fez com que surgisse um novo tipo de consumidor: o “prosumidor” (prosumer)(...). Termo que se refere a um consumidor que produz conteúdo (produtor + consumidor). (MAGALHÃES, 2018, p. 38).

Há um novo tipo de consumidor, que possui acesso às redes sociais, e busca de maneira



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ativa por informações sobre determinados produtos, em diferentes fontes, e ouve opiniões de diversas pessoas. “É nas redes sociais que o consumidor ganha voz, deixando de ser passivo e passando a procurar informações em mais de uma fonte e a preferir opiniões de experiências relatadas por pessoas comuns” (MAGALHÃES, 2018, p. 38).

Desse modo, com as empresas e marcas investindo no Marketing Digital, seja em páginas e redes sociais da empresa, ou em influenciadores digitais que colaboram e agendam os produtos e serviços das marcas que fazem colaborações com eles para alcançarem um público-alvo, acontece um fenômeno que a Teoria do Agendamento tentou explicar no jornalismo: o fato do digital *influencer* promover o produto (marca ou serviço) no debate para que seus seguidores possam pensar sobre ele, aumentar a curiosidade, e conseqüentemente, como objetivo final, comprá-lo.

Nos anos 1970, os pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw desenvolveram uma teoria que discutia o fato de que as mídias determinam os assuntos que o público vai discutir e pensar sobre. Essa teoria recebeu o nome de Teoria do Agendamento e afirma que os consumidores de notícia tendem a dar mais importância aos assuntos que são mais falados nos meios de comunicação, sugerindo assim que as mídias é quem decide sobre o que nós iremos falar. “A imprensa funciona como agente modeladora do conhecimento, usando estereótipos como forma simplificada e distorcida de entender a sociedade” (PENA, 2008, p. 142).

Para a teoria *Agenda Setting*, percebe-se que por meio da escolha de notícias os editores moldam a visão do que é real, seja no meio social, econômico, político etc. A maneira como as notícias são publicadas, mantidas e retiradas do conhecimento público influencia o modo como a gente se relaciona e entende a realidade informativa. Dessa maneira, o público em geral é tido como refém dessas escolhas, passando a falar mais, pensar mais, refletir mais e a dar determinada importância e relevância para os assuntos que estão mais presentes nas agendas midiáticas.

O influenciador digital que está junto conosco, incluído numa cultura de redes, usa destas para, principalmente, fazer o agendamento dos produtos ou serviços das marcas contratantes. Independente de ter recebido pagamento em cachê ou produtos da marca, partilha da sua opinião acerca do que divulga e faz com que seus seguidores, ainda que de maneira



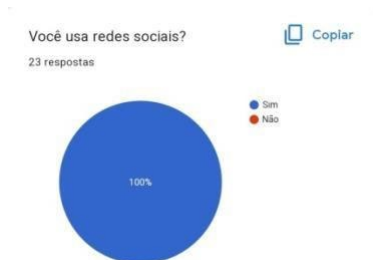
pouco consciente sobre as estratégias do marketing digital, pensem e reflitam sobre esses produtos.

Análises e Discussões

A seguir, apresentamos as análises e discussões baseadas nos dados coletados através da pesquisa realizada nos dias 27 e 28 de agosto de 2022. O estudo se deu por meio da aplicação de um questionário criado no Google Forms e divulgado na rede social WhatsApp junto a discentes do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ. No total, 23 pessoas responderam ao formulário, que continha oito perguntas, sobre redes sociais, influenciadores digitais e marketing.

Uso de redes sociais digitais

No aspecto quantitativo, o uso das redes sociais pelos estudantes do instituto é regra: 100% dos estudantes afirmaram que possuem algum tipo de rede social.



Qual rede social é mais usada?

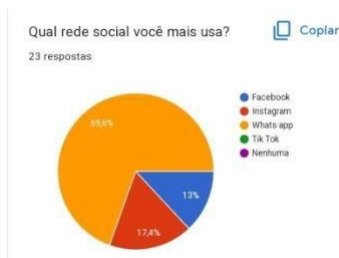
Analisando os dados da pesquisa, constatamos que quase 70% (69,6%) dos entrevistados usam mais o aplicativo de conversa WhatsApp; 17,4% usam com maior assiduidade o Instagram e 13% dos entrevistados preferem usar a rede social Facebook.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

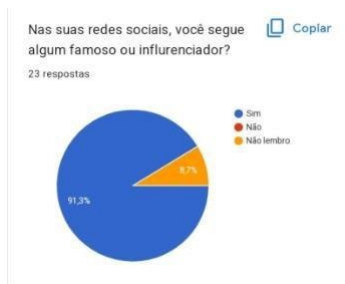
De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas



Fonte: Produção própria

Seguem famosos ou influenciadores?

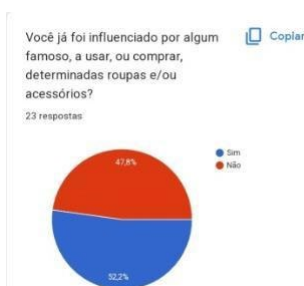
Quando perguntados sobre seguirem famosos ou influenciadores, a maioria (91,3%), afirmou que segue pelo menos um famoso ou influenciador. Os outros 8,7% revelaram que não recordam se seguem ou não.



Fonte: Produção própria

Influência na hora de comprar ou usar roupas e/ou acessórios

A pesquisa apontou que 52,2% dos entrevistados já foram influenciados por famosos a comprar ou usar alguma roupa ou acessório. E os 47,8% restantes afirmaram que não compraram nem usaram as roupas e acessórios usados ou indicados pelos famosos.



Fonte: Produção própria



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Visitas a sites e downloads de aplicativos

Ao serem perguntados sobre visitar sites e baixar aplicativos recomendados por influenciadores digitais e famosos, os estudantes do ICSEZ responderam o seguinte: 39,1% disseram que não baixaram nem visitaram; os outros 39,1%, afirmaram que visitaram sites e baixaram aplicativos; 17,4% afirmaram que somente entraram em sites; enquanto 4,4% relataram que baixaram aplicativos sob influência.

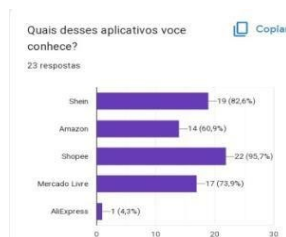


Fonte: Produção própria

Aplicativos conhecidos pelos entrevistados

Elaboramos uma pergunta para saber quais eram os aplicativos de vendas de produtos, no caso roupas e acessórios, mais conhecidos pelos discentes do ICSEZ. Elencamos quatro opções – Shein; Shopee; Amazon e Mercado Livre – para serem selecionadas, além de um espaço para os respondentes citarem outras opções. Cada respondente poderia indicar mais de um aplicativo.

Na pesquisa, a opção mais escolhida foi Shopee com 95,7% das indicações; logo em seguida, Shein, com 82,6%; na sequência, Mercado Livre, com 73,9% das escolhas, e finalizando, Amazon, com 60,9% dos votos. Apenas uma pessoa citou outro aplicativo, que não estava entre as opções, o Ali Express.



Fonte: produção própria



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Compra de roupas e acessórios parecidos com os dos famosos

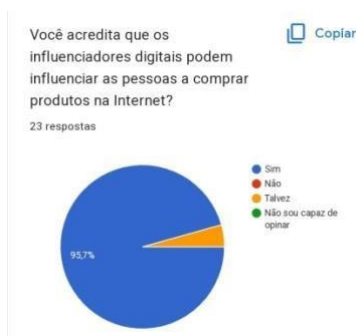
Entre os entrevistados, 43,5% afirmaram que já compraram roupas e acessórios parecidos com os que os famosos usam; 39,1% negaram que já tenham comprado roupas e acessórios parecidos com os dos famosos e influenciadores; 13% disseram que só compraram acessórios, e os 4,4% restantes, afirmaram ter comprado somente roupas.



Fonte: Produção própria

Influenciadores digitais e o poder movimentar o comércio digital

Ao serem perguntados sobre o poder que os influenciadores digitais têm de movimentar o comércio digital, 22 dos 23 entrevistados afirmaram que acreditam no poder dos influenciadores, apenas um respondeu que “talvez” haja esse poder de influência.



Fonte: Produção própria

Os dados da pesquisa nos mostram que a digitalização, o uso de redes sociais e o marketing digital estão presentes de maneira praticamente unânime na vida das pessoas. O primeiro se dá pelo avanço das tecnologias, principalmente daquelas informacionais; o segundo é fruto da globalização e democratização das redes banda larga e do acesso mais facilitado aos aparelhos de telefonia móvel, e o último é consequência direta da digitalização e dos usos das



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

redes sociais, já que com o advento da pandemia de COVID- 19, que obrigou o comércio convencional a se submeter a restrições, houve um aumento considerável de pessoas que navegavam por mais tempo, consumindo mais informações, e conseqüentemente, comprando mais produtos.

Observando os números da pesquisa, segundo a qual 100% dos respondentes afirmam usar as redes sociais, fica mais evidente que há uma cultura de participação hoje que nunca tivemos antes. E ademais, que não somente usa as redes, mas opina sobre produtos e serviços. “Esta passou a ser uma geração mais participativa, que não se limita a ver o que lhe é imposto, mas que procura, pesquisa e interage com o que vê das mais variadas formas” (MAGALHÃES, 2018, p. 31).

No modo de compra dos estudantes do ICSEZ, a pesquisa apontou que mais da metade dos entrevistados afirma já ter comprado ou usado acessórios e roupas por influência do marketing digital, ou até pelo simples fato dos famosos e celebridades estarem usando. O que comprova, para nós, que os influenciadores, ainda que de maneira “inconsciente”, no momento em que usam determinadas roupas e acessórios influenciam os discentes do Instituto – nosso universo de estudo – a buscarem e comprarem peças parecidas.

Dessa maneira, discutindo os dados da pesquisa é possível afirmar que, para os influenciadores venderem mais produtos para as empresas, é preciso agendar produtos, reforçando a ideia de que os influenciadores funcionam hoje como as grandes mídias funcionavam antes, agendando os assuntos. A diferença é que agora os influenciadores agendam os produtos para a venda.

Considerações finais

Por meio deste artigo foi possível compreender, de maneira preliminar, como os influenciadores digitais movimentam o mercado de roupas e acessórios e o modo de compra dos estudantes do ICSEZ. O estudo encontrou limitações por dois motivos: o curto prazo de desenvolvimento do estudo (48 horas de circulação do questionário) e a quantidade de respondentes do questionário (apenas 23 pessoas). Tais limitações podem ser resolvidas com uma pesquisa mais extensa em termos de tempo de circulação e aprofundada em termos de questões, visando atingir um número de pessoas maior e chegar a novas ideias.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Espera-se que essa pesquisa contribua para entendermos como o avanço das mídias tem sido fundamental para os novos métodos de compra, e como as novas profissões que surgiram com esse avanço, como os influenciadores digitais, têm papel fundamental nesse novo mercado de compras e vendas.

Por fim, destaca-se ainda que existam mais campos que envolvem essa temática, que podem ser estudados, a fim de coletar mais dados, e posteriormente, obter mais respostas. A utilização das redes sociais por artistas para divulgação de roupas, acessórios e calçados e a influência que isso causa nos seus fãs é uma temática que pode ser estudada seguindo a mesma linha de pensamento desse ensaio.

Referências

DI FELICE, Massimo. **A cidadania digital: A crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais.** São Paulo: Paulus, 2020.

MAGALHÃES, Sara C. B. C. **Gestão da imagem de uma empresa no Facebook: Estudo de caso New Look.** 2018. 102f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Redes e Tecnologia) – Universidade Lusófona do Porto, Porto, 2018.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Rio de Janeiro: Cultrix, 1964.



Relatos de experiência



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**Arte e Visualidades Sobre Corpo e Lugar: Saber Tradicional Ameríndio e Experiências
Transmetodológicas Entre Brasil e Portugal¹**

Marcelo Rodrigo da SILVA²

Fabiana Feronha WIELEWICKI³

Teresa LUZIO⁴

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Parintins (ICSEZ), AM

Instituto Politécnico de Leiria (IPLeiria), Caldas da Rainha (ESAD.CR), Portugal

Resumo

Este artigo relata a experiência didática, pedagógica e interdisciplinar no estudo das visualidades sobre corpo e lugar, envolvendo os componentes curriculares de Fotografia, Cinema e Performance dos cursos de Jornalismo e Artes Visuais de instituições de ensino superior no Amazonas, Brasil, e nas Caldas da Rainha, em Portugal. Sob uma perspectiva transmetodológica (MALDONADO, 2012), reflete-se sobre os sentidos e linguagens experimentais desenvolvidos pelos estudantes e professores, de forma híbrida (presencial e remotamente), durante o primeiro semestre de 2022 e que têm como referência estudos ancorados no saber tradicional ameríndio (KOPENAWA e ALBERT, 2015; CASTRO, 2017) e nos sentidos cosmológicos relacionados às visualidades, mais especificamente à luminescência.

Palavras-chave: saber tradicional ameríndio; visualidades; corpo; lugar; experiências didático-pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Este artigo relata a experiência didática, pedagógica e interdisciplinar no estudo das visualidades sobre corpo e lugar, envolvendo os componentes curriculares de Fotografia, Cinema e Performance dos cursos de Jornalismo e Artes Visuais de instituições de ensino

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 7) Uma outra universidade possível da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutor em Estudos da Mídia. Professor e Coordenador do curso de Jornalismo do ICSEZ/UFAM. Líder do Grupo de Pesquisas Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq), e-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com.

³ Doutora em Arte e Design. Professora e Vice-coordenadora do curso de Artes Visuais do ICSEZ/UFAM. Líder do Grupo de Pesquisas Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq), e-mail: fabianaw@gmail.com.

⁴ Doutora em Arte e Design. Professora e Coordenadora do curso de Artes Visuais da ESAD.CR/IPLeiria. Membro do Laboratório de Investigação em Design e Artes (LiDA/IPLeiria), e-mail: teresaluzio@gmail.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

superior no Brasil e em Portugal.

Trata-se de uma experiência resultante de uma parceria interinstitucional entre os Grupos de Pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq), do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Parintins, Amazonas, e o Laboratório de Investigação em Design e Artes (LiDA) da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (Esad.CR), do Instituto Politécnico de Leiria (IPLeiria).

Por meio da parceria, desenvolveu-se o projeto “Corpo, gesto e lugar: notas sobre a luminescência”, que envolveu as disciplinas de cinema, ministrada pela professora Fabiana Wielewicki no curso de Artes Visuais do Icsez/Ufam; fotografia, ministrada pelo professor Marcelo Rodrigo no curso de Jornalismo da mesma instituição; e performance, ministrada pela professora Teresa Luzio no curso de Artes Visuais na Esad.CR/IPLeiria.

Durante o período letivo 2021.1 – realizado no primeiro semestre do ano civil de 2022 – os professores desenvolveram, de forma híbrida (presencial e remotamente), atividades colaborativas em encontros conjuntos, expandindo reflexões, experimentações e abordagens acerca de questões norteadoras do projeto. Importante ressaltar que o projeto não surgiu de um tema central pré-definido, mas do entrelaçamento entre os assuntos corpo e lugar, deixando margem para desdobramentos possíveis encontrados a partir desta proposição inicial. A relação entre corpo e lugar inaugurou um campo de experimentação potencialmente rico a ser explorado conjuntamente, mas incorporando as trajetórias, biografias e sensibilidades individuais dos participantes.

Dessa forma, o presente texto tem o objetivo de refletir sobre os sentidos e linguagens experimentais desenvolvidos pelos estudantes e professores, em suas respectivas disciplinas, de forma híbrida, durante o primeiro semestre de 2022, sob uma perspectiva transmetodológica, conforme proposto por Efendy Maldonado (2012), no que diz respeito à possibilidade de variação nas aplicações técnicas de investigação.

Segundo esse pensamento, os métodos e técnicas não são enrijecidos, nem representam receitas prontas, mas se tratam de um ordenamento lógico dos processos de pesquisa que objetivam a integralidade das compreensões e, por causa disso, podem ser feitos de formas associadas. Entende-se, portanto, em concordância com o autor, que a associação de técnicas



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

possibilita o entendimento dos fenômenos sociais como complexos e que, por isso, não pode ser fechada em um único ordenamento metodológico específico e isolado.

Fotografia, Cinema e Performance: corpo e lugar (e imagem)

As etapas de desenvolvimento do projeto foram, gradualmente, sendo construídas de forma colaborativa entre as disciplinas de fotografia, cinema e performance. O diálogo entre os campos teóricos da fotografia, cinema e performance foi sendo construído pelos professores responsáveis pelas disciplinas por meio de reuniões remotas visando o planejamento das aulas. Buscou-se com essa metodologia a cooperação mútua, no sentido de proporcionar a abordagem de educação a distância denominada “estar junto virtual” (VALENTE, 1998), que vai além de uma simples comunicação via rede e que estrutura o que o autor chama de “telepresença”.

Segundo essa abordagem, devem ser fomentadas condições para a comunicação e a troca de experiências entre membros de um determinado grupo na elaboração de um projeto ou na resolução de problemas. Para isso, é interessante a participação de um especialista capaz de criar condições para gerar novos conhecimentos por meio de interações com os aprendizes, que estimulem troca de ideias, questionamentos, desafios e o fornecimento da informação necessária para que o grupo possa avançar. Isso significa que o especialista deve “estar junto”, mesmo de forma digital, ao lado dos aprendizes, vivenciando as situações e auxiliando-os a resolver questões.

Moreira & Schlemmer (2020) observam, entretanto, que o Ensino Remoto Emergencial é, na realidade, um modelo de ensino temporário devido às circunstâncias da crise provocada pela pandemia de Covid-19 e envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas idênticas às práticas dos ambientes físicos, “sendo que o objetivo principal nestas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional online robusto, mas sim fornecer acesso temporário e de maneira rápida durante o período de emergência ou crise” (MOREIRA & SCHLEMMER, 2020).

Todavia, a adoção e implementação de ações de ensino remoto em regiões do país onde a infraestrutura de conexão com a internet é rarefeita, como é o caso da cidade de Parintins – uma ilha fluvial no interior do estado brasileiro do Amazonas, distante 369 quilômetros da



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

capital, Manaus – é uma tarefa desafiadora e com sérias limitações. A cidade, conhecida como Ilha Tupinambarana, está localizada à margem direita do Rio Amazonas e é a segunda maior do Estado, com uma população estimada de 115 mil habitantes (IBGE, 2020). Integra a região do Baixo Amazonas e suas únicas formas de acesso são por via aérea ou fluvial.

A várzea tem enchente anual acompanhando o regime do leito do rio Amazonas, que comanda a vida na região (TOCANTINS, 2000; STERNBERG, 1998). Os ribeirinhos vivem em palafitas fixas na várzea e podem ou não ter migração circular durante a cheia (ELOY, 2009). Há grupos que permanecem na várzea, nas grandes cheias, ajustando a altura dos cômodos; enquanto outros migram para a casa de parentes em terra firme.

As tecnologias empregadas para a realização do projeto aproximam os processos de ensino e aprendizagem e estimulam a interação mediada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) com objetivo de gerar ciclos de ações, facilitando o processo de construção de conhecimento ou a espiral de aprendizagem (VALENTE, 2005).

Esses processos de ensino e aprendizagem mediados pelas TDICs também se aproximam das conceituações de Tapscott (2010) quando diferencia o aprendizado de massa do aprendizado interativo. Para o autor, enquanto o aprendizado de massa é centrado no professor, padronizado, centrado no conhecimento e informação, baseado em um modelo de aprendizado individualista e em aulas expositivas, o aprendizado interativo é centrado no estudante, personalizado, centrado na construção do conhecimento através da colaboração, baseado em um modelo de aprendizado colaborativo e em aulas interativas. Por isso, segundo o autor, o papel do professor não é de ensinar aos alunos alguma coisa, mas de conduzi-los como mediadores no processo de aprendizagem e descobertas.

Nesta etapa foi sendo definido que assuntos seriam trabalhados conjuntamente, reunindo as três turmas, assim como os conteúdos específicos das componentes curriculares a serem abordados de forma separada entre as turmas pelos professores responsáveis. O desafio de articular o eixo central do projeto aos conteúdos formais das disciplinas — que já possuíam um conteúdo curricular estabelecido pelas instituições de ensino superior — abriu um campo de análise frutífero para pensar o entrelaçamento entre corpo e lugar a partir de uma ideia de imagem.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

No campo fotográfico, o processo de gravação da luz que incide sobre determinado corpo ou objeto é princípio fundamental e operação constitutiva da própria ideia de fotografia. O registro luminoso resultante desse processo estabelece uma conexão essencial entre um corpo material — que habita o mundo concreto, e um corpo imaterial — memória do anterior existente sob forma de luz. Capturar o movimento de corpos luminosos é um desafio técnico presente desde os primeiros experimentos realizados no campo do cinema.

A imaterialidade da imagem cinematográfica, a projeção de um mundo em movimento é constitutiva da própria ideia de cinema — diferente da fotografia que (ainda) pode assumir a materialidade de um objeto, ao ser impressa em papel ou outro suporte. Mesmo nos primeiros filmes, onde a ausência do som era um impasse técnico a ser vencido, o desejo narrativo encontrava um lugar na fala muda dos corpos. Uma espécie de fantasmagoria luminosa, cheia de lacunas e silêncios, procurava colocar em relação corpos em empreitadas e ações diversas.

A performance, no âmbito das artes visuais, investiga experiências do corpo no mundo por meio de proposições artísticas. Ações do corpo em relação ao contexto social e político são fundadoras da própria noção de performance enquanto linguagem artística: o corpo em constante diálogo e/ou embate com o meio onde se insere, com outros corpos. A efemeridade é uma condição intrínseca da performance, pois dura o tempo de sua execução. Do impasse entre a imaterialidade da experiência e a permanência (que assegure seu estatuto de arte) incorpora registros fotográficos e videográficos em seu campo de investigação artística. Surge, assim, a tensão entre acontecimento — ação de um corpo em determinado lugar— e registro, questão chave para o desenvolvimento da linguagem da performance no campo da arte.

Em Portugal, a professora Tereza Luzio, responsável pela disciplina de performance, iniciou suas reflexões e experimentações sobre corpo e lugar partindo de “The Branch Dance”, de autoria de Anna Halprin (1957), na Califórnia. Na performance, os corpos se integram de forma sinérgica às plantas, como verdadeiros ramos. Daí em diante, ganhou força no projeto a atenção com relação à natureza, aos ecossistemas e às formas de representação e simbologia do sentir o(s) corpo(s) e o(s) lugar(es).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Figuras 1 e 2: performance *The Branch Dance* (Anna Halprin)



Fonte: Museum of performance + Design

À medida que eram ampliadas as pesquisas e os contatos com produções artísticas, narrativas e literaturas de referência, ganhou espaço o cenário amazônico e as cosmovisões dos diferentes povos que o habitam, especialmente, os povos que compartilham do saber tradicional ameríndio. As práticas e observações teóricas das disciplinas passaram, então, a convergir para a observação das formas de expressão, representação e simbologia das visualidades sobre o corpo e lugar na Amazônia.

Nesse sentido, o professor Marcelo Rodrigo acrescentou às discussões, a partir da disciplina de fotografia, a exposição fotográfica “Pamürimasa – os espíritos da transformação”, de autoria de Paulo Desana e em exposição virtual na plataforma digital Teatro e Povos Indígenas (TePI).

Em sua apresentação, a plataforma TePI explica que o teatro é entendido na diversidade de sua forma e valorizando o corpo como poder estético e político. As obras e as ações que compõem a programação refletem a existência para além da humanidade, “mostrando interesse pelas pessoas, mas também pelas árvores, pelo ar, pelo animal, pela flor, pela água, pela comunidade, pelo cheiro, pela terra e pela ancestralidade” (TEPI, 2022). A obra apresenta visualmente o conhecimento dos antepassados herdados pelo Pajé para saber como realizar o



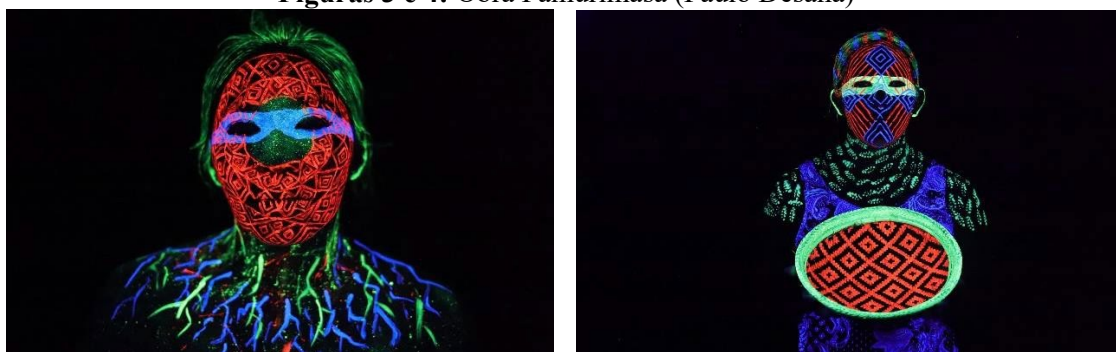
III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

benzimento de cura de seu povo. Para isso, utilizou como elemento narrativo de representação simbólica tintas luminescentes e cores fluorescentes porque, conforme a própria apresentação da obra (DESANA, 2022): “a tinta luminescente, inclusive, surge como inspiração para simbolizar os espíritos desses antepassados”.

Figuras 3 e 4: Obra Pamürimasa (Paulo Desana)



Fonte: Teatro e Povos Indígenas (TePI)

Na exposição foram fotografados pajés de diferentes etnias indígenas e, ainda conforme Paulo Desana, a obra tem como objetivo suscitar aproximações entre os temas mitologia, tradição, arte, cultura, identidade e fotografia, “partindo de um levantamento de referências sobre a mitologia da viagem da Cobra-Canoa da Transformação ou, como chamado na língua Tukano, Pamürimasa (os “Espíritos da Transformação” ou que saíram da água do rio)” (DESANA, 2022).

Concomitantemente, a professora Fabiana Wielewicki acrescentou às reflexões sobre corpo e lugar, envolvendo as visualidades do cinema, o filme “Los silencios”, dirigido, roteirizado e produzido por Beatriz Seigner e premiado em Cannes em 2018. O longa-metragem conta uma história que se passa em uma ilha localizada na região amazônica, na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, onde uma família busca abrigo após fugir da violência dos conflitos armados da Colômbia. Aos poucos, a família descobre que a ilha é povoada de fantasmas.

Na trama de Seigner, os personagens Núria, de 12 anos de idade, Fábio, de 9 anos de idade, e sua mãe, Amparo, vivenciam o cotidiano da vida permeada por simbologias relacionadas à cosmovisão dos saberes tradicionais ameríndios. Saberes estes que passam a permear a narrativa visual do filme a partir da expressividade de componentes de cor, luz e



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

efeitos fosforescentes, presentes em tintas, roupas e objetos pontuais e em sequências narrativas específicas do filme.

De forma semelhante ao que se verificou com a exposição fotográfica, a narrativa cinematográfica emprega elementos visuais relacionados à luminescência para representar o saber ancestral dos povos indígenas. Essa forma de expressão com base nas tintas fluorescentes como representação de corpos fantasmagóricos, espíritos da floresta ou mesmo de um conhecimento ancestral, é o que se revelou como tônica das discussões sobre visualidades envolvendo os assuntos corpo e lugar dentro do projeto, perpassando os pontos de vista das três disciplinas em questão. Gradualmente, as possibilidades de experimentação das linguagens relacionadas a essas visualidades também se tornaram um convite à imersão dos professores e alunos nesse universo de significações.

Figura 5: Cena do filme *Los Silencios* (Beatriz Seigner)



Fonte: Miríade Filme

A partir das obras de referência apresentadas nas aulas ministradas foram propostas experimentações práticas a serem desenvolvidas pelos alunos no âmbito de cada disciplina. Na disciplina de fotografia foi desenvolvido um projeto que investigou a luminescência a partir de pinturas corporais realizadas entre os alunos, tomando como referência a exposição fotográfica “Pamürimasa – os espíritos da transformação”, de Paulo Desana. A proposta da disciplina de performance envolveu a realização de exercícios com o corpo em determinados lugares e sua consequente documentação por meio da fotografia. Tais registros foram reunidos em um banco



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de imagens, visando desdobramentos futuros e trocas entre os participantes do projeto. Os alunos da disciplina de cinema construíram um banco de imagens composto por fotografias e pequenos registros em vídeo de lugares em Parintins. O banco de imagens serviu de base para a escrita de um roteiro e uma produção em vídeo.

Luminescência como expressão

A partir das visualidades encontradas nas referências artísticas das disciplinas – a conexão do corpo com a floresta (performance); a luminescência como representação do saber ancestral (fotografia); e a luminescência como simbologia de um corpo fantasmagórico e espiritual (cinema) – partiu-se para uma reflexão mais aprofundada sobre a luminescência enquanto expressão de uma linguagem visual relacionada a um saber tradicional ameríndio.

A esse respeito, os participantes do projeto encontraram nos relatos presentes no livro o que Castro (2017) chamou de uma caracterização da ontologia dos espíritos amazônicos em registro visual.

O funcionamento de uma poderosa imagística intensiva da cintilação e do reflexo luminoso, por um lado, e da divisibilidade multiplicação indefinida dos espíritos, por outro. Primeiro, a luz. A narrativa de Kopenawa está literalmente constelada de referências à luminosidade, ao brilho, às estrelas e aos espelhos. Na versão que reproduzi no começo deste artigo, vemos os espíritos como “poeiras luminosas”, vemos seus caminhos, “tão finos como teias de aranha... vemo-los brilhar, inumeráveis, de uma claridade lunar”; vemos os “imensos espelhos” em que eles viajam, veículos resplendentes que estão “sempre a brotar de novo. (CASTRO, 2017, p. 331).

Viveiros de Castro se refere ao extenso depoimento do xamã Davi Kopenawa ao antropólogo francês Bruce Albert no livro “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami” (2015). A fala de Kopenawa é repleta de referências visuais riquíssimas em nuances, brilhos e contrastes luminosos. A floresta, seus seres e fenômenos são descritos em imagens que causam impacto visual, oscilando entre assombro e maravilhamento.

[...] Por isso os xapiri cintilam como estrelas que se deslocam pela floresta. [...] Seus dentes são imaculados e brilhantes como estilhaços de vidro. [...] Em suas danças de apresentação, os xapiri agitam jovens folhas desfiadas de palmeira hoko si, de um amarelo intenso e brilhante. Movem-se em ritmo lento, flutuando com leveza no mesmo lugar acima do solo. [...] Brandem



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

imensos sabres, projetando raios de luz em todas as direções como se agitassem espelhos à sua volta. Avançam numa luminosidade ofuscante, como a dos faróis dos carros à noite. (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 160).

Nessa instância do projeto, instaura-se uma discussão sobre a imaterialidade dos corpos a partir de uma manifestação luminosa. Essa questão apontou caminhos e clarificou questões em aberto no projeto. Apontou para a percepção do corpo para além da materialidade, expandindo-se para a espiritualidade. Essas reflexões aproximam-se também do Xamanismo.

Viveiros de Castro assinala que uma possível definição para o Xamanismo amazônico, reside na “habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades aloespecíficas, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos” (2017, p. 22).

A atenção voltada à percepção do corpo material/espiritual e as formas de representá-lo visualmente exigiu a reconfiguração do perceber, um desafio que se transformou em uma série de exercícios teóricos e práticos envolvendo professores e alunos das três disciplinas.

Reconfiguração do perceber

A partir dos conhecimentos e saberes adquiridos com as leituras, foram desenvolvidos exercícios e atividades práticas estimulando o tensionamento da percepção dos professores e alunos a respeito do corpo e lugar, também baseados no tensionamento das linguagens narrativas associadas às experimentações tecnológicas, no sentido proposto por Murray (2003) quando discute a adaptação dos formatos narrativos a partir das possibilidades de enunciação dos meios de comunicação e expressão, e o uso que fazemos das novas tecnologias.

Na disciplina de performance, os alunos foram estimulados a pensar a relação de seus próprios corpos com o lugar. Seus lugares de origem; a relação de seus corpos com a ancestralidade; as formas de representação dos corpos ancestrais em seu cotidiano; as imagens, as fotografias. Todos foram convidados a perceber o corpo material e reconhecer o corpo imaterial que se faz presente pelas visualidades dos elementos que os rodeiam.

Na disciplina de cinema, a percepção sobre as materialidades e imaterialidades dos corpos e suas relações com o lugar foram tensionados a partir das experimentações de linguagens narrativas. Os participantes foram convidados a buscar formas de representação dos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

diferentes corpos em diferentes planos (físico/etéreo); experimentar linguagens baseadas na expressão simbólica dos corpos a partir da luminescência; pensar a luminescência como linguagem; experimentar a produção de sentidos na sequência cinematográfica a partir do binômio luz (fluorescente) e sombra.

Na disciplina de fotografia, os alunos foram convidados a representar em seus próprios corpos os corpos de seus ancestrais com tintas luminescentes. Todos foram estimulados e construir formas, linhas e desenhos que trouxessem à materialidade de seus próprios corpos os outros corpos sutis que passam a se materializar pela expressão visual. Depois que pintados, os alunos puderam performar e fotografar no escuro e com o auxílio de luz negra o resultado do efeito luminoso que eles mesmos criaram.

Os exercícios aqui descritos, apesar de simplórios e ainda iniciais, representaram momentos únicos de tensionamento do olhar e do sentir a relação corpo e lugar e, mais do que isso, oportunidades de reconfiguração do perceber essas relações. O resultado dos exercícios está sendo compilado e resultará em uma publicação unificada, em que serão reunidas as produções das três disciplinas de forma colaborativa.

Considerações Finais

O projeto “Corpo, gesto e lugar: notas sobre a luminescência” ainda está em andamento e segue aberto para incorporar possíveis desdobramentos. O que apresentamos neste relato é o estado da arte do projeto que revelou aos participantes a possibilidade de conhecer a luminescência como linguagem e expressão visual a partir do saber tradicional ameríndio.

Em sua fase atual, debruça-se sobre o aprimoramento dos projetos realizados pelos alunos, recolha de registros e relatos, visando compor uma publicação. Também estão sendo planejadas aulas abertas internacionais, uma colaboração entre os grupos de pesquisa VIA/CNPq (UFAM, Brasil) e LiDA/IPLeiria (ESAD, Portugal), para tratar de assuntos que ultrapassam os conteúdos das componentes curriculares, assim como aprofundar certas questões que emergiram das discussões e encontros realizados no âmbito do projeto.

Uma aula aberta já foi realizada (maio/2022) no Instituto Politécnico de Leiria (Portugal), onde os professores Marcelo, Fabiana e Teresa apresentaram as fases iniciais



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

estruturantes do projeto, conceitos e obras de referência e os primeiros resultados obtidos. Naquela oportunidade, foram compartilhadas algumas vivências e experiências relacionando as visualidades da luminescência em atividades práticas e reflexões em grupo.

A discussão dos assuntos corpo e lugar, a partir do escopo teórico de cada componente curricular, abriu caminhos para a reflexão em torno da imagem e sua materialidade. O formato aberto do projeto possibilitou encontrar questões para além do entrelaçamento entre corpo e lugar, aprofundadas com o estudo do referencial teórico.

O entendimento do corpo além de sua materialidade, expandido pela espiritualidade (Xamanismo), tornou-se uma questão central no âmbito do projeto. O estudo da imaterialidade do corpo nos pressupostos do Xamanismo, por meio da literatura que aborda os saberes tradicionais ameríndios, poderá encontrar um caminho de reflexão possível na relação entre materialidade e imaterialidade da imagem fotográfica e videográfica.

As ações do corpo, gestos e possibilidades de inscrição/manifestação nos lugares são assuntos de investigação do projeto que culminaram na descoberta da luminescência como expressão visual. O percurso até aqui traçado propõe, para além do estudo e reflexão sobre materialidade e imaterialidade do corpo manifestado em imagem, um debate (ou um embate) importante a ser discutido em âmbito acadêmico: na relação entre corpo material e espiritual encontra-se um caminho possível para a reconfiguração do perceber.

As atividades desenvolvidas pelos alunos e professores, bem como as trocas de ideias e conhecimentos resultantes de leituras e conversas em sala de aula presencial e remotamente revelaram-se momentos férteis de confrontação e reconstrução de saberes e formas de sentir as visualidades e as possibilidades de produção de sentidos sobre corpo e lugar.

É válido salientar que não se pretendeu com este relato apresentar fórmulas ou modelos acabados de processos de ensino-aprendizagem ou métodos pedagógicos consolidados. Antes, contudo, intencionou-se compartilhar o processo vivo de construção de saberes a partir das experiências particulares, partindo de pontos de vista diferentes, mas dialógicos e interdisciplinares.

Mais do que esgotar e encerrar um assunto em torno dessas primeiras percepções, é anseio dos integrantes do projeto expandir ainda mais as possibilidades de percepções sensoriais



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

e cognitivas, a partir de uma postura de aprendizes atentos aos saberes tradicionais ameríndios, ainda tão desconhecidos pelo projeto.

Também é intenção deste trabalho estimular a aproximação entre as Universidades e o saber tradicional, especialmente aqueles compartilhados pelos povos ameríndios e as diversas cosmovisões que resistem entre as etnias que ainda resistem no território brasileiro.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DESANA, Paulo. **Obra Pamürimasa** (“os Espíritos da Transformação”) (BRASIL). 2022. In: TEPI, Teatro e os Povos Indígenas. Disponível em: <https://tepi.digital/obra-pamurimasa-os-espiritos-da-transformacao-brasil/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ELOY, L. Diversidade alimentar e urbanização: o papel das migrações circulares indígenas no Noroeste Amazônico. **Revista Anthropology of food** [Online], S6 | December 2009, Online since 20 December 2009. Disponível em: <http://aof.revues.org/6444>. Acesso em 20 mai 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades e Estados**: Parintins. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html>. Acesso em: 06 Out. 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo Companhia das Letras, 2015.

MALDONADO, Alberto Efendy. A transmetodologia no contexto latino-americano. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Et al.) (Orgs). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul; Natal: Unidavi; Editora da UFRN, 2012.

MIRÍADE FILMES. **Los Silencios** (2018). Disponível em: <https://miriadefilmes.com.br/pt-br/portfolio-item/los-silencios/>. Acesso em: 10 mai. 2022.

MOREIRA, José António Moreira; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. In **Revista UFG**, 2020, V.20, 63438.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck**: o futuro da narrativa no Ciberespaço. SP: Itá Cultural-UNESP, 2003.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

MUSEUM OF PERFORMANCE + DESIGN. **Anna Halprin Digital Archive: The Branch.** 1957.
Disponível em: <https://annahalprindigitalarchive.omeka.net/exhibits/show/performances/the-branch>.
Acesso em: 09 abr. 2022.

STERNBERG, H. O. **A água e o homem na várzea do Careiro.** 2ª ed. Belém: Emilio Goeldi, 1998.
248p.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. 417 p.

TEPI, Teatro e os Povos Indígenas. Disponível em: <https://tepi.digital/obra-pamurimasa-os-espiritos-da-transformacao-brasil/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia.** 9ª ed. Manaus: Editora
valer/Edições Governo do Estado, 2000.

VALENTE, José Armando. **A telepresença na formação de professores da área de Informática em
Educação: implantando o construcionismo contextualizado.** Actas do IV Congresso Ibero-
Americano de Informática na Educação. RIBIE98, Brasília, CD-Rom, /trabalhos/232.pdt, 1998.
Disponível em: http://www.ufrgs.br/niece/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/232.pdf. Acessado
em: 07 jun. 2022.

VALENTE, José Armando; PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito; ALMEIDA, Maria Elizabeth
Bianconcini. (Org.). **Educação a distância via Internet.** 2ª Edição, São Paulo: Avercamp, 2005.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Nossos Caminhos: Construindo Metodologias por Meio da Escuta Sensível¹

Orlane Pereira FREIRES²

Francine Rebello PEREIRA³

Paulo Antônio M. SILVEIRA⁴

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este texto consiste em relato de experiência na estruturação da abordagem utilizada para dissertação em “História, teoria e crítica da arte”. Da proposta inicial a descoberta de si no processo de ensinar cerâmica, passando de um estudo *ethnohistorico* de abordagem micro-ocular da cultura a *auto-etnografia* das relações para construção de uma pedagogia sensível no ensino superior. O discurso se apoia nos conceitos de complexidade de Edgar Morin, relação e diverso de Édouard Glissant e afetação por Peter Pal Pelbart.

Palavras-chave: autoetnografia; cerâmica; ensino superior; ancestralidades amazônicas.

Metodologia ou formalismo

Considerando o caráter dinâmico e sensível da arte, que nos instiga no contato apreciativo/exploratório, a abordagem adotada foi a etnografia experimental. Compreendendo que diante de inúmeras perspectivas possíveis, fez-se necessário expor as dúvidas mais latentes da rotina de estudos: as maiores foram a relevância do tema, os recortes da pesquisa e dar conta das indagações que emanam de um objeto tão complexo. Conseqüentemente, o trabalho foi tocado em frente com base em suportes integrados por conceitos da História Cultural e da Etnografia, construindo seus métodos à medida que o objeto revelava suas necessidades. Dessa forma, sua aplicação demanda longa e arguta vista, conexão com fatores próprios de cada conjuntura reconhecida na instrução pretensa e aplicação de texto

¹ Relato de experiência apresentado à Mesa Coordenada 7. Uma outra universidade possível do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Mestranda do PPGAV-UFRGS/UFAM, email: orlanefreires@ufam.edu.br

³ Mestrando em Saúde coletiva-FIOCRUZ, email: francinepereira@ufam.edu.br

⁴ Orientador da dissertação. Professor do PPGAV-UFRGS.



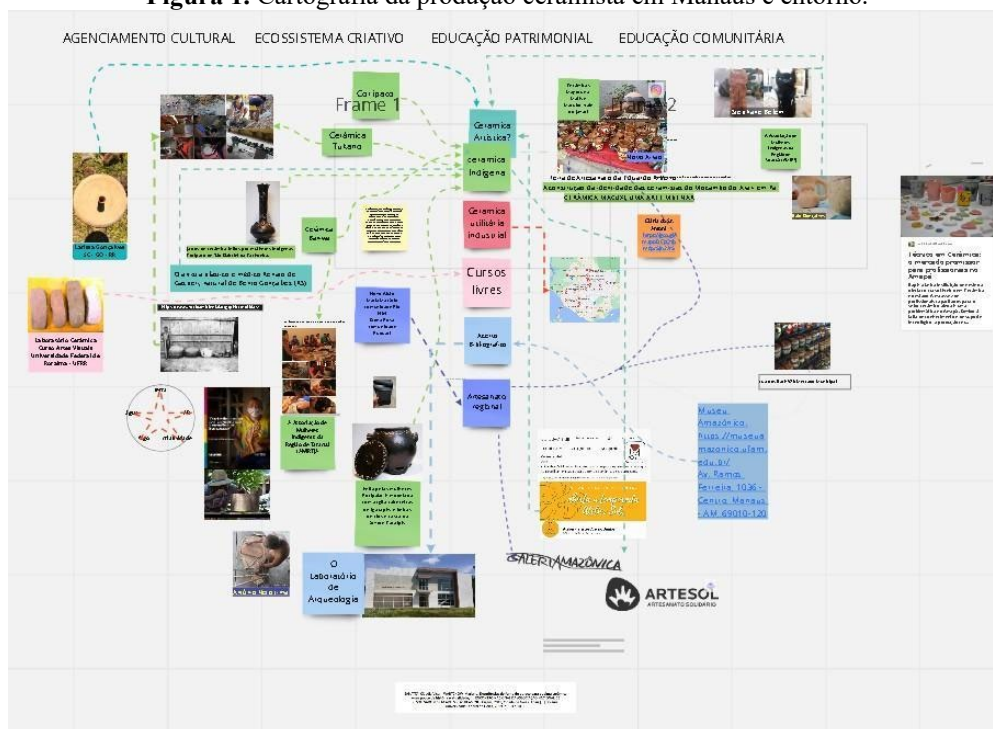
III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

claro e esclarecedor dos processos, visando o compartilhamento do conhecimento. Para isto, minha abordagem amparou-se na aproximação dos conceitos: complexidade, segundo Edgar Morin, que aborda os perigos da obediência cega a paradigmas científicos pautados na estratificação dos conhecimentos, tendo em vista o caráter questionador necessário à pesquisa e a iminência de colapsos sociais causados pela geração de anomalias epistemológicas passíveis de aplicações grotescas, ou mesmo letais; relação, segundo Edouard Glissant no livro *Introdução a poética da relação*; e afetação, referenciada na fala de Peter Pal Pelbart em seu ensaio *Elementos para uma cartografia da grupalidade*, onde evoca autores com Deleuze, Kafka, Jean-Luc Nancy, Hegel e Paul Virno, para compor sua reflexão sobre como pensamos, utilizamos e somos acometidos por sistemas de pensamentos, e estabelece conexão entre formas de constituição de grupos por força da afetação mútua e o agenciamento cultural pela força da afetação falseada em discursos de identidades clichês, espectros da vida, sequestrando nossa individualidade.

Figura 1. Cartografia da produção ceramista em Manaus e entorno.



Fonte: Miro. O autor(neste) 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Procedimentos metodológicos para levantamento de dados compartilhados. Deste modo, o corpus de análise tem sido estruturado com aporte bibliográfico e documental, levantados por meio de aplicativos, abrindo espaço para a consulta de memórias virtuais, tais como registros textuais e de imagens em redes sociais, aplicativos de mensagens online e offline, vídeo documentário online em plataforma de pesquisa e relato oral por meio de conversas via WhatsApp. A utilização de cartografias desenhadas e – diagramadas coletivamente online pela plataforma Miro (fig. 1) – também tem servido de suporte para a organização de ideias. No uso da etnometodologia, reconhecendo ecossistemas criativos, ao encontrar-se na situação de confundir pesquisas acadêmicas e processos pessoais, exercícios de trabalho e apreciações cotidianas, não pude deixar de questionar o caráter acadêmico do corpus que estava constituindo para análise. Em missão arqueológica recente, eu distribuí todos os registros sobre a mesa de trabalho no intuito de precisar conexões e/ou tensões que me viabilizassem desenhar uma estrutura metodológica que desse conta da experiência de um diálogo com o objeto. Assim, a etnografia como método em seus viés pós-moderno conta com a fragilidade dos modelos epistemológicos e aponta para necessidade de diálogo entre dispositivos fornecidos por conjuntos de saberes científicos diversos, convergindo assim na ampliação do campo de visão.

A universidade como um lugar do conhecimento

O desafio da docência chegou pra mim como uma provação, pessoal e profissional, de voltar à casa acadêmica e observar as estruturas pelo olhar institucional. Como me disse Ana Bittencourt: "quando a gente é aluno se é pedra, mas quando professor se é vidraça". De fato, eu fui uma pedra que arranhou poucas vidraças, mas a inquietação de estar nas janelas me dava impressão de que todos queriam se lançar. Mas o pior foi não perceber um movimento, mesmo sabendo que meu preparo acadêmico prático para estar ali estava em pleno início de sua construção, pois a falta de problema e excesso de ordem não gerava nada.

Lecionar cerâmica, além de um desafio pedagógico foi um exercício de reacomodação dos sentidos, introduzindo em minha ordem um caos que me atraía intensamente. Este caos advinha da minha falta de experiência e da ausência de uma rede de apoio a sua construção.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Esta lacuna se mostrava cada vez maior ao passo que eu avançava nas várias modalidades do ensino superior, regular, EAD, PARFOR e atividades de extensão, mas o hábito de realizar avaliações dos métodos de ensino junto aos discentes a cada conclusão de disciplina foi realmente uma base inestimável. Meus manuais de apoio estavam bem na minha frente, se renovavam a cada semestre e com eles buscamos estabilizar o caos sem perspectiva de que ele cesse de gerar respostas. Tentar suprir as necessidades dos discentes deu o combustível da caminhada, mas o corpo que se movia, ainda que sentisse que crescia, eu não enxergava. Como a inquieta paxiúba, nenhuma das raízes espalhadas pelo caminho aterrou-se ao mesmo solo, formando à sua maneira um avanço singular, umas mais aceleradas que outras e determinadas.

Sem poder coordenar Projetos de Iniciação à Pesquisa, por não ter titulação, minha forma de desenvolver orientações neste campo foram os projetos de monografia. Neste âmbito a procura do alunado mostrou-se bastante variada - entre as ceramistas Baniwa do alto Solimões, os azulejos portugueses do Brasil colônia e as tantas abordagens com fins na educação patrimonial, pareceu-me que a formação continuada dos egressos (essas raízes famintas) e a Pesquisa - como um dos braços igualmente importante da universidade, precisavam de mais.

Tantas questões levantadas, juntamente com suas hipóteses em tom mais próximo de perguntas do que de respostas, me apontaram um novo estado de caos. Como se cada parte desse corpo movente se pronunciasse, em sua individuação, por meio de uma questão ontológica: Quem se move? De onde, para onde e como? Este, que não sou eu nem o Laboratório de Cerâmica, mas um corpo poético em devir do fazer cerâmico, sem contornos e transcendental.

De tal maneira que, para tentar entendê-lo – como composição de conhecimentos do mundo atualizado no tempo – concentrei-me nos aspectos mais pungentes da minha lida com o ofício, e que construíram memórias ligadas à relevância do meu trabalho dentro da universidade. Todavia, a concepção do território de referências pedagógicas constituído no decorrer de minha carreira, bem como seus avanços e motivações para isto, estão imbricados em movimentos implícitos no discurso e no percurso dos dias, que precisam ser pensados para que a escrita não seja uma quimera.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Desta forma, referir-me ao fazer cerâmico como atualizador desses conhecimentos, tão diversos e longevos, mostrou-se para mim uma oportunidade de abordar a relação da universidade com a comunidade. Isto porque, a noção da cerâmica, como atividade criativa produzida localmente ao longo de milênios, e seu esmaecimento evocam reflexões sobre a importância da ancestralidade na produção de saberes dos povos tradicionais amazônicos. O que nos remete a igual representatividade da UFAM com seu potencial para reparar a invalidação histórica que já nos causou tantos danos.

A partir desta reflexão, considerei sobre a projeção social do docente como de difusor conhecimentos dentro de uma instituição de ensino superior inserida no contexto do estado do Amazonas. O que me levou a remontar experiências tão diversas neste breve espaço de quinze anos e pude atentar para questões sempre tão presentes, como responsabilidade na difusão da informação, encargo da hierarquia institucional e necessidade de respeito à bagagem empírica da comunidade atendida.

De modo que, dar retorno à comunidade que me ensinou a ensinar cerâmica configurou-se em expor e refletir como isto se dá, sendo necessário compreender que a complexidade deste objeto se confunde com a própria complexidade do ecossistema criativo do qual ele descende. Ao passo que, as relações objetivas implícitas em suas estruturas demandam de relações subjetivas, diversas e inumeráveis.

Portanto, entre as relações estabelecidas optei por dissertar sobre o papel de Rauniery Pinheiro como mediador de saberes tradicionais e sua contribuição para a minha prática docente em Artes Visuais. Induziu-me a sua trajetória ceramista (e seu apelo e afeto a sua ancestralidade) e dialogismo da sua relação com a universidade, presentes em seu trabalho, que acentuaram os contrastes teórico-metodológicos refletidos nas pesquisas realizadas da Faculdade de Artes da UFAM, e conseqüentemente no Ensino de Artes no estado, considerando-se que a o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Ufam é o único em todo o Amazonas.

Fazendo essa escolha, dei preferência pelo dialogo com aspectos dinâmicos do processo de criação do ceramista e sua relação com as demandas reveladas nas questões refletidas acima. Considerando seu processo de composição uma face singular de uma linguagem imersa em



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

agrupamentos e conexões criativas, de profundidade imensurável e inestimável, acredito que sua sondagem e fruição apresenta-se como uma rota emblemática das inconstâncias de possibilidades constantes na história do fazer cerâmico, saber determinante no desenvolver do pensamento estético e sociocultural dos povos originários dessa região.

Refazer caminhos e observar vestígios, em sua atividade criadora, denota a relevância desse objeto, que assume morfologia especialmente complexa no contexto local, porque decorrente das particularidades de sua história e da construção peculiar da linguagem artística insurgem conversos, processam-se trocas planejantes oriundas de afetos imanentes, dormentes ou errantes que se conectam.

Para isso, me propus à realização de uma pesquisa etnográfica de recorte micro ocular através da metodologia participativa, almejando efetuar algumas viagens até o município de Manacapuru no ano de 2020, a fim de coletar elementos para meu corpus de análise. Atuar na coleta e preparo da matéria-prima, na confecção e escolha de instrumentos de trabalho, bem como da modelagem e cozedura das peças de cerâmica pareceu-me a princípio a melhor forma de ter contato com o processo artístico de Rauniery. Em sua forma dinâmica, estas projeções foram frustradas devido às medidas sanitárias estabelecidas no estado em decorrência do agravamento da Pandemia do Covid-19, com atenção especial ao município onde o ceramista reside. Sem perspectivas para o retorno seguro às interações pessoais inviabilizou-se a proposta e tudo ficou incerto.

A pandemia trouxe “o caos” generalizado ao mesmo tempo em que a crise na saúde pública gerou outra no meu estudo, exigindo que pensasse a relevância de toda a abordagem e seus métodos. Foi pensando na fragilidade em que me encontrei como docente e pesquisadora em meio ao trabalho remoto que precisei recorrer às memórias já constituídas na relação entre a docência, a pesquisa e as trocas com Rauniery. Das fotografias em mídias sociais, mensagens eletrônicas e lembranças de viagens a sua casa para orientações de monografias de discentes do curso de Artes Visuais, foi surgindo um emaranhado de diálogos que fazem parte dessa relação.

Remontar estas memórias sobre uma mesa de trabalho e tratá-las com praticidade, a fim de traçar uma rota possível e pertinente, exigiu perguntas mais além das que já me havia feito e admitir que as questões que me norteavam eram aquelas para as quais eu já tinha as respostas



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

que queria. Como: Porque a obra de Rauniery? (A resposta está há cinco parágrafos acima). Por isso me perguntei por que e como estas questões se dão. Como ele é mediador de conhecimentos de saberes tradicionais? Por que minha prática docente em Artes Visuais se afeta? E por que sou induzida por uma trajetória ceramista e seu dialogismo com a universidade? Que ancestralidade é essa?

Tive a séria impressão de que na proposta inicial eu me voltaria à arrumação de uma mesa ideal, que atendesse a minhas demandas, e agora tinha de reconhecer na mesa de trabalho que tenho, identificando em toda ela e na composição de registros que se acumularam nestes anos, vestígios do realizado. No estudo de caso feito por Murana, a prática lhe forneceu elementos para comparativos com seu próprio processo familiar e acadêmico. Apegada à noção de territorialidade e tradição, porém muito decidida, ela me abriu os olhos quando se perguntou o motivo do ceramista mudar a tradição e ele nos indicou um caminho fazendo isto.

Nesta etapa, rebuscar toda forma de registro, mapear, contextualizar e refletir sobre produção artística de Rauniery, além de um estudo etnográfico levou-me a uma sequência auto etnográfica induzida pelo reconhecimento de marcas. Apreciando questões levantadas nos encontros com Teresinha Barachini e Cristina Ribas, atentei que, dos espaços transmutáveis aos processos de grupalidade, a ideia de um não território e um não corpo me aproximou ainda mais da noção de unidade atuante, como partes de um organismo em devir constante. Este entendimento, além de me conectar com a mãe de Rauniery - personagem que vem me hipnotizando desde que a conheci em 2013, que lhe ensinou e influenciou a prática ceramista – favoreceu a sugestão de fios invisíveis de conexão, mensagens indizíveis e um corpo sem contornos e transcendental que nos insere.

Na contextualização dos meios sociais de trânsito do ceramista, entre Manaós e Manacá, a história das lutas de poder se fazem compreender, em escala local, pela sobreposição do discurso eurocêntrico na instituição física e simbólica do município de Manacapuru (AMOROSO, 1992). Este projeto – que perpassa o genocídio, espólio, escravismo e aculturação de muitos povos, passando pelo biotério humano do império às tentativas de branqueamento cultural e fisionômico da nação (SILVA, 2002) - cada ponto do *belle broderie* da história do Amazonas apresenta em seu avesso a relação com a zona rural. Assim se constitui a formação



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

da Princesinha do Solimões, como espaço simbólico ocupante do imaginário popular, realçando seu papel intermediário na instauração da socioeconômica da capital, representando uma esfera reduzida do processo civilizador.

Emblemático da relação centro e periferia, a segregação das camadas rurais amazonenses se dá de forma radial e hierárquica. A errância dos movimentos humanos, e a constância da relação da floresta, é que em cada ponto que me fez imaginar os percursos da família de Rauniery esclarecia algum momento do meu. Ainda que a cerâmica tradicional, que a princípio é o que nos aproxima, tenha sofrido um grande apagamento – como tantas ligações da população à cultura, espiritualidade e estética da floresta – indivíduos e floresta possuem raízes bem mais profundas e difusas que as conexões posteriores ao processo de ocupação europeu.

Ao perfazer sua biografia, com referências nos arquivos de conversas off, online e dados coletados em 2013, contextualizo sua transitoriedade, da Vila onde nasceu à cidade onde cresceu e vive ainda, passando por sua estadia em Manaus. Como sujeito determinante nesse trajeto, sua mãe se apresenta como elemento transformador e intrigante, o que me levou a desenvolver um sub tópico dedicado a ela. Ráu já me havia dito que aprendeu cerâmica com sua mãe por conta das oficinas da SERTAS – Secretaria do Estado do Trabalho e Desenvolvimento Social – e a gente sempre espera que estas coisas de família sejam compartilhadas no ambiente doméstico. A mim ficaram subentendidas as razões, mas o fato de isto ocorrer apenas com ele e não com as suas irmãs era indefinido, o que para ele simplesmente refere-se a uma questão de gosto. São muitas incoerências que não me permitiam acomodar os pensamentos nem as mãos, sob o olhar de Dona Helósia enquanto ouvia sua história pela voz de seu filho. Havia um sentimento aborrecido de não poder acessar verbalmente essa pessoa que me intrigava, não ter uma peça de cerâmica sua para ver ou tocar e mesmo assim entender que a cerâmica dela chega até mim através dele.

Não há literaturas específicas sobre cerâmica popular no Amazonas – não com enfoque no objeto como Arte, Linguagem ou Cultural – mas apenas estudos arqueológicos e antropológicos sobre cerâmica indígena, o que são tratados com coisas distintas. Esse hiato que não me permite dizer que cerâmica de Rauniery é indígena desobriga a obediência de uma



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

tradição familiar e não o coloca em instanciar nenhuma para que possa mapear sua produção. Ele também não acolhe no meio acadêmico que eu aborde uma peça feita por um indígena, dentro dos moldes da sua tradição, como Arte Popular, pois a classificação dela é arte Indígena e seus estudos entram em categorias antropológicas. De maneira que a abordagem ceramista dos conhecimentos se apresenta como uma rota possível de reconciliação entre a universidade e a cidade, conciliando conhecimentos diversos sem subjugar culturas, partindo da hipótese que a cerâmica artesanal não obedece a um querer do indivíduo, mas depende da sua interação com questões próprias da matéria-prima, das memórias do corpo que a manuseia e do movimento de afetar-se mutuamente.

Rauniery Pinheiro

Rauniery Pinheiro da Costa (1969) é amazonense, nascido no repartimento do *Tuiué*, área rural de Manacapuru; mudou-se ainda muito pequeno para a cidade. Fazendo parte de uma família numerosa, entre quatro homens e quatro mulheres, assim como seus irmãos e irmãs, realizou seus estudos na rede pública, é o único que desenvolveu habilidades para a modelagem e o fez espontaneamente, afeiçoando-se primeiramente à representação figurativa. Fazer cerâmica é uma herança familiar pela qual tomou gosto ao observar as atividades de sua mãe Helósia Pinheiro, que complementava a renda familiar com a venda de objetos utilitários feitos de barro e queimados de maneira artesanal. Obteve dela as primeiras instruções técnicas aos nove anos, quando esta ministrou “Oficina de Cerâmica”, por meio da SETRAS - Secretaria do Estado do Trabalho e Desenvolvimento Social - estendendo seu afeto à cerâmica utilitária e passou a produzir sob encomenda, mantendo fidelidade às formas e técnicas repassadas por Úrsula Pinheiro e Ilda Pinheiro da Costa (sua bisavó e sua avó maternas). Cursou até o sexto período da graduação em licenciatura em Artes Plásticas, curso interrompido pelo seu regresso à casa materna em 2004. Graduou-se em Geografia pela UEA - Universidade do Estado do Amazonas - em 2010.

Ao passo que conhecemos Rauniery, sua cerâmica e seus processos de criação, somos acessados e acessamos a mãe de todos os processos criativos amazônicos, a vasta floresta milenar, esse ecossistema formidável onde se relacionam os seres humanos e não humanos, que



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

constroem entre si trocas vitais para manutenção de ambos. No entanto, convido a lançar um olhar mais sensível e detido sobre Helósia Pinheiro (Ló), mãe biológica e elo de afetação direta do artista com a arte do fogo, constituindo assim parte significativa do ecossistema criativo em que este se encontra imerso.

Tentar compreender como esta mulher ceramista amazônida manifesta sua experiência de territorialidade exige estar no seu espaço, conhecer suas origens, sondar suas vivências diárias, seus afetos e principalmente as formas pelas quais ela marca sua passagem, como escreve seu nome na história e como se registra em seu corpo. Destarte, tão necessária quanto à compreensão desses termos tão variáveis dentro do campo científico é a historicidade destes no tempo do sujeito desta proposta e dentro do espaço de construção da mesma e de suas linguagens. De forma que por intermédio de Rauniery e sua cerâmica nos conectamos, reconhecemos e falamos através do barro. Como ceramistas, mulheres e amazônidas - filhas dos fabulosos muros ou barés - em distintas lutas pelo saber e pela permanência singular que nos faculta a cerâmica como linguagem estética que acessa profundamente nossas memórias ancestrais amazônicas.

Da Comunidade do Caviana para a cidade de Manacapuru, mesmo com variados entraves logísticos e geográficos para escoamento mercantil, Ló passou a produzir sua cerâmica. Neste período, os Regatões passaram a comprar essas peças para revenda na capital Manaus, tornando-as o sustento da ceramista Ló e sua família, o que aprimorou à sua maneira, imprimindo-lhes sua identidade e seu tempo. A cerâmica só foi deixando de ser fonte primária de renda e passando à complementação devido à sua mudança total para a zona urbana, onde a proximidade com a capital e as facilidades da ZFM – Zona Franca de Manaus – inundaram o imaginário local e as residências de objetos industrializados produzidos em materiais, dos mais baratos e sintéticos, como plásticos vinílicos, acrílico, alumínio, o vidro e as louças produzidas em altas fábricas do Sul e Sudeste do país, longe de barracões e fornos rústicos que esta ceramista bem conheceu.

Segundo Rauniery, apegada aos modos de criação herdados, nunca deixou de coletar sua matéria-prima pessoalmente nas barrancas do rio Caviana, elaborar suas ferramentas e de realizar as queimas de suas peças rústicamente. A experiência de ministrar cursos técnicos com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

vínculo empregatício promoveu a interação entre estes conhecimentos e um público diverso; sem limitação de idade, de período biológico e nem ao menos de gênero, como originalmente se faz nas comunidades tradicionais do interior do Amazonas.

Pois, em pleno final da década de sessenta, com a dissolução do casamento e a necessidade de manutenção financeira e educação dos seus oito filhos, seus motivos foram econômicos, de uma nova relação da sociedade com a mulher na Amazônia e desta consigo, de relações sociais evidentes e urgentes. Em meados da década de setenta, Helósia, mãe sol, foi Mestre Ceramista, no interior do Amazonas. No entanto, Rauniery, apesar de atuar como professor de Geografia na SEDUC, de onde vem sua renda, como ceramista produz artisticamente esculturas em terracota e outra demanda a qual se volta para a memória de sua mãe, modelando louças de barro sob as técnicas ensinadas por ela e com formas similares.

Ainda assim, na condição de mulher Amazônida, mãe desquitada e ceramista, Helósia escreveu singela, porém expressivamente, um trecho dessa história modelada à mão. Construiu no paralelo de suas tarefas domésticas o texto de sua vivência, sua vontade de saber e permanecer, por meio do ofício de artesã ceramista e mestra. Atribuir a ela características da mulher brasileira que luta contra o pagamento do discurso social, conforme nos apresenta Del Priori quando pensa a construção da mulher e suas formas de agir e pensar sobre si, tendo como referência a historiografia francesa, não nos conduz para tão longe dos inúmeros equívocos, que nos fazem ignorar as peculiaridades dessa vastidão que é a Amazônia em sua complexidade cultural expressa nas pessoas. Essa ceramista quase centenária, dentro de seu espaço de interação, carregou consigo um profundo poder matriarcal, dentro de uma sociedade de costume patriarcal, e transformou esse poder em conhecimento multiplicado.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

TABELA 1. Beneficiamento da argila pela adição da cinza do caraipé.



Fonte: Captura de frame do vídeo.⁹

Desde a coleta da matéria prima - obedecendo ao tempo de restauração natural das fontes, da exposição das jazidas pelas vazantes dos rios e a recomposição da casca do Jutai – até o acabamento das peças, ainda que sua trajetória e seu tempo tenham outros filtros sociais, sua cerâmica carrega muito de Helósia. Todos estes pequenos ritos que ele repete atentamente lhe parecem muito óbvios quando questionado. Depois de a retirada do barreiro é feita a escolha, adição de caraipé e em seguida vem a sova. As técnicas de modelagem utilizadas por Rauniery são referidas as mesmas utilizadas para confecção das baixelas, roletes, cola, e placa, não possuindo tornos de mesa, elétricos ou roda de oleiro. Para o exercício, se vale da criatividade no engenho de recursos alternativos, como passar um pouco de cinza de caraipé na base da peça para que esta não grude na mesa e possa ser girada. A sementes lustrosas e resistentes do inajá, muru- muru e olho de boto são uteis para frotar sobre a peça atribuindo-lhe polimento resultante da selagem de sua superfície, o que confere impermeabilidade a peça, melhorando sua



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

resistência ao tempo. A argila amarela tauá é um fragmento de solo onde os óxidos de ferro se concentraram dando um aspecto diferenciado, sendo possível a sua separação, porém não consta de natureza diferente no que se refere a sua resistência ou ponto de fusão, mas sim em sua coloração antes e após a queima. Em suas experimentações com as diferentes nuances de cores das argilas, o ceramista utiliza a sobreposição de fina pasta líquida a base de tauá para desenhar sobre as peças.

A prática

Com essas vivências, percebi que tinha em mãos um trabalho que me foi dado pronto. De modo que os conhecimentos guardados eram acessados e não ensinado por mim. O olhar de cumplicidade daqueles que se envolviam no fazer traduzia tudo, o laboratório vivia lotado, todo semestre alguém queria ser monitor e criamos o Café com barro reunião mensal para modelar e trocar ideias, onde até os egressos não perdiam. Situar a cerâmica como protagonista de um dos processos de formação na licenciatura em Artes Visuais consistiu em visualizar e fazer visualizá-la em sua importância no contexto da cidade no qual este curso está inserido, propiciando a sensibilização do discente, aquele que será o responsável por tocar sensivelmente a criatividade dos educandos (que é o sujeito final do processo educativo). Sendo assim, comecei pelo direcionamento dos planos de ensino, mesmo com a obrigatoriedade do cumprimento da ementa e bibliografia básica, adicionando um comparativo entre o industrial e o tradicional à abordagem de cada tópico. Corroborando com a adaptação, a baixa oferta de ferramentas, quase insignificante, e a ausência de lojas e ateliês de cerâmica na cidade levou a efetuação das atividades com oficinas de confecção de ferramentas, um ajurí da cerâmica para que todos tivessem com executar seus exercícios e construiu um momento de ensino mútuo.

Considerando as falas, notadamente apartadas do universo do objeto de escuta, dos congressos e dos fóruns de cultura, buscando objetividade, neutralidade, imparcialidade e distância do objeto de estudo, que o pesquisador preservaria o entendimento e os diálogos se dão em tempos diferentes divergentes. Eis um expressivo paradoxo no discurso Antropológico: separar e analisar o outro ou segregar e invalidar as abordagens sob a bandeira do lugar de fala. A criação de alteridades midiáticas, a valoração do outro como estrangeiro a mim é um emblema que no campo contribui para produção do spectral, aquela que vincula identidades



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

promessas, identidades demanda que nada tem a ver com os movimentos de identificação íntima, com a linguagem complexa de uma sociedade de encontros múltiplos e velozes. Produz lindas peças cerâmica para cristaleiras, das mais caras às mais acessíveis, em digitais em seu percurso.

REFERÊNCIAS

AMOROSO, Marta Rosa. Corsários no caminho fluvial: Os Mura do Rio Madeira. In: **_____ História dos Índios no Brasil**. Manuela Carneiro da Cunha (Org.) 2ª edição. Companhia das letras. Secretaria Municipal de Cultura: f*pf. SP. 1992.

BARROS. José de Assunção. Sobre a feitura da micro-história. OI10.5216/o.v7i9.9336. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9336>. Acessado em 25 de outubro de 2022. Publicado em 2010.

BATES Henry Walter. **O naturalista no rio Amazonas**. São Paulo - SP. Companhia Nacional, 1944. 398 p. (Brasiliana, v.237-237A).

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Título original: Introduction a une poétique du divers. [trad: Enilce do Carmo Albergaria Rocha]. (Coleção Cultura, v. 1, 176 P). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. La barca abierta. In: **_____ Poética de la relación**. [trad: Senda Inés Sferco y Ana Paula Penchaszadeh]. Universidad Nacional de Quilmes. Editorial. Bernal, 2017.

OLIVEIRA, M. A de. **Cerâmica artesanal em Manacapuru**: tradição e herança na obra de Rauniery Pinheiro. Murana Arenillas de Oliveira. Universidade Federal do Amazonas. Manaus. s.n. 2014.

PELBART, Peter Pál. **Elementos para uma cartografia da grupalidade**. 2006.

_____, Palestra: "Anota aí: eu sou ninguém" dia 10 de agosto de 2013, no Centro Cultural b_arco. Publicado no dia 19 de julho, na Folha de São Paulo, 2013.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros**: Trabalho e conflito no Porto de Manaus, 1899-1925. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, 2003.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

PORTAL DO GOVERNO BRASILEIRO. **História de Manacapuru**. IBGE. cidades.ibge.gov.br. 2015. Consultado em 21 de maio de 2022.

SILVA, J. M. Azevedo e. **O modelo pombalino de colonização da Amazônia**. José Manuel Azevedo e Silva. Universidade de Coimbra –C.H.S.C. 2002.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Relações Públicas e o Metaverso: Criação e Aplicação da Empresa Crewave¹

Bárbara Lis Barbosa MARTINS²

Gabriela Rebeca Rapp GAIARDO³

Thiago Cardoso FRANCO⁴

Faculdade de Informação e Comunicação (FIC)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o planejamento e o desenvolvimento da empresa Crewave dentro da área de eventos, trazendo a inovação a partir da implementação da tecnologia do metaverso e da realidade virtual para fins de entretenimento, bem como analisar as relações do mercado de relações públicas com a tecnologia, por meio de ações específicas e pesquisa de opinião. Iniciamos com um levantamento bibliográfico de teorias das relações públicas e do metaverso, trazendo nomes importantes para validação das concepções do trabalho.

Palavras-chave: Relações Públicas; Metaverso; Evento; Entretenimento; Realidade Virtual.

INTRODUÇÃO

A tecnologia transforma o mundo. Apesar de parecer uma frase simples pelo seu tamanho, a fala transparece uma realidade que há anos acontece por meio da evolução da tecnologia: uma sequência de transformações na sociedade que geraram grandes impactos.

Diferentemente do que muitos possam imaginar, essa sequência vem muito antes da criação da televisão em tubo, por exemplo, que hoje vemos em álbuns de nossos antepassados. Vem desde a origem histórica da palavra “tecnologia”, lá no final do século XVIII, na revolução industrial.

Afinal, para realizar a almejada drástica mudança de fabricação dos produtos,

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Graduanda de Relações Públicas da FIC-FG.

³ Graduanda de Relações Públicas da FIC-UFG.

⁴ Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicações e Arte (ECA/USP).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

desenvolvimentos tecnológicos precisaram acontecer. Mudanças introduzidas com o auxílio de recursos como ferro, carvão, tear mecânico e máquina a vapor deram espaço anos depois para o avanço que reflete muito da sociedade atual em que vivemos: a industrialização.

A partir de alguns anos desse processo que aperfeiçoou não só a linha de produção como também a maneira de se pensar na economia, surgiu uma terceira fase revolucionária que deu origem ao que conhecemos como elementos do mundo dos eletrônicos.

Mesmo que essa terceira revolução aparente ser sobre descobertas recentes, com o avanço exponencial que a tecnologia vem ganhando a cada ano, não nos enquadrados mais nessa fase há mais de uma década. De acordo com o engenheiro e economista alemão Klaus Schwab, vivemos em uma quarta revolução desde 2010.

Em sua obra, o autor afirma que esse novo momento marca a mudança de direção de sistemas oriundos da revolução anterior, só que agora com uma maior velocidade, alcance por todo o território global e impactos em toda a sociedade. Isso porque seguindo sua visão muitas tecnologias estão sendo desenvolvidas já pensando em realizar uma fusão de três tendências mundanas: física, biológica e digital. Física no sentido da robótica avançada, impressão 3D e veículos autônomos. Já biológica, em tecnologias digitais voltadas à aplicação genética. Digital, em Inteligência Artificial, Internet das Coisas, Big Data e plataformas.

Apesar de tendências diferentes, são tendências que se conectam pela tecnologia e até mesmo chegam a prestar suporte uma para outra dependendo da finalidade. Seja ela na indústria da saúde para pesquisas, na indústria automotiva ou até mesmo na indústria da moda.

Para amparar devidamente esses processos evolutivos, um outro setor também precisou ficar atento às mudanças e trabalhar em constantes inovações: a comunicação. Afinal, nada adianta evoluir se não se consegue transmitir e ter a compreensão do feito.

Nesse sentido, a comunicação nos últimos anos vem ganhando muita força no mercado. Ainda mais após o mercado acompanhar cada vez mais resultados significativos de marcas que investem em estratégias bem definidas não só em períodos de lançamento de campanhas, mas fora delas.

Isso porque o consumidor mudou os fatores que o levam à decisão de compra. Deixou de ser algo apenas relacionado ao fator financeiro e passou a ter fatores mais complexos como



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

sentimentos de conexão e representatividade. Esses elementos obrigam as marcas a mudarem seu posicionamento para um mais humanizado.

Segundo Kotler (2017),

a humanização das marcas tem como objetivo criar laços profundos com as pessoas, e para isso as empresas precisam contribuir com o mundo, auxiliando no desenvolvimento da sociedade, assim gerando uma relação verdadeira e benéfica para ambos – cliente e empresa.

Nesse sentido, essa inovação natural de humanização se torna um diferencial, mesmo que isso signifique colocar em prática uma transparência empresarial que apresente suas falhas, seu reconhecimento e conseqüentemente melhoras de comportamento.

Uma tecnologia que tem dado suporte às marcas em entregar a comunicação humanizada ao público desejado é o algoritmo das redes sociais. Por meio de análises de comportamento dos usuários em suas atividades online, a tecnologia entrega e/ou recomenda conteúdos que se aproximam aos gostos do usuário.

Essa ferramenta, apesar de não agradar alguns públicos por necessitar acessar os dados pessoais do usuário e enviar para as plataformas, contribui e muito para o desenvolvimento de estratégias e execução de projetos, como por exemplo, eventos. Seja no sentido da entrega e divulgação desse material ou até mesmo na experiência.

Desse modo, o presente trabalho terá o tema “Relações Públicas e o Metaverso: o impacto da experiência tecnológica em eventos corporativos e acadêmicos, a partir da criação e implantação da empresa Crewave” respondendo a questão problema: “Qual o impacto da experiência no metaverso em eventos corporativos e acadêmicos na atividade das Relações Públicas?”.

Para apresentar o impacto, essa pesquisa irá ter como hipótese e provar que “A experiência no metaverso é um entretenimento inovador que excederá o mundo físico e trará uma nova demanda de eventos interativos e sensoriais do universo virtual para o mundo corporativo e acadêmico por proporcionar um maior proveito dos conhecimentos oferecidos através da estimulação de mais sentidos humanos do que um evento sensorial e/ou interativo fora do digital.”

Nessa perspectiva, temos como objetivo geral compreender o futuro cenário de eventos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

interativos e sensoriais e trazer à tona o impacto da tecnologia do metaverso para a profissão das relações públicas.

Para comprovar a hipótese criada, serão utilizadas 3 metodologias: pesquisa qualitativa, levantamento bibliográfico, planejamento de comunicação a partir da criação de uma empresa e análise de dados.

A pesquisa qualitativa foi escolhida por conta de suas características que se encaixam com o tema escolhido. De acordo com Bogdan (1982 apud TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130), a metodologia apresenta cinco características:

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...].

Quanto ao levantamento bibliográfico será acerca de assuntos que envolvam a tecnologia do Metaverso, a comunicação e administração em geral através do conhecimento dos seguintes autores: França (2004), Jenkins (2015), Kaufman (2015), Lévy (1999), Porter (1986), Terra (2011), Accoto (2021), Schwab (2016) e Andrade (2001).

A análise de dados, por sua vez, será a metodologia utilizada na parte final do projeto experimental que está sendo executado pelas autoras do relato, e para falarmos sobre cultura digital e a tecnologia escolhida (metaverso), a justificativa para a criação deste trabalho se baseia na premissa da evolução das organizações com a sociedade, visto que ela é um organismo vivo e se adapta ao ambiente em que a cerca. A criação da Crewave vem justamente para provar essa evolução no mercado de eventos através da estimulação de experiências por meio do metaverso.

Nesse relato, esperamos mostrar aos outros Relações-Públicas a importância de acompanhar as tendências tecnológicas e incluí-las em seus projetos a fim de extrair melhores resultados quando aplicadas as técnicas comunicacionais. Quanto a acadêmica, espera-se que este trabalho sirva de material para outras pesquisas surgirem.



1. DESCRIÇÃO DO RELATO

Como supracitado, o projeto experimental que está sendo elaborado e serve como base para este relato teve toda sua parte teórica finalizada e está atualmente em processo de realização das ações práticas. Desse modo, ao falar da experiência ao realizá-la, temos potencial para falar apenas das impressões que tivemos acerca das teorias e do desenvolvimento da primeira ação (posicionamento online).

Até o momento presente, estamos de acordo com o cronograma e realizando a ação de forma esperada. Inclusive, é possível perceber grande evolução em direção às métricas traçadas quanto ao número de seguidores de uma das redes. O próximo passo, que inclusive está em execução, é a pesquisa e planejamento da experiência imersiva com óculos de realidade virtual (ação 2).

Até agora fizemos o orçamento com empresas do mercado para a realização dela, chegando à conclusão de que o aluguel dos óculos seria a melhor opção para comprovar que a experiência no metaverso é uma ação inovadora para o entretenimento em eventos. Dessa forma, faremos nossa ação 3 (pesquisa de opinião) após a realização da experiência.

2. CULTURA DIGITAL NAS ORGANIZAÇÕES

A cultura digital conceitua e explicita a organização, comportamento, pensamento e comunicação da sociedade desde o advento da tecnologia e da internet de modo coletivo. Para a total compreensão desse termo, é preciso entender o ciberespaço, que segundo Pierre Lévy em *Cibercultura*, é o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 104).

A partir e dentro desse ambiente, formou-se a cibercultura, onde criam-se (entre outras vertentes) aspectos, opiniões e movimentos que disseminam ideais políticos, culturais, ideológicos e artísticos. Dessa forma, o espaço digital torna-se um local do saber que não só pondera, como amplia, discussões do mundo físico, além de uma forma de alastramento das considerações humanas e coletivas.

A sociedade começa a ser da informação a partir do desenvolvimento da cibercultura, e com a ampliação do acesso à internet, o ciberespaço passa a replicar a sociedade, com o intuito



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de aproximar mais pessoas. Embora o autor supracitado tenha dito que a natureza da cibercultura é universal e sem totalidade, ele também anuncia um paradoxo: "Quanto mais universal (intenso, interconectado, interativo), menos totalizável" (LÉVY, 1999, p. 120), e também é nesse lugar que o ser humano procura se preencher.

A datar dessa nova realidade, as relações sociais passaram a ter novas formas de interação e aspectos atrelados, levando em consideração que até pouco antes do desenvolvimento da cibercultura, a socialização girava em todo do presencial, e hoje, um plano virtual também é considerado um encontro e/ou reunião. Isto posto, o ciberespaço é uma comunidade virtual ordenada com o intuito de criar vínculos de pertencimento, e dessa forma, há uma forte cultura e um modo de sociabilidade único.

A comunicação no ciberespaço pode ser em tempo real (bate-papo) ou em tempos diferentes (e-mail), além disso, o novo espaço geográfico não é delimitado e o homem tem liberdade para estar em casa ou em qualquer local onde caibam seus aparelhos tecnológicos. A interação, desse modo, instigou o ser humano à geração dos diversos componentes como os códigos de linguagem que serão utilizados nesse espaço. Outrossim, a materialidade, o corpo-máquina e o espaço concreto são transcendidos pelo ser humano.

Segundo Ribas e Ziviani (2008), a globalização, aliada à tecnologia, modifica a escala dos espaços públicos por meio da conectividade pessoal e da interatividade, o que afeta também as relações de tempo e espaço, bem como a interferência cultural. Portanto, pode ser atribuída à internet, a primeira forma de troca de informações e interação humana em escala global, na qual os usuários se tornaram produtores e consumidores de informação ao mesmo tempo.

A tecnologia, desse modo, alcança um novo patamar de relação para o homem, ultrapassando a tangibilidade e materialidade do indivíduo da Era Industrial. Mesmo presente e com herança em muitas atuações durante o cotidiano, as construções da época já nem fazem parte da rotina ou, por certas vezes, dividem o espaço com essa nova realidade do ciberespaço.

De acordo com Cosimo Accoto em *O mundo dado*, é fundamental pensar a experiência humana neste novo horizonte, em que a capacidade de agir adquire uma dimensão descentralizada e distribuída. É preciso descartar a dicotomia entre humanos e não humanos e ver os humanos como uma subjetividade emergente além do interacionismo simbólico. A



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ontogênese apresentada por ele, explicita as atuações híbridas no ciberespaço que, podem ser oportunidades de criação de valor únicas.

Filosofia, tecnologia, jurisprudência disputam relevância nessas dimensões que, por sua vez, são centrais para as maneiras pelas quais, em última instância, se pode criar valor para consumidores e cidadãos, e desenvolver o governo da coisa pública e dos negócios privados. (ACCOTO, 2021, p. 137)

Os consumidores, assim como a sociedade em geral, passam a ter grande envolvimento no ciberespaço e, segundo Henry Jenkins em *Cultura da convergência* (2015), o fluxo de informações e conteúdos em todas plataformas digitais abrangem a união de diferentes mídias e ocorrem de forma estratégica e fluida. A convergência para ele é a “palavra que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura” (p. 385), e esta desenrola-se através da comunicação, participação e inteligência coletiva.

Dessa forma, a adaptação das organizações é fundamental, visto que acompanhar o mercado e os consumidores evitará a obsolescência da sua companhia, fazendo com que as pessoas se identifiquem com sua jornada, história, serviço e/ou produto.

A internet evidencia a trajetória e a reputação das organizações acarretando cobrança frequente e cuidados redobrados com a imagem corporativa, uma vez que por um simples mecanismo de busca é possível verificar o que uma organização diz sobre si própria e o que dizem dela. (TERRA, 2006, p. 123)

As transformações sociais, midiáticas, mercadológicas e tecnológicas coordenam certa renovação nos negócios, que se veem sempre pressionados a realizarem melhorias, se adequando ao mercado e ao consumidor. Dessa forma, as empresas estão cada vez mais estratégicas, complexas, vivas e conscientes do cenário atual. Desde o início das estruturas corporativas, a seguir será mostrado como as organizações se tornaram flexíveis, adaptáveis e conectadas.

2.1 ORGANIZAÇÕES CONECTADAS

Em meados do século XVII, durante a Revolução Industrial surgiu o que consideramos hoje, uma empresa. Até o século XX, por sua vez, o sistema corporativo não considerava os



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

aspectos coletivos ou humanos do negócio, se concentrando na premissa de que as empresas eram modelos práticos e automáticos. Nesse momento, os avanços tecnológicos propiciaram a mecanização dos pensamentos e ações humanas, atribuindo certa semelhança do homem à máquina através da padronização do trabalho durante o Fordismo.

Posteriormente e adaptando-se aos processos de industrialização da economia, a sistematização rígida desenvolveu-se para modelos não só mais flexíveis, mas que também pensavam em novos ambientes de trabalho, transformando a socioeconomia da época. À vista disso, a empresa passou a ser um sistema que interage com o ambiente externo e cultural do período, mas não conseguiu se desprender das relações de poder e a estrutura de domínio das organizações.

A partir daí, a inovação tornou-se sinônimo de sucesso e foi possível notar que organizações regidas por normas rígidas não conseguiam mais acompanhar as necessidades do mercado. Dessa forma, empresas mais jovens e flexíveis obtiveram uma vantagem estratégica, levando em conta que essas sim eram capazes de se moldar às formas da economia *consumer oriented* (orientada pelo consumo) e se desmembrar para suprir as diversas exigências de um consumidor moderno.

Levando em consideração a premissa de que adaptação é evolução, o livro *O Despertar de Gulliver* (KAUFMAN, 2015) traz a ideia de que o mercado foi expandido por duas vertentes: externa e interna, pelas quais podemos nomear o comércio de exportação e o consumo interno respectivamente. Neste contexto, empresas que foram capazes de se adaptar e desenvolveram estratégias de mercado adequadas às necessidades dos consumidores foram as que mais evoluíram.

Mesmo poderosas, estas transformações ao longo de dois séculos não foram, de fato, capazes de abolir a lógica de controle que está enraizada nos negócios desde os primórdios. Ainda que haja toda uma flexibilização e padrões novos de economia, o tempo não foi suficiente para a retirada da centralidade, além da hierarquia, do modelo de organização que perdurou durante o século XX.

A estrutura de controle está em sua base de operação e gestão. Por outro lado, o advento das tecnologias digitais trouxe outra lógica à sociedade, a lógica do “não-controle”; a lógica da arquitetura reticular é o “não-controle”. Nesse novo ecossistema, há uma alteração no comportamento dos antigos atores e o surgimento



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de novos atores, com um social e uma identidade que precisam ser contemplados. Tentar compreender como esses dois elementos aparentemente antagônicos – controle e “não-controle” (KAUFMAN, 2015, p. 145)

O controle das empresas só foi realmente questionado a partir do surgimento das redes sociais, visto que a partir daí, a organização perdeu o domínio “do que se fala, quando e onde, sobre suas marcas e produtos” (KAUFMAN, 2015, p. 141). De acordo com Dora Kaufman, por outro lado, as redes digitais possibilitam a vontade do consumidor de participar na geração de valores da sociedade. Levando isso em consideração e ainda segundo a autora, as empresas de bens e serviços começam a possuir um propósito maior, proporcionando a sociabilidade, a autonomia, e expandindo a competência dos indivíduos.

A empresa não é um sistema fechado, um ator isolado; pelo contrário, insere-se num contexto no qual os diversos níveis de experiência humana, processos econômicos, tecnológicos e culturais interagem para compor uma estrutura social particular de cada período histórico. (KAUFMAN, 2015, p. 144)

A partir desse momento, surgiram as organizações em rede que, em sua essência, são organizadas como uma família empresarial desmembrada, onde cada uma das partes trabalha de forma independente e dinâmica para alcançar um objetivo em comum. Dessa forma, o ícone padrão à empresa deixa de ser individual ou grupal e passa a ser um conglomerado de equipes, muitas vezes organizadas virtualmente ou em teia, trazendo grandes benefícios à organização como o compartilhamento de *know-how* (bagagem de conhecimento prático).

Porém, em meio a esses sistemas, pode-se identificar um pequeno bloqueio. Ainda segundo o livro e autora supracitados, as tradicionais diretrizes corporativas e culturais que predominam por entre os próprios integrantes da corporação podem, de fato, rondar o consciente dos mesmos com o temor e o desconforto ao encontrar-se em um sistema que eventualmente pode deslocá-los de suas zonas de conforto.

A empresa em rede vive em constante mudança, visto que está na cultura do mundo virtual, e por isso acompanha a sociedade de forma histórica e socioeconômica. Em vista disto, não há forma de para-lá, pois acarretaria na determinação e permanência da etiqueta cultural de um tempo fixo, o que condenaria a rede e as empresas à obsolescência dessa época, sem informação ou desenvolvimento que acompanhe os movimentos da sociedade.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Essa interdependência da empresa com os fatores sociais faz com que, “à medida que os indivíduos assumem um poder maior na sociedade, tende-se à flexibilização dos mecanismos de controle internos das empresas” (KAUFMAN, 2015, p. 166). Isto é, na mesma medida em que as redes são dinâmicas e flexíveis, também possuem regras e preceitos básicos, além dos que regem toda a sociedade e, por isso, fazem parte igualmente da política da empresa.

O *home office* também é citado pela autora como um processo implacável de transformação, em que as pessoas conseguem controlar individualmente seu tempo e espaço, viabilizando a existência simultânea entre o controle e a flexibilização, e entre o presencial e o digital. A organização em rede começa, desse modo, a suprir tais polos de maneira conveniente a todos os envolvidos no organograma, identificando objetivos em comum, possuindo tempos e espaços individuais e confortáveis.

2.2 PERFIL CONECTADO DO PROFISSIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Ao revirar-se o passado histórico do profissional de Relações-Públicas pelo mundo, desde seu surgimento com o Ivy Lee nas companhias da Standard Oil Company, nota-se uma grande evolução. Tanto no sentido de criar conexões com outras áreas de conhecimento capazes de trazer uma maior visão estratégica quanto consequentemente na evolução da atuação deste tipo de profissional no mercado.

Esse desenvolvimento, além de ter sido impulsionado pelos desdobramentos da necessidade de se ter relacionamentos mais próximos e constantes entre corporações, colaboradores, imprensa e outros públicos, se deu também ao avanço tecnológico. Desde a crise de imagem instaurada na companhia de Rockefeller, em 1914, muitos recursos surgiram para facilitar a vida humana, como por exemplo, a televisão, satélite, gravadores de fita, computadores, celulares, câmeras e, mais recentemente, a internet.

Com essa sequência de mudanças contínuas, o amadurecimento de pensamento e cobranças da sociedade vieram como brindes desse novo modo de viver. Afinal, mudanças andam sempre acompanhadas de consequências, sejam elas positivas ou negativas. Nesse caso, quando damos foco às consequências provocadas pela comunicação como um todo, podemos notar o aparecimento de novos posicionamentos antes nunca ouvidos, com a ampliação de canais de mais fácil uso.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

De acordo com a pós-doutora e Relações-Públicas, Carolina Terra (2006), os progressos influenciaram de tal maneira que

a organização não pode e nem consegue mais ficar restrita ao que se publica sobre ela nos meios de comunicação clássicos, uma vez que se tem atualmente uma multiplicidade de canais disponíveis, incluindo-se aí as redes sociais (on e off-line) e a diversidade de públicos, que não necessariamente clientes e funcionários. (TERRA, 2006, p.123)

Nesse sentido, ao analisar os aspectos de formação de imagens e reputações das empresas, podemos compreender que para a parte das marcas, as consequências ganham um grande peso maior, que muitas das vezes pode sair de seu controle. Diferentemente das companhias que vieram antes da atuação de Lee no mercado, só a marca falar sobre ela não é mais o suficiente. Agora, o público também tem sua relevância quanto à construção da reputação das marcas por meio de debates offlines e/ou online.

Essa poderia ser uma questão considerada simples se a internet não desse o poder de conectividade aos seus usuários. A marca poderia cometer ações consideradas ruins por parte de um grupo e esquecidas com o tempo ou levadas com a morte. Porém, na prática não é assim. A memória a curto prazo deu espaço a uma memória a grandíssimo prazo.

Com a possibilidade de se conectar com pessoas de qualquer lugar do mundo e pesquisar assuntos de diferentes línguas na palma de sua mão, trajetórias e acontecimentos são facilmente lembrados, seja por meio de notícias antigas, relatos pessoais ou depoimentos da própria marca. Sendo assim, para que marcas e pessoas públicas não se afundem em crises quanto à reputação no mercado, é fundamental entender o cuidado redobrado que necessitam ter na hora de se posicionarem sobre assuntos ou realizarem ações corriqueiras.

Uma forma encontrada pelos relações-públicas e procurada cada vez pelo mercado de conter possibilidades de conflitos de reputações é a prática de gestão estratégica em todo processo comunicacional que a formação acadêmica destes é capaz de oferecer. Isso inclui

participar das decisões da organização; assessorar e apoiar a alta administração no quesito institucional; administrar percepções e leituras do ambiente social; analisar planos de negócios; e identificar problemas e oportunidades no campo comunicacional. (TERRA, 2006, p.123)



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Atribuições complexas, porém que geram altos benefícios em uma atualidade onde a comunicação ocorre em meios tradicionais e em novas tecnologias dependendo de seu fim. Para que esses processos não impeçam a sobrevivência dessas organizações em meio de tantas informações e conhecimentos, há um alerta quanto à comunicação digital.

Além de ser uma comunicação que tem o poder de integrar, afeta os mais diversos tipos de relacionamentos. Isso porque não há como permanecer nessa sociedade sem que esteja ligado de forma direta ou indireta com essa comunicação. A cada dia mais o digital torna-se o pilar sustentador desse emaranhado de comunicações por justamente quebrar dois elementos físicos importantes como espaço e tempo. Algo que é bastante relevante em um século onde 60 minutos pode ser pouco, enquanto 60 segundos também pode ser considerado muito.

Essa entrega da praticidade e a velocidade ofertada pelo meio digital despertam um senso de imediatismo que acaba acelerando o já acelerado. Onde as cobranças passam a ser mais enfáticas, inovações se tornam obrigações e evoluções são caracterizadas como fatos banais. Isso se torna mais palpável quando analisamos a fundo a rápida mudança do objetivo do digital. Deixou-se de ser algo apenas para entretenimento para se transformar em uma ferramenta crucial para relacionamentos das corporações com seus públicos internos, externos ou mistos.

Apesar das dificuldades do novo cenário, não se pode negar que esse movimento é um prato cheio de oportunidades para um profissional de relações públicas conectado. Por meio de suas habilidades estratégicas, o RP tem a oportunidade de receber diversas percepções dos canais disponíveis, que se bem analisados, podem fortalecer a interação e o engajamento com seus públicos, de uma forma que antes não era possível, graças a uma comunicação de via de mão dupla.

Uma comunicação onde ambos os lados possuem voz e que se ouvidos, podem gerar um relacionamento duradouro baseado na confiança mútua pela simples questão de entender que o outro o reconhece com suas individualidades e não como só mais um número dentre tantos outros do mercado.

2.3 PERFIL DO PROSUMER



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

A visão do mundo e como devemos fazer as coisas acontecerem estão mudando. Além disso, as novas maneiras de contar histórias estão fazendo com que nossa maneira de se divertir, estudar e trabalhar sejam modificadas, repensadas, adaptadas.

Para se ter uma ideia, atualmente no Brasil, precisamos estar atentos às mudanças por segundo que estão acontecendo. Muita coisa agora está sendo criada do zero. É impossível adotar cópias de modelos do que foi feito via internet, educação e entretenimento. Ao contrário disso, devemos ficar atentos aos caminhos traçados, realizando uma adaptação deles aos nossos, sem a questão de copiar e colar. Um exemplo disso é como a internet vem ganhando mais e mais espaço na vida da população. Não se vive mais sem essa tecnologia. Tudo o que fazemos no nosso dia a dia, de uma forma ou de outra, está ligada à internet. Aliado a isso, o volume de dispositivos móveis que surgem a cada momento para tratar as relações interpessoais, os compromissos, as notícias, as rotinas da população, as facilidades, ou ainda outra ferramenta qualquer que atinja os cinco sentidos, nos leva a pensar sobre a chamada Cultura de Convergência. Ela fundamenta-se em explicar como a sociedade se desenvolveu em torno das tecnologias e da internet, permitindo produzir conteúdo e compartilhá-lo on-line.

A diferença está em entender que sozinho ninguém pode entender todas as coisas. Quando um grupo se reúne para discutir sobre um determinado assunto, acontece a junção dos conhecimentos e, conseqüentemente, o aumento da capacidade intelectual.

Ao falarmos sobre convergência, definimos transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais percebidas no cenário contemporâneo dos meios de comunicação. A Cultura da Convergência foi um tema que nasceu a partir de estudos feitos pelo americano Henry Jenkins e que nos proporcionou o entendimento de que a informação pode circular de forma intensa por diversos canais.

Não menos importante dizer que, em seu estudo, Henry Jenkins analisou o fluxo de conteúdo considerando o comportamento do público, o qual oscila entre diversos canais em busca de entretenimento.

Esse mundo virtual no qual agora estamos inseridos tem nos levado a incorporar aspectos mais participativos em suas práticas fundamentais e o engajamento se tornou uma moeda de valor essencial, a qual é utilizada para medir o sucesso. Não obstante entender que a



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

criação de perfis comerciais nas redes é uma ponte entre o que queremos transmitir através da marca e nossos receptores (consumidores). A forma de consumo e o próprio mercado demandam mais interação entre os produtores, consumidores e plataformas.

Através de uma convergência cada vez maior entre os meios, plataformas e conteúdos, é indispensável que os profissionais de comunicação entendam como atender às expectativas desse “novo” consumidor/leitor. Com esse fenômeno recente, surgiu também a figura do termo *Prosumer*, termo esse familiar aos estudiosos de marketing e comunicação, originado do idioma inglês e concebido através da junção entre *producer* (produto) e *consumer* (consumidor).

O primeiro a utilizar esse termo foi Alvin Tofler em 1980, provocando marcar o novo papel do consumidor na sociedade contemporânea. Ainda, segundo Kaufman e Roza (2013), independente do formato, o que parece ser uma tendência é o aumento do engajamento dos indivíduos conectados em processos colaborativos.

O *Prosumer*, nessa era digital, tem e exerce mais poder nas redes sociais digitais, seja com a cooperação com as empresas e/ou usuários, seja através da defesa do consumidor ou ainda na dinâmica da pesquisa empírica.

2.4 PARA PENSAR NOVOS AMBIENTES ECONÔMICOS E AMBIENTES DE METAVERSO

A tecnologia passou por muitas fases, desenvolvimentos e adaptações durante o tempo, e mesmo quando o digital estava afastado da viabilidade, as predisposições tecnológicas já chamavam e dispunham de bastante atenção. Hoje, em um mundo globalizado, conectado pela internet e imerso no surgimento da inovação, quando se pensa em tecnologias futuras, a melhor pauta são os ambientes imersivos – realidade virtual, aumentada e o próprio metaverso.

O metaverso dispõe da convergência entre o espaço físico, a realidade virtual e os espaços virtuais; um espaço virtual social compartilhado com capacidade 3D; ou um mundo físico replicado e viabilizado virtualmente. Mesmo com essa significação, não há um conceito individual que engloba todas as ligações do metaverso como um meio único de mundo virtualizado.

Segundo Itamar de Carvalho Pereira, em sua pesquisa de mestrado intitulada “Metaverso: interação e comunicação em mundos virtuais” (2009), existem sinais entre o



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

conceito de metaverso e a obtenção de uma experiência imersiva que acarrete representações tridimensionais, isto é, que possua semelhança aos aspectos e objetos do mundo físico, ou até mesmo que ultrapasse os aspectos da realidade física. É entendido também que é preciso possuir interação entre distintos usuários.

Ainda a partir do autor, assim como “web” tem um sentido dúbio que abarca a atividade on-line ou à própria internet, podemos pensar no sentido ambíguo do termo “metaverso” e seus ambientes, visto que ele consegue ser usado para se referir ao universo virtual com interface 3D e o processo intelectual e individual que o usuário passa ao usar qualquer mundo virtual. “Assim como a web não é a internet, não é de todo e qualquer mundo virtualizado que tratamos quando usamos o termo metaverso” (PEREIRA, 2009, p. 76).

Por consequência, é possível argumentar que os ambientes do metaverso não podem ser sintetizados aos jogos nem à web 3D. Ele é o conjunto de toda a experiência imersiva que extrapola, certas vezes, a realidade, envolvendo não só e nem principalmente o aspecto lúdico, mas muitos gráficos e funcionalidades que se estendem e ultrapassam o mundo físico, permitindo ao usuário viver, sentir e ter experiências impraticáveis fora da realidade aumentada e realidade virtual. Além disso, a interface pode ter conteúdo gerado para e pelos usuários, proporcionando grande colaboração e pertencimento.

Dessa forma, os espaços de metaverso (assim como o executado pelo jogo Second Life em 2003) seriam grupos de mundos virtuais e seu atributo mais importante e em destaque seria o uso da interface para socialização e entretenimento com intuito de explorar a criatividade e excentricidade entre as pessoas. Dessa forma, podemos resumir em 3 (três) aspectos onde um ambiente do metaverso pode - não necessariamente todos atributos - ser relacionado:

Conteúdo gerado pelos usuários: Grande parte, senão a totalidade, do que povoa um metaverso foi ou está sendo criado pelos usuários e não pelos programadores do ambiente virtual, por meio de ferramentas próprias, como as primitivas geométricas do Second Life (figura 10).

Persistência de conteúdo: Todos aqueles objetos criados pelos usuários no metaverso permanecem por lá até que o usuário resolva extinguir esse objeto, seja ele um objeto, um prédio ou um avatar.

Fluxo monetário: Aqui um processo fortemente relacionado com o mundo físico, mas que pode tornar o senso de propriedade criado com a possibilidade da persistência de conteúdo muito mais efetiva. (...) (PEREIRA, 2009, p. 78)



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

A partir do pressuposto de que o metaverso tende a espelhar aspectos do mundo físico, é de se esperar que o mesmo ocorra com alguns dos pilares fundamentais da civilização, como a economia, que mesmo não sendo essencial, seu papel é de grande relevância na sociedade virtual, já que torna possível o comércio. Algumas vezes, concordando com o autor supracitado, o metaverso é nomeado apenas para ambientes virtuais que constituam sua própria moeda, o que não se prova uma regra, dado ao fato de que o uso de ambientes virtuais sem pretensões financeiras é possível e ordinário.

Falando de forma corporativa, garantir a presença da sua empresa dentro do metaverso pode ser benéfico à medida que o mesmo vem ganhando espaço na economia e, principalmente, na curiosidade e desejo popular. Dessa forma, há um novo e imenso universo de possibilidades comerciais, que vão desde a venda de produtos e acessórios para avatares ao já naturalizado *e-commerce*. Além disso, investimentos em criptomoedas e terrenos virtuais são uma boa estratégia, visto que se trata de um novo mundo, ao qual as organizações que cravarem sua bandeira primeiro serão as que colherão mais frutos.

Outra opção é fazer um modelo de negócio que envolva o metaverso, já que é um movimento em ascensão e a tendência é um crescimento exponencial. Nesse caso, é possível criar experiências dentro do mundo virtual que tenham conexão com a marca e que chame atenção para o negócio em questão. Além disso, é importante disseminar a inovação e a tecnologia da sua empresa em ambientes comuns já populares no meio social: como as redes sociais e plataformas de chamadas de vídeo 2D.

2.5 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO NO METAVERSO

No final de 2021, uma mudança significativa de uma das marcas mais conhecidas no mundo aconteceu no mercado. Diferentemente de outros reposicionamentos de marca já observados ao decorrer dos anos, a mudança anunciada por Mark Zuckerberg em sua organização fez o mercado mudar seu olhar para a sua organização.

Visando apostar em uma tendência que enxergou ser inevitável no mercado, após décadas da criação da primeira literatura acadêmica sobre o assunto, Zuckerberg mudou o nome de sua empresa “Facebook” para “Meta”, como forma de apresentar a nova era de posicionamentos e produtos que a marca passará nos próximos meses voltados a tecnologia do



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Metaverso.

Apesar de em seu discurso apresentar falas sobre um futuro ainda pouco conhecido, que poderia trazer certa estranheza por parte de alguns, a repercussão da mudança foi quase que imediata. De acordo com o site de notícias da *Exame* (2022), só no Brasil a busca por soluções no metaverso aumentou em 750% de novembro de 2021 a fevereiro de 2022.

Independente do número representar “meras” buscas, é fato que o mercado do futuro se encontra aquecido para abraçar essa nova tecnologia. Isso acaba sendo comprovado na mesma matéria onde levantam o número de dinheiro que esperam que seja movimentado em 2024 quanto a essa tecnologia: 783 bilhões de dólares. Um investimento que diz muito a respeito das tentativas de sucesso a essa tecnologia desde 2003 com o lançamento do jogo *Second Life*.

Esse número reflete um mercado que tem sede pelo novo e ambição por essa tecnologia. Afinal, após quase duas décadas da primeira tentativa, essa é a mais próxima do considerado palpável depois de anos estimulados para criar expectativas através de filmes, desenhos e séries.

Mesmo ainda estando longe de dominar a tecnologia por completo, além da Meta, outras empresas que trabalham com essa tecnologia somada a outros serviços vêm ganhando força.

Um exemplo é a NVIDIA, empresa fundada na Califórnia há mais de 30 anos. Ano passado, lançou sua plataforma simulativa, conhecida como NVIDIA Omniverse, com o intuito de designers, artistas e outros profissionais poderem trabalhar juntos na construção de metaversos. Os resultados foram tão positivos que os números fechados no terceiro trimestre de 2022 superaram as expectativas, alcançando um crescimento de 50% na comparação anual.

Engana-se quem acredita que o resultado se deve exclusivamente pelo porte da empresa madura que a NVIDIA carrega. Claro que isso tem sim sua influência, mas não é a única. O bom uso da tecnologia alavancada pela comunicação assertiva da organização também possui seus créditos.

Trazendo para uma realidade mais próxima, podemos citar os casos dos digitais influencers que andam entrando nessa nova realidade e, conseqüentemente, trazendo mais adeptos através de lançamentos recheados de *storytelling* realistas como a Satiko (da Sabrina Sato), o Luks (do Lucas Rangel) e a Pink (da Bianca Andrade).

Ainda que esses sejam lançamentos recentes quando comparados a outros avatares



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

famosos, de maneira quase natural, esses influenciadores vêm alcançando números considerados em vários quesitos, como: uma base de seguidores fiéis, parcerias milionárias e viralização de conteúdo nas redes sociais.

Fato esse que já havia sido alertado pelo Instituto Americano de Engenheiros Elétricos e Eletrônicos há mais de uma década através de uma pesquisa que apontou que a “computação gráfica terá tal grau de realismo (...) que sem dúvida generalizará o uso e o desenvolvimento de metaversos (...) que se tornarão a maneira natural de acesso à informação através da internet”. (COSTA, p.152)

Aqui cabe destacar que essa conclusão, que pode ser compreendida como premonição para alguns, já era certa mesmo com menos recursos tecnológicos do que possuímos hoje. Empresas famosas já caminhavam para um trabalho com um mundo virtual que reproduzisse de maneira tridimensional o ambiente real. Na época, o Google, por exemplo, chegou a investir na compra da empresa que desenvolveu um programa responsável por facilitar a modelagem 3D de objetos, podendo adicionar cores e texturas, tudo para incrementar suas ferramentas de mapas, o Google Earth e Maps.

Nessa corrida à conquista do futuro, é claro, outras empresas também abriam seus olhos ao futuro a fim de sanar outras dores de seus negócios. Afinal, no mercado você nunca está só. Enquanto o Google priorizava trabalhar melhorar suas ferramentas de localização, marcas criavam tentativas de estratégias para aumentar suas vendas.

Uma dessas estratégias investidas foi a comunicação no digital, com a finalidade de sanar uma dor: a falta de humanização das marcas. Nesse viés, quem se destacou foi a Magazine Luiza. Decidiram colocar um coração e um cérebro para uma personagem que representava a marca há alguns anos, a Lu. Através de um enredo real, deram a oportunidade de seus clientes se identificarem com a personagem. Lu começou a apresentar seus gostos, medos, anseios e situações do cotidiano nas redes sociais da marca.

A construção foi sendo tão bem aceita que, ao longo desses anos, ela se tornou a *influencer* virtual mais seguida do mundo, acumulando participações em comerciais, *lives*, clips e revistas. Conquistas essas que, sem dúvidas, contribuíram para a mais fácil aceitação do público dos avatares que estão sendo criados pelos influenciadores atualmente.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Apesar de se tratarem de tempos espaciais diferentes, essa continua sendo uma estratégia comunicacional muito válida para o metaverso. Dar vida aos avatares, apresentando enredos que demonstrem suas fraquezas, medos, desejos e seguranças para que gerem pontos de identificação com o público que os segue.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente, ao longo do supracitado debate teórico, que a tecnologia é um recurso intrinsecamente ligado à sociedade, e a evolução da mesma é diretamente conectada às organizações. Ao mesmo tempo que esse desenvolvimento significa e marca um período na história da humanidade, a forma como utilizamos a inovação gera diversos benefícios, mas também abarca os desafios de estudos e acompanhamentos do mercado.

A partir da tecnologia, o ciberespaço torna-se um local do saber que não só discute, como desenvolve debates do mundo físico, além de uma forma de disseminação das reflexões do ser humano. O metaverso, por sua vez, aparece para trazer um ambiente que estimule, cada vez mais, os sentidos humanos, qualificando a subjetividade das discussões e tornando o indivíduo apto à reativação dos acontecimentos que o circunscrevem.

Com o metaverso ainda em expansão durante a realização deste trabalho, as possibilidades deste mercado são muitas, visto que todas as potencialidades desse universo digital são factíveis e viáveis. Desse modo, é essencial que esse cenário seja visto através de uma lente otimista, e que as organizações participem dessa revolução tecnológica a fim de mediar a relação com o meio social e chegar ao consumidor de modo natural e verdadeiro. Dessa forma, as empresas que se adequarem aos avanços tecnológicos, se moldarão, juntamente aos humanos, a partir um novo modo de vida.

Outro ponto importante para discutir a importância da modernização é o cenário pandêmico do Covid-19, em que o trabalho remoto e majoritariamente digital, se tornou uma precisão nos anos de 2020 e 2021. Entretanto, essa tendência não é momentânea: trabalhar em liberdade de qualquer local já está se tornando o novo normal, e ter uma tecnologia que abarque o home-office será essencial.

O sistema de trabalho conhecido como home-office promove a superação de parte dos controles assinalados por Foucault, com os indivíduos recuperando, relativamente, parte do poder sobre seu tempo e espaço. O desafio atual das empresas é identificar



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

meios de tornar viável a convivência simultânea dessas duas culturas – controle/não-controle, analógica/digital – e, gradativamente, formular estratégias de migração para novos horizontes. (KAUFMAN, 2015, p. 166)

Esse é apenas um exemplo de como a tecnologia é o alicerce da renovação contínua do modo de vida do ser humano. E pensando nisso, o metaverso foi escolhido como base deste estudo a partir do seu crescimento estrondoso como supracitado nos textos anteriores. Seu progresso, assim como a internet, tornará a vida mais agradável e permitirá uma grande transformação em todos os setores. O objetivo deste projeto não é só acompanhar e sim fazer parte do impulsionamento desse mercado, trazendo-o para a profissão de relações públicas e eventos. Acreditando possuir um grande potencial e diferencial para se destacar na esfera de eventos, a empresa Crewave possui um caminho muito proveitoso. Mais do que isso, os serviços desenvolvidos se baseiam em conceitos, e a concepção das novas aplicações a partir do desenvolver do trabalho prometem grandes resultados, levando em consideração que as ações são factíveis e inovadoras no mercado.

Concordando com a frase inicial “a tecnologia transforma o mundo”, é com contentamento que vamos conseguir mostrar (de forma idealizada inicialmente, mas será conclusiva nos próximos meses) aos outros profissionais da área, a importância de acompanhar as tendências tecnológicas e incluí-las em seus negócios com a intenção de atingir melhores resultados com as técnicas comunicacionais adequadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCOTO, Cosimo. **O mundo dado: cinco breves lições de filosofia digital**. Paulus Editora, 2021.

AÇÃO da Nvidia salta 8,25% na Nasdaq com resultado positivo e impulsionada por “metaversos”. **Infomoney**, [s. l.], p. 1-1, 18 nov. 2021. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/acao-da-nvidia-salta-825-na-nasdaq-com-resultado-positivo-e-impulsionada-por-metaversos/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Para entender Relações Públicas**. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

COTO, Manuel Alonso. Emigrantes frente a nativos digitais. *In: El Plan de Marketing Digital*. Madrid: PEARSON EDUCACIÓN S. A., 2008. cap. 9, p. 147-165.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

FRANÇA, Fábio. Relações públicas: visão 2000. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Obtendo resultados com relações públicas**. São Paulo: Pioneira, 2004.

GIL, A. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JACINTHO, Durval. As Tecnologias da Revolução Industrial. **Lumen**, [S. l.], p. 1-1, 30 mar. 2022. Disponível em: <https://latamblog.lumen.com/pt-br/tecnologias-da-revolucao-industrial/>. Acesso em: 6 set. 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

KAUFMAN, Dora. **O despertar de Gulliver: os desafios das empresas nas redes digitais**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LEVITT, T. (1960). **Marketing myopia**. Harvard business review, 38(4), 24-47. LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Metaverso: Facebook anuncia que vai lançar aplicativo de mundo virtual nos EUA. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2021/12/09/metaverso-facebook-anuncia-que-vai-lancar-aplicativo-de-mundo-virtual-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

METAVERSO: tudo sobre o mundo virtual que está chamando a atenção dos investidores. **Infomoney**, [s. l.], p. 1-1, 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/guias/metaverso/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

NASSAR, Paulo. Principais tendências de PR e Comunicação para 2022, **Arena de Ideias**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Ew0JhIopAc>> Acesso em: 25 de março de 2022.

PANCINI, Laura. Metaverso: empresa registra aumento de 750% na procura por tecnologia. **Exame**, [S. l.], p. 1-1, 16 fev. 2022. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/metaverso-flex-aumento-750-buscas/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

PEREIRA, Itamar de Carvalho. **Metaverso: interação e comunicação em mundos virtuais**. 2009.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

REDAÇÃO. **5 NFTs que perderam mais de um quarto do valor**. Disponível em:
<<https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/07/5-nfts-que-perderam-mais-de-um-quarto-do-valor>
>. Acesso em: 1 ago. 2022.

RIBAS, C. S. C. & ZIVIANI, P. Redes de informação: novas relações sociais. **Revista de Economia Política de las Tecnologías de la información y Comunicación**, 2008.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2016.

TERRA, Carolina Frazon. **Usuário-mídia**: a relação entre a comunicação organizacional e o conteúdo gerado pelo internauta nas mídias sociais. 2011. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.



Resumos expandidos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Redes Sociais Digitais: Uso, Potencialidades e Fragilidades na Construção Identitária de Adolescentes Escolares no Município de Manacapuru no Amazonas.¹

Joristela de Souza QUEIROZ²

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

A Educação e as Tecnologias são dois campos que, desde há muito tempo, mantêm diálogo, por vezes, tensos ou mais interativos. Esse campo não é neutro, tampouco é novidade, daí o fato de intelectuais como Celso Antunes (2016), Zygmunt Bauman (2013), Pedro Demo (2007), Lévy (1993) e outros trazerem à discussão o tema de forma tão prolongada e incisiva, relacionando à uma necessidade de “reinvenção” da educação para utilização de uma “nova linguagem” em um campo aberto de possibilidades, por meio das tecnologias da informação e comunicação. Na atualidade, buscar alternativas sobre diferentes formas de ensinar, usando aparatos tecnológicos se tornou a tônica, haja vista a necessidade de distanciamento social, ocasionada pelo difícil e desesperador período vivenciado na Pandemia do Covid-19, uma doença infecciosa que se alastrou pelo mundo por meio de contaminação viral do SARS-CoV-2. No Brasil, tivemos a confirmação do primeiro caso em fevereiro de 2020, quando fez sua primeira vítima. É importante contextualizar em que momento se deu esta investigação, até para que se tenha um reflexo do desvio operante em que ela se configurou. Em tempos muito difíceis, amplificados pelo medo e insegurança diante da realidade sombria, vimos de certa maneira, o mundo agonizar, enquanto a ciência a todo custo buscava respostas para tantas incertezas. Orientados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), fomos impactados pelo distanciamento social e os veículos de comunicação disseminavam diferentes estratégias e cuidados higiênicos para não contrair o vírus. Nas mais diferentes esferas de trabalho, a tecnologia da informação e comunicação acabou sendo uma saída para minimizar os impactos e, com a educação, não foi

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 3. O local digital das culturas do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda do Curso Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA/UFAM. E-mail: joris70@icloud.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

diferente. O estudo trata-se de uma Tese de Doutorado, desenhada por meio de uma Pesquisa Empírica Exploratória com Abordagem Qualitativa, que foi desenvolvido com alunos e professores do Ensino Fundamental de uma Escola Pública do Município de Manacapuru no Amazonas, especificamente, com ênfase em adolescentes “plugados na internet”, inseridos nas mais diferentes plataformas de redes sociais digitais. A preocupação é sobre o aprisionamento de crianças e adolescentes a estes espaços virtuais que, evidentemente, não estão protegidos e, por consequência, sujeitam aos mais variados estímulos, podendo incorporar, inclusive, a cultura do cancelamento nas relações sociais virtuais, ampliando assim, noções de desrespeito e preconceitos, comumente vistos e espalhados em publicações nas redes, deixando a quem a decisão consciente, transformando decisivamente o comportamento, a percepção, o pensamento e, por fim, a vida em conjunto. A realidade está escancarada, já são quase 25 milhões de crianças e adolescentes acessando a internet, segundo Relatório da União Internacional de Telecomunicações/Tics-2021. De celular na mão, quem tem acesso, tem diferentes aplicativos e ferramentas à sua disposição para interagir de muitas formas com os amigos virtuais, além de manterem-se informados sobre os acontecimentos diários, propagandas, Fake News e outros que podem ser (re)produzidos, armazenados e compartilhados nas redes. Sendo assim, os estudos da Teoria da Complexidade de Edgar Morin (2008), auxiliaram de forma veemente nesta composição de ideias e reflexões, justamente, pela abertura à abordagem multidisciplinar e multirreferenciada, pois entende os fenômenos como totalidade orgânica, porém compreendendo que vivemos as incertezas, indeterminações e aleatoriedades que direcionam a uma “mistura de ordem e de desordem”. Assim, o pensamento complexo é entendido como essencialmente, o pensamento que incorpora a incerteza e é capaz de conceber a organização. Objetivou-se investigar a influência das redes sociais virtuais na mudança de comportamento e construção de identidades de adolescentes. A proposta foi identificar interesses e hábitos de navegação nestes espaços, relacionando aspectos subjetivos que os predispuham ao uso intensivo das redes, observando também como a referida escola pública utilizava os recursos da internet no ambiente de aprendizagem, verificando o uso, as potencialidades e fragilidades. Duas frentes de trabalhos paralelos e simultâneos foram integradas na Pesquisa de Campo: uma na escola e outra, no espaço virtual. Por se tratar de estudo relacionado à análise do processo



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de interações em comunidades virtuais, o método fundamentado por Cristine Hine (2000) da Etnografia Virtual, subsidiou à coleta de dados, pois permitiu responder algumas questões no que diz respeito ao ciberespaço, com abertura para utilização de procedimentos em uma combinação de técnicas variadas que propiciaram imersão profunda no ambiente investigado, tratado por meio de Análise de Conteúdo (AC), exemplificada por Bardin (2009). Buscar aprofundamento teórico nesta temática é, sem dúvida, uma condição necessária de quem vive no espaço amazônico, pois tem sido muito recorrente sua identificação como algo distintamente descontextualizado à vida dos que aqui vivem. Geralmente, muitas interpretações são estereotipadas e associadas às representações e à imagem da floresta como se ela fosse um elemento inferiorizado e à parte das modificações no mundo. Os referenciais confundem a ideia de urbanização e/ ou modernização da região, aumentando o paradoxo de entendimento do que foi, é ou está se construindo. Arelados a esta contextualização e realidade amazônica, o entendimento é de que os indivíduos são considerados seres biológicos e culturais, complexos por natureza e, por tal fato, importa-nos pensá-los, a partir da complexidade humana, portanto mergulhar nos estudos sobre identidade, requereu a compreensão de sua incompletude, do seu devir, de sua complexa construção e subjetividade. Sendo assim, o pensamento complexo foi embalado pela postura epistêmica, aqui, entendida como práxis que se constitui num novo modo de fazer ciência. Entender a realidade pressupõe ultrapassar preconceitos, interpretar por diferentes áreas do conhecimento, pois as cidades na região Amazônica não são só natureza, elas são socialmente produzidas no tempo e no espaço, são realidades concretas, produzidas por relações sociais determinadas historicamente por gente que faz e se refaz a cada instante vivido, nos lugares onde os portos das beiras dos rios interligam a cidade e a floresta estão pessoas à margem, mas também à luz do seu tempo.

Palavras-chave: Internet; Redes Sociais; Adolescentes; Identidade

Referências bibliográficas

ANTUNES, Celso. **Educar em um mundo interconectado**: um livro para pais e professores. Petrópolis- RJ: Vozes, 2016.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BAUMAN, Z. _____. **Modernidade e Ambivalência**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

HALL, S. (2001). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona, Editorial UOC, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: ed.34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MORIN, Edgar. **Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado de Assis. 5ª edição – Porto Alegre, 2015.

_____. **O método 6: ética**. Tradução Juremir Machado da Silva. 4ª ed.-Porto Alegre: Sulina,2011.

_____. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus**. Col. Sabah Abquessalam. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

_____. **Meus demônios**. Tradução Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Democracia à Venda: Uma análise da Relação Entre Marketing Político e Privacidade no Meio Digital¹

Luísa Mariano Machado BARRETO²

Marcelo Augusto Pedreira XAVIER³

Thiago Cardoso FRANCO⁴

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

O presente trabalho analisa como a exploração da privacidade e a profissionalização do marketing na política podem ser capazes de dirigir os rumos da democracia. Tal análise objetiva avaliar até que ponto as redes sociais admitem a mineração de dados pessoais, e como isso afeta o marketing político em ambiente eletrônico. Além de contextualizar os conceitos relacionados à privacidade e à propaganda eleitoral nas redes digitais, resgatam-se eventos da história recente onde a exploração de dados pessoais pode ter alterado os resultados de pleitos na política. Defende-se a hipótese de que os termos contratuais de determinadas plataformas possuem brechas que permitem o mau uso de informação pessoal, potencializando assim, as bolhas de comunicação que influenciam eleições e disputas políticas. Por meio do método dedutivo, é promovida pesquisa bibliográfica e análise documental dos termos de uso e políticas de privacidade do Facebook e de segmentação de anúncios da empresa Meta, dona da plataforma e responsável por outras ferramentas sociais da atualidade, inclusive Instagram e Whatsapp. Na fundamentação teórica observou-se que, a qualidade da democracia contemporânea está relacionada à lisura das campanhas eleitorais, pois as informações que elas transmitem influenciam o voto dos cidadãos (SIMON, 2002). Popkin (1991) destaca que esse mecanismo

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 1) Epistemologias reticulares: o protagonismo dos não- humanos e a comunicação pós-antropocênica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos (PPGIDH/UFG), email: luisa_mariano@discente.ufg.br.

³Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos (PPGIDH/UFG), email: marcelo.xavier@discente.ufg.br.

⁴Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação (USP) e Professor da UFG, email thiagofranco@ufg.br.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de persuasão eleitoral afeta o resultado do processo de escolha. A história mostra como a propaganda tem sido uma ferramenta política, transformando líderes autoritários em heróis, como registra Schwartzberg (1978). Por sua vez, Figueiredo (2000) traça a história e a definição do marketing político. Para Kotler (1978, p. 371) “os processos estruturais do marketing empresarial e do político são basicamente os mesmos”. Costa e Costa (2004) detalham como técnicas de marketing foram capazes de conquistar os eleitores de Fernando Collor no Brasil. Desde então, a expansão das redes de comunicação de massa vem alterando a dinâmica social e a maneira de se fazer política (THOMPSON, 1998). Floridi (2017) explica que vivemos numa infosfera, produzindo esendo bombardeados por informações, de forma que se pode comprometer a liberdade informacional quando não há uma ética que respeite a privacidade. Um exemplo do mal uso da tecnologia da informação são os Estados com tendências totalitárias, como a China, que servem-se de aparatos tecnológicos para conduzir políticas de controle absoluto dentro e fora das redes (LEMOS; DI FELICE, 2014). Floridi (2017) diagnostica que o novo contexto informacional gera uma apoptose política, uma vez que o Estado não é mais o centro da informação e os novos sistemas políticos são multiagentes, por isso sofrem com a fragmentação de sua identidade. Mesmo quando há uma forte coesão, as identidades são politicamente imprecisas ou fracas, como se pode verificar, por exemplo, na Primavera Árabe, e ainda, o que determina essa coesão é o fluxo de informações (FLORIDI, 2017). Nada obstante, o acúmulo de dados para publicidade comportamental, denominado por Zuboff (2020) como “Capitalismo de Vigilância”, vende o potencial de influenciar decisões humanas e aprimora as inteligências de máquina codificadas nos algoritmos. Accoto (2020) explica que esses códigos são capazes de agir sobre nossa vida e modificar a realidade, havendo a necessidade de *accountability* e transparência nas inteligências artificiais para a preservação da privacidade digital. A influência algorítmica funciona como um filtro invisível e é capaz de moldar a maneira como se percebe as coisas, como explica Pariser (2012). A saturação de conteúdos nos priva de conhecer outras realidades, com consequências políticas negativas, isso porque, a “democracia exige que os cidadãos enxerguem as coisas pelo ponto de vista dos outros; em vez disso, estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas” (PARISER, 2012, p. 9). Dessa forma, quando o código nos afasta da realidade é como se criasse universos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

paralelos, que não permitem a pluralidade de ideias. Esses círculos sociais ideológicos são condizentes como a Teoria das Esferas de Sloterdijk (2016), na qual explica-se que por comodismo ou por necessidade, o ser humano busca sempre estar cercado daquilo que melhor atende aos seus próprios interesses, fazendo surgir a possibilidade de que seja manipulado sempre que o indivíduo manifesta uma predisposição a tal, decorrente do reforço de emoções pré-existentes. Nesse sentido, o emocional exerce um papel relevante na tomada de decisão política, segundo Castells (2009). Barack Obama foi um dos primeiros políticos que usou isso para se eleger, promovendo uma campanha digital humanizada e bem sucedida na internet (LIBERT; FAULK, 2009). Donald Trump, por sua vez, marcou negativamente o marketing político, com o escândalo Facebook- Cambridge Analytica, efetuando uma raspagem indevida e invadindo a privacidade de dados de milhões de pessoas, como narra Kaiser (2020). Wylie (2019) explica que esse tipo de experimento inaugurou uma onda de colonialismo digital. A partir desse referencial e dos eventos descritos, buscou-se promover uma pesquisa qualitativa, por meio de análise argumentativa, utilizando-se do modelo de Toulmin, conforme adaptado e descrito por Liakopoulos (2008), combinada com a análise de discurso que preleciona Gill (2008). Os resultados demonstraram que embora haja avanços, algumas fragilidades persistem. O estudo aponta que há risco de o poder econômico “comprar” a relevância de conteúdo por meio do impulsionamento de publicações, o que é feito através das plataformas das redes digitais, que além de custodiar os dados pessoais, detém o espaço publicitário, o qual é comercializado com segmentação de público baseada nessas informações privadas, e combinam o acúmulo de rastros com a inteligência analítica, permitindo campanhas certeiras. A transparência oferecida pela Biblioteca de Anúncios da Meta demonstrou ser incipiente e não permitiu visualizar com precisão os detalhes das peças veiculadas. A ampliação de ferramentas dessa natureza permitiria maior controle social, e proporcionaria verdadeira noção da repercussão da publicidade digital nas eleições. As conclusões visam o aperfeiçoamento da cidadania digital, haja vista que lançam um olhar crítico sobre a construção do ambiente informacional, alertando para necessidade de limites éticos no uso e aplicação de tecnologias de informação e comunicação.

Palavras-chave: democracia; marketing político; privacidade; redes digitais.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Referências bibliográficas

ACCOTO, Cosimo. **O mundo dado**. São Paulo: Paulus, 2020.

CASTELLS, Manuel Castells. **Comunicación y Poder**. Traducción de María Hernández. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

COSTA, Ricardo; COSTA, Tailson Pires. **Técnicas de persuasão na propaganda eleitoral**. São Paulo: Fiúza Editores, 2004.

FIGUEIREDO, Rubens (org.). **Marketing político e persuasão eleitoral**. p.11- 41. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.

FLORIDI, Luciano. **La quarta rivoluzione - Come l'infosfera sta trasformando il mondo**. Traduzione Massimo Durante. Milano: Raffaello Cortina, 2017.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KAISER, Brittany. **Manipulados: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque**. tradução Roberta Clapp, Bruno Fiuza. 1 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

KOTLER, Philip. **Marketing para organizações que não visam ao lucro**. São Paulo: Atlas, 1978.

LEMONS, Ronaldo. DI FELICE, Massimo. **A vida em rede**. Campinas: Papyrus 7 Mares, 2014.

LIBERT, Barry; FAULK, Rick. Barack, Inc. **Winning Business Lessons of the Obama Campaign**. Upper Saddle River: Pearson Education, 2009.

LIAKOPOULOS, Miltos. Análise argumentativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PARISER, Eli. **O filtro invisível - O que a internet está escondendo de você**. Tradução: Diego



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

POPKIN, S. **The reasoning voter**: communication and persuasion in presidential campaigns. Chicago: Chicago University Press, 1991.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado Espetáculo**. Algés: Difel, 1978.

SIMON, A. F. **The winning message**: candidate behavior, campaign discourse, and democracy. New York: Cambridge University Press, 2002.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Bolhas**. 1 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

WYLIE, Christopher. **Mind*ck** - Cambridge Analytica and the plot to break America. New York: Random House, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância** - A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Limites e Potencialidades do Acesso às Tecnologias: A Informação Digital por Meio do Celular, Tablet e Notebook nas Escolas Públicas de Nível Médio no Brasil¹

Eunice de Jesus SANTOS²

Ana Paula de Oliveira VILLALOBOS³

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

Essa pesquisa tem como objetivo identificar os limites e as potencialidades do acesso às tecnologias digitais entre professores e estudantes das escolas públicas de nível médio nas capitais do Brasil. O acesso à internet pode possibilitar o uso da informação digital por meio dos dispositivos móveis para conectar-se ao mundo globalizado e descobrir diferentes formas de comunicar, pesquisar, aprender, acessar novas informações de qualquer parte do mundo em tempo real. O Ministério da Educação (MEC) brasileiro, homologou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde aponta o desenvolvimento das competências e habilidades do estudante da educação básica no Brasil, voltadas às tecnologias digitais. Dentre as competências está a apropriação dos dispositivos móveis digitais, dos novos letramentos e dos multiletramentos como formas de explorar e produzir conteúdo em diversas mídias. Além disso, essas tecnologias podem ampliar as possibilidades de acesso ao conhecimento. Nesse contexto, a pergunta da pesquisa em questão se volta para a investigação da apropriação dessas ferramentas digitais nas escolas públicas de nível médio no Brasil. O Ministério da Educação tem como uma das metas a democratização do acesso à internet nas escolas públicas do Brasil, ampliando os investimentos para o programa Educação Conectada, a fim de atingir mais de 24 mil escolas públicas brasileiras. Ainda, conforme o Ministério da Educação brasileiro, o programa foi criado para apoiar a universalização do acesso à internet em banda larga e fomentar o uso pedagógico das tecnologias digitais na educação básica. A escola teve que alterar sua rotina no

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6): Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA). E-mail: santosnice@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA). E-mail: anap.villalobos@terra.com.br.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ano de 2020 em vista da pandemia do vírus SARS-CoV-2, sendo assim as aulas passaram para a modalidade online. No Brasil, muitas escolas necessitaram de adaptação para o teletrabalho, onde a internet se tornou essencial, associada aos dispositivos móveis adequados para o desempenho das atividades acadêmicas. Essa investigação busca motivação para analisar escolas em diferentes regiões brasileiras, observando a cultura local, economia, política, os limites e as potencialidades em que cada sistema educacional está inserido. Dessa forma, podemos considerar que a informação por meio digital no mundo contemporâneo, pode ser entendida como imprescindível para o desenvolvimento social e humano, nesse sentido os dispositivos móveis com acesso à internet se tornam ferramentas extremamente relevantes para a educação. Assim, esta pesquisa advém da base do projeto de doutorado, em andamento, o qual pretende identificar os limites e potencialidades do acesso às tecnologias digitais entre professores e estudantes das escolas públicas de nível médio nas capitais do Brasil. Em relação a metodologia, em termos dos objetivos, essa pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória, adotando como procedimento estudos de casos múltiplos e como instrumentos de coleta de dados questionários a serem aplicados nas escolas públicas de nível médio, localizadas nas capitais brasileiras. A análise de dados adotará uma abordagem comparativa entre os dados coletados nas escolas investigadas. Os resultados obtidos a partir do levantamento bibliográfico inicial, os quais envolvem internet, sistemas sociais, escolas, ciberespaço e dispositivos móveis, estão em consonância com o pensador Lévy da *cibercultura* que afirma a impossibilidade de a internet resolver todos os problemas culturais e sociais da humanidade, mas o ciberespaço constituído pela rede mundial de computadores, constitui novas possibilidades de comunicação e acesso a informação. Para Cooper Ramo, quando estamos conectados, o poder muda. Muda quem somos, o que podemos esperar, como podemos ser manipulados, atacados ou enriquecidos. A conectividade na era digital gera redes, e Castells conceitua a sociedade em rede como a nova estrutura social da Era da Informação, baseada em redes de produção, poder e experiência. Porém, não basta apenas estar conectado a uma rede da internet, pois exige uma maior compreensão para quem tem possibilidade de acesso. Magalhães & Soter, defendem que participar plenamente na rede traz vantagens importantes que se relacionam não só com a acumulação de capital social e comunicacional, mas também com a possibilidade de serem



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

produzidas competências pelos próprios utilizadores da rede, na qualidade de agentes na rede e de não meros usuários. No que diz respeito às improbabilidades no processo de comunicação, nos aproximamos do pensar em Luhmann, com a convicção de que sem comunicação os sistemas sociais não podem ser formados. É preciso entender o processo de evolução sociocultural como a transformação e ampliação das possibilidades de estabelecer uma comunicação eficiente. Cada sociedade cria suas estruturas sociais, existindo um processo seletivo que determina tipos de sistemas sociais viáveis e aqueles que serão excluídos devido a improbabilidade de comunicação e acesso à informação. A escola, como um dos sistemas sociais abertos, bem como seus subsistemas que envolve: a estrutura, o indivíduo, o cultural, o político e o pedagógico. O problema da improbabilidade da comunicação e o conceito de sociedade como sistema diferenciado convergem, uma vez que todo o sistema representa a transformação da improbabilidade da comunicação em probabilidade. Existe um discurso de conectividade para as escolas públicas, o que pode divergir da realidade em muitas delas. Platt, afirma que a quinta necessidade do homem, além de ar, água, alimentação e abrigo, é a necessidade de informação, de um fluxo de estímulos contínuo, novo, imprevisível, não redundante, e surpreendente. Com estas motivações, essa pesquisa encontra-se na fase de levantamento bibliográfico e debates com pesquisadores e estudantes sobre o tema proposto para alicerçar as bases teóricas.

Palavras-chave: Informação; Comunicação; Dispositivos móveis; Internet; Escola pública-Brasil.

Referências

BRASIL. **Marco Civil da Internet no Brasil.** (LEI Nº 12.965), Brasília, 23 de abril de 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/12965.htm.

CASTELLS, Manuel. A revolução da tecnologia da informação. In: CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 49-86.

CASTELLS, Manuel. (1998). **A Ascensão da Sociedade em Rede (A Era da Informação: Economia, Sociedade, Cultura;** v.1). Oxford: Blackwell Publishers. 594 páginas ISBN 0631221409.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

MAGALHÃES & STOER. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1179-1202, dezembro 2003.
Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/>. Acesso em 13/10/22 às 20:40.

MORAES, Denis de (org.). **Internet e sociedade em rede. Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 255-287.

CETIC.br. Ano XIII - N. 2 - **Para além da conectividade**: Internet para todas as pessoas. 23 DE JULHO DE 2021 CGI.BR / NIC.BR. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/ano-xiii-n-2-para-alem-da-conectividade-internet-para-todas-as-pessoas/>. Acesso em junho de 2021 às 13:35.

CGI.br. **Comitê Gestor da Internet no Brasil. Para além da conectividade**: Internet para todas as pessoas. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/6/20210805093039/psi_ano13_n2_internet_para_todas_as_pessoas.pdf

CGI.br. Comitê Gestor da Internet no Brasil. (2020). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: **TIC Domicílios 2019**. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/publicacoes/>

FOLHAPRESS: GZH. **Educação e Trabalho**: Em cidades do interior do país, escolas usam rádios locais para levar conteúdo a estudantes. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/05/em-cidades-do-interior-do-pais-escolas-usam-radios-locais-para-levar-conteudo-a-estudantes-ckaslzsl5007101qysvrz8f16.html>

GOV.BR. Portal MEC: **Internet nas escolas**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-expande-educacao-conectada-e-oferece-internet-para-mais-24-5-mil-escolas>.

PLATT, John Rader. The Fifth Need of Man. **Horizon**. 1 (6): 106, July 1959, apud SHERA, Jesse. Ci. Inf., Rio de Janeiro, 6(1): 9-12, 1977

RAMO. Josué Cooper. (2016) **'O Sétimo Sentido: Poder, Fortuna e Sobrevivência na Era das Redes'**. Little, Brown and Company: Nova York. ISBN: 978-0316285063. 352 páginas.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual? Trad. Paulo Neves**. São Paulo, Ed. 34, 1996. 157p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2010. 272p.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

LUHMANN, N., (2006). **A improbabilidade da comunicação**. Lisboa: Edições Vega.

NEVES, T. T., & LEMOS, E. das C. (2020). Educar na era digital: considerações sobre tecnologia, conexões e educação a distância. **Comunicação & Educação**, 25(1), 18-30.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Entre Territórios Físicos e Virtuais: Imersão e Interatividade para a Compreensão de Conflitos Socioambientais.¹

Daniela ZANETTI²

Pedro MARRA³

Ruth REIS⁴

Gabriel Schettino LUCAS⁵

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES

Resumo

O trabalho apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa dedicada ao desenvolvimento de produtos comunicacionais interativos, imersivos e colaborativos que visam dar visibilidade a conflitos socioambientais em determinados territórios, tendo como base metodológica a pesquisa-criação. O território em foco no estudo é a região metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo, que possui cerca de 2 milhões de habitantes e é composta por sete municípios. O problema proposto pela pesquisa em andamento pode ser resumido da seguinte forma: utilizando-se da pesquisa-criação como metodologia e processo de trabalho, como desenvolver obras multimídias interativas, imersivas e colaborativas que possibilitem ampliar a visibilidade de conflitos socioambientais existentes em um determinado território – no caso a região metropolitana da Grande Vitória – e, em paralelo, fomentem a divulgação científica e a popularização da ciência? A pesquisa tem caráter multidisciplinar e congrega os seguintes campos de estudo: pesquisa-criação e humanidades digitais; novas tecnologias da comunicação, mídias imersivas e interativas; conflitos socioambientais; e divulgação científica. Parte-se do princípio de que os conflitos socioambientais nos territórios requerem ampla visibilidade

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada Net-ativismo, participação e conflitos em redes do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Coordenadora da pesquisa. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFES. daniela.zanetti@ufes.br

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFES. pedromarra@gmail.com

⁴ Professora do Departamento de Comunicação Social da UFES. ruthdosreis@gmail.com

⁵Estudante de graduação no curso de Engenharia Elétrica da UFES. Bolsista do projeto. gabrielslucas@hotmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

para que a superação seja decorrente de discussão e pactuação de soluções, incluindo aquelas que as populações afetadas já oferecem. Libiszewski (1992) compreende o conceito de conflito de forma muito ampla, englobando desde fenômenos que envolvem disputas entre indivíduos até guerras entre Estados, mas que de alguma forma estejam relacionados a questões socioambientais. As mudanças no meio ambiente representam um tipo de interferência que desestabiliza o equilíbrio do ecossistema, de maneira que é forçado a buscar um novo equilíbrio, modificando as condições de suporte oferecidas à vida e às atividades humanas. Como consequência, ocorre a degradação do meio ambiente e a escassez de recursos naturais, renováveis ou não. Um conflito socioambiental é, portanto, um conflito decorrente da escassez de um recurso do meio ambiente, provocada por distúrbios desencadeados pelo ser humano sobre as taxas normais de regeneração. Os efeitos da degradação do meio ambiente podem não levar diretamente a um conflito, mas produzem de forma gradativa diversos efeitos sociais interrelacionados, que em algum momento resulta em conflitos que geram algum tipo de violência. De acordo com Brito et al (2011), para pesquisadores brasileiros em geral os conflitos socioambientais “envolvem relações sociais de disputa ou tensões entre distintos grupos ou atores sociais pela apropriação ou gestão do patrimônio natural”, sendo que tais disputas podem ser de ordem material ou simbólica. Diversos estudos destacam os problemas socioambientais na Grande Vitória. Reis et al (2005) e Maioli et al (2006), por exemplo, chamam atenção para os impactos da poluição do ar sobre os biomas. Outros problemas dizem respeito ainda ao consumo e à contaminação de recursos hídricos e demais impactos diretos sobre as comunidades do território em foco (Milanez, 2017; Joyeux, Campanha Filho, Jesus, 2004; Nascimento et al, 2017). O Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil (Neepes/ENSP/Fiocruz, 2010) indica a existência de 18 conflitos desse tipo no Estado do Espírito Santo, que afetam comunidades quilombolas, indígenas, pescadores e também a população em geral em determinados territórios, decorrentes de problemas de lixo, poluição ambiental, licenciamentos ambientais irregulares, demarcação de terras, monocultura, uso de agrotóxico, entre outros. A proposta da pesquisa é encontrar formas de apresentar esses problemas por meio de narrativas imersivas e interativas, criar canais de diálogo com o público e dispositivos de coleta e organização de dados sobre os temas em evidência. Assim, os



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

problemas de pesquisa são a base para a investigação teórica e também para o desenvolvimento de obras não apenas capazes de sensibilizar o público sobre os temas abordados, como também fornecer subsídios para favorecer uma reflexão teórica mais crítica das práticas, dos processos e dos produtos. Para tanto, esta pesquisa se baseia na metodologia da pesquisa-criação, fundamentada em processos criativos, na experimentação tecnológica e no envolvimento do público (a partir de estratégias de interação e imersão) como forma de investigação científica. A pesquisa-criação combina ciência, arte e comunicação e dialoga com os novos modos de conhecimento, formas de comunicação e experiências midiáticas da contemporaneidade. A articulação de pesquisa acadêmica com processos criativos e práticas artísticas e midiáticas é encontrada em trabalhos de diversas áreas sob diferentes designações, tais como *art based research* ou *practice as research* (Carpentier, 2020; Chapman & Sawchuk, 2015). O termo “pesquisa-criação” também tem sido adotado no Brasil nos últimos anos para descrever trabalhos acadêmicos que articulam pesquisa científica e práticas criativas (Fonseca, 2020). Num contexto marcado pela digitalização da cultura, pela ubiquidade das redes e pela estética do banco de dados (Beiguelman, 2019; Manovich, 2015), as mídias interativas e imersivas (baseadas em realidade aumentada ou virtual) propõem novas formas de narrar e ressignificam a relação entre obra e usuário/interator, também complexificando a ideia de representação da realidade (Parente, 2009; Paz; Gaudenzi, 2019). Dessa forma, também as tecnologias dedicadas à criação de ambientes imersivos e de realidade virtual têm sido amplamente aplicadas ao campo científico, informacional e educacional (Ribeiro; Zorzal, 2011), porém exigindo dos criadores/desenvolvedores novas abordagens acerca dos recursos tecnológicos disponíveis e a compreensão de um design narrativo mais articulado com os usuários e suas experiências (Rubio-Tamayo; Barrio; García, 2017). A revisão de literatura realizada inicialmente identificou diversos problemas socioambientais na Grande Vitória que já possuem algum destaque nos veículos locais de comunicação (como a questão da poluição do ar pelo “pó preto”, por exemplo), mas também outros que não possuem grande visibilidade. Há, por outro lado, problemas emergentes na região que carecem de maior pesquisa e aprofundamento científico, como o avanço de empreendimentos imobiliários. Como parte do desdobramento da pesquisa, foi criada a marca “Territórios do Presente” e desenvolvido um site interativo (ainda em



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

construção), que funciona como um banco de dados e também fonte de pesquisa e informações sobre diversos conflitos socioambientais da Grande Vitória, além de um perfil no Instagram, que agrega conteúdos complementares e cria uma articulação com o site. A pesquisa tem financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES).

Palavras-chave: mídias interativas; pesquisa-criação; divulgação científica; conflitos socioambientais; territórios.

Referências bibliográficas

BRITO, Daginete Maria Chaves; BASTOS, Cecília Maria Chaves Brito; FARIAS, Rosana Torrinha Silva de; BRITO, Daímio Chaves; BRITO, Gabriel Augusto de Castro Dias. Conflitos socioambientais no século XXI. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, n. 4, p. 51-58, dez. 2011.

CARPENTIER, N.. Comunicando o conhecimento acadêmico além do texto acadêmico escrito: Uma análise autoetnográfica do experimento da instalação Mirror Palace of Democracy. **MATRIZES**, 14(2), 2020. 75-99. Retrieved from <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/179726>.

CHAPMAN, Owen; SAWCHUK, Kim. *Research-Creation: Intervention, Analysis and "Family Resemblances"*. **Canadian Journal of Communication**, Vol 37. 2015. 5-26.

FONSECA, J. F. G. d.. **Poéticas Nômades**: pesquisa-criação do espetáculo tentativa.doc 2.0 a partir de elementos da cena expandida e intermedial. (PhD). Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/07VyG6>.

JOYEUX, Jean-Christophe; CAMPANHA FILHO, Edmar A.; JESUS, Honório C. De. Trace metal contamination in estuarine fishes from Vitória Bay, ES, Brazil. **Brazilian Archives of Biology and Technology**. vol.47, no.5, Curitiba, Sept. 2004. <https://doi.org/10.1590/S1516-89132004000500012>.

LIBISZEWSKI, Stephan. **What is an Environmental Conflict?** Zurich: Center for Security Studies, 1992.

MAIOLI, O. L. G.; SANTOS, J. M.; REIS, N. C.; CASSINI, S. T. *Alterações bioquímicas da poluição do ar sobre espécies vegetais para fins de biomonitoramento na Região da Grande Vitória, ES Brasil*. In: **VIII Simpósio Ítalo Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental**, Fortaleza, 2006.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

MANOVICH, Lev. O banco de dados. **Revista Eco Pós**. V. 18, N. 1, 2015.

MILANEZ, Bruno. **Mineração, ambiente e sociedade**: impactos complexos e simplificação da legislação. IPEA - Boletim regional, urbano e ambiental | 16 | jan.-jun. 2017.

NASCIMENTO, A. P. et al. Associação entre concentração de partículas finas na atmosfera e doenças respiratórias agudas em crianças. **Rev. Saúde Pública**, 51 (0), 12 Jan 2017.
<https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2017051006523>.

NEEPES/ENSP/FIOCRUZ. **Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil**. 2010. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/> Acesso em: 26 mar. 2021.
Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/>.

PARENTE, André. **A forma cinema**: variações e rupturas. In: MACIEL, Kátia (Org.) Transcineas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2009.

PAZ, André; GAUDENZI, Sandra. (Orgs) **Bug**: narrativas interativas e imersivas. 1. ed. - Rio de Janeiro: Automatica, 2019.

REIS, N. C.; CASSINI, S. T.; SANTOS, J. M.; MAIOLI, O. L. G. Efeitos da poluição do ar em espécies vegetais para fins de biomonitoramento na Região da Grande Vitória – ES. In: **23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental**, 2005, Campo Grande/MS.

RIBEIRO, Marcos W. S.; ZORZAL, Ezequiel R. (orgs.) **Realidade Virtual e Aumentada**: Aplicações e Tendências. Uberlândia – MG: Editora SBC – Sociedade Brasileira de Computação, Uberlândia-MG, 2011.

RUBIO-TAMAYO, Jose Luis; BARRIO, Manuel Gertrudix; GARCÍA, Francisco García. Immersive Environments and Virtual Reality: Systematic Review and Advances in Communication, Interaction and Simulation. **Multimodal Technologies and Interact**. 2017, 1, 21; doi:10.3390/mti104002.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**Conex@o Campo & Cidade da Comunidade Rural do Distrito Agropecuário da
Suframa¹**

Maria Isabel de ARAÚJO²

Silas Garcia Aquino de SOUSA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Embrapa Amazônia Ocidental

Resumo

Por décadas, na hinterlândia amazônica, o uso de candeeiros, lampião e lamparinas com uso de combustól, iluminavam as habitações e caminhos na densa floresta ao som da fauna noturna. As comunicações percorriam longas distancias no motor da linha, barco de recreio, ou navegavam lentamente a força do remo e dos banzeiros dos rios. A partir da década de 2010, fez-se a luz na densa floresta, a hinterlândia iluminou-se, desde então, não se vislumbra a dança dos *lampyridios*, a televisão e o celular ocuparam o espaço-tempo das famílias. Na década de 2020, com a sindemia covídica, a conversa eletrônica entrou em ação, com mensagens mais rápidas, anuncia notícias tristes e alegres, convocações de trabalho em regime de ajuri (sistema de trabalho coletivo, social e solidário), asnovidades da família nuclear e extensa, a oferta de produtos, preços e prazos de entregas. Nesse sentido, objetivou-se identificar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), utilizadas no espaço agrário do Distrito Agropecuário da Suframa (DAS), comunidade Unidos Venceremos – DAS/ZF4, zona rural da cidade de Manaus-AM, comograntia de trabalho e renda, bem como, a oferta de produtos da agricultura familiar aos consumidores urbanos. Os habitantes da comunidade rural do DAS/ZF4 (coordenadas geográficas a 2°23'32.2"S 60°02'14.5"W) ocuparam nos idos do ano de 2000, cerca de mil hectares, com lotes de 25 hectares cada um, um território desprovido de serviços públicos

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 2) Práticas de cidadania digital para se conectar com a Floresta Amazônica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda do Curso de Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. PPG-CASA-UFAM, e-mail: mbelaraujo@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Dr. em Engenharia Florestal/Conservação da Natureza Professor visitante da Universidade Federal do Amazonas, pesquisador da Embrapa Amazônia Ocidental, e-mail: silas.garcia@embrapa.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

essenciais (água, energia elétrica, telefonia, escola, transporte, posto de saúde, dentre outros). A problemática que motivou a pesquisa foi analisar quais formas de TICs, auxiliaram os agricultores na comercialização da produção agrícola da comunidade ZF4 no período da pandemia covídica (2020-2021). A metodologia utilizada foi a do método dedutivo; quanto aos meios a pesquisa foi estudo de caso, pesquisa etnográfica no primeiro bimestre de 2022 e, quanto aos fins, a pesquisa foi qualitativa. Nos primórdios da ocupação do DAS, a comunidade Unidos Venceremos da ZF4 foi constituída por trabalhadores desempregados, de baixa escolaridade e qualificação, que visualizaram uma chance de moradia, trabalho e renda com atividades agrícolas nas terras do DAS. Indivíduos provenientes de diversas regiões do país, muitos são descendentes de agricultores tradicionais (indígenas e camponeses), que trazem na memória biocultural, saberes e experiências de práticas em agricultura nas condições edafoclimáticas da região. A prática tradicional nas atividades de manejo dos recursos naturais, cultivo de culturas agrícolas, espécies frutíferas, plantas condimentares, hortícolas, medicinais, essências florestais de múltiplos usos, aliados a criação de pequenos animais, denominados de quintais agroflorestais. Essas práticas, traduz o conhecimento etnobotânico desses agricultores, marcados pelo respeito aos ciclos naturais (fases lunares), sua exploração e recuperação dentro da capacidade das espécies de plantas utilizadas. Com a implantação do Programa Luz para Todos pelo governo federal em 2010, a comunidade foi beneficiada com cerca de 50 km de eletrificação rural. Fez-se luz na Comunidade Unidos Venceremos da ZF4, a dança dos *Lampyridae* foram apagadas, com as instalações elétricas nos domicílios, a bomba d'água encheu as caixas d'água possibilitando irrigar as áreas produtivas, a rede de telefonia rural e TV chegou a comunidade, bem como, o celular pessoal. Assim, os agricultores passaram a receber notícias dos parentes, acompanham o telejornal, as novelas, o futebol entre outros programas e notícias. Muitos foram os entraves vencidos, tais como a instalação das antenas e pontos de sinal. O acesso aos meios de comunicação deixou de ser privilégio e tornou-se uma necessidade, fator de acesso a inclusão digital, desenvolvimento sociocultural do agricultor(a) familiar. Entretanto, no período da pandemia covídica, diante das medidas restritivas e suspensão de atividade econômica nas feiras dos produtores rurais, a Era Pós-Digital ou Cultura Digital, chegou no espaço agrário da comunidade DAS/ZF4, obrigando aos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

agricultores (a) a mudarem a forma de comunicação com os clientes. A oferta via internet na área rural pelas operadoras, corroborou na mudança de *habitus* no cotidiano dos agricultores, uma saída da exclusão social vivenciada que, agora, depreendem um novo tempo (horário) a ofertarem a produção dos quintais agroflorestais nas plataforma *e-commerce*, os horários de entregas em domicílio (*delivery*) e as novas formas de pagamento. Com efeito, essa vivência tecnológica possibilitou uma conexão tempo-espaço entre os agricultores familiares e os consumidores através da comunicação em tempo real, que extrapolaram, como assinalamos, a esfera do cotidiano. O problema da presente pesquisa foi respondido, demonstrando que as TICs auxiliaram os agricultores na comercialização da produção agrícola da comunidade ZF4. Os objetivos foram alcançados com a metodologia utilizada que analisou de que forma as TICs garantiram o trabalho, renda e a oferta da produção agrícola da comunidade. Assim, a partir dessa avaliação pode-se inferir que no contexto da cultura digital, as plataformas de mídias digitais/redes sociais são ferramentas de trabalho no espaço agroalimentar, nas terras do DAS-ZF4, estabelecendo nova configuração de interdependência de espaço-tempo, relações sociais, trabalho e renda e oferta de da produção agrícola sustentável. A mídia na produção agrícola e na cultura dos habitantes, influenciou novos saberes aos agricultores conectando campo & cidade atuando como ferramenta essencial para integrar a Sociedade da Informação.

Palavras-chave: Ajuri; agricultores familiares; comunicação; *e-commerce*.

Referências

ARAÚJO, M.I.de; SOUSA, S.G.A.de. Transformações socioagroambientais e territoriais nas comunidades do DAS, ZF4 e ZF5, Manaus-AM. In: IV Simpósio Interdisciplinar de Ciência Ambiental. *Anais... IV SICAM*. São Paulo: IEE-USP, 2022. Disponível em: <<https://bitly.com/6fISOk>>.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Fato ou Boato? O Papel do Jornalismo de Checagem no Combate à Desinformação Durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil¹

Willian Ythano Araújo COSTA²

Lucas Milhomens FONSECA³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

Desinformação e *fake news* são fenômenos recorrentes na sociedade atual, marcada pela ampla produção e disseminação de informações falsas, distorcidas e fraudulentas. A literatura sobre o tema compreende que estamos vivenciando a era da pós-verdade, “um período em que decisões tomadas por apelos emocionais parecem ter mais peso do que aquelas motivadas por fatos objetivos” (FALCÃO; SOUZA, 2021, p.57). Dentre os fatos históricos marcados pela difusão de mentiras e inverdades, destacam-se a eleição presidencial dos Estados Unidos, em 2016, a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), em 2017, e recentemente, a pandemia do Covid-19. Neste último cenário, além da rápida propagação do novo coronavírus, houve uma veloz disseminação de desinformação e *fake news* acerca do vírus e da doença pelo mundo, levando o diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, a considerar a crise sanitária como uma “infodemia”, ou seja, a pandemia da desinformação (PIERRO, 2020). O fato ganhou proporções maiores com a politização da pandemia, onde alguns líderes mundiais disseminaram conteúdos e declarações desinformacionais, a exemplo do presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro. Tal contexto exigiu o trabalho redobrado e necessário das agências de *fact-checking*, conhecidas na forma aportuguesada como jornalismo de checagem. Essas agências são conhecidas por promoverem uma forma inovadora de

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 5) Jornalismo possíveis: ecologia de traduções de mundos do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: willianaraujo122@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR). Atualmente faz Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (Póscom/UFBA), email: lucasmilhomens@ufam.edu.br.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

jornalismo investigativo e colaborativo, atuando de forma independente e comprometida em checar fatos e campanhas de desinformação. Diante disso, o principal objetivo desta pesquisa é identificar e analisar as declarações falsas e desinformativas proferidas pelo presidente Jair Bolsonaro no contexto da pandemia da Covid-19 e que foram checadas pelo Aos Fatos, agência escolhida como *locus* de pesquisa. Para tal, o estudo parte de uma revisão bibliográfica sobre o tema, recorrendo aos autores Teixeira (2018), Serrano (2010) e Falcão e Souza (2021), para a compreensão dos conceitos e características da desinformação e das *fake news*. No que concerne a onda desinformativa na pandemia e o negacionismo do presidente brasileiro frente à crise sanitária, recorreremos a Zattar (2020), Amarante (2021) e Arruda (2021). Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, já que ambas estão interligadas e complementam-se (PRODANOV; FREITAS, 2013). Para análise das declarações checadas pelo Aos Fatos, recorreremos à Análise de Conteúdo (AC), teoria fundamentada por Laurenci Bardin (2011). Os resultados indicam que o Aos Fatos checou 1.164 declarações inverídicas do presidente brasileiro sobre a pandemia da Covid-19, classificadas pela agência com o tema “coronavírus” e coletadas durante o período proposto para esta pesquisa, entre os dias 26 de fevereiro de 2020, data que marca o primeiro caso de infecção no país, até fevereiro de 2021, compreendendo assim um ano da crise sanitária no país. A maioria das declarações foram consideradas pelo Aos Fatos como completamente falsas, seguidas pelas insustentáveis, imprecisas, contraditórias e exageradas, respectivamente. Em relação à Análise de Conteúdo, identificamos e formulamos sete categorias, de acordo com os assuntos desinformativos mais recorrentes nas falas do mandatário brasileiro. A ordem decrescente ficou da seguinte maneira: 1) 292 declarações sobre medicamentos e tratamentos; 2) 221 declarações sobre infecção, sintomas e letalidade; 3) 212 declarações dirigidas às instituições, organizações e personalidades políticas; 4) 203 declarações sobre ações do governo federal; 5) 168 declarações sobre as formas de prevenção; 6) 25 declarações sobre desemprego e diminuição de renda; 7) 23 declarações dirigidas à imprensa. Outras 20 declarações sobre o tema “coronavírus” não se encaixaram em nenhuma das categorias citadas. Observou-se na coleta e análise das declarações do presidente brasileiro sobre a pandemia da Covid-19 uma quantidade expressiva de informações falsas, imprecisas, insustentáveis, contraditórias e exageradas. O líder executivo, desde o



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

início, tornou-se uma fábrica de disseminação de notícias falsas e desinformação, transparecendo marcas de sua ideologia negacionista e anticientífica. O presidente, em diversos momentos, minimizou a gravidade da doença, menosprezou as mortes, propagandeou medicamentose formas de tratamento sem eficácia científica comprovada, ignorou as medidas de proteção, atacou órgãos de saúde, instituições e personalidades políticas preocupadas coma questão sanitária, política e econômica do país. Em outras palavras, o presidente colocou a vida de milhões de brasileiros em risco, já que suas condutas permitiram o afrouxamentodas medidas de contenção e prevenção do vírus, bem como o relaxamento da população em relação a gravidade da doença. É visível que por trás de todas essas manifestações de atentados contra a vida e a saúde da população brasileira estavam as ideologias, crenças, interesses políticos e econômicos do mandatário brasileiro. Nesse caso, a desinformação e a produção de notícias falsas tornam-se estratégias argumentativas para que tais interesses pudessem ser correspondidos pela sociedade brasileira. É neste contexto que a imprensa – tão atacada pelo presidente - assumiu um papel de suma importância, ajudando a combater a desinformação e às *fake news* direcionadas a pandemia da Covid-19, sobretudo a forma inovadora de promover jornalismo independente e investigativo nas plataformas digitais, esclarecendo os fatos de forma objetiva e verdadeira. Acredita-se que este cenário é propício para a valorização do trabalho jornalístico, dos profissionais das agências de checagens, personagens incansáveis na busca do objetivo de manter a população informada.

Palavras-chave: desinformação; *fake news*; covid-19; jornalismo de checagem; aos fatos.

Referências bibliográficas

AMARANTE, Erivelto. **A desinformação como estratégia política:** uma análise dos discursos residenciais durante a pandemia da Covid-19. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.14, n.40, p. 48-67, fev.-maio 2021.

ARRUDA, Robson Lima de. **O negacionismo como artefato da pós-verdade:** Bolsonaro, a pandemia e a educação. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol.5, n.15, Boa Vista, 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. **Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil.** *Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2021.

PIERRO, B. de. **Epidemia de fake news.** *Revista de Pesquisa Fapesp*, 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/epidemia-de-fake-news/>. Acesso em: 29 de Out. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SERRANO, P. **Desinformação: como os meios de comunicação ocultam o mundo.** Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.

TEIXEIRA, Adriana. **Fake news contra a vida: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela.** 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

ZATTAR, Mariana. **Competência em Informação e Desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19.** *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e5391, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5391>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391>. Acesso em: 30 de Out. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Trabalho Acadêmico é Notícia: Divulgação e Democratização da Pesquisa Científica no Icsez/Ufam¹

Klysna ALMEIDA²

Marina MAGALHÃES³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O presente estudo tem por objetivo democratizar os trabalhos acadêmicos do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Campus-Parintins. O estudo é voltado para a popularização do conhecimento científico produzido pelas pesquisas desenvolvidas por professores e alunos da instituição, tendo como fontes os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e artigos publicados no curso de Comunicação Social-Jornalismo. Dessa forma, este trabalho visa observar as condições que interferem na produção e interpretação dos discursos presentes, bem como as propriedades do discurso científico, e como essas produções advindas do espaço universitário são divulgadas para o público externo. Assim, a presente pesquisa tem como estratégia o estudo de caso, com base em coleta de dados e abordagens específicas e direcionadas à análise dos discursos. O trabalho acadêmico tem a sua devida importância por se tratar do resultado dos processos ligados a produção e transmissão do conhecimento. Nesse sentido, quaisquer pesquisas ou estudos acadêmicos são organizados de maneira formal, ou seja, a linguagem empregada é científica e exigem de seus leitores determinados conhecimentos e habilidades. Dessa forma, o Jornalismo e a Ciência se esbarram na acessibilidade das pesquisas. As produções são norteadas pelas normas acadêmicas com uma linguagem culta que se torna inacessível a algumas camadas

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 7) Uma outra universidade possível do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Campus Parintins, e-mail: klysnaalmeida0@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Campus Parintins, email: marinamagalhaes@ufam.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

da população. Outro problema enfrentado, tanto pelo jornalismo quanto pelo meio acadêmico, é a cobrança por volume e rapidez em busca de "audiência" e "reconhecimento". Mediante isso, estudiosos afirmam que o discurso científico está limitado à comunidade científica, o que faz com que a informação ou produções não cheguem ao grande público. A divulgação científica, na sua essência, é a afirmação social na contemporaneidade e se bem divulgada, pode se tornar uma estratégia nas estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais. Diante disso, é necessário que a comunidade científica busque legitimar a sua produção junto à sociedade, recorrendo à mídia, especificamente, à prática do jornalismo científico, para fazer uma possível inter-relação entre organizações formais e comunidades. Sendo assim, é preciso circular informação atualizada, de caráter científico e tecnológico, com uma linguagem mais inteligível. Segundo o sociólogo Simon Schwartzman (2013), "dados mostram que os melhores pesquisadores publicam muito e são muito citados, mas podem existir aqueles com muitas publicações desinteressantes, e outros com poucas publicações e trabalhos, mas de grande impacto" (SCHWARTZMAN, 2013, n.p). Dessa forma, é notório que a disseminação da informação científica séria é necessária para que a sociedade, principalmente as pessoas menos favorecidas, entendam e participem ativamente da democratização científica. Entende-se, assim, que os indivíduos necessitam de algum conhecimento científico para não ser manipulados, já que, com frequência, enfrentamos não apenas notícias falsas, mas também falsas questões, controvérsias criadas para descreditar o valor da evidência científica ou criar no público a sensação de falsas especulações. O acesso à informação científica permite à sociedade participar racionalmente de debates com as informações necessárias e sem preconceitos. Apesar da educação científica ainda ser tida como frágil na sociedade brasileira, uma parcela da população confia na ciência. De acordo com a última pesquisa de Percepção Pública de Ciência e Tecnologia de 2019. (USP, 2019), grande parte dos entrevistados mostrou-se otimista quanto ao desenvolvimento da ciência no Brasil. Na pandemia, por exemplo, os divulgadores científicos ganharam mais visibilidade, visto que, estudiosos e especialistas foram requisitados para dar 'explicações' sobre a situação, por meio dos principais meios de comunicação. Diante da importância da divulgação da ciência estar cada vez mais evidente, este estudo busca analisar quais ferramentas comunicacionais e estratégias são utilizados para



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

divulgar trabalhos acadêmicos no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ), em especial na área de Comunicação Social/Jornalismo. Para tal, parte de um estudo de caso no quais serão coletadas informações por meio de questionários, entrevistas e pesquisa bibliográfica, tendo como público-alvo universitários do curso de Comunicação Social-Jornalismo do Instituto. A partir de uma crítica qualitativa dos dados levantados, com o objetivo de encontrar aspectos negativos, positivos e demais repercussões sobre o assunto, espera repensar outros métodos para a transferência de conhecimento, principalmente em relação à universidade e sociedade civil.

Palavras-chave: Divulgação científica; Trabalho de Conclusão de Curso; Pesquisa acadêmica; Instituições de Ensino; ICSEZ/UFAM.

Referências

SCHWARTZMAN, S. **Publicar ou morrer**. Simon's Site, Rio de Janeiro, 27 dezembro, 2013. Disponível em: <schwartzman.org.br>. Acesso em: 18, julho e 2022.

Maioria dos brasileiros é otimista em relação a ciência e tecnologia. **Jornal da USP**, São Paulo, 25 de jul. de 2019, Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/maioria-dos-brasileiros-e-otimista-em-relacao-a-ciencia-e-tecnologia>>. Acesso em: 21 de jul. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Tecnologias Vestíveis no Contexto da Educação: Uma Reflexão na Perspectiva da “Cidadania Digital” de Di Felice¹

Aline Patrícia Sobral dos SANTOS²

Marcelo de Miranda LACERDA³

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG, MG

Resumo

Refletindo sobre as tecnologias na educação, percebemos que esta oportuniza inclusão e emancipação digital, com empoderamento numa perspectiva cidadã, possibilitando experimentação e gamificação, especialmente como metodologia ativa, inventiva e híbrida (LACERDA; SCHLEMMER, 2018). Resultado da hiperconexão, somos requeridos a adaptações/mudanças na relação humano-máquina e humano-ambiente, ou seja, uma transformação da ideia de interação com a sociedade, no viés da ramificação participativa e transparente que, com o surgimento das tecnologias vestíveis (*wearables*), pode nos levar a mudanças de fato estruturais e paradigmáticas. Neste trabalho, nosso objetivo é refletir sobre a interação humano-máquina-ambiente por meio das Tecnologias Vestíveis como acoplamento no contexto da educação à luz da perspectiva da “Cidadania Digital” de Massimo Di Felice. Partindo da obra de Di Felice (2020), aliada a uma revisão de literatura acerca das tecnologias vestíveis, pautamos os nossos caminhos metodológicos. Nesse sentido, entendemos que a temática das tecnologias vestíveis na educação se faz relevante e necessária por ser uma questão emergente e ainda se apresentar como uma lacuna na literatura. Também, uma vez que tais tecnologias estão se tornando cada dia mais presentes na nossa vida cotidiana, isso dá significado ao conceito de cidadania digital, diante de contextos múltiplos sociais e educacionais, em que temos um indivíduo que necessita se reconhecer em dimensões para além da biológica, tal como

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6. Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Estudante do Curso de Pedagogia do IFNMG/UAB. Graduação em Filosofia (Licenciatura). Especialização em Docência no Ensino Superior, e-mail: aline.filo.edu@gmail.com.

³ Orientador. Professor do Programa de Pós-Graduação de Pós-Graduação em Educação da Unimontes. Professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Doutor em Educação, e-mail: marcelo.miranda@ifnmg.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Di Felice (2020, p. 85) nos explica, “infovíduo é a entidade plural e complexa, composta por redes de diversos tipos: redes biológicas, redes neurais, redes decélulas, redes de tecidos, redes relacionais e sociais (presenciais e digitais), redes de dados digitais (big data, dados pessoais, relacionais etc.)”. Dentro de uma perspectiva de cidadania digital, é possível compreender o quanto nossa condição habitativa se modificou – bem mais evidente após a pandemia da COVID-19. Diante da premissa contextual da obra “A Cidadania digital: A crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais” (DI FELICE, 2020), ficamos frente a uma ecologia em rede interativa, digitalizada e codificada, em que o ser humano perdeu sua centralidade e controle, numa transformação antológica com relacionamentos de complexidade e ecossistemas diferentes, e que são extensão e eficiências inacabáveis. Desse modo, é possível evidenciar uma amplitude da nova maneira de se relacionar com a atmosfera, em que a conectividade, a multiplicidade e a complexidade implicam em novas formas de trabalhar, consumir, interagir, aprender e viver – uma sociedade regida por algoritmos, proporcionadas pelas tecnologias digitais, pela internet das coisas (IOT) e pela inteligência artificial (IA) (DI FELICE, 2020; SANTAELLA, 2021). Tendo essa dimensão de complexidade, hiperconexão e compartilhamento de habitat, o agenciamento das tecnologias vestíveis no processo educacional, aliado à internet das coisas, traduzem-se como forças ambientais no contexto de Educação e não como meras ferramentas. A fim de explorar essa conjunção entre tecnologia e educação a outro nível, por meio das problematizações e possibilidades de interação e imersão, Schlemmer, Oliveira e Menezes (2021) compreendem esse fenômeno como Educação OnLife – que se fundamenta em uma educação ligada à vida, a partir de problemas reais e relaciona ao coengendramento de diferentes conceitos do mundo físico, biológico e digital, como uma experiência híbrida, de em rede nos ambientes digitais e não-digitais que ampliam a nossa capacidade cognitiva e habitativa. O conceito de educação OnLife indica dar um caminho em direção a concepção da cidadania digital, pois, na perspectiva de Di Felice (2020), o infovíduo tem uma consciência para a solução de problemas, reinventar, alterar, aprimorar e edificar nossa sociedade à nível digital. O avanço das inovações tecnológicas nos faz problematizar para onde o agenciamento das tecnologias vestíveis (*wearables*) irá nos levar, quando somadas às potencialidades trazidas pela IOT e pela IA, podem ampliar as possibilidades cognitivas do



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

indivíduo e com isso uma potencialidade nas orientações educacionais, sejam teóricas, metodológicas e avaliativas. Oliveira (2021) sugere que as tecnologias vestíveis proporcionam um habitat hiperconectado sem fronteiras entre humanos e máquinas em um “espaço-tempo-código”, como um coletivo conectivo – ao mesmo tempo online e *offline* –; ou, como explica Di Felice (2020): dentro de uma perspectiva ecológica de se viver e conviver OnLife. Com o passar do tempo, e sua inserção no cotidiano, a tecnologia vem se tornando cada vez mais compacta e mais próxima ao nosso corpo, na finalidade de tornar o seu uso mais natural e imperceptível. Reforçamos aqui a interação humano-máquina como aspecto principal dessa discussão, cuja cultura humana pautada em conectividade, mobilidade e ubiquidade converte o ser humano e as tecnologias digitais em interfaces (SANTAELLA, 2021). Essa hiperconexão, com produção e troca de informação em qualquer lugar e tempo, torna-se mais evidente no contexto das tecnologias vestíveis (p.ex., relógios e pulseiras inteligentes, óculos de realidade virtual etc.), com função fisiológica e dispositivos digitais conectados, coexistindo ao mesmo tempo no mundo real e virtual e possibilitando novas formas de aprender, ensinar, fazer, viver e pensar (MANN; NIEDZVIECKI, 2001). Assim, a partir das análises e reflexões aqui trazidas, podemos compreender que num contexto onde a nossa vida política, educacional, financeira, profissional, pessoal, familiar pode ser gerida, compartilhada e interagida por meio das tecnologias que hoje estão na palma da mão (*smartphones*), mas que migram rapidamente para tecnologias acopladas (vestíveis) como relógios (*smartwatches*), óculos de realidade aumentada, roupas regidas por IOT, iremos desenvolver o habitat atópico (hibridização transitória e fluida de corpos, dados, tecnologias, dispositivos, paisagens e biodiversidades, sem delimitação) e estamos indo em direção às infoecologias, que conforme Di Felice (2020), está ancorando nossa democracia e nossos rituais de participação ativa. Em conclusão, entendemos que as tecnologias vestíveis são um dever no contexto da educação, em que acoplamento e apropriação precisam estar mais presentes em especial na educação pública, principalmente diante da necessidade de diminuir o distanciamento entre a sociedade e as tecnologias, permitindo que a cidadania digital se efetue como conceito inclusivo e emancipador.

Palavras-chave: Tecnologias Vestíveis; Educação; Cidadania digital.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Referências

DI FELICE, M. **A cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020.

LACERDA, M. M.; SCHLEMMER, E. Letramento Digital na perspectiva emancipatória, digital e cidadã no desenvolvimento de práticas educativas gamificadas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 18, p. 645-669, 2018.

MANN, S.; NIEDZVIECKI, H. **Cyborg**: Digital destiny and human possibility in the age of the wearable computer. Toronto: Doubleday Canada, 2001.

OLIVEIRA, L. C. de. **Territórios do invenTAR** – o corpo em rede e a Educação OnLIFE em tempos de wearable. 2021. 263f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo.

SANTAELLA, L. **Humanos hiper-híbridos**: Linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021.

SCHLEMMER, E.; OLIVEIRA, L. C. de; MENEZES, J. O habitar do ensinar e do aprender em tempos de pandemia e a virtualidade de uma Educação OnLIFE. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 45, p. 137-161, abr./jun., 2021.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Fluxo Conectado: O Fluxo Como Um Movimento em Rede¹

Giovanna Barros de LIMA²

Thiago Cardoso FRANCO³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Aprendemos que o caminho da comunicação acontece entre um emissor e um receptor como um fluxo por meio de um canal comunicacional, através de códigos para distribuição de uma mensagem ou informação. Henry Jenkins (2006) acredita que a circulação de conteúdos depende fortemente da participação ativa dos consumidores. Desta forma, segundo Jenkins, na cultura participativa não existe mais o papel separado de emissor e receptor. Com o passar dos anos e com o desenvolvimento tecnológico, novas tecnologias midiáticas permitiram que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumissem formas no ponto de recepção. No livro “O mundo dado”, o autor Cosimo Accoto (2021) afirma que atualmente a cultura está sendo mudada pela difusão de softwares. Vários elementos da sociedade como economia, ciência e cultura estão ativas graças a códigos de software presentes em objetos, processos, mídias e ambientes. Segundo Castells (2018) a globalização e a identidade moldam nossos mundos e nossa vida. Para o autor, a revolução tecnológica e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. São várias as características apontadas pelo autor, dentre elas a sua organização em redes; a cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídias onipresente e a transformação das bases materiais da vida, como o tempo e o espaço. Essa evolução tecnológica permitiu que as conexões sociais pudessem acontecer por meio de sistemas de comunicação mediados e esse processo recebe o nome de conectividade. A conectividade foi desenvolvida com o surgimento da Internet, primeiro com a introdução da Web 1.0 e seguindo da Web 2.0. As melhorias em equipamentos

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 3) O local digital das culturas do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Relações Públicas da FIC-UFG, email: giovanna-bl@outlook.com.

³Doutor em Ciências da Comunicação pela USP e Professor Adjunto da FIC-UFG, email: thiago.franco@ufg.br.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

e softwares, junto com as novas mídias, como as redes sociais e sites se tornaram parte fundamental na vida cotidiana das pessoas, aumentando o nível e a qualidade da conectividade. Van Dijck (2013) sugere o termo cultura de conectividade para definir a junção das práticas que acontecem de forma online e offline e a onipresença das mídias sociais na vida moderna. Para a pesquisadora, essa cultura acontece como um processo de evolução de uma cultura participativa. Castells (2018) aponta que o avanço tecnológico auxiliou a fragmentação das identidades. A identidade do sujeito pós-moderno se torna fluídica, assim como na teoria de Bauman, sobre a sociedade líquida. No universo digital, essa fluidez acontece principalmente devido a construção de ambientes de realidade virtual no ciberespaço, onde as pessoas conseguem configurar o seu perfil conforme suas necessidades e conveniências. Diferente do que Castells nos diz, Azevedo (2014) afirma que por serem fluidas, as identidades do sujeito pós-moderno não permitem uma definição permanente, há um constante movimento e construções de novas identidades, não sendo possível estabelecer ou determinar se existem tipos de identidade verdadeira. Para Pierre Lévy (1996), a identidade do sujeito pós-moderno é virtual, pois ela é desterritorializada, desligada do sentido de tempo e espaço concreto. Assim, a identidade que era vista a partir da construção geográfica de espaço, passa a ser questionada com o advento do ciberespaço. Para Pierre Lévy (2010), a criação de uma obra dentro da esfera digital não se encontra mais limitada ao momento da realização da obra. O autor afirma que uma das principais características na cibercultura é a participação nas obras de quem as consome. Ou seja, para o autor quem consome a obra também pode participar não só na construção de sentido da obra, como também na sua coprodução, já que a obra virtual é aberta por construção. A gravação em estúdio, com auxílio de equipamentos mais elaborados passaram por um processo de convergência onde a partir de agora os músicos podem controlar e produzir seus materiais sem passar pelos intermediários que haviam sido introduzidos pelos sistemas de notação e gravação (editores, intérpretes, grandes estúdios, lojas). É cada vez mais frequente que os músicos produzam suas músicas a partir da amostragem e da reordenação de sons obtidos em estoques das gravações disponíveis. Os fluxos, também conhecidos como baile de favela, baile ou pancadão, são os encontros de jovens nas ruas para ouvir e dançar funk. Segundo Pedro (2017), esses encontros acontecem em algumas regiões de São Paulo e as músicas são tocadas



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

em caixas de som dos carros. Muitos MCs de São Paulo iniciam suas carreiras e lançam suas primeiras músicas nos Fluxos. É na internet onde as principais movimentações para a realização dos bailes funks acontecem visto que as festas de funk começam com pequenos grupos ao redor de um carro, com aparelhagem de som, logo esses pequenos grupos começam a espalhar a festa por meio de suas redes sociais e não demora muito para tomar conta de uma rua. Pedro (2017) aponta que a principal forma de organização e divulgação dos fluxos vêm através de páginas do Facebook. Entretanto, as páginas no Facebook ficaram cada dia mais visadas pela polícia. Assim, a forma de comunicação migrou para o Instagram e WhatsApp, principalmente devido a utilização dos *Stories*, que ficam disponíveis apenas por 24 horas. É importante ressaltar que, segundo Azevedo (2014), é através do ciberespaço onde o homem cria novas formas de interações e é por meio de comunidades virtuais que pode-se participar de tribos em que se sente pertencente. Com a revolução tecnológica a criação e desenvolvimento da música possibilitou que o funk criasse sua própria linguagem, identidade e independência. Além disso, a forma organizacional dos eventos relacionados ao funk é o que mais nos chama atenção, visto que inicia-se na internet e toma grandes proporções offline. O Fluxo se torna um movimento em rede no momento em que ele se inicia digitalmente e passa a reunir, presencialmente, até dez mil pessoas em uma única noite - como no caso do Baile do Helipa. Essas conexões realizadas corroboram com a teoria da cultura de conectividade, onde acontece a junção das práticas de forma online e offline. Outro ponto importante de ressaltar é a criminalização e repressão que o Fluxo vêm sofrendo. Isso está ligado a uma criminalização do funk e ao estereótipo do funkeiro, que passa a ser noticiado de forma estigmatizada pela mídia.

Palavras-chave: Funk; Conectividade; Digital; Identidade; Ritmo.

Referências

AZEVEDO, Thiago Guimarães. Identidade Digital: A crise das identidades no ciberespaço. *ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia*, v. 8, n. 1, 2014.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Editora Paz e Terra, 2018.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Aleph, 2015.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ACCOTO, Cosimo. **O mundo dado**: cinco breves lições de filosofia digital. Paulus Editora, 2021.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

PEDRO, Thomaz Marcondes Garcia. É o fluxo: “baile de favela” e funk em São Paulo. Proa: **Revista de Antropologia e Arte**, v. 2, n. 7, p. 115-135, 2017.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: A critical history of social media. Oxford University Press, 2013.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

As Redes e Ecologias Comunicativas no Enfrentamento à Mineração em Mg: Ativismos Socioambientais nas Conexões de Cidadãos e Territórios Atingidos.¹

Adriana BRAVIN²

Luisa Silva Baraldo PAIVA³

Universidade Federal de Ouro Preto, MG

Resumo

Esta comunicação indaga: o que indivíduos, movimentos sociais, comunicadores estão fazendo para comunicar, resistir e enfrentar as ameaças e situações catastróficas envolvendo a mineração, em Minas Gerais? Como lidar com a lógica da incerteza e a crueldade do “terrorismo de barragem” (MANUELZÃO, 2019) institucionalizado pela “lama invisível” que ameaça territórios? Latour responde: “São os confrontados com questões de sobrevivência que têm o repertório para inventar novas conexões” (LEMOS, 2013). Essas novas conexões, como formas de existência, de habitar a rede (DI FELICE, 2017), se expressam em activismos nas redes ecológicas comunicativas dos que vivem sob a pressão das situações de injustiças ambientais, como as vivenciadas nos territórios atingidos pelos crimes da mineração, em Minas Gerais. É no campo imbricado pelas ações de cidadania e de participação nas expressões de lutas por direitos diversos que se erguem espaços de comunicação cidadã e de co-produção do conhecimento, nos quais os sujeitos utilizam-se de formas de participação na esfera pública, potencializadas pelas redes sociais digitais, onde “habitamos” como uma rede de cidadãos conectados. Esse espaço público de oposição em rede oportuniza que produzamos novos conhecimentos e aprendamos, com a tecnologia, novas experiências e outras inteligências como “cidadãos totais”. Como e em que contextos as redes são mobilizadas por cidadãos, cidadãs, coletivos e movimentos sociais afetados pela mineração? O que compartilham e como conectam suas ações? E quais as formas de interação, participação e conflitualidade manifestam? Essas são perguntas que

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 4) Net-ativismo, participação e conflitos em redes do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Doutora em Comunicação (UFMG), professora do curso de Jornalismo (UFOP), email: adriana.bravin@ufop.edu.br

³ Estudante de Graduação do curso de Jornalismo da UFOP, email: luisa.paiva@aluno.ufop.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

orientam o projeto de iniciação à pesquisa, “Rompendo a lama no contexto informacional: mapeamento das práticas de comunic(a)ção e cidadania nos desastres da mineração em MG”, que contou com bolsa de Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propp), da Universidade Federal de Ouro Preto (MG) e cujos resultados preliminares apresentamos nesta comunicação. No contexto de onde falamos, mineradoras-pilhas de estéreis-lama-barragem-talude-sirene atuaram e modificaram a vida de milhares de pessoas no território físico do Quadrilátero Ferrífero (QF), onde localiza-se o epicentro dos dois desastres-crime causados pela mineração, em Minas, mas também no infoterritório das redes sociais digitais (MARTINUZZO, 2016). Ao invocar o conceito de infoterritório referimo-nos ao cotidiano midiático que estrutura uma nova territorialidade simbólico-cognitiva baseada em processos comunicacionais em que estão presentes tanto a utilização de interfaces midiáticas (redes de mídia on e off-line) quanto fluxos informacionais. Nesse sentido, a investigação, ainda em curso, objetiva contribuir para a sistematização de uma metodologia para mapeamento de redes de produção das formas habitativas atópicas (DI FELICE, 2017), como as que buscamos identificar por meio das conexões promovidas pela ação ativista de cidadãos, cidadãs, movimentos sociais e comunicadores que buscam romper a lama no infoterritório disputado pela mineração. Isto porque, no atual contexto da conectividade, somos chamados a construir a informação, a verificar o que faz e não faz sentido, compartilhamos e coproduzimos um infoterritório. Uma das hipóteses desta pesquisa é que essa forma habitativa atópica – um lugar fora do lugar (DI FELICE, 2017) – talvez esteja na paisagem que se “reconstrói” rompendo a lama no contexto informacional, onde território, coisas e pessoas se (info)materializam na rede (DI FELICE; PEREIRA, 2017) em uma “ecologia comunicativa digital”. Essas formas comunicativas e habitativas da informação em ambientes hiperconectados, como o que vivemos com a Internet contemporânea – que conecta tudo o que existe – são expressões do que o sociólogo Massimo Di Felice (2017) denomina como um novo tipo de ecologia. A correlação deriva do pensamento de James Lovelock que compreende a forma de conectividade e organização da natureza, Gaia, como uma cultura de redes onde tudo está conectado a tudo. Desse modo, intenciona-se mapear tais conexões por meio da ação (práticas comunicativas) de cidadãos, cidadãs, movimentos no infoterritório disputado pela mineração. Desse modo, iniciamos uma cartografia atópica em



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ambiente digital e não-digital, para mapear as redes e ecologias comunicativas constituídas por redes sociais cidadãs (AGUIAR, 2007) no compartilhamento de conexões de apoiadores, cooperação, solidariedade, informações e denúncias contra a violação de direitos humanos, civis e sociais envolvendo a atividade de mineração de ferro, em Minas Gerais, e à vida nos territórios atingidos e ameaçados por esta atividade, a partir dos marcos temporais de dois desastres recentes da mineração de ferro: 5 de novembro de 2015, barragem de Fundão (Samarco, Vale, BHP Billiton), em Mariana, MG; e 25 de janeiro de 2019, barragem do Córrego do Feijão (Vale), em Brumadinho, MG. Mas foi durante a pandemia da Covid-19 que algumas ações de ameaça da mineração alcançaram maior intensidade, como apontado em nosso levantamento inicial. O principal objetivo desta proposta é fomentar o uso do método da cartografia em trabalhos no campo da Comunicação e nos estudos envolvendo as emergências da área, como a atuação de cidadãos e cidadãs em redes ecológicas comunicativas. Como não se trata de um modelo pronto de metodologia a ser aplicado a um objeto de pesquisa, nós tomamos o cuidado, a partir da proposta de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), de abordar a cartografia como um método processual, que necessita ser praticado para ser compreendido. E, ainda, como um rizoma – conceito tomado de Deleuze e Guattari – para ser entendido, o mapeamento nos pediu que a construção cartográfica fosse pensada como um sistema em que não há uma raiz única e, sim, ramificações a partir de diferentes pontos. O caminho traçado para se chegar ao método cartográfico propõe: 1) o pesquisador parte de um planejamento que terá indicativos dos passos a seguir; 2) observação e registro de dados; 3) organização dos dados a partir das repetições encontradas no objeto de pesquisa e suas linhas de fuga; 4) interpretação dos dados. Nossos dados preliminares apontam a existência de uma rede conectiva-comunicativa entre movimentos socioambientais, cidadãos, cidadãs e comunicadores articulados, principalmente, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em torno de ativismos em defesa de serras e localidades ameaçadas e/ou atingidas pela mineração, que compartilham campanhas, atividades, conteúdos e *hashtags*, além de ferramentas digitais de pressão social, possuem vinculação ao território local, mas expandem as conexões regional e nacionalmente, como a mobilização em defesa da Serra do Curral, que alcançou maior projeção a partir de abril de 2022 com a campanha #Tiraopedaminhaserra.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Palavras-chave: ativismo digital; redes sociais; conflitos socioambientais; mineração

Referências

AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. GT: tecnologias de Informação e Comunicação. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1977-1.pdf>

FELICE, Massimo Di. **Net-Ativismo**. Da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

FELICE, M.; PEREIRA, E (orgs). **Redes e Ecologias Comunicativas Indígenas**. As contribuições dos povos originários à Teoria da comunicação. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas**. Teoria ator-rede e cibercultura". São Paulo: Annablume, 2013.

MANUELZÃO. O Terrorismo das Barragens. **Revista Manuelzão**, no. 84, 2019, pág. 22. Disponível em: <https://manuelzao.ufmg.br/biblioteca/revista-manuelzao-84/>.

MARTINUZZO, José Antonio. Prólogo - Territorialidade: o que é isso?. In: MARTINUZZO, José Antonio; TESSAROLO, Marcela (orgs.). **Comunicação e territorialidades**: as pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social, 2016.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.



Uma Proposta de Estudo de Caso Sobre a Construção de Espaços de Aprendizagem Híbridos no Ensino de Língua Inglesa à Luz da Educação *Onlife*¹

Camila Scheifer LAWSON²

Marisa Helena Cleff dos SANTOS³

Universidade Federal de Rio Grande, FURG, RS

Nesta comunicação, discorreremos acerca de um projeto de mestrado sobre a construção de espaços de aprendizagem híbridos no ensino de língua inglesa à luz da Educação *Onlife* (SCHLEMMER; MOREIRA, 2020). A presente proposta alinha-se a um projeto de educação linguística (BAGNO, 2003) que pensa o ensino de língua como caminho para a construção de sujeitos éticos, críticos, e protagonistas, capazes de se engajarem ativamente nas cadeias discursivas que se articulam no meio digital por meio de recursos semióticos que incluem a língua inglesa. Isso significa pensar o ensino de língua inglesa em termos de práticas de construção de sentido - letramentos - que envolvem sujeitos, tempos, espaços, recursos materiais e recursos semióticos específicos (SCHEIFER; REGO, 2020).

Sob esse viés, a presente proposta de estudo tem como objetivo propor a construção de espaços de aprendizagem híbridos que promovam o ensino de língua inglesa com vistas à cidadania digital. Ribble (2004) define a cidadania digital como o conjunto de “normas de comportamentos apropriados e responsáveis relativamente ao uso da tecnologia” (p. 7). Outros autores, como é o caso de Collier (2009), situam a cidadania digital no âmbito do pensamento crítico e das opções de natureza ética, relativamente às percepções dos conteúdos mediados pela tecnologia e suas influências sobre os indivíduos e a comunidade.

A Educação *OnLife* interessa a este estudo pois compreende uma educação que se dá a partir de relações em rede entre humanos e não humanos (SCHLEMMER; DI FELICE, SERRA, 2020). Logo, partindo da perspectiva de uma Educação *Onlife* (SCHLEMMER;

¹Trabalho apresentado à mesa coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital.

²Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rio Grande – FURG

³Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rio Grande - FURG



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

MOREIRA, 2020) que pensa o ensino como algo conectado à vida, esta proposta justifica-se na medida em que busca legitimar a construção de espaços de aprendizagem híbridos no contexto de ensino de língua inglesa, ou seja, espaços com potencial pedagógico que se articulam no entrecruzamento do mundo físico e digital de uma comunidade acadêmica específica. Tal proposta ganha relevância quando consideramos que os ambientes de ensino ainda parecem ser organizados sob uma lógica que coloca em relação dicotômica o espaço de sala de aula e o espaço virtual. Entendemos que a articulação desses espaços se faz possível na medida em que certos recursos (materiais e semióticos), sujeitos, tempos e fazeres são estrategicamente agenciados pelo professor no intuito de promover o que se entende por aprendizagem. Nesse processo, se faz fundamental atentar para as possibilidades oferecidas pela experiência espacial para que novas formas de presença emergjam e, assim, encaminhem o estabelecimento de vínculos sociais legítimos entre os aprendizes, o que entendemos ser prerrogativa para um ensino comprometido com a construção da cidadania.

Para dar conta do objetivo geral da proposta referida, será desenvolvido um estudo de caso de natureza qualitativa com alunos do quarto semestre do curso de graduação em Letras Português-Inglês Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), pelo período de 4 semanas, no qual se buscará propor sequências pedagógicas para o ensino de língua inglesa que se organizam e se desdobram por entre diferentes espaços. Nesse estudo, buscaremos observar como a articulação de espaços é capaz de promover formas de presença que encaminham um ensino de língua inglesa favorável à construção da cidadania digital. Nesse sentido, Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) afirmam que o estudo de caso justifica sua importância por reunir informações numerosas e detalhadas que possibilitem apreender a totalidade de uma situação. A riqueza das informações detalhadas auxilia o pesquisador num maior conhecimento e numa possível resolução de problemas relacionados ao assunto estudado.

Para o estudo de caso, serão utilizados instrumentos de pesquisa como: questionários, entrevistas, gravações em áudio e vídeo das atividades pedagógicas e notas de campo da professora pesquisadora.

Para dar encaminhamento a esse estudo de caso iremos:



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

1. Realizar um levantamento do perfil dos estudantes por meio de questionário semi-berito. Neste momento, os alunos serão entrevistados, via questionário estruturado e semi-estruturado no Google Forms, para levantamento de perfil. O questionário tem o intuito de identificar o perfil sócio-econômico e cultural dos alunos, a fim de que se possa compreender o nível de letramento deles e suas expectativas em relação ao uso das tecnologias no ensino da língua inglesa. Se necessário, a partir do que for identificado neste levantamento, a professora pesquisadora poderá recorrer a entrevistas abertas para checagem de questões específicas;

2. Apresentar e Monitoramento das sequências didáticas:

Em reunião na sala de aula física, a professora pesquisadora irá apresentar o projeto pedagógico (composto de 4 sequências didáticas) que será desenvolvido ao longo das 4 semanas da pesquisa, explicando os objetivos da atividade e suas etapas. Para realização das atividades, serão de saída apresentadas as plataformas do Canva, do AVA FURG, do Genially, do Hilokal e do GoBrunch, e também serão organizados grupos para a turma no WhatsApp e no Facebook. Esses espaços serão monitorados durante toda a realização da pesquisa. As sequências didáticas que comporão o projeto pedagógico serão estruturadas seguindo princípios das metodologias ativas (MORAN, 2015), como rotação por estações e personalização, de forma a que a realização das atividades se dê na circulação por entre espaços físicos e virtuais.

3. Sobre as plataformas: Whatsapp e Facebook

Espera-se que o grupo do Whatsapp sirva como suporte para comunicação diária entre professora pesquisadora e alunos, alunos e alunos, especialmente para troca de informações, para avisos e para checagem possíveis dúvidas relativas às atividades propostas. Já em relação ao grupo no Facebook, espera-se que sirva para a exposição dos trabalhos que forem sendo criados ao longo do projeto.

Plataforma GoBrunch <https://br.gobrunch.com/>

Para a atividade virtual serão utilizados os recursos da plataforma GoBrunch para promover engajamento e interação entre os alunos. O Gobrunch é um espaço de interação criado por brasileiros.⁴ e usado no mundo todo. O pesquisador pode configurar um layout de sala para suas aulas e os alunos podem escolher seus assentos virtuais e terem, inclusive, seus corpos

⁴ Richard Lowenthal e Mike Watanable



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

projetados por meio do recurso da câmera. Cada usuário é representado por um avatar ou por sua própria imagem e, quando ele fala, um pequeno balão é projetado acima dele. Nesta plataforma é possível ligar câmeras, compartilhar a tela, carregar slides e ligar o microfone de todos os participantes ao mesmo tempo, dando assim uma ideia mais próxima de um ambiente real.

Plataforma Hilokal <https://www.hilokal.com/>

Este recurso será apresentado aos alunos da pesquisa e iremos analisar se o aplicativo cumpre com o seu papel de ambiente que ajuda aprendizes a adquirir uma língua junto a nativos de língua inglesa. Hilokal⁵ é um aplicativo gratuito de intercâmbio e aprendizagem de idiomas para praticar facilmente a conversação com nativos.

Ambiente de criação com os participantes:

A ideia é apresentar a eles um ambiente de escape room, onde todos irão criar uma escape, uma em um ambiente físico e uma outra em ambiente virtual. Usando recursos como Google forms e Genially. Após iremos pensar juntos em outros ambientes de criação, então neste ponto da pesquisa ela será conduzida por ideias novas criadas pelos alunos juntamente com a pesquisadora.

4. Realizar entrevista sobre a experiência pedagógica por entre espaços. Ao final da realização das 4 sequências didáticas, os alunos responderão a um questionário no Google Forms com questões relativas à experiência proposta, mas especificamente em relação à interação, à participação, ao engajamento e à aprendizagem.. **Se necessário, a depender das respostas fornecidas nos questionários, entrevistas abertas poderão ser realizadas para checagem de questões específicas.**

O corpus da pesquisa será analisado e discutido a partir do referencial sobre os Estudos de Letramento (SCHEIFER; REGO, 2020), Educação *Onlife* (SCHLEMMER; MOREIRA, 2020) e Cidadania Digital (COLLIER, 2009). Esperamos que o estudo aponte caminhos para se pensar o ensino de língua inglesa na perspectiva de uma educação híbrida (BACICH; TANZI, TREVISANE, 2015) Isto é, uma educação que assuma a experiência espacial dos alunos de maneira integrada e reconheça a necessidade de um tipo de cidadania que responda a

⁵ Jeongho Yun – CEO



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

um mundo em que as esferas online e offline estão integradas. Nesse mundo, a presencialidade rompe as barreiras do espaço geográfico físico para incluir as formas de presença do virtual.

Palavras-chave: educação *online*; espaços de aprendizagem; ensino híbrido; espaços virtuais; cidadania digital.

REFERÊNCIAS

BACICH, L. TANZI, N. A. TREVISANE, F. M. **Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola, 2003.

BRUYNE, P. HERMAN, J. & SCHOUTHEETE, M. (1977). **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais:** os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

COLLIER, A. (2009). **A definition of digital literacy & citizenship.** Net Family News. Recuperado de: www.netfamilynews.org/?p=28594

MORAN, J. M. **Mudando a educação com metodologias ativas.** Revista Foca Foto (UEPG). V II. 2015.

RIBBLE, M.; Bailey, G.; Ross, T. (2004). Digital Citizenship: Addressing Appropriate Technology Behavior. **Learning & Leading with Technology**, 32 (1), 6-9.

SCHEIFER, C; REGO, M. **Tecnologias e ensino de línguas:** Uma década de pesquisa em linguística aplicada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2020.

SCHLEMMER, E.; DI FELICE, M.; SERRA, I. M. R. S. **Educação OnLIFE: a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem.** Educar em Revista, Curitiba, v. 36, e76120, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.76120>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SCHLEMMER, E.; MOREIRA, J. A. **Ampliando conceitos para o paradigma de educação digital OnLIFE.** Interações, Santarém/Portugal, v. 16, p. 103-122, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/21039>. Acesso em: 10 jul. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Net-Ativismo Ameríndio: A Resistência nas Redes Sociais Digitais¹

Ana Beatriz Viana de MELO²

Marina MAGALHÃES³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

Desde as primeiras décadas do século XXI, com a disseminação da internet como um dos principais meios de comunicação, as organizações indígenas estabeleceram uma nova forma estratégica de integrar as tecnologias digitais em suas lutas políticas, resultando em ações de resistência net-ativistas. Logo, as experiências net-ativistas indígenas, seja em perfis em redes sociais, arquivos audiofônicos, websites, audiovisual, entre outras, não significam somente uma nova forma de comunicar, mas também novas formas de representação de si, de resistir, reivindicar, denunciar e potencializar lutas em defesa dos seus direitos e preservação dos valores ancestrais. Trata-se, assim, da apropriação das novas tecnologias na disseminação de novas práticas culturais, vetores e resultados do processo de digitalização no qual territórios, pessoas e coisas se materializam, conforme mostra Pereira (2010; 2012; 2018). Para Massimo Di Felice (2013), as novas formas de ativismo que surgem em colaboração com as redes digitais são um marco revolucionário na natureza da produção e comunicação da informação. Sendo assim, este estudo busca entender as iniciativas dos movimentos indígenas nas redes sociais digitais, em especial na plataforma Instagram, com foco nas ações de resistência desenvolvidas pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) diante do cenário de fake news. A Coiab surgiu em 1989, com a iniciativa de lideranças de organizações indígenas para representar e defender seus direitos, promulgada na Constituição de 1988. Logo,

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 3) O local digital das culturas, do III Congresso Internacional de Cidadania Digital – Bolsista Fapeam no Programa de Apoio à Iniciação Científica - PAIC UFAM 2022-2023.

²Estudante de Graduação 8º. Semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da ICSEZ/UFAM, email: anabeatrizvianamel@gmail.com. Bolsista Fapeam no Programa de Apoio à Iniciação Científica - PAIC UFAM 2022- 2023.

³Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins (ICSEZ/UFAM), email: marinamagalhaes@msn.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

o estudo pretende entender como uma entidade ativista consolidada passou a fortalecer suas lutas no ativismo digital, suas estratégias de comunicação anticolonial e o combate a desinformação e fake news. A partir de experiências que envolvem de forma intensiva a participação de humanos e não-humanos, em registrar suas próprias referências tradicionais, constituem um significativo e vantajoso processo de reconfiguração no ambiente digital. Entre os objetivos específicos estão contextualizar os povos ameríndios no âmbito da internet, percorrendo abordagens acerca do net-ativismo (MAGALHÃES, 2018) e do net-ativismo ameríndio (FRANCO, 2019), e analisar a emergência dos movimentos digitais no combate a desinformação e fake news. Quanto ao tipo de pesquisa, este estudo parte de uma base metodológica amparada na revisão bibliográfica sobre o tema, a partir de contribuições do campo da Comunicação, e na pesquisa netnográfica. Gil (2002) define pesquisa bibliográfica como aquela "desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (p. 44). Já em relação à pesquisa netnográfica, Kozinets (2010, 2014) afirma que a netnografia é um método de pesquisa baseado na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por aparelhos via acesso à internet como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunais. A análise netnográfica considera não apenas as palavras usadas nas interações sociais, mas também os elementos do fórum, as características dos interlocutores, a linguagem, a história, os significados e o tipo de interação realizada. Como fundamentos teóricos, a intenção de investigar a entidade Coiab considera a ecologia comunicativa digital, que de acordo com Di Felice (2013) se volta para as múltiplas localidades das suas ações. Essas têm como origem as redes digitais e continuam nas ruas das cidades ou nas florestas, sem deixar a sua dimensão informativo-digital, sendo filmadas, transmitidas, fotografadas, postadas e comentadas online. Expressam, assim, as dimensões não apenas locais ou urbanas, uma vez que a qualidade dessas ações e sua eficácia são o resultado muito mais de suas capacidades conectivas atópicas do que de suas específicas localidades físicas e geográficas (DI FELICE, 2013). Sendo assim, é possível identificar que esta organização se caracteriza dentro das ações net-ativistas, o uso da internet como extensão das aldeias de lutas, com produções realizadas pelos próprios povos por meio de site oficial e informações em perfis



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

de rede sociais. A rede ativista Coiab tem 33 anos em defesa dos povos indígenas, a coordenação está presente em 64 regiões de base na Amazônia. O perfil oficial no Instagram (@coiabamazonia) será a base na análise dos conteúdos postados no período do dia 31 de outubro a 7 de novembro, semana seguinte da eleição presidencial de 2022, relacionados à defesa dos povos indígenas. Parte-se da hipótese de que iniciativas como esta contribuem no processo de conscientização sobre as representações dos povos indígenas. Ademais, espera-se, com este trabalho, contribuir nas discussões do protagonismo ameríndio da Amazônia nas perspectivas net-ativistas e de cidadania digital, tornando-se relevante para a compreensão posteriores em outros períodos históricos em contextos sociais e culturais.

Palavras-chave: net-ativismo; resistência; redes sociais; povos indígenas; Coiab.

Referências

DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 267-283, 2013.

DI FELICE, M. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. **MATRIZES**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 4971, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69406>. Acesso em: 29 set. 2022.

DI FELICE, M.; PEREIRA, E. S. (Org.). **Redes e ecologias comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2017.

FRANCO, T. **Ameríndios Conectados: As formas comunicativas de habitar e narrar o mundo, de acordo com as imagens dos modernos e dos Krahô**. Tese de doutorado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2019.

GIL, A. C. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

MAGALHÃES, M. **Net-ativismo: protestos e subversões nas redes sociais digitais**. Lisboa: ICNOVA, 2018.

PEREIRA, E. Mídias Nativas: a comunicação audiovisual indígena – o caso do projeto Vídeo nas Aldeias, **Revista Ciberlegenda**, n. 23, 2010.

PEREIRA, E. **O local digital das culturas: as interações entre culturas, mídias digitais e territórios**. Tese de Doutorado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.

PEREIRA, E. Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço. São Paulo: **Annablume**, 2012.

PEREIRA, E. A ecologia digital da participação indígena brasileira. **Lumina**, v. 12, n. 3, p. 93-112, 2018.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**Reinventando a Proposta dos Círculos Dialógicos Investigativo-Auto(trans)Formativos:
Círculos Presenciais-Virtuais.¹**

Ivani SOARES.²

Celso Ilgo HENZ.³

Universidade Federal de Santa Maria, RS

Resumo

No Rio Grande do Sul, pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisas “*DIALOGUS: educação, formação e humanização com Paulo Freire*”, da UFSM, estão desenvolvendo, desde 2003, uma metodologia de pesquisa que foi consolidada em 2011; é a proposta epistemológico-política dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos, que tem aportes em Freire, com a reinvenção dos Círculos de Cultura, e em Josso, com a pesquisa-formação. Até o início de 2020, os encontros aconteciam, principalmente, na forma presencial, a partir da pandemia, passaram a acontecer de forma virtual. Os estudos e a aplicação prática, em inúmeras Dissertações e Teses, da UFSM e de outras Instituições de Ensino, permitiram identificar alguns movimentos: a escuta sensível-olhar aguçado (é preciso educar a sensibilidade do olhar, fazer silêncio para ver e escutar o outro); a emergência-imersão das/nas temáticas (requer uma imersão nos contextos dos participantes, adentrar e implicar-se nas temáticas); o distanciamento-desvelamento da realidade (quanto maior o afastamento, mais é possível adentrar na realidade e intervir sobre ela); a descoberta do inacabamento (reconhecer-se como não determinado, com possibilidades de vir-a-ser, transformando a si e à realidade condicionante); os diálogos problematizadores (dinamizam os encontros); o registro re-criativo (a partir da reflexão crítica sobre a prática, (re)pensar, (re)fazer, (re)criar); a conscientização (ato de ação-reflexão-ação, constitui a práxis e amplia a leitura de mundo - leitura da palavra que nos constitui em

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenadora 7) Uma outra universidade possível do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional; Doutoranda em Educação; Colaboradora do Grupo de Estudos e Pesquisas “*DIALOGUS: educação, formação e humanização com Paulo Freire*”, da UFSM, e-mail: ivanirodhen@gmail.com.

³ Doutor em Educação (UFRGS, 2003). Professor Associado 2 da UFSM. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa “*DIALOGUS: educação, formação e humanização com Paulo Freire*”, e-mail: celsoufsm@gmail.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

singularidades com as outredades); a auto(trans)formação (nas nossas diferenças, nos aproximamos e intersubjetivamente nos auto(trans)formamos). Os encontros, sejam presenciais ou virtuais, iniciam com uma “ambiência de pertencimento” promovida pelo dinamizador, partindo do pressuposto de que “os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 2016, p. 96) e com aportes em Josso, para quem “estes movimentos dialéticos e proativos podem ser assumidos como ‘pesquisa-formação’” (HENZ, In: HENZ; TONIOLO, 2015, p.20). A proposta é dinâmica e está em constante auto(trans)formação. A medida em que os encontros para estudos-pesquisa são desenvolvidos, novas implicações e novos desdobramentos são identificados, desvelando movimentos que se materializam na percepção dos integrantes do Grupo. A realização de Círculos virtuais inaugurou uma nova perspectiva e ampliou as possibilidades de pesquisa, agora sem limites geográficos ou temporais. Entre 2017 e 2019, ousamos andarilhar com essa proposta junto a gentes egressas de programas EJA/PROEJA⁴ que conseguiram ascender ao Ensino Superior, especificamente, aos Cursos de Pedagogia da UFSM. A partir da imersão-emersão dos temas geradores pela leitura da palavra-leitura de mundo dessas gentes interlocutoras-coautoras, construímos uma agenda de propostas de acolhida e permanência no ensino superior. O referencial teórico utilizado foi a Pedagogia de Freire em diálogo com os estudos de Josso (2010), Henz (2003, 2015), Pereira (2015), Brandão (1981) e Santos (2011). Uma pesquisa com abordagem hermenêutica que andarilhou com a pedagogia dialógica, tendo um olhar aguçado e uma escuta sensível para compreender o sentido das necessidades dessas/es estudantes-coautoras/es. Aconteceram encontros presenciais concomitantes com os diálogos via grupo criado no aplicativo whatsapp para contemplar também aqueles que preferiram manter-se no anonimato. Nos encontros dialógicos, testemunhamos o processo de auto(trans)formação dos participantes pela conscientização advinda da reflexão, também acerca da própria responsabilidade na condução dos estudos e da necessidade de empoderamento pessoal, assumindo seu lugar como acadêmicas/os de uma IFES, pública. Propomos iniciativas de acolhida/permanência tais como recepção programada institucionalmente, trote solidário;

⁴ Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação como pré-Requisito para a obtenção do título de Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional da UFSM. Título: Acolhida e permanência de egressas e egressos EJA-Proeja no ensino superior: auto(trans)formações possíveis. 176 p. 2019. Disponível em <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25/discover>, acesso em 13/10/2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

ações de convivência calouros-veteranos; atividades de integração, valorização da diversidade, das culturas e etnias; divulgação dos benefícios socioeconômicos em termos de bolsas, apoios e recursos estudantis; abertura de canais de comunicação online; oficinas sobre as plataformas, etc. Acreditamos que a proposta dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos, permite vislumbrar a construção de uma outra universidade possível, mais acolhedora, mais dialógica, que compreende o poder da palavra e acredita na construção de viáveis possíveis pelo trabalho conjunto, presencial ou virtual, considerando que a tecnologia digital torna o longe, perto, real e efetivo.

Palavras-chave: círculos dialógicos; pedagogia dialógica; egressos EJA/PROEJA; ensino superior, círculos virtuais.

Referências

BRANDÃO, Carlos R. **O que é o método Paulo Freire**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2016.

HENZ Celso Ilgo; TONIOLLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade Toniolo (Orgs.). **Dialogus:** círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores. São Leopoldo. OIKOS, 2015.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Trad. Albino Pozzer. EdiPUCRS. Porto Alegre. 2010.

PEREIRA, Thiago Igrassia. **Classes populares na universidade pública brasileira e suas contradições:** a experiência do Alto Uruguai Gaúcho. Curitiba, PR. Editora CRV. 244 p. 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A UNIVERSIDADE DO SÉCULO XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**A Configuração da Cidadania Digital no Instagram e o Uso da Hashtag #Florestaempé
como Forma de Mobilização Social Sobre a Amazônia.¹**

Jessica de Souza CARNEIRO.²

Walter Teixeira Lima JÚNIOR.³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Em plataformas de redes sociais como o Instagram, cada vez mais usuários(as) cidadãos(ãs) podem estar/manifestar-se vigilantes à mídia e ao social, do que pode ou não decorrer, por exemplo, a mobilização via *hashtags* em espaços sociotécnicos da contemporaneidade. Abordando as sociabilidades humanas nesse cenário atual e midiaticado (COLDRY; HEPP, 2016), notamos que a mobilização social digital é intrínseca ao contexto sociocultural contemporâneo. Nesse cenário, o intermediário da imprensa já não é indispensável para conferir visibilidade a determinados conteúdos (SODRÉ, 2021). De fato, vivenciamos atualmente uma fusão dos campos tecnológico, comunicacional, científico, econômico, político, social e cultural enquanto fenômeno global que provoca o agenciamento de redes com motivações as mais diversas e que afetam toda uma coletividade. Desta feita, compreendemos a circulação (BRAGA, 2017) enquanto elemento distintivo de novas lógicas e hábitos comunicacionais onde podemos situar o uso das *hashtags* para a defesa da Amazônia, que, em nossa avaliação evocam um novo ecossistema de manifestação a partir do que Di Felice (2020, p. 10-11) denomina cidadania digital. Por isso, propomos que o uso de *hashtags* como #florestaempé, por exemplo, contribuem para a formação e disseminação de novos e diferenciados processos comunicacionais que visam chamar atenção sobre a necessidade de conservação da Amazônia, o que pode ser feito por meio da filtragem de exemplos fundamentados (FRAGOSO et. al., 2015) na *timeline* de buscas do próprio Instagram.

Palavras-chave: Instagram; cidadania digital; circulação; *hashtags*; #florestaempé.

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 2) Práticas de cidadania digital para se conectar com a Floresta Amazônica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jessica.souza.jor@gmail.com.

³ Orientador da pesquisa pelo PPGCOM/UFPA. E-mail: walterteixeiralimajunior@gmail.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Referências

BRAGA, José Luiz. **Circulação e circuitos**. In: CASTRO, P. C. (org.). A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento. Maceió: EdUFAL, 2017. p. 49 - 64.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. John Wiley & Sons, 2016.

DI FELICE, Máximo. **A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2020.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade Incivil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Plataformas Indígenas: Cultura, Meio Ambiente e Mercado.¹

Caio Henrique Trentini URBANO.²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Pensar a comunicação no Século XXI envolve compreender o processo de plataformação (VAN DIJK, 2018), que pode ser definido como a utilização de plataformas digitais nas mais diversas áreas, públicas ou privadas. As estruturas digitais das plataformas permitem que a comunicação seja não só mais rápida e eficiente, mas ao mesmo tempo possibilita a integração de elementos não-humanos na rede comunicacional. A percepção antropocêntrica, constante nas perspectivas sociológicas e, conseqüentemente, nas teorias de comunicação, torna-se então obsoleta, a medida que o humano deixa de ser o sujeito que observa o mundo como objeto e se torna mais um integrante de uma rede comunicativa. Nesse sentido, pensar as plataformas se torna essencial para compreender o papel do ser humano e da natureza enquanto integrantes não só de Gaia (LOVELOCK, 2001), mas como componentes correlativos no processo de comunicação. São diversas as plataformas com propensões ecológicas, solidárias, educacionais e artísticas. Assim, estudar as plataformas voltadas aos povos indígenas brasileiros, bem como à preservação da natureza, principalmente do bioma amazônico, é uma forma de compreender o papel das redes digitais em nosso tempo. Procura-se, então, realizar um pequeno mapeamento de plataformas digitais que envolvem os povos indígenas e a natureza. Esse mapeamento pode ser dividido em três eixos temáticos, de acordo com a atuação e os objetivos de cada plataforma: plataformas culturais, plataformas de preservação ambiental e plataformas comerciais. Em crescente evolução, o campo das plataformas digitais voltadas aos povos indígenas e ao meio ambiente aumenta a cada dia, de modo que algumas das plataformas que serão apresentadas foram criadas neste ano de 2022, demonstrando a atualidade do tema. O primeiro eixo temático, das plataformas culturais, contém quatro plataformas: a TePI Teatro e os Povos Indígenas, que

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 1) Epistemologias reticulares: o protagonismo dos não-humanos e a comunicação pós-antropocênica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Graduando do Curso de Relações Públicas da ECA-USP, email: caiourbano@usp.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

oferece peças teatrais, textos, podcasts e conversas de artistas indígenas ou não-indígenas ; a Plataforma Nimuendajú, que mapeia as línguas indígenas brasileiras, a partir de um mapa interativo; a Cartas Indígenas ao Brasil, uma coletânea de cartas de povos indígenas em diferentes momentos históricos: no Século XVII, no Século XIX e atualmente; e a filmoteca Vídeo nas Aldeias, uma base de streaming com produções audiovisuais indígenas, que contém mais de 8 mil horas produzidas. A análise de cada uma delas, de acordo com sua atuação, permite vislumbrar um objetivo geral: o de apresentar as narrativas indígenas. A expressão artístico-cultural dos povos indígenas brasileiros, quando alçada no campo digital, permite que demais pessoas, que não tenham contato direto com a cultura indígena, possam ter acesso às narrativas indígenas. Como organizadora da experiência humana no tempo e no espaço (RICOEUR, 1994), as narrativas têm um papel fundamental na cultura, pois legitimam e expressam os aspectos culturais, tanto individuais como coletivos. Assim, ao apresentar as narrativas indígenas - artísticas, linguísticas e históricas - essas plataformas contribuem para a legitimação das pautas indígenas, para o fortalecimento do ativismo e para a apreciação da cultura nativo- brasileira. O segundo eixo temático, de preservação ambiental, é representado por uma plataforma: a “Tô no Mapa”, uma plataforma de autodemarcação de terras indígenas. Nela, os povos originários podem demarcar sua área preservada e apresentar pontos de conflito, que muitas vezes são negligenciados pelo poder público. A autodemarcação a partir da plataforma é uma solução, já utilizada por 76 comunidades em 23 estados brasileiros, que permitiu a demarcação de mais de 350 mil hectares de terras que ainda não eram reconhecidamente demarcados nos mapas oficiais do governo brasileiro. O terceiro eixo temático, denominado aqui de comercial, é representado por duas plataformas: a Maei, um e-commerce destinado a produtos indígenas produzidos por diferentes etnias no Parque do Xingu e Kaingang-Kamé-e-Kanhru; e a Digital Favela, que une empresas a influenciadores indígenas e moradores de favelas. A consideração comercial dos povos indígenas, a partir dos produtos artesanais produzidos e da influência nas redes sociais, demonstra a necessidade de integrar a produção indígena nas redes digitais. Além de contribuir financeiramente com as comunidades originárias, essas plataformas também proporcionam a difusão da cultura indígena no Brasil. Portanto, o mapeamento das plataformas aqui realizado permite uma compreensão geral de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

como a população e a cultura indígena brasileira são abordadas nas redes digitais, que permitem sua integração nas formas de comunicação contemporâneas, mas que ao mesmo conservam sua cultura. As pautas dos povos originários, fundamentais no Brasil atual, contam, assim, com as bases digitais para entrarem em prática, a partir das plataformas.

Palavras-chave: plataformas; povos indígenas; plataformização; cidadania digital; narrativas.

Referências

DI FELICE, M. **A Cidadania Digital**. São Paulo: Paulus Editora, 2021.

LOVELOCK, James. **Gaia: um novo olhar**. Lisboa: Editora 70, 2001.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

VAN DIJICK, Jose; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijin. **Platform Society: public values in a connective world**. USA: Oxford Press, 2018.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Características do Jornalismo nas Redes Sociais Digitais: Uma Análise do Canal *BBC News* e do coletivo Ativista *Mídia Ninja* no Instagram¹

Juan Pablo Luz MUNIZ²

Marina MAGALHÃES³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Ao mergulhar em uma nova plataforma, jornalistas veteranos em formação buscam aprender como executar seus trabalhos de forma dinâmica e padronizada para que haja melhor compreensão das narrativas pelo público. A exemplo do que ocorre nas redes sociais digitais, muitos tentam espelhar-se em canais renomados e com grande audiência. Com a ascensão das redes e plataformas digitais, os conteúdos criados para estes canais também são produzidos em massa. Diante do desafio da produção de conteúdo, esta pesquisa de iniciação científica aborda as características do jornalismo nas redes sociais digitais. Nesse sentido, propõe com objetivo geral compreender pontos característicos do jornalismo produzido em especial para a rede Instagram, voltada para o compartilhamento de fotos e vídeos de seus usuários. Os objetivos específicos incluem analisar vídeos jornalísticos dos canais *Mídia Ninja* e *BBC News Brasil* no Instagram e identificar as características em comum de vídeos curtos produzidos para as redes sociais digitais. Este projeto de pesquisa se ampara metodologicamente em uma revisão bibliográfica e em uma pesquisa netnográfica acerca dos veículos escolhidos - Canal *BBC News Brasil* e *Mídia Ninja* - na rede social digital Instagram. Sendo esses escolhidos, respectivamente, por se tratar de um jornal mercadológico tradicional e o outro, por sua vez, de uma mídia independente e ativista. A revisão bibliográfica tem como foco compreender conceitos relacionados ao webjornalismo, destacando as suas principais fases e as suas

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 5. Jornalismo possíveis: ecologia de traduções de mundos do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Graduando do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFAM, email: pablo.muniz.luz@gmail.com.

³Orientadora do trabalho. Professora adjunta do Curso de Comunicação Social/Jornalismo do ICSEZ- UFAM, email: marinamagalhaes@msn.com.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

características (CANAVILHAS, 2014), e do net-ativismo (MAGALHÃES, 2018; DI FELICE, 2020), a fim de compreender o surgimento e as estratégias comunicativas do coletivo jornalístico Mídia Ninja, refletindo as ações também a partir da teoria das redes e do jornalismo (JENKINS, 2009; RECUERO, 2009; PENA, 2018). Para além da revisão bibliográfica, a pesquisa netnográfica (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008) busca analisar como os canais escolhidos para a análise produzem os seus conteúdos para a rede social digital Instagram, fazendo uma comparação entre as estratégias adotadas pela *Mídia Ninja*, coletivo jornalístico independente, e um meio de comunicação de massa tradicional, o *BBC News Brasil*. O tempo específico estipulado para a pesquisa será do dia 31 de outubro de 2022 a 6 de novembro de 2022, equivalente à semana pós-eleição, quando espera-se ter um número elevado de conteúdos publicados por esses canais. Logo, ao esclarecer pontos característicos de produção jornalística para as redes sociais digitais, este projeto visa contribuir para que futuros jornalistas que decidam trabalhar na área tenham conhecimento e possam ter mais facilidade para produzir fotos e vídeos para esses canais.

Palavras-chave: jornalismo; redes sociais digitais; BBC News; mídia Ninja; net-ativismo.

Referências

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Sessões do Imaginário: cinema, cultura, tecnologia da Imagem**, Ano 13, n. 20, p. 34-40. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica – PUC/RS, 2008.

CANAVILHAS, J. (org.). **Webjornalismo: 7 Características que Marcam Diferença**. Covilhã: Labcom, 2014.

DI FELICE, M. **A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2020.

JENKINS. H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

MAGALHÃES, M. **Net-Ativismo: protestos e subversões nas redes sociais digitais**. Lisboa: Coleção Livros ICNOVA, 2018.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

PENA, F. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2018.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.



‘Existirmos, a Que Será que Se Destina?’

Jornalismo Amoroso em Narrativas (Auto)Transpoiéticas. Entrelaços de Floresceres de Sujeitos e Lugares.¹

Maria Luiza Cardinale BAPTISTA

Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O presente texto apresenta as proposições de Jornalismo Amoroso e Narrativas (Auto)Transpoiéticas, buscando demonstrar suas conexões e os entrelaçamentos de floresceres de sujeitos e lugares. Floresceres de flores e seres, inspirados em conhecimentos, sentimentos e inspirações, resultantes de mais de 12 anos de contato com a Floresta Amazônica, em atividades desenvolvidas como palestrante, pesquisadora sênior em projeto financiado pela FAPEAM, estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia e trabalho como professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da UFAM. O texto resulta também de uma trama de pesquisas desenvolvidas no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, da Universidade de Caxias do Sul, tendo como estratégias metodológicas a Cartografia dos Saberes e as Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2014, 2017, 2020, 2022). Nesse sentido, tem-se feixes de entrelaçamentos de sujeitos e narrativas, entrelaçando o país, com conexões com diversas outras instituições e vínculos com pesquisadores de mais de 15 países. O texto parte da proposição de Jornalismo Amoroso, apresentada em texto publicado há 10 anos (BAPTISTA, 2012), com base em uma trama teórica, cujo expoente, com relação ao conceito de amor e amorosidade, é o biólogo Humberto Maturana. Em seus estudos sobre o surgimento da vida e os traços intrínsecos à condição biológico-cultural do ser humano, o autor afirma que o amor é o que constitui os seres humanos e o que fundamenta o laço social. Maturana propõe compreender os traços básicos dos seres humanos, a partir das características da família ancestral da espécie, em que, na convivência da sociedade matrística, conservava interações

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 5. Jornalisimos possíveis: ecologia de traduções de mundos do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

geradoras de bem-estar, em coexistência pacífica, harmoniosa e pautada pela colaboração entre os seres de todas as espécies. Segundo Humberto Maturana, o amor é o reconhecimento do outro, como legítimo outro na convivência. Isso implica dizer que o outro é outro, não somos nós. O outro é legítimo outro; portanto, tem direito de ser outro, de ser diferente, de pensar e agir diferente. Sendo outro e legítimo, devemos investir na convivência, na coexistência. E isso faz toda a diferença, inclusive e principalmente, na orientação para o que é e o que deve ser o Jornalismo, ecossistema complexo de produção de encontros de vozes, de flores e seres, em clareiras das nossas florestas existenciais, tão maltratadas pela deriva histórica do capitalismo por espoliação e seus axiomas. Jornalismo amoroso, então, implica produções segundo a ética da relação e do cuidado. São produções pautadas pela amorosidade com as fontes, com os sujeitos todos envolvidos no ecossistema de produção das narrativas jornalísticas. Nesse processo, o jornalista amoroso é profundamente (auto)reflexivo, questionador e crítico, observando, questionando e refletindo sobre o que eu venho chamando a lógica Cajuína, inspirada na canção de Caetano Veloso, e que está sintetizada no verso: “Existirmos, a que será que se destina?”. Isso implica atenção plena constante, no questionamento das ações e produções jornalísticas, cuja expressão máxima são as narrativas transpoiéticas, conceito que passo a apresentar. Narrativa transpoiética é proposição que apresento para refletir o que pode significar, primeiro, as narrativas, n’ar’ativas, expressões que, respiradas, produzem outro ar, ativam outra condição existencial. Assim, de fato, é o universo das narrativas que produzimos cotidianamente, como seres em brotação e, profissionalmente, como jornalistas. As n’ar’ativas são transpoiéticas porque poiese é produção e entendo que a produção dos seres e lugares se dá exatamente nos trânsitos e transversalizações. Somos quem somos porque somos nós, diz a filosofia Ubuntu, africana. Somos seres entrelaçados em outros seres, em ecossistemas complexos em cosmologias e conexões de muitos modos de existência, visíveis e invisíveis. Assim, mais do que o conceito de autopoiese, cunhado por Humberto Maturana, na década de 1970, para explicar o surgimento da vida, entendo que devemos pensar em uma lógica de transpoiese, de transmutação em um presente contínuo de conexões que vai nos reinventando a cada respiração, a cada fração de segundo, em decorrência e em sintonia e coerência com as múltiplas conexões e transversalizações de nossa existência. Não estamos sós. Não somos



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

separados. Somos seres transversalizados com muitos outros seres, de diferentes e díspares substâncias e matérias. Assim, o que produzimos e podemos seguir agenciando como matrizes geradoras da vida é a potência de transpoiese, que se faz, em grande parte, pelas ‘com-verseções’, ações versadas em trânsito de linguajares, nas interações conversadas da vida. Em texto recente (BAPTISTA, 2022), apresentei reflexões sobre as ‘com-verseções’ como (auto)transpoiéticas, pelo seu caráter de transversalidade, relacionado à potência de reinvenção no movimento, tanto o movimento do sujeito nos lugares, mas também o movimento entre os sujeitos que ‘com-versam’, produzem ‘com-verseções’. Soma-se a isso, a lógica da convergência no Jornalismo, em sentido amplo, o que faz com que as narrativas sejam transpoiéticas também no movimento dos dispositivos comunicacionais, utilizados como recursos para a produção da narrativa. Isto quer dizer que a ‘transpoiese’ – termo que proponho para representação da produção transversalizada, seguindo a lógica esquizoanalítica de Deleuze e Guattari – se dá também no trânsito entre recursos narrativos, o que corresponde a dizer que a narrativa, a ‘com-verseção’, não é somente verbal. Todos os sentidos são acionados e potencializados para a produção de saberes, numa espécie de usina subjetiva de produção narrativa, com a consideração da trama ecossistêmica geradora de relações, autoprodução dos pesquisadores envolvidos, em uma dinâmica contínua de autoipoiese. Há que se compreender, então, que o Jornalismo envolve sujeitos e ecossistemas em transmutação, na reinvenção de universos existenciais. Com o desenvolvimento da pesquisa “‘Com-versar’ Amorcomtur Lugares e Sujeitos! Narrativas Transversais Sensíveis, envolvendo Sujeitos em Processos de Desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Omã e Índia” (Baptista, 2019), passei a assumir a enunciação (auto)transpoiese, como inerente a algo que ocorre no sujeito, no sistema gerador, mas sempre em transversalizações decorrentes dos acoplamentos, conexões intensas com outros organismos e sistemas.

Palavras-chave: Jornalismo Amoroso; Narrativas (Auto)Transpoiéticas; Entrelaços de Floresceres; Sujeitos e Lugares



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Referências bibliográficas

BAPTISTA, M. L.C. Com-versar' Amorcomtur - Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização - Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia. **Projeto de pesquisa**. Universidade de Caxias do Sul -UCS, 2020-Atual.

BAPTISTA, M. L. C. **Comunicação, Trama de Desejos e Espelhos**. Os Metalúrgicos, a Telenovela e a Comunicação do Sindicato.. 1. ed. Canoas: ULBRA, 1996.

Baptista, M. L. C. **O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional**: um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2000.

BAPTISTA, M. L.C. “Amar la trama más que el desenlace!”: Reflexões sobre as proposições Trama Eossistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 8, n. 1, p. 41-64, 30 abr. 2020.

BAPTISTA, M. L. C. Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, 6(3), 342-355, 2014.

BAPTISTA, M. L. C. Matrizes rizomáticas: proposição de sinalizadores para a pesquisa em turismo. **SEMINÁRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**. 14, Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil, 2017.

BAPTISTA, M. L. C. Estratégias de ‘Sobre-Vivência’ Metodológica na Viagem Investigativa para a Ciência no Mundo Novo. Dimensão Trama, Cartografia de Saberes e Matrizes Rizomáticas. **SEMINÁRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**. 19, Recife, Pernambuco, Brasil, 2022

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 1991..

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

CAPRA, F & LUISI, P.L.. **A visão sistêmica da vida.** Uma concepção unificada e suas implicações políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.

COLFERAI, S. **Um Jeito Amazônida de ser Mundo.** A Amazônia como Metáfora do Ecossistema Comunicacional: Uma Leitura do Conceito a Partir da Região. (Tese de doutoramento). Universidade Federal Do Amazonas-UFAM Instituto de Ciências Humanas e Sociais-ICHL .Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA, 2014.

CREMA, R.. **Introdução à Visão Holística.** Breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

DÁVILA, X., ; MATURANA, H. **Eras Psíquicas de la Humanidad.** En Habitar Humano, en seis ensayos de Biología-Cultural. Santiago, Comunicaciones Noreste Ltda, 2008.

DÁVILA, X., & MATURANA, H.. **El árbol del vivir .** (J. Sáez, Ed.) Santiago. MPV Editores, 2015.

GUATTARI, F.. **Inconsciente Maquínico.** Campinas: Papyrus, 1981

GUATTARI, F.. **Revolução Molecular.** Pulsações Políticas do Desejo. 3 ed; São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, F. **Caosmose:** um novo paradigma ético-estético. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

GUATTARI, F.; DELEUZE, G. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S.. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1986.

LIMA, E. P. **Jornalismo Literário Para Iniciantes,** 1.São Paulo: Edição do Autor, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Escrita Total.** Escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito. São Paulo, Sistema Clube de Autores, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura. São Paulo: Manole. 2004.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

LIMA, Edvaldo Pereira. Da escrita total à consciência planetária. In: **Criatividade e novas metodologias**. São Paulo: Petrópolis, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira (Coord.). **Econautas: ecologia e jornalismo literário avançado**. Canoas, RS: Universidade Luterana do Brasil, 1996. (Coleção Mundo Mídia; 3).

LIMA, Edvaldo Pereira. **Retratos da Baía**. Rio de Janeiro: Faperj, 1994.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Colômbia Espelho América: dos piratas a Garcia Márquez, viagem pelo sonho de integração latino-americana**. São Paulo: Perspectiva/EdUSP., 1987.

LOVELOCK, J. **As Eras de Gaia**. A Biografia da Nossa Terra Viva. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

MATURANA, R.H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA R. H.; VARELA G., F. J. 1997. **De máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo**. 3ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas.

MATURANA, H.; VARELA, Francisco. **El árbol del conocimiento**. Santiago, Editorial Universitaria. 1984.

MATURANA, H. **Conferencia El Origen de la Vida en Congreso del Futuro**. Santiago. Recuperado de <https://congresofuturo.senado.cl/video/Humberto-Maturana-Del-Micro-al-Macrocosmos-Origen-de-la-vida-en-la-tierra/01ccef18bae14a6518bd5db2d511eed>. (2017, enero 9)

MATURANA, H . **Biología del fenómeno social y Ontología del conversar**. De la biología a la psicología . (Luzoro, J; compilador) Santiago. Editorial Universitaria. 1995.

LOVELOCK, J. **As Eras de Gaia**. A Biografia da Nossa Terra Viva. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

MEDINA,, Cremilda. **Entrevista**. O Diálogo Possível. São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, Cremilda; Grecco, Milton (orgs.). **Novo pacto da ciência**. A crise dos paradigmas.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Seminário transdisciplinar. São Paulo: ECA-USP, 1990- 1991.

MEDINA, Cremilda; Grecco, Milton (orgs.) **Novo pacto da ciência 3. Saber plural. O discurso fragmentalista da ciência e a crise dos paradigmas.** São Paulo: ECA-USP-CNPq, 1994.

MONTEIRO, G.V.; ABBUD, M.E DE O.P; PEREIRA, M.F. (orgs.). **Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação.** Manaus: Edua, 2011.

MORIN, E. **Para sair do século XX.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MORIN, E.. **Introdução ao pensamento complexo.** São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, E.. O pensamento em ruínas. **In. A decadência do futuro e a construção do presente.** Florianópolis: UFSC, 1993.

MORIN, E.. **O método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, E.. **Amor, poesia e sabedoria.** 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. MORIN, E.. **Ciência com Consciência.** 15. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, E.. **É hora de mudarmos de via.** As lições do coronavírus. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

PRIGOGINE, I. **Ciência, Razão e Paixão.** 2 ed.rev.ampl...São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2009.

SANTOS, B.S.. **Um discurso sobre as ciências.** 2. ed. Porto/Portugal: Afrontamento, 1997.

SANTOS, B.S.. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna.** 2. ed. Porto/Portugal: Afrontamento, 1990.

SANTOS, B.S. **O Futuro começa agora.** Da Pandemia à Utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**O Letramento Digital nas Práticas de Leitura e Escrita nos Anos Iniciais do Ensino
Fundamental¹**

Maria das Graças Pereira SOARES²

Melissa Andrade CUNHA³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O avanço das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação Comunicação (TDICs) e a ascensão da internet possibilitou a inserção de novos textos nas práticas sociais de leitura e escrita. Por isso, o processo de alfabetização e letramento na escola precisa considerar as transformações e as inovações tecnológicas ocorridas na sociedade, pois a linguagem digital faz parte das práticas de linguagem dos estudantes. Com a evolução das tecnologias, acesso as novas ferramentas de comunicação como celular, tablets, computador e o surgimento dos textos multissemióticos, as práticas contemporâneas de linguagem devem ser consideradas no contexto escolar. Diante do cenário do letramento digital, apresenta-se como problema de pesquisa: como os textos digitais podem contribuir nas práticas de letramento de uma escola pública do município de Parintins- AM? Esse trabalho faz parte da pesquisa de iniciação científica em andamento “Letramento digital: os gêneros textuais digitais nas práticas de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental”, vinculada ao Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, com financiamento da Fundação de Amparo à pesquisa do Amazonas – FAPEAM, iniciada em 2022. O estudo de natureza qualitativa tem como objetivo geral analisar a contribuição dos gêneros textuais digitais para as práticas de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola pública do município de Parintins- AM. Esta pesquisa utilizará como procedimento metodológico o método observacional, conforme Ludke e André

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Orientadora do Trabalho. Professora Dra. do Curso de Pedagogia do ICSEZ-UFAM, email: mgpssoares@hotmail.com

³Estudante de Graduação 8º. Período do Curso de Pedagogia do ICSEZ-UFAM, email: andrade.mlissa14@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

(1986, p. 26) este método “possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”. A fim de alcançar os objetivos deste estudo foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema. A pesquisa de campo será desenvolvida em uma escola pública dos anos iniciais do Ensino Fundamental da cidade de Parintins - AM. Os sujeitos da pesquisa são alunos e professores do quarto ano do Ensino Fundamental. Para cumprimento e alcance dos objetivos da pesquisa serão utilizados na construção de dados: observação direta do uso dos gêneros textuais digitais nas práticas de leitura e escrita e aplicação de questionários aos professores e alunos da turma. Na visão de Lakatos e Marconi (2001, p. 107) “a observação direta utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. A pesquisa fundamenta-se nos fundamentos teóricos de Rojo e Moura (2012), Kleiman (2005), Soares (2002), Meyer (2020), Lakatos (2001), Ludke e André (1986) e na Base Nacional Comum Curricular (2018). Os resultados parciais apontam que as práticas de linguagens na escola não devem estar alheias a evolução digital, para tanto, precisam levar em consideração no ensino dos diferentes componentes curriculares, as transformações e as inovações tecnológicas ocorridas na sociedade e na cultura letrada. Com o avanço das TDICs e com o ensino remoto ocasionado pela Pandemia da COVID-19, a inserção das tecnologias imersivas na educação foi inevitável. As tecnologias digitais são ferramentas importantes nos diferentes campos de atuação da vida social, ampliando a possibilidade de os estudantes participarem de forma ativa das práticas de leitura e escrita, bem como construir conhecimentos. Rojo e Moura (2012, p.40) explicam que “as possibilidades de ensino são multiplicadas se utilizarmos ferramentas digitais. É possível formar redes descentralizadas para incentivar a interação.” Essas ferramentas despertam a curiosidade e o interesse dos estudantes, pois antes de aprender a ler ou escrever as crianças já interagem com a leitura imagética proporcionada pelas tecnologias digitais, por meio dos textos e imagens, elas conseguem fazer a leitura das imagens nos livros, propagandas, rótulos, entre outros suportes de leitura. As tecnologias digitais são grandes aliadas para os processos de leitura e escrita, pois a ludicidade e a interatividade proporcionadas por estes recursos tornam as práticas de linguagem mais dinâmicas e significativas. Nos ambientes virtuais acessados por meio da internet, surgem os textos multissemióticos, um novo formato de gêneros textuais, que revolucionam e provocam mudanças na comunicação e nas práticas de leitura e escrita. De



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

acordo com Kleiman (2005, p. 49) “o texto comum na mídia hoje é um texto multissemiótico ou multimodal: são usadas linguagens verbais, imagens, fotos e recursos gráficos em geral.” A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta dez competências gerais a serem alcançadas na educação básica e propõe na quinta competência que os estudantes compreendam e utilizem tecnologias digitais de informação e comunicação numa perspectiva crítica, reflexiva, significativa e ética, nas diferentes práticas sociais com a finalidade de comunicação, acesso e disseminação de informações, produção de conhecimentos, resolução de problemas, para exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018). Meyer (2020, p.12) explica que “[...] os gêneros são adeptos às transformações da humanidade, integrando-se socialmente à cultura na qual está sendo exposto, surgindo, assim, a necessidade de adaptação e o aparecimento desses novos gêneros.” Os textos multissemióticos surgem com o desenvolvimento das TDICs, estes viabilizam novos ambientes e práticas de leitura e escrita, configurando-se como uma evolução das práticas de linguagens convencionais, uma vez que as conversas através de carta ou bilhete deram lugar ao e-mail, chat, blog e redes sociais no ambiente virtual. O letramento digital, conforme Soares (2002, p. 151) é “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”. Para tanto, as práticas de linguagem na escola requerem habilidades que vão além do manuseio das TDICs, são necessárias a reflexão crítica e a participação ativa dos educandos nas diversas práticas sociais e culturais de leitura e escrita.

Palavras-chave: letramento digital; leitura e escrita; anos iniciais do ensino fundamental.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? São Paulo: Unicamp, 2005.

LAKATOS, E. M.; Marconi, M. M. **Metodologia do Trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

2001.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU: 1986.

MEYER, Antonia Izabel da Silva. Hipertextos e Gêneros Digitais: Conceitos e características. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v.15, n.10, p. 87-108, outubro de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/generos-digitais>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MOURA, Eduardo, Roxane ROJO (orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81 p. 143-160, dez. 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Tradução e Ampliação de uma Língua Ameaçada: Estudo de Caso do Sateré-Mawé¹

Francy WOTETE²

Suanny Beatriz Silva LIRA³

Adriano Clayton da SILVA⁴

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

Devido ao histórico de colonizações e incorporações forçadas a que vêm sendo submetidas desde a chegada dos portugueses ao Brasil, muitas comunidades indígenas brasileiras enfrentam atualmente dificuldades na manutenção de suas identidades e formas de ser e viver. Uma das formas de resistência dessas comunidades é a manutenção de suas línguas maternas. Mais do que a identidade, manter uma língua é questão de sobrevivência de modos exclusivos de se enxergar o mundo, o tempo, as coisas, as relações interpessoais, etc., conforme afirma a famosa teoria de Sapir-Whorf (SAPIR, 1921), além de se preservar conhecimentos que só existem naquela língua. As comunidades indígenas Sateré-Mawé do Baixo Amazonas são um caso emblemático nesse sentido: segundo último levantamento oficial, em 2010 havia apenas 9.052 falantes da língua (IBGE, 2012), além de altos índices de pobreza entre as pessoas dessas comunidades. Por outro lado, é preciso lembrar que todas as línguas vivas naturais são dinâmicas e estão em constante mudança (BAGNO, 2007). Ou seja, as línguas faladas pelas atuais comunidades indígenas brasileiras continuam mudando conforme as necessidades e contextos em que as pessoas falantes se encontrem, especialmente quando têm de lidar com o mundo não-indígena. É preciso pensar em formas de se ampliar e se fortalecer os usos das línguas indígenas para além dos contextos de sua comunidade. Uma forma possível de revitalização de uma língua é através da tradução: Berman (2002) lembra o caso dos escritores e pensadores alemães dos séculos XVIII e XIX que, através da tradução, verteram

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 5) Jornalismo possíveis: ecologia de traduções de mundos do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Graduanda do Curso de Serviço Social do ICSEZ-UFAM, e-mail: francywotete10@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Zootecnia do ICSEZ-UFAM, e-mail: biasuanny5@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor de línguas no ICSEZ-UFAM, e-mail: adrianocsilva@ufam.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

várias obras de línguas como o latim, o inglês, o francês, o italiano, etc. para o alemão, havendo no processo a criação e ressignificação de várias palavras e expressões e, com isso, aumentou-se o vocabulário alemão. Outro caso em que a tradução foi muito usada foi o da língua hebraica: Izre'el (2003) relata que até o século XIX o hebraico falado era uma língua morta, mas foi reavivada, ampliada e, atualmente, é a língua oficial de milhões de israelenses, usada em suas versões escrita e oral nos mais diversos contextos além do religioso. E graças às tecnologias atuais, a revitalização pela tradução pode ocorrer de forma acelerada, com o uso de softwares como as CAT-tools e as memórias de tradução. Contudo, diferente do alemão e do hebraico, cujos povos estão perfeitamente ambientados ao mundo ocidental e compartilham os mesmos referenciais socioculturais, as línguas indígenas existem em contextos e ambientes totalmente diversos das línguas ocidentais majoritárias. Freire (2009) nos lembra que muitos elementos culturais e materiais das línguas indígenas, que por sua vez geram muitos efeitos de sentido específicos (como metáforas e metonímias), não existem nas línguas de origem europeia, e vice-versa. Além disso, o tipo de registro (escrito ou oral), bem como as epistemologias por trás das ideias em cada língua, também mudam. E ainda temos as questões inerentes ao uso de tecnologias para a tradução entre línguas, que podem reduzir ou enviesar as possibilidades de se dizer algo. Assim, o problema de pesquisa deste trabalho é entender como ocorre a tradução entre línguas que são muito diferentes em vários sentidos: número de falantes, status, registro, referenciais socioculturais e ambientais, etc. O objetivo da pesquisa torna-se, então, analisar as traduções de textos feitas do sateré para o português e vice-versa. Como objetivos específicos buscaremos respostas para as seguintes perguntas: 1) como os tradutores lidam com as diversas diferenças lexicais, semânticas, sintáticas, etc. entre as duas línguas? 2) as teorias de tradução tradicionais, pensadas para pares de línguas de status e referenciais socioculturais semelhantes, dão conta desse outro tipo de par linguístico? 3) que novas categorizações tradutológicas surgem a partir dessas traduções? 4) até que ponto as ferramentas de tradução auxiliam ou prejudicam as traduções criadas? 5) é possível generalizar as observações e análises deste trabalho para outros pares assimétricos de línguas? Para que se possa realizar a pesquisa proposta, inicialmente é preciso que haja o corpus a ser analisado. Para este fim, o ora grupo de pesquisa auxiliará as comunidades Sateré-Mawé do Baixo Amazonas na criação de bancos de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

dados de memórias de tradução e na formação de tradutores que possam utilizar softwares de tradução. Assim, poderão traduzir textos entre as duas línguas com mais velocidade. Durante as traduções, surgirão novas palavras, ou novos sentidos para palavras já existentes, ou empréstimos entre as línguas, entre outras possibilidades. Depois, as traduções serão apresentadas às comunidades falantes do sateré, para que avaliem tais textos e julguem se as novas palavras e significados são válidas e aceitas pelas comunidades. Por fim, com as avaliações das comunidades, as novas palavras e significados serão incorporadas em novas traduções. Após a criação do corpus, então se iniciará a pesquisa, cuja metodologia será essencialmente qualitativa com análise de conteúdo, utilizando como base as teorias de tradução pertinentes. Também trata-se de um estudo de caso, já que acreditamos que os resultados e discussões encontrados nesta pesquisa poderão ser aplicados e pertinentes a outros processos tradutórios envolvendo pares de línguas socioculturalmente díspares. Além dos autores já mencionados, também servirão de fundamentação ideias como a tradução assimétrica de Freire (2009), a tradução por equívocos de Viveiros de Castro (2018), a mestiçagem de Laplantine & Nouss (2010) e a influência das máquinas de tradução conforme Deneufbourg (2021) e Bowker & Ciro (2019). Também serão considerados os trabalhos sobre a língua e a cultura Sateré-Mawé, como as relevantes contribuições de Franceschini (2005, 2011), Carneiro (2012), Azevedo (2015), Picanço & Lucchesi (2021), Teixeira (2005) e Ugge (s/d). Com esta pesquisa esperamos aumentar o conhecimento sobre tradução entre línguas de origens e referenciais muito diferentes, o que certamente ajudará na elaboração de processos tradutórios para outras línguas ameaçadas, que por sua vez aumentará a comunicação entre as comunidades indígenas brasileiras e as diversas instâncias e instituições ocidentais com quem elas mantêm contato frequente.

Palavras-chave: tradução; sateré-mawé; línguas ameaçadas; memórias de tradução.

Referências

AZEVEDO, Marlon J. S. de. **Minidicionário Trilíngue Indígena Sateré Mawé em Libras e Língua Portuguesa**. Manaus: UEA, 2015.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

BERMAN, Antonie. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BOWKER, Lynne, CIRO, Jairo B. **Machine Translation and global research**: towards improved machine translation literacy in the scholarly community. Bingley, UK: Emerald Publishing Limited, 2019.

CARNEIRO, Denize de S. **Construções Negativas em Sateré-Mawé**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

DENEUFBOURG, Guillaume. The problem with machine translation: beware the wisdom of the crowd. **The conversation**. Edição de 22/12/2021. Disponível em <https://theconversation.com/the-problem-with-machine-translation-beware-the-wisdom-of-the-crowd-171913> Acesso em 07 abr 2022.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (org). **Satere Mawe pusu agkukag**. Manaus: Editora da UFAM, 2005.

_____. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. In: Silva, S. S. (Org.). **Línguas em contato**: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas: Pontes, 2011. p. 41-72

FREIRE, José R. B. Tradução e interculturalidade: o passarinho, a gaiola e o cesto. **ALEA**: Estudos Neolatinos, vol. 11, n. 2, jul-dez/2009, p. 321-338

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**: características gerais dos indígenas. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IZRE'EL, Shlomo. 'The Emergence of Spoken Israeli Hebrew.' In: Hary, Benjamin H. (ed.). **Towards the compilation of the corpus of spoken Israeli Hebrew**. Tel Aviv: Tel Aviv University, 2003.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **Le métissage** – un exposé pour comprendre, um essai pour réfléchir. Paris: Flammarion, 1997.

PICANÇO, Hellen; LUCCHESI, Dante. Análise sociolinguística da variação na concordância nominal de gênero no português indígena sateré-mawé da Amazônia. **Confluência**, n. 60, 2021. DOI



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

<https://doi.org/10.18364/rc.v1i60.452>

RIBEIRO, Maria de J. P. **Dicionário Sateré-Mawé/Português**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Ciência da Linguagem, Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, RO, 2010.

SAPIR, Edward. **Language**. New York: Harcourt, 1921.

TEIXEIRA, P. **Sateré-Mawé: Retrato de um povo indígena**. Manaus: UFAM, 2005.

UGGÉ, H. **Bonitas Histórias Sateré-Maué**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, SEDUC, s/d.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A antropologia perspectiva e o método de equivocação controlada. **Aceno** – Rev. Antropologia do Centro-Oeste, v. 5, n. 10, 2018, p. 247-264. DOI <https://doi.org/10.48074/aceno.v5i10.8341>



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**Por uma Outra Universidade Possível: Pesquisa Sobre Egressos do Curso de
Comunicação Social/Jornalismo do ICSEZ/UFAM¹**

Ralf Cordeiro BATISTA.²

Marina MAGALHÃES.³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

A trajetória de vida dos egressos deve ser um dos objetivos da política institucional e da gestão administrativa de todas as (IES) na atualidade. As informações e avaliações da vida profissional dos egressos, e as contribuições de sua graduação em sua inserção no mercado de trabalho, são significativas para a avaliação dos cursos e eventuais revisões de seus projetos políticos pedagógicos, importando também para tomadas de decisões da gestão acadêmica e institucional. Sendo assim, este estudo faz parte de um projeto de pesquisa guarda-chuva⁴, interdisciplinar, que tem como objetivo elaborar um diagnóstico sobre a trajetória de vida dos egressos do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), adotando como recorte os egressos do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. O objetivo de incluir os egressos no processo de autoavaliação da IES aponta para duas tendências: primeiro, estimular a sua participação nas ações da instituição; segundo, ampliar a inclusão da sociedade na gestão da universidade, visto que os egressos são representantes diretos desse segmento. Como parte da sociedade, os egressos são aqueles com maior interesse para avaliarem a instituição, visto conhecerem a realidade e sentirem os impactos do seu processo de formação no mercado de trabalho e em sua vida social (INEP,

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 7) Uma outra universidade possível do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo do ICSEZ/UFAM, e-mail: ralfscordeiro@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins (ICSEZ/UFAM), e-mail: marinamagalhaes@msn.com

⁴Projeto de pesquisa transdisciplinar “Trajetória de Vida Social e Profissional dos Egressos do Icese - Ufam” envolve todos os sete cursos de graduação do Icese: Administração, Artes Visuais; Comunicação Social – Jornalismo; Educação Física, Pedagogia, Serviço Social e Zootecnia, sendo coordenado institucionalmente pela Profa. Dra. Sandra Helena Silva (coordenadora) e pela Profa. Dra. Patrícia Trindade (vice-coordenadora).



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

2004). Logo, a pesquisa buscará essencialmente levantar informações e criar perfis de egressos do curso de Comunicação Social/Jornalismo, buscando entender como o curso influenciou na vida pessoal e profissional. A abordagem a ser utilizada na pesquisa é quanti- qualitativa, pois apesar de serem de naturezas diferentes, ambas se complementam. A natureza quantitativa demonstrará os dados por meio de estatísticas e indicadores, que poderão mostrar tendências gerais dos egressos e/ou suas relações com os cursos, enquanto a natureza qualitativa possibilitará a aproximação dos sujeitos da pesquisa, ampliando-se a percepção social e aprofundando os dados quantitativos. O desenvolvimento desta pesquisa será realizado em quatro etapas, sendo elas: bibliográfica, documental, de campo e processamento dos dados. No que se refere à pesquisa bibliográfica, busca compreender conceitos relacionados ao objeto de estudo, delimitado no campo da Comunicação. Para Martino (2008), o termo “comunicação” refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência. Porém, o autor destaca que tal definição se aplica ao campo da Filosofia e indistintamente da ciência do homem (Humanas e Sociais), “o que revela as limitações na tentativa de definição do campo e do objeto de estudo da disciplina na Comunicação unicamente de uma análise formal” (MARTINO, 2008, p.24). Veiga (2008) diz que há inúmeras atividades profissionais no campo da comunicação, como, jornalismo, publicidade, relações públicas entre outros, além de diferentes veículos (o jornal impresso diário, o jornal televisivo e a internet) inúmeras linguagens (linguagem cinematográfica, publicitária, videográfica, cotidiana). A segunda etapa, de pesquisa documental, possui a finalidade de obter dados relacionados ao tema e ao curso de Comunicação Social/Jornalismo, que é fruto do projeto “Expandir do Tamanho do Brasil”, do Ministério da Educação, que pretendia levar o ensino superior para as áreas mais longínquas dos estados brasileiros. Foi iniciado em 2007 no ICSEZ – UFAM, oferecendo até hoje 50 vagas anuais no período noturno. Desde então, até novembro de 2022 formou 229 alunos e alunas. As etapas de campo e de processamento de dados seguem em fase de estruturação, tendo em vista que conhecer o perfil dos egressos, bem como criar ferramentas para que eles possam avaliar e contribuir continuamente para a evolução do curso, é mais do que uma obrigação da Legislação. Logo, espera-se que os resultados possam contribuir na formação dos futuros profissionais do curso, pois é somente com as informações advindas dos seus egressos que será possível



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

direcionar de forma eficaz os recursos humanos e materiais do curso para formar profissionais competentes e pessoas cidadãs engajadas na transformação da Universidade e da sociedade como um todo. Ainda, as informações levantadas poderão ajudar a compreender outros fenômenos relacionados ao ICSEZ e a sua relação com suas partes e a sociedade, como as questões de evasão e retenção de discentes.

Palavras-chave: Egressos; UFAM; Avaliação institucional; ICSEZ; Comunicação Social/Jornalismo.

Referências bibliográficas

INEP. **Orientações gerais para o roteiro da autoavaliação das instituições.** Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. INEP. Brasília, 2004.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, A. MARTINO, L. C. FRANÇA, V. V. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008, p.11-25.

FRANÇA, V. V. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: MARTINO, L. C. HOHLFELDT, A. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008, p. 39-59.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Desacontecimento como Noticiabilidade das Resistências¹

Tayane ABIB²

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Com interesse em refletir sobre jornalisismos possíveis, na esteira de um reconhecimento epistemológico à representatividade e à visibilidade de atores tradicionalmente colocados à margem da pauta midiática hegemônica, como é o caso dos povos originários, este estudo propõe fundamentar a noção de Desacontecimento como chave teórica para se discutir a resistência como valor-notícia às narrativas contemporâneas. Enquanto estratégia de narração de fatos não-marcados, o desacontecimento (ABIB e VENTURA, 2021) quer apreender, à parte dos ruídos midiáticos, a cotidianidade do homem ordinário nisso que se mostra criação de sentidos como resistência íntima e social (ESQUIROL, 2015; CERTEAU, 1994). Sua abordagem busca a dinâmica do comum, no compasso dos movimentos rotineiros que significam a existência, individual e coletiva. Em ordem das rupturas, continuidades; em ordem do notável, o anonimato. Pela noticiabilidade do cotidiano, o desacontecimento se aproxima dos enfrentamentos, cálidos, diminutos e também sempre simbólicos, que cada um realiza para permanecer, intimamente e em convivência social, e que, por relatos tecidos em formas sensíveis, engendram dialogia e compreensão intersubjetiva no tratamento com o Outro e na construção narrativa (ABIB e VENTURA, 2020). A expressividade do Desacontecimento consiste justamente em inscrever uma chave de contraposição ao que se entende por acontecimento, ou por critérios de produção da notícia, e assim, lançar, no território das práticas, indicativos de que uma outra dinâmica é possível. Engendra-se por sujeitos que, ao se apropriarem das latitudes que a noção especula, assumem-se em epicentro de negociar os sentidos jornalísticos vigentes desde a responsabilidade de suas escolhas. Resiste, por assim

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 5) Jornalisismos possíveis: ecologia de traduções de mundos, do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutora em Comunicação pela UNESP. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, com bolsa de PDJ, e-mail: tayaneabib@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

dizer, a um exercício burocrata que não corresponde à uma dinâmica que se anseia comunicativa, intersubjetiva, dialógica. Relacional. Se a herança romântica nos assinala uma exaltação da vida em sua excepcionalidade, que também interessa aos domínios do espetáculo e da aparência aos quais, jogando com os aparatos midiáticos, nos impelem a ansiar o êxito do distinto, aqui a construção de sentido passa pelo reconhecimento do brilho da vida que desacontece todos os dias. Na dimensão do cotidiano que, para Maffesoli (1996), nos aparece como ‘centralidadesubterrânea’, a marca distintiva se encontra em um querer viver irremediável, cuja força ganha forma por uma criatividade intuitiva a que Cremilda Medina (2014, p.83), em um neologismo muito à brasileira, chama de seviról—“o verdadeiro milagre da vida apesar de tudo”. Em foco, está uma sorte de capacidade de sobrevivência do ser humano na inventividade, suas ‘virações’ para lidar com a dinâmica vivida, cujo domínio expressivo não pode ser outro que o espaço-tempo diário. Certeau (1994, p.20) já se referiu aos qualificativos da dinâmica cotidiana como ‘uma economia do dom’, ‘uma estética de lances’ e uma ‘ética da tenacidade’, explicitando as combinatórias de operações que o sujeito, para subverter o estatuto de dominado, lança mão em suas “mil maneiras de caça não autorizada” (Ibidem, p.38). Sua linha interpretativa não nos deixa esquecer de que o cotidiano é também espaço de debates e negociações, onde há fabrico, ou poética, que se mobiliza apesar das sistemáticas comerciais, urbanas e midiáticas. A cotidianidade assume-se, assim, como pauta referencial ao Desacontecimento, na medida em que abriga essa sorte de poética das pequenas coisas: nas gestualidades que se repetem, em nossos percursos habituais, nos comportamentos e miudezas da rotina, manifesta, para além de recorrências da realidade, os processos de criação e recriação de sentidos do sujeito ante às intempéries do existir—íntimo e social. Convida, enquanto valor de uma estratégia de narração em vias de divergência, a mirada jornalística a apreender as nuances de resistência que se ensaiam na esteira do comum. Evidentemente, em se tratando de dinâmica, o Desacontecimento mobiliza aparatos outros, em termos de saber de procedimento, que viabilizam a noticiabilidade do ordinário por uma apuração dialógica-afetiva, que se coloca em abertura sensível ao entorno. De igual maneira, demanda uma mediação jornalística autoral que, frente a constrangimentos internos e externos, empreende uma assinatura autêntica na leitura e produção simbólica dos fatos. Uma práxis consciente, por



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

assim dizer, que articula ao instrumental aprendido concepções éticas e estéticas do fazer, e aposta no fator humano em plano narrativo e organizacional. A exemplo do trabalho jornalístico realizado por Eliane Brum (2015) junto às comunidades ribeirinhas de Altamira, por reportagens publicadas no veículo *El País Brasil* (2013-2018), especialmente em contexto de construção da usina de Belo Monte, é possível evidenciar articulações possíveis do Desacontecimento enquanto valor-notícia para se narrar a resistência das gentes no dia-a-dia de enfrentamentos coletivos, a partir do diálogo e abertura sensível ao Outro. A repórter mergulha, tal qual fala Medina (1990, p. 18), “no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, históricos de vida”, quando se coloca como “escutadeira” (BRUM, 2013, p.13) da luta de homens e mulheres tensionados como refugiados em seu próprio país. Busca reverter, pela narrativa, o não reconhecimento das violações sofridas por esses povos, ao retratar sua capacidade de criação de sentidos, e se interessar por eles, incorporando, deste modo, o convite de Dimas Künsch (2000, p. 22): “Há que se fazer do próprio ato de produção simbólica uma prática de justiça, igualdade, democracia e de respeito ao outro, de diálogo com o diferente”.

Palavras-chave: jornalismo; desacontecimento; valor-notícia; cotidiano.

Referências bibliográficas

ABIB, Tayane. **Teoria do Desacontecimento e narrativa jornalística**. 2021. 280 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABIB, Tayane; VENTURA, Mauro. Aproximações à noção de desacontecimento a partir do valor jornalístico da cotidianidade. **Eco-Pós**, v.24, n.2, 2021.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. São Paulo: Leya Brasil, 2013.

BRUM, Eliane. **O pescador sem rio e sem letras**. El País, 2015. Disponível em: . Acesso em: 10 nov. 2017.

BUBER, Martin. Do diálogo e do dialógico. São Paulo: **Perspectiva**, 1982.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez & Moraes, 2004.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. ESQUIROL, J. *La resistencia íntima: ensayo de una filosofía de la proximidad*. Barcelona: Acantilado, 2015.

KÜNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.



Aplicativo para Escrituração Zootécnica na Criação de Aves e Suínos no Município de Parintins.¹

Pedro Jorge Carvalho da SILVA JUNIOR.²

Thalia Tenório BEZERRA.³

Tayane Tenório BEZERRA.⁴

Flavio Augusto dos Santos AGUIAR JÚNIOR.⁵

Adelson Menezes PORTELA.⁶

Universidade federal do Amazonas, Parintins, AM

Instituto Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

A criação de pequenos animais como aves e suínos, ou seja, animais de produção, vem ganhando espaço no Brasil e no mundo como uma das atividades de maior relevância no meio rural. A carne suína é o tipo de proteína de origem animal mais consumida mundialmente, sendo aplicadas diferentes técnicas e tecnologias na criação desses animais com intuito de sempre melhorar e aumentar a produção (BARRETO, 2017). Já a produção de carne de aves é bastante apreciada pelos brasileiros e pessoas de outros países e se destaca como a principal proteína de origem animal atualmente, por ser mais saudável que a de bovino. A avicultura brasileira se apresenta como sendo uma cadeia produtiva muito ampla e bem estruturada, tecnicizada e eficiente tanto no Brasil como no mundo. Segundo Faria (2022), é o setor mais competitivo em relação as demais culturas de animais, e a busca por tecnologia de ponta que possa melhorar a

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias Imersas e formação no contexto da cidadania digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Estudante de Graduação 8º. Semestre do Curso de Zootecnia do ICSEZ-UFAM, e-mail: jr.carvalho99493@gmail.com

³ Estudantes do Ensino Técnico 3º. semestre do Curso de Informática do IFAM-Pin, e-mail: thaliatenorio0307@gmail.com

⁴ Estudantes do Ensino Técnico 3º. semestre do Curso de Informática do IFAM-Pin, e-mail: thaytenorio2@gmail.com

⁵ Estudantes do Ensino Técnico 3º. semestre do Curso de Informática do IFAM-Pin, e-mail: flaviorango18@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Informática do IFAM-Pin, e-mail: adelson.portela@ifam.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

eficiência produtiva e reduzir os custos está também relacionada com a coleta dos dados em erros mínimos e com a implantação de recursos tecnológicos para que a coleta e gerenciamento dos dados seja mais eficiente, sendo assim crucial na produtividade de grande escala em relação a nutrição, técnicas de manejo, controle zootécnico, sanidade e genética, onde destaca-se a escrituração zootécnica. De acordo com a Embrapa (2020), a escrituração zootécnica é definida como um conjunto de técnicas e práticas inseridas em propriedades rurais que apresentam atividades com animais registrados, seja corte ou ovos. É um procedimento que engloba hábitos para melhorar resultados, sendo executada por meio de descrição formal de toda a estruturação da propriedade. Apesar da importância da escrituração zootécnica para o gerenciamento da produção animal, os pequenos criadores tem dificuldade de acesso a essas técnicas por não possuírem o conhecimento técnico e expertise para realizar a escrituração e muitas vezes não possuem condições de pagar um técnico ou comprar um software especializado no assunto, além de que mesmo profissionais da área de agrárias e agropecuárias ainda realizam a escrituração zootécnica de forma manual para coleta de dados nas propriedades rurais, por esse motivo, como forma de tentar suprir essa demanda, surgiu como proposta a criação de um aplicativo para dispositivos móveis que possa realizar esse processo de escrituração de maneira fácil e grátis. Segundo Cavalheiro (2018), “Com auxílio da tecnologia, podemos utilizar o meio mais rápido e eficaz de modo a disponibilizar informação para gerar conhecimento, oportunidades e negócios”. Desse modo, o aplicativo tem por finalidade o uso da tecnologia na escrituração zootécnica para a criação de aves e suínos no município de Parintins, de modo que facilite a vida de pequenos criadores de animais, fazendo com que eles possam gerenciar informações sobre sua produção de forma fácil e acessível, fornecendo dados precisos sobre a viabilidade da nutrição, sanidade, investimento e mão de obra na propriedade, que é uma tarefa que despende tempo e esforço, além de ser um processo complexo, principalmente para aqueles que não tem os conhecimentos técnicos necessários. O trabalho consiste em gerenciar os dados de criação e produção animal através de dispositivos moveis como celulares e tablets, por serem dispositivos com baixos custos e de fácil acesso, permitindo que produtores de aves e suínos, assim como técnicos, pesquisadores e professores de instituições de ensino na área de agrárias e agropecuárias do município de Parintins, e regiões do entorno, se beneficiem dessa



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

escrituração digital para armazenamento de dados diários, facilitando assim o manejo dos animais, como controle de ração, custos, investimentos, lucros ou prejuízos. Segundo Neto (2021) os lucros ao realizar esses dados são consideravelmente maiores após monitoramentos, este índice é muito indicado para auxiliar o produtor a escolher seus animais que serão selecionados e descartados, e nas atividades realizadas com o rebanho de corte ou postura as que mais se destacam são as atividades de: manejo sanitário, manejo nutricional e manejo reprodutivo para ambos os animais em destaque. Desse modo, destaca-se que o aplicativo proposto está em fase de desenvolvimento, tendo sido planejado a partir de pesquisas bibliográficas e conversas com profissionais da área de zootecnia e pequenos criadores da região de Parintins, sendo que após o desenvolvimento do software deverão ocorrer os testes junto aos profissionais da área e principalmente aos pequenos produtores da região para validação da proposta e possíveis adequações, se houver necessidade. Com isso almeja-se auxiliar técnicos, professores e principalmente pequenos criadores que são o público-alvo dessa tecnologia, fornecendo esses serviços de maneira gratuita e, assim, facilitar a vida dessas famílias que trabalham na criação de suínos e aves e auxiliar na geração de renda e na produção familiar da região de Parintins.

Palavras-chave: escrituração zootécnica; coleta de dados; desenvolvimento de aplicativo; criação de aves e suínos.

Referências

BARRETO, A. M. M. P. **Assistência técnica em uma criação de suínos no cariri paraibano** / Anna Macyara Maia Pedrosa Barreto. - Areia: UFPB/CCA, 2017.

CAVALHEIRO, D. S et al. **A Tecnologia da Informação no Agronegócio: uma Revisão Bibliográfica.** XVIII Mostra de iniciação de científica – 2018.

EMBRAPA. **Manejo Produtivo 2020.** Disponível em: https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/territorio_sisal/arvore/CONT000fbaroeq402wx5eo0wyh66j5zy9dq8.html. Acesso em: 20 de maio de 2021.

FARIA, I. S. **Avaliação da inclusão de aditivo simbiótico em dietas de frangos.** - Dissertação



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

(Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Zootecnia, Goiânia, 2022.

NETO, A. F. T., **A importância da escrituração zootécnica em bovinos de leite e corte registrados.** Faculdade Metropolitana de Anápolis medicina veterinária. Anápolis-GO, 2021.

ROPPA, L. Evolução do mercado mundial de suínos nos últimos 30 anos. In: FERREIRA, A. H. *et al.* **Produção de suínos teoria e prática.** Brasília: ABCS. 2014.

SILVA, S. C. R. et al. **Elaboração de aplicativos para Android com uso do App Inventor:** uma experiência no Instituto Federal do Paraná – Campus Irati-PR, 2015.



A Linguagem Musical Digital no Processo de Alfabetização e Letramento¹

Maria das Graças Pereira SOARES²

Aline dos Santos SOUZA³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e escrita são necessárias para a participação efetiva e crítica dos educandos na cultura letrada. Embora, nas últimas décadas, tenham se observado grandes avanços teórico-metodológicos na área da alfabetização e letramento, este processo ainda se coloca como um dos grandes objetivos a serem alcançados. As práticas de alfabetização e letramento nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental têm como finalidade garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e em práticas diversificadas de letramento (BRASIL, 2017). Para tanto, o contato dos educandos com a diversidade de gêneros textuais é essencial e considera-se necessário potencializar nas práticas alfabetizadoras o gênero textual “música” nas atividades de leitura, interpretação, desenvolvimento da consciência fonológica e escrita. Diante disso, apresenta-se como problema de pesquisa: como a música digital pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita dos alfabetizandos do primeiro ano do Ensino Fundamental? Esse trabalho em andamento faz parte da pesquisa de iniciação científica “A Linguagem Musical nas Práticas Alfabetizadoras na Educação do Campo”, do Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas - FAPEAM. O estudo tem como finalidade analisar a

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da cidadania digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Orientadora do Trabalho. Professora Dra. do curso de Pedagogia do ICSEZ-UFAM, e-mail: mgpssoares@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 8º Período do Curso de Pedagogia do ICSEZ-UFAM, e-mail: alinesbsantos1995@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

contribuição da linguagem musical digital nas práticas alfabetizadoras de uma escola do campo do município de Parintins-AM. Esta pesquisa de abordagem qualitativa está fundamentada nos estudos de Gil (1999), Soares (2020) e Kleiman (2005) e no documento Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017). O método de procedimento é o observacional, na visão de (GIL, 1999, p. 33) “esse método tem por objetivo proporcionar os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão nos estudos dos fatos sociais.” A pesquisa de campo será realizada em duas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola do campo e os instrumentos de coleta de dados serão a observação participante e a aplicação de questionário aos professores das turmas. Os dados parciais da pesquisa evidenciam que o processo de alfabetizar e letrar são distintos, enquanto o primeiro objetiva a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e das convenções da escrita, no segundo, o objetivo são as habilidades de compreensão e produção de textos que promovam a inserção dos educandos nas práticas de letramentos (SOARES, 2017). Na visão de Soares (2020, p. 23) “o letramento é a capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita.” Para a autora, “a alfabetização é o processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas [...]”. Assim, é preciso que os professores desenvolvam estratégias de alfabetização interativas e significativas nas práticas de leitura, interpretação e produção textual. “O conceito de alfabetização refere-se também ao processo de aquisição das primeiras letras e, como tal, envolve sequências de operações cognitivas, estratégias, modos de fazer.” (KLEIMAN, 2005, p. 13). Neste viés, a linguagem musical digital surge como um gênero textual que desperta o interesse, a participação e a aprendizagem dos alfabetizandos nas práticas de linguagem, visto que, a musicalidade é uma atividade lúdica. Conforme a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), a música é “a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura.” Na contemporaneidade, com o surgimento das tecnologias digitais e dos textos multimodais, as práticas alfabetizadoras devem contemplar a linguagem musical no formato



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

digital, já que as crianças desde muito cedo têm esse contato direto com o universo multimidiático. “E isso pode ser muito incrementado na sala de aula. Aula de português, frise-se. [...] é nesta seara das linguagens que se pode fazer uma reflexão informada, especializada e criativa sobre ler e escrever, especialmente textos multimodais, com todas as implicações deles. Afinal, escrever é um gesto.” (RIBEIRO, 2016 apud TRAJANO, 2019, p. 51). Para tanto, a música digital é um grande instrumento facilitador no processo da aprendizagem, desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças. Soares e Rubio (2012, p. 2) enfatizam que “a ação musical deve induzir comportamentos motores e gestuais, que direcionados às atividades lúdicas de alfabetização, escrita, leitura, e que facilitem a compreensão e associação dos códigos e signos linguísticos, gerando uma construção do saber”. Na fase da alfabetização, as crianças são cercadas de novidades e descobertas e encantam-se com tudo que é novo, então a linguagem musical por meio das tecnologias digitais contribuirá para ressignificar as práticas alfabetizadoras.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Linguagem musical; Práticas alfabetizadoras.

Referências

BRASIL, BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) Ministério da Educação (MEC), 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Ministério da Educação: Unicamp, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. Editora Contexto, 2020.

SOARES, Maura Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A utilização da música no processo de alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/maura.pdf> acesso: 26/10/2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

TRAJANO, Jonh Herbert de Almeida Falcão. **O uso de tecnologias digitais na alfabetização:** concepções de professores da escola pública. João Pessoa, 2019.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**Depois que Descobri a Tv 247 Nunca Mais Vi o Jornal Nacional: Um Estudo de
Comunicação, Mídia e Jornalismo Digitais Para a Cidadania¹**

Cláudio Cardoso de PAIVA²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

Em princípio cumpre anunciar a perspectiva epistemológica (filosófica, científica) que norteia este trabalho, ou seja, uma compreensão do mundo vivido em que se inscrevem os atores sociais, humanos, neohumanos (Santaella), sujeitos-objetos, actantes, atores- redes (Latour), objetos inteligentes (Lemos), entidades urbanas e da floresta (Krenak; Brum). Isto é, reconhece a nova reconfiguração sociopolítica, econômica, cultural e linguística, que solicita o concurso de uma nova ecologia da comunicação (e do jornalismo), para entendermos os novos ecossistemas da mídia e do jornalismo, implicando em um processo de redemocratização, e o que tem sido chamado de “cidadania digital” (Di Felice). Empiricamente, trata-se aqui de explorar o site 247 como uma modalidade de mídia e jornalismo independentes e um modo de ação comunicativa que enfrenta a hegemonia das mídias corporativas e a “superindústria do imaginário” (Bucci). Assim, cumpre focar a TV 247, particularmente, como uma experiência midiática audiovisual inovadora em relação aos telejornais tradicionais. Fundado em 2011, por Leonardo Attuch, o site 247 tem como “missão declarada empoderar o público por meio da informação e do conhecimento, e promover a defesa da democracia plena”. Seguindo uma linha editorial progressista, o 247 tem sofrido ataques de vários grupos empresariais, principalmente após o golpe que depôs a Presidente Dilma Rousseff (2016) e as gestões de Michel Temer (2016-2019) e Jair Bolsonaro (2019-2022). Além disso, é preciso enfrentar o problema da “crise da verdade”, a produção das *fake news*, a legiferância das Big Tech (Morozov), dos Big Data, os “Engenheiros do Caos” (Empoli), que, a serviço do neoliberalismo, não cessam de gerar desinformação. O período de 2020/2022, marcado pela pandemia na saúde e “pandemonio” na política, vai se encerrando com a vitória de Lula, um Presidente democrático;

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 4 - Net-ativismo, participação e conflitos em redes.

² Prof. Titular no Departamento de Comunicação, UFPB. claudiocpaiva@yahoo.com.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

mas longe da pacificação, vários conflitos eclodem no território nacional. Tal situação passa pelo crivo da democratização da informação e o trabalho do 247 tem desempenhado um papel importante nessa trincheira. Para compreender a comunicação e a cultura no contexto do ciberespaço é pertinente recorrer às obras *A Era da Informação* (Castells), *As Afinidades Conectivas* (Susca), *A Cidadania Digital* (Di Felice), que traduzem novas “formas comunicativas de habitar” o contemporâneo, e num enfoque específico, o texto acolhe as contribuições dos estudos de mídia, jornalismo e ativismo digital, que iluminam as arestas da nova práxis jornalística; nesse sentido, concorrem os trabalhos *A herança do golpe* (Jessé Souza), *Crônicas do Golpe* (Felipe Pena), *Nossos sonhos não cabem nas urnas – a crise da política e o netativismo* (Magalhães), *Ativismo Social hoje – Política e Cultura na era das redes* (Segurado; Amadeu; Penteado), *De Lula a Bolsonaro – Combates na Internet* (Vianna), *De Jornalista a YouTuber* (Attuch). São *insights* importantes para repensarmos os rumos da Comunicação, Mídia, Jornalismo – mediados pela tecnologia – o processo de redemocratização e o resgate da cidadania.

Palavras-chave: Site 247; jornalismo Independente; Cidadania Digital

Referências bibliográficas

ATTUCH, L. **De Jornalista a YouTuber**. Como cruzei a ponte. Reflexões sobre mídia, tecnologia e democracia. Curitiba: Kotter Editorial, Editora 247, 2020.

BRUM, E. **Banzeiro Okôtô**. Uma viagem à Amazônia centro do mundo. Cia das Letras, 2021.

BUCCI, E. **A superindústria do imaginário**. Ed. Autêntica, 2021

CASTELLS, M. **A Era da Informação**. Vol. 1. Rio: Paz e Terra, 2018.

_____. **A Galaxia Internet**. 2001.

_____. **Redes de Indignação e Esperança**.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

_____. **Movimentos sociais na era da internet.** 2013.

DI FELICE, M. **A Cidadania Digital.** A crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. S. Paulo: Paulus, 2020.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos.** Editora Vestígio, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Companhia das Letras, 2019; **__O futuro ancestral.** Companhia das Letras, 2022.

LATOURE, B. **Reagregando o social.** Uma introdução à teoria do ator-rede. EDUFBA, 2013.

LEMOS, A. **A Comunicação das Coisas.** Teoria Ator-Rede e Cibercultura. Annablume, 2021.

MAGALHÃES, M. **Nossos sonhos não cabem nas urnas.** A crise da política e o netativismo. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2021.

MOROZOV, E. **Big Tech.** A ascensão dos dados e a morte da política. Ubu Editora, 2018.

PAIVA, C.C. **“Alexa, uma assistente espiã na guerra da informação”.** Inteligência artificial, comando digital e sedução tecnológica. In: ATAS do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom 2022. GP 30 – Tecnologias e Culturas Digitais.

PENA, F. **Crônicas do Golpe.** S. Paulo: Record, 2017.

SANTAELLA, L. **Neohumano.** A sétima revolução cognitiva do sapiens. S. Paulo: Paulus, 2022

SEGURADO, R; AMADEU, S; PENTEADO, C. **Ativismo digital hoje.** S. Paulo: Hedra, 2021.

SOUZA, J. **A herança do golpe.** Ed. Civilização Brasileira, 2022. Política e Cultura na era das redes. S. Paulo: Hedra, 2021.

SUSCA, V. **As afinidades conectivas.** Para Compreender a Cultura Digital. POA: Sulina, 2019.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

VIANNA, R. **De Lula a Bolsonaro – Combates na Internet**. Curitiba: Kotter Editorial, Editora 247, 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Crise do Ensino Superior e Potência Do Pensamento¹

Teresa NEVES²

Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)

Resumo

Em 2020, os professores israelenses Tamar e Oz Almog publicaram o livro intitulado *Academia – All the Lies: What Went Wrong in the University Model and What Will Come in its Place*. Em 753 páginas, ambos descrevem, de modo amplo e detalhado, uma grave e profunda decadência do modelo tradicional de instituições de ensino superior verificada em diferentes cantos do planeta. Ainda sob o impacto mais imediato da pandemia de Covid-19, os autores compõem um retrato do que chamam de “a cultura da mentira, negação e fixação” na qual se converteu o atual modelo de universidade. Em síntese, no panorama descrito pelos autores, destacam-se muitos fatores, entre eles: a falta de profissionalismo na gestão das instituições; a aderência a métodos de ensino obsoletos e alheios às transformações advindas da internet; a desconexão entre currículos e demandas da sociedade e do mercado de trabalho, a conversão de professores em servidores desprestigiados e subservientes inseridos numa linha de produção antiquada, o descrédito do grau acadêmico e a perda de atratividade da carreira acadêmica; a inflação de publicações científicas e o conseqüente declínio na qualidade, relevância e confiabilidade da produção científica; a degenerescência dos parâmetros empregados na avaliação da pesquisa; a obsessão por rankings que condena governos e instituições ao autoengano; a perda de potência crítica e de efetividade das humanidades. O estudo flagra um estado de estagnação, no qual a elite intelectual abrigada nas instituições de ensino superior dá as costas para as transformações em curso e renega sua finalidade social. Para os dois estudiosos, os sistemas de educação e ciência estão irreversivelmente abalados e exigem a transição para um novo modelo já esboçado pela experiência acumulada durante o período pandêmico. Em relatório divulgado este ano, uma das maiores multinacionais de serviços profissionais do mundo, a Ernest & Young (EY), com sede no Reino Unido, aponta tendências disruptivas que abalam a estabilidade das

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 7) Uma outra universidade possível do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Professora associada da Faculdade de Comunicação da UFJF. email: teneves@terra.com.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

universidades tradicionais, como a emergência de modelos de organização educacional mais ágeis e responsivos às exigências do mercado de trabalho e da vida contemporânea. Programas de estudo mais atualizados, acessíveis e de menores custos, bem como novos modos de financiamento, concorrem para que as universidades percam gradualmente seu protagonismo na formação profissional. Neste novo cenário, as instituições de ensino superior convencionais perderiam sua superioridade hierárquica e se converteriam em uma das alternativas entre outros inúmeros provedores de serviços educacionais acessados por meio de diversas plataformas digitais, o que viabiliza drasticamente a redução de custos e a ampliação quase infinita da distribuição de conteúdo em termos de escala, alcance, diversidade e atualização. De acordo com o relatório da EY, diante das limitações impostas por sua extensa e onerosa infraestrutura física e técnica, as universidades que não se adequarem às rápidas e profundas transformações, perderão legitimidade e reconhecimento, cedendo espaço de prestígio e valor para outras organizações dedicadas à formação e ao conhecimento. Segundo estas projeções, para sobreviver, as instituições terão de tomar decisões embaraçosas, tais como: encerrar programas e fechar departamentos; inovar nas abordagens de ensino, conferindo ênfase ao pensamento crítico, à capacidade de discernimento e julgamento e à criatividade. Em termos de pesquisa, será necessário compatibilizar o apoio à pesquisa motivada pela curiosidade e àquela devotada à solução de problemas sociais e ambientais prementes. A proposta deste estudo é cotejar os impasses e as oportunidades indicados nos diagnósticos sobre o presente e as projeções de futuro para as instituições de ensino superior, tais como apresentadas por especialistas, com as distinções propostas por Martin Heidegger acerca de dois tipos de pensamento: o calculador e o meditativo. Tendo em vista esta intenção, propõe-se como hipótese conceber a atual crise do modelo universitário como derivado da predominância do pensamento calculador nestas instituições e, em correspondência, as perspectivas abertas pelas novas tendências e configurações das práticas acadêmicas como oportunidade para a eclosão do pensamento meditativo como essencial no âmbito educacional.

O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. O pensamento que calcula nunca para, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita (*ein besinnliches Denken*), não é um pensamento que reflete (*nachdenkt*) sobre o sentido que reina em tudo



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

que existe (HEIDEGGER, 1959, p.13).

Ambos os tipos de pensamento – enfatiza Heidegger – são, cada qual a seu modo, legítimos e necessários. Enquanto o pensamento meditativo é planejador e investigador, sempre a partir de condições prévias, em função de algum objetivo almejado e previsão de resultados, o pensamento meditativo demanda grande esforço, treino demorado e cuidados delicados. Tal como procede o lavrador, quem medita precisa aguardar que a semente brote e seus frutos amadureçam (HEIDEGGER, 1959, p. 13-14). Deste tipo de pensamento depende o despertar para outro tipo de relação com o mundo, com o conhecimento, a educação e a formação em tempos de radicais mudanças nos modos de existir, sobretudo frente ao impacto das tecnologias. Nas palavras de Heidegger (1959, 21):

[...] “aquilo que é verdadeiramente inquietante não é o fato de o mundo se tornar cada vez mais técnico. Muito mais inquietante é o fato de o homem não estar preparado para esta transformação do mundo, é o fato de nós ainda não conseguirmos, através do pensamento que medita, lidar adequadamente com aquilo que, nesta era, está realmente a emergir”.

A complexidade de nossa época exige interdisciplinaridade, revisão e recomposição de conceitos, abertura para saberes não (re)conhecidos, mudança de paradigmas, tradução para outras linguagens. É pertinente, portanto, supor que a provável fase terminal das instituições de ensino superior fertilize o terreno para que uma nova episteme possa florescer.

Palavras-chave: ensino superior; universidade; pesquisa; tecnologia; pensamento.

Referências

ALMOG, Tamar; ALMOG, Oz. **Academia: All the Lies - What Went Wrong in the University Model and What Will Come in its Place**, 2020.

FRIDAY, Catherine. **As universidades do passado continuarão a existir no futuro?** Disponível em: https://www.ey.com/pt_br/education/are-universities-of-the-past-still-the-future. Acesso em: 26 out. 2022.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**Divulgação da Ciência na 2ª Onda da Pandemia: A Cobertura Sobre Pesquisas
Científicas da Covid-19 no Portal D24AM¹**

Célia Beatriz Mesquita de SOUZA.²

Cristiane de Lima BARBOSA.³

Grupo de Pesquisa Trokano

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Logo após o grande susto da 1ª onda da pandemia, a capital amazonense voltou a sentir os efeitos causados pela contaminação do novo coronavírus (Sars-Cov-2). A curva ascendente de novos casos, hospitais superlotados, falta de vagas de UTI, falta de equipamentos, profissionais e principalmente de oxigênio marcaram os primeiros dias do ano de 2021, com o advento da chamada 2ª onda da Covid-19, na capital. O referido cenário gerado pela doença, na capital do Estado, percorreu o mundo por meio de imagens e textos veiculados em portais de notícias e em mídias sociais digitais. O papel da imprensa na internet se tornou ainda mais importante para garantir a informação para o público. Assim, esse trabalho de Iniciação Científica teve o objetivo de investigar como o portal D24AM abordou pesquisas científicas sobre a Covid-19 durante os primeiros meses da pandemia, no período de janeiro a junho de 2021. Como hipóteses confirmadas a partir da verificação, apontou-se: a) os sites de notícias publicaram matérias factuais sobre pesquisas de maneira pontual, sem aprofundamento das temáticas e b) houve o tratamento discursivo adequado na transposição do discurso científico para o de divulgação científica. Para atender os objetivos específicos, foi realizada pesquisa bibliográfica, para contextualizar o estado da arte e a pesquisa documental para abordar os dados coletados

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 5) Jornalismo possíveis: ecologia de traduções de mundos do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam); bolsista de Iniciação Científica PIBIC; integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokanó); e-mail: b.souza200902@gmail.com

³ Orientadora do projeto. Doutora em Ciências da Informação e Comunicação; Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); vice-líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokanó); e-mail: crisb.jor@gmail.com; crisbarbosa@ufam.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

durante o ano de 2021. Stumpf (2011) conceitua a pesquisa bibliográfica como um conjunto de procedimentos que visa identificar e selecionar informações em obras pertinentes, neste caso, foram realizadas leituras iniciais sobre as temáticas relacionadas a esse estudo, tais como divulgação científica e jornalismo científico. A pesquisa bibliográfica concentrou-se em monografias, dissertações, teses, artigos científicos e matérias que tratem sobre o tema jornalismo científico e saúde. A coleta de dados foi feita a partir das publicações no site D24AM, utilizando-se da editoria “Coronavírus no Amazonas”. O estudo articula métodos qualitativos de observação direta (descrição simples e avaliação qualitativa do website) e quantitativos – análise de conteúdo das publicações sobre a Covid-19. Para análise de conteúdo, a princípio, os links das matérias da aba “Coronavírus no Amazonas” foram coletados por observação direta não participante no portal D24AM e por ordem de publicação em um arquivo Word. A fim de ter uma visão do ritmo e volume de produção, ainda foi realizada a medição de publicações nos portais com os indicadores: Número de matérias publicadas nos sites; Produção diária de matérias publicadas sobre a Covid-19 nos sites analisados. A discussão qualitativa sobre o jornalismo científico se dará por meio do referencial de Sousa (2006) que indica os elementos de análise qualitativa do discurso jornalístico: análise do tema, dos enquadramentos e das estruturas, a determinação dos objetivos do enunciador e dos objetivos e ações dos protagonistas, o estudo das estruturas textuais, a determinação das qualidades atribuídas às fontes e personagens. Nesse aspecto analítico, foram analisadas questões da contextualização das matérias de pesquisas científicas sobre a Covid-19, como: A matéria busca explicar de forma acessível ao leitor conceitos científicos complexos? Quais elementos do jornalismo científico são abordados nas matérias analisadas? Para tanto, foram selecionadas três matérias, de forma aleatória, dentro da categoria de jornalismo científico, publicadas na aba de “Coronavírus no Amazonas” do portal D24AM para evidenciar a análise e assim verificar os sentidos atribuídos discursivamente ao novo coronavírus durante a cobertura jornalística da doença. Como procedimentos metodológicos, o estudo teve caráter quali-quantitativo por meio da técnica da Análise de Conteúdo baseada em Bardin (2009) e Minayo (1994), sendo organizado em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação. Nos tópicos abordados nas matérias científicas, identificaram-se as temáticas: estudo de medicamentos,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

diagnósticos e contaminação. Notou-se ainda, que algumas reportagens antes de serem replicadas no portal D24AM, eram exibidas no programa Amazonas Diário (telejornal do grupo Diário de Comunicação), e em formato de vídeoreportagens possibilitavam ao receptor da mensagem situar-se no conteúdo, permitindo assimilar e compreender a divulgação científica através do uso de representações e recursos gráficos. Já as matérias escritas, em sua grande maioria, apresentavam em sua estrutura parágrafos longos e concentração em discursos de autoridades, oferecendo pouco espaço para o ponto de vista da população. Para Barbosa (2010), é indispensável que o webjornalismo científico utilize dinâmicas fundamentais para facilitar e atrair a leitura do público, como: uso de parágrafos curtos e frases sempre diretas. Ao responder à pergunta norteadora deste estudo, inferiu-se que o portal D24AM, dentro do período e corpus analisados, contribuiu para a divulgação de pesquisas científicas relacionadas à covid-19 durante a 2ª onda da pandemia no Amazonas, mas com baixo volume de matérias com cobertura científica em relação às demais temáticas publicadas pelo referido portal, no mesmo intervalo de tempo. De forma quantitativa, as matérias sobre pesquisas científicas corresponderam a 3,1% das publicadas no período de janeiro a junho de 2021, dedicando-se, majoritariamente, ao jornalismo factual. Por conclusão, este estudo apontou caminhos para entender como o portal D24AM atuou na cobertura jornalística de ciência no período da pandemia, assim como constatar se elementos fundamentais na prática do jornalismo científico foram explorados para melhorar a qualidade de notícias sobre covid-19.

Palavras-chave: Jornalismo científico; pandemia; covid-19; Amazonas; notícias.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Cristiane de Lima. **A textualização científica em dois discursos: Jornalismo ou Ciência.** 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010. Ok

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Portugal: Edições 70, 2009.

BOTELHO, Patrick Bragança. Você sabe o que é infodemia?. **Politize**, [S. l.] 19 out. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/infodemia/https://www.politize.com.br/infodemia/>. Acesso em: 28 dez. 2021. Acesso em 28 dez 2021.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

CALDAS, G. **Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência.** In: PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., orgs. *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 19-36. ISBN 978-85-232-1181- 3.

CASTELFRANCHI, Y. **Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público?** In: MASSARANI, Luisa. (Org.). *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, p.13-22, 2010.

IVANISSEVICH, Alicia. **A mídia como intérprete: Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo.** In: BOAS, Sergio Vilas (Org.). *Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus, 2005, p. 25

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo: Geração, 2003.

LAGE, Nilson. **O Jornalismo Científico em Tempos de Confronto.** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

MARQUES, José. TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha. **Folha de São Paulo**, cidade de publicação, dia, mês e ano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml> Acesso em: 28 de dezembro de 2021.

MENDES, Marina Chiari Lima. **A pluralização das fontes de informação no ciberjornalismo Português: contribuição para a definição de parâmetros específicos de qualidade.** Orientador: Helder Bastos. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação – Estudos de Media e Jornalismo) - Universidade do Porto, Porto, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 21. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NEGREIROS, Karina. **Factual vs Investigação: A Pauta do Ciberjornalismo no contexto Brasil e Portugal.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, p. 116. 2018.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico.** São Paulo: Contexto, 2002. OLIVEIRA, V.C. **As fabulações jornalísticas e a saúde.** In: Katia Lerner e Igor Sacramento. (Org). *Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas*. 1a Ed. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, v.1, p. 35-60, 2014.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz; NARITA, Sandra. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português.** Intercom, 2002.

PEZZOTTI, Renato. **Estudo aponta tendências do “novo consumo” em tempos de coronavírus.** Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/20/estudoaponta-tendencias-do-novo-consumo-em-tempos-de-coronavirus.htm>. Acesso em 12 jun 2020.

RODRIGUES, Allan. **Jornalismo e Meio Ambiente na Amazônia: a cobertura de eventos ambientais extremos pela imprensa escrita de Manaus.** Manaus: EDUA, 2017. 240 p. v. 1. ISBN 978-85-7401-954-3.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo.** São Paulo: Summus, 1997.

SOUSA, J.P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos Media.** 2a ed. Edições Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUSA, J.P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos Media.** 2a ed. Edições Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer.** Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011. P.51-6.

UCKUS, Fabiana. Consumo de mídia durante a pandemia de coronavirus no Brasil. **Comscore.** Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-noBrasil>. Acesso em 28 dez 2021.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica:** subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Editora Unicamp, 2001.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Cientistas nas Mídias Sociais em Tempos de Pandemia: Uma Análise dos Canais de Influenciadores Digitais como Fontes de Informação.¹

Rubia Anyê CASSOL.²

Cristiane de Lima BARBOSA.³

Grupo de pesquisa Trokano

Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM

Resumo

O estudo tem o objetivo geral de verificar como cientistas brasileiros contribuíram para a Divulgação Científica (DC) em mídias sociais digitais no combate à desinformação sobre a Covid-19. Para tanto, escolheu-se dois importantes cientistas brasileiros para esta análise: Átila Iamarino e Lucas Zanandrez (Olá, ciência!), pela relevância e audiência expressiva nas mídias sociais digitais. Como percurso metodológico, o trabalho de cunho exploratório e descritivo se dará por meio de uma metodologia mista, envolvendo análises quantitativas e qualitativas. Para tanto, será aplicada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004) que vai diagnosticar como ocorreu a divulgação de temas relacionados à Covid-19 em mídias sociais digitais, que passaram por desinformação viral na internet, na primeira, segunda e terceira onda da pandemia. Assim, essa proposta tem relevância acadêmica para o curso de Jornalismo, a qual busca fortalecer o processo de investigar o papel da DC para reduzir a desinformação na internet. Com o início da pandemia, em 2020, foi reforçada a necessidade de disseminar conhecimento científico de forma mais democrática para o combate da desinformação. Segundo a Opas, a desinformação consiste em uma informação tida como falsa ou imprecisa com o objetivo de enganar. Diante do quadro mundial crítico do Covid-19, essa prática pode afetar todos os aspectos da vida, em especial, a saúde. “(...) a busca por atualizações sobre a Covid-19 na Internet cresceu de 50% a 70% em todas as gerações. Em uma pandemia, a desinformação pode prejudicar a saúde humana” (OPAS, 2020, p. 1). Há a circulação de informações imprecisas e falsas sobre todos

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 4) Net-ativismo, participação e conflitos em redes do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: Rubiacassol16@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email:crisb.jor@gmail.com/crisbarbosa@ufam.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

os aspectos da doença, que vão desde a origem do vírus, teorias da conspiração, causas, tratamentos, curas, mecanismos de propagação. Com a rapidez e fluidez das mídias sociais digitais, tais informações falsas podem mudar o comportamento das pessoas e levarem a riscos maiores. “Tudo isso torna a pandemia muito mais grave, afetando mais pessoas e comprometendo o alcance e a sustentabilidade do sistema global de saúde” (OPAS, 2020). Em um cenário de incertezas, veículos de notícias recorreram a falas de cientistas especializados, como é o caso do doutor em microbiologia Atila Iamarino. Fundador de um site sobre divulgação científica, em 2007, sua ascensão digital foi possível pelo fluxo de postagens e informações, transmitidas por ele, no decorrer da pandemia de covid-19. Assim como também do biomédico Lucas Zanandrez, mestre em Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual, no canal ‘Olá, Ciência’. Ambos foram escolhidos pelo volume expressivo de audiência em seus canais, demonstrando a relevância deles. Para esses cientistas brasileiros, a notoriedade dada a eles neste período, veio ligada à dificuldade de fazer e divulgar ciência em meio a um governo considerado no meio científico como negacionista, que tem como principais expoentes atualmente o movimento antivacina e o terraplanismo. Camargo e Coeli (2020) explicam que os processos de negacionismo apresentam cinco características, todas observadas ao longo dos últimos meses nas discussões públicas sobre a pandemia, a saber: 1) identificação de conspirações; 2) uso de falsos experts; 3) seletividade, focalizando em artigos isolados que contrariam o consenso científico (“cherry-picking”); 4) criação de expectativas impossíveis para a pesquisa; e 5) uso de deturpações ou falácias lógicas” (CAMARGO; COELI, 2020, p.2). Nesse sentido, esse trabalho se justifica por contribuir com os estudos recentes sobre o papel das mídias sociais na construção de um campo de divulgação científica e também por ajudar a compreender como isso ocorreu no período da pandemia do Covid-19 no Brasil. O presente projeto tem o objetivo geral de analisar como cientistas brasileiros contribuíram para a divulgação científica em mídias sociais digitais no combate à desinformação sobre a Covid-19. A pergunta norteadora desse projeto, consiste em: Como pesquisadores brasileiros contribuíram para o combate à desinformação nas mídias sociais digitais no período da pandemia? Nesse sentido, buscaremos constatar as seguintes hipóteses: a) Os cientistas analisados publicaram materiais, nas diversas mídias sociais digitais, sobre pesquisas relacionadas à covid-19 com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

linguagem acessível ao grande público, confrontando as chamadas notícias falsas (fake news),

b) Os cientistas contribuíram de forma positiva e com um grande volume de informações a fim de combater a desinformação e a infodemia. Por influenciador digital se entende como uma profissão contemporânea, em grande projeção no mercado, sejam eles blogueiros, youtubers, instagrammers, oriundos dos aplicativos de redes sociais, e que usam a influência como ferramenta de trabalho. “Quando falamos em digital, corporizado na Web, falamos de uma poderosa plataforma que se diluiu na gestão do nosso cotidiano. Por isso, está na hora de encarar o ambiente digital como um espaço importante de gerir informação e conhecimento” (MONTEIRO, 2014, p.232). A plataforma de vídeos, Youtube, há anos vem sendo aliada na divulgação e aproximação ao conhecimento científico, levando ao público geral conteúdos de fácil acesso e entendimento. “A popularização do YouTube para produção de conteúdo educativos, além de ser a maior e mais conhecida plataforma de compartilhamento de vídeos on-line, deve-se à sua facilidade de acesso e disponibilidade”. (CORTE; TELLAROLI, 2021). Ferreira (2001) fala sobre como essa sociedade de massa, associada à uma sociedade da prensa, cria “indivíduos atomizados, alienados, presos em seu isolamento, ou então, ilhados no seu silêncio”, como se a população, mesmo com suas diferenças religiosas, políticas e comunitárias, tendessem a entrar em uma espiral do silêncio para com informações. Por conta deste fenômeno social, urge a necessidade de se apoiar em falas de pessoas confiáveis nos assuntos para ter precisão nas informações. Assunto tratado pela teoria da persuasão, estudada no curso de comunicação social, se segurando em quatro indagações básicas - quem disse o quê? por que meio? (canal usado para a comunicação) para quem? para obter quais efeitos?-, a fim de assegurar a veracidade de tal informação, partindo do “quem”, conforme Wolf (1999). Essa teoria nos leva a indagar até que ponto a persuasão e confiança na palavra do comunicador pode chegar, partindo das premissas individuais de cada indivíduo. Diante disso, este trabalho será realizado em três fases: a primeira consiste na revisão da literatura relacionada à temática; coleta de dados; e por fim, a interpretação e discussão dos dados, com as considerações finais.

Palavras-chave: Divulgação científica; desinformação; influenciadores digitais; mídias sociais



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

digitais.

Referências bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARBOSA, C.L. **A textualização científica em dois discursos: jornalismo ou ciência?** Manaus: Ufam. (dissertação de mestrado), 2010.

BUENO, W. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. São Paulo: USP/ECA. (tese de doutorado), 1984.

CORTE, Jéssica Cristina. TELLAROLI, Taís Marina. **A divulgação Científica em Tempos de Pandemia: Análise do Canal do Atila Iamarino no YouTube**. Intercom, 2021.

CAMARGO JR. Kenneth Rochel de. COELI, Claudia Medina. A difícil tarefa de informar em meio a uma pandemia. In: **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30(2), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/Y9rxTRzQZkvCdjTsFK6gX3f/?lang=pt&format=pdf>; Acesso em 19 de março de 2022.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa**. In: **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**.

FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Claudio (Org.). 2 ed. **Petrópolis: Vozes**, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.
HOHLFELDT, Antonio. MARTINO, Luiz C. FRANÇA, Vera Veiga. **Teoria da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Editora vozes, 2011.

MONTEIRO, D., ALMEIDA, F., CAMPOS, J. **Comunicação 2.0: como o poder da web influência decisões e desafia modelos de negócio**(e-book). Lisboa: Editora Conjuntura Actual. 2014.OPAS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. [Versão Eletrônica]. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/FactsheetInfodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso 12 de agosto de 2020.

RECUERO, Raquel. **Estudando discursos em mídia social: uma proposta metodológica**. In: **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

SANCHES, Priscila. A Importância da Inserção de Notícias Positivas na Cobertura Jornalística à Pandemia da Covid-19. In: GADINI, Sérgio; OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de (Org). **Jornalismo em tempos de pandemia do novo coronavírus**. -1ª edição Aveiro: Ria Editorial. 2020. P. 444-44.

SILVA, Tarcízio. BUCKSTEGGE, Jaqueline. ROGEDO, Pedro. Brasília: **IBPAD**, 2018, p. 13-30.

SOUSA, J.P. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2ª edição revista e ampliada. Porto, 2006.

STUMPF, I. R. Pesquisa bibliográfica. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. Duarte, J. e Barros, A. 2ª edição. São Paulo, Atlas, 2011, p. 52-61.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5ª edição. Lisboa: editorial presença, 1999.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Jornalismo Científico na 3ª Onda da Pandemia: a Cobertura a Covid-19 nos Portais D24AM e A Crítica

Ana Clara Aguiar ROCHA¹

Cristiane de Lima BARBOSA²

Grupo de pesquisa Trokano

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Quando se imaginava que o cenário crítico da pandemia havia amenizado, uma nova onda - a terceira - do Covid-19 atingiu o Brasil, com um volume expressivo de pessoas contaminadas. Desta vez, o efeito da vacina aplacou o número de óbitos. Alguns fatores como o ritmo lento na vacinação e negligência na adoção de medidas eficazes, são apontadas como causas de uma nova onda da pandemia de Covid-19 em Manaus, capital do Amazonas, pela variante Ômicron. O Amazonas diagnosticou 580 mil casos confirmados do novo Coronavírus no estado, segundo boletim epidemiológico consolidado pela Fundação de Vigilância em Saúde (FVS-AM) até 19 de março de 2022. O número de óbitos ocasionados pelo vírus chegou a 14.147. Nesse contexto, o papel da imprensa na internet se tornou ainda mais importante para garantir a informação para o público, que busca diariamente informação verificada. Em um cenário de pandemia, os noticiários brasileiros e mundo afora foram invadidos pelo que é da práxis do jornalismo: atualização dos números de contaminados e mortos, que se multiplicaram exponencialmente com o passar dos dias (SANCHES, 2020). Além da crise econômica causada pela paralisação da atividade econômica, consequência da quarentena imposta à população, como estratégia de combate à doença, o público “ainda teve de enfrentar o desencontro de informações governamentais a respeito do enfrentamento à Covid-19, com troca de acusações e disputas de poder entre as esferas executiva, legislativa e judiciária no País” (SANCHES, 2020, p. 445). Em tempos de pandemia, o Estado que geograficamente está na Amazônia, ficou ainda mais no

¹ Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: claraaguiar901@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: cri.jor@gmail.com/crisbarbosa@ufam.edu.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

centro das atenções e merece uma cobertura jornalística de alto nível, em especial nos portais online de notícias. Tendo em vista tal contextualização, o objetivo geral do projeto é diagnosticar como ocorreu as dinâmicas do jornalismo científico na cobertura sobre o Covid-19 nos portais de notícias D24 AM e A Crítica, durante a 3ª onda da Covid-19, no Estado do Amazonas. Os objetivos específicos são a) Construir um aporte metodológico para a análise da referida cobertura; b) Identificar elementos necessários para avaliar a qualidade das matérias sobre a covid-19, na perspectiva do jornalismo científico nos portais D24AM e A Crítica, na terceira onda em 2022. c) Verificar a evolução da circulação de notícias voltadas para ciência sobre a pandemia nos referidos portais na 3ª onda da pandemia da Covid-19, comparando com os dados de estudos anteriores na 1ª e 2ª ondas. Essa pesquisa está dando continuidade aos estudos iniciados em 2020 para avaliar possíveis evoluções quanto a quantidade e qualidade das informações sobre pesquisas científicas que circularam no Portal D24 AM e A Crítica, no período de 2022 (janeiro), comparando com os resultados do período analisado em 2021 (janeiro a junho). O recorte temporal se dá no primeiro semestre de cada ano para haver o balizador contextual que permitirá a análise comparativa. Para atender os objetivos específicos, é realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de contextualizar o estado da arte e a pesquisa documental para abordar os dados coletados durante o ano de 2022, comparando-os aos tabulados no ano de 2021. No decorrer do levantamento bibliográfico, o pesquisador executou leituras iniciais utilizando o referencial teórico sobre jornalismo científico, pandemia e webjornalismo. A coleta de dados está sendo feita a partir das publicações no portal D24 AM e A Crítica. O estudo articulará métodos qualitativos de observação direta (descrição simples e avaliação qualitativa dos websites) e quantitativos – análise de conteúdo das publicações sobre o Covid-19, nos sites. O material identificado que tiver relação com o objeto de estudo será analisado qualitativamente por meio da técnica da Análise de Conteúdo baseada em Bardin (2009), e será organizado em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação. Para a análise de conteúdo, as matérias serão organizadas em tabelas pelas informações: veículo, data, título; link, a fim de ter uma visão do ritmo e volume de produção. Será feita a medição de publicações nos portais com os indicadores: N° de matérias publicadas nos sites; Produção diária de matérias publicadas sobre a Covid-19 no site analisado. A fim de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

atender o objetivo específico de verificar como ocorreu a evolução quali-quantitativa das publicações acerca de pesquisas sobre a Covid-19, será realizada a análise comparativa de dados levantados na segunda onda (versão de 2021) e confrontados com os resultados obtidos no levantamento, no primeiro trimestre de 2022 (terceira onda). Assim, obteremos uma visão de como o jornalismo científico online, neste estudo de caso, se comportou em três momentos históricos da pandemia. Essa proposta tem relevância acadêmica para o curso de Jornalismo, a qual busca fortalecer o processo de investigar o papel da comunicação na área da saúde. Isso porque em termos de pesquisas científicas, a temática presente busca respostas para o papel social do jornalismo em especial, em épocas de extremos eventos como essa pandemia do novo coronavírus. Os resultados deste estudo apontam para um diagnóstico sobre a cobertura e prática do jornalismo científico, na primeira e segunda onda da pandemia, em especial nos epicentros da doença no Brasil, como no Estado do Amazonas.

Palavras-chave: Comunicação e Saúde; Jornalismo científico; Jornalismo online; Pandemia; Covid-19; Amazonas.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**: Edições 70, 2009.

BENETTI, Marcia. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2ª edição. Coleção Fazer Jornalismo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. p. 123142.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. Cia das Letras, 2000.

BUENO, Wilson Costa. Jornalismo científico no Brasil: o compromisso de uma prática independente. 1984. **Tese** (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

CASTELFRANCHI, Y. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Claudia; KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração 2003.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

LERNER, K. Doença, mídea e subjetividades: algumas aproximações teóricas. In: Katia Lerner e Igor Sacramento. (Org). **Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, v. 1, p. 151 – 161, 2014. IANG,T. (2020).

Handbook of COVID-19 preventions and treatment. The First Affiliated Hospital, Zhejiang University School of Medicine. **Compiled According to Clinical Experience**. Disponível em <https://covid-19.conacyt.mx/jspui/handle/1000/25>. Acesso em 22 de março de 2022.

MASSARANI, Luisa. (Org.). **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, p. 13-22, 2010.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MOHERDAUI, Luciana. **O usuário de notícias no jornalismo digital: um estudo sobre a função do sujeito no Último Segundo e no A Tarde On-line**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social (Salvador: Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Congtemporânea – UFBA, 2005), PP. 25-26.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002. OLIVEIRA, V.C. As fabulações jornalísticas e a saúde. In: Katia Lerner e Igor Sacramento. (Org). **Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, v.1, p. 35- 60, 2014.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: Apontamentos para debate**, in: http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha_palacios.doc. Acesso em 15.07.2002.

PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz; NARITA, Sandra. Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. **Intercom, 2002**.

PEZZOTTI, Renato. **Estudo aponta tendências do “novo consumo” em tempo de coronavírus**. Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/20/estudo-aponta-tendencias-do-novo-consumo-em-tempos-decoronavirus.htm>. Acesso em 12 jun 2020.

PRADO, Ana Lucia. Uma notícia a cada 90 segundos: estudo de caso de um jornal online. In: **Revista Pauta Geral: revista de jornalismo**. Ano 9, n.4, 2002. p.89-107.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

SANCHES, Priscila. A Importância da Inserção de Notícias Positivas na Cobertura Jornalística à Pandemia da Covid-19. In: GADINI, Sérgio; OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de (Org). **Jornalismo em tempos de pandemia do novo coronavírus**. -1ª edição Aveiro: Ria Editorial. 2020.

SANTOS, J. M. **O que é a análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

SOUSA, J.P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos Media**. 2ª ed. Edições Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. 1.

UCKUS, Fabiana. **Consumo de mídia durante a pandemia de coronavirus no Brasil**. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil>.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelo vírus**. São Paulo: Contexto, 2008.

UJVARI, Stefan Cunha. **Pandemias**: a humanidade em risco. São Paulo: Contexto, 2010.

VEGA, Benjamín Camacho; MIRANDA, Zeny Duarte. Os usos dos sites noticiosos para gerar uma divulgação científica massiva. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XX ENANCIB, 2019.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

A Tecnologia *Blockchain* para a Gestão de Resíduos¹

Mariana Araujo Rodrigues Chapouto LOPES²

Massimo DI FELICE³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Mais de 80 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos são geradas no Brasil anualmente (ABRELPE, 2021). Dessas 80 milhões, menos de 10% dos resíduos que poderiam ser recuperados são reciclados (SNIS, 2022). A ineficiência das políticas públicas e dos processos industriais e empresariais para a gestão de resíduos reflete a complexidade e dificuldade dos setores em lidarem não somente com a destinação, mas também com a coleta e tratamento dos resíduos. Hoje, devido à escassez de dados factíveis sobre o tema, há falta de clareza em relação à geração de resíduos e outras variáveis, o que impacta e prejudica as tomadas de decisões privadas e públicas. É a partir dos dados que as organizações desenvolvem caminhos mais eficientes de produção e gestão e o governo elabora políticas públicas melhor embasadas. Afinal, a gestão de resíduos é um ecossistema criado por dados e monitorado por meio deles. Nesse cenário, é essencial que tecnologias auxiliem na geração, gestão e monitoramento dos dados, e busquem resolver o desafio de gerar números confiáveis em um mercado historicamente marcado pela falta de transparência e rastreabilidade. A aplicação da tecnologia blockchain para a gestão de resíduos sólidos surge como uma alternativa para essa problemática. A tecnologia oferece rastreabilidade, confiabilidade, segurança e imutabilidade dos dados, além da rastreabilidade dos resíduos desde a extração da matéria-prima, durante os processos produtivos industriais até a sua destinação final. Além disso, a tecnologia blockchain possibilita a criação de mecanismos de incentivo de reciclagem para que a população possa fazer parte da transformação. A pesquisa em andamento surge com o questionamento: como startups têm

¹Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 1) Epistemologias reticulares: o protagonismo dos não-humanos e a comunicação pós-antropocênica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Relações Públicas da ECA-USP, e-mail: mariana.chapouto@usp.br

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas da ECA-USP, e-mail: massimo.atopos@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

aplicado a tecnologia blockchain para o setor de resíduos e quais têm sido os focos das aplicações? Por meio de uma pesquisa exploratória, o trabalho visa analisar e entender como o mercado de startups, que tem a inovação como um forte norteador, tem aderido à tecnologia em prol da gestão de resíduos. Para analisarmos essa questão de forma aprofundada, será realizado um estudo de caso com uma startup que utiliza a arquitetura blockchain com enfoque na gestão de resíduos. A pesquisa tem como ponto de partida uma análise da relação entre os seres humanos e a natureza a partir da revisão de conceitos como o Antropoceno e Capitaloceno. Com o "Contrato Natural", de Michel Serres, e a "Teoria de Gaia", de James Lovelock, se destaca uma nova forma de compreender o planeta terra e repensar a natureza, com o objetivo de ultrapassar a limitação da ideia ocidental em não compreender a natureza para além de algo externo à sua existência. Nessa dinâmica, é importante ressaltar que há uma ênfase em uma nova cultura ecológica em que as tecnologias digitais não são mais ferramentas, mas parte do processo evolutivo e da recuperação da natureza. A espécie humana se transforma por meio de tecnologias digitais e essa relação que é criada entre resíduos e a blockchain é uma expressão de uma nova ecologia transorgânica e condição habitativa - não sujeito cêntrica -, mas uma passagem para outro tipo de natureza, espécie e civilização. O agir em rede é realizado por meio da colaboração com diversas entidades não apenas humanas, mas também com os dispositivos, algoritmos, e dados, e faz parte do processo de transubstancialização: a transformação de toda matéria "real" em dados. O efeito dessa dinâmica é o fim da barreira on- e offline. A ideia da pesquisa é explorar a constituição desse novo tipo de social que se encontra em uma nova arquitetura conectiva que compreende não apenas humanos, mas também as coisas, o ambiente, as tecnologias: os não-humanos. Assim, por meio do estudo de caso, o objetivo é evidenciar e compreender esse ecossistema mais complexo interconectado entre humanos, resíduos, meio ambiente e tecnologias digitais, como a blockchain, a fim de ultrapassar a ideia de sustentabilidade que ainda se caracteriza pelo antropocentrismo. Essa introdução é seguida pela revisão sobre a tecnologia blockchain e sua aplicação para a gestão de resíduos. A tecnologia, que tem sido amplamente abordada pelo mercado financeiro principalmente devido à sua origem, já apresenta aplicações a favor do meio ambiente e da justiça social. Estudar casos em que a blockchain tem sido aplicada com sucesso é uma forma de incentivar a melhoria da sua



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

aplicação e constará-la como alternativa futura para outros projetos. Há uma forte presença de pesquisas que analisam as potencialidades do seu uso, principalmente para cadeias de suprimentos, por possibilitar um rastreamento completo de todos os atores envolvidos e suas ações, além de manter dados relacionados aos processos inalterados. Dessa forma, é perceptível como a blockchain oferece um novo olhar para a realidade e nos leva a agir, pensar e planejar de outra maneira, além de concretizar ações que tenham a transparência como premissa. A blockchain é um exemplo claro e concreto de como uma tecnologia inovadora possibilita um novo agir do ser humano e cria uma nova ecologia que possibilita gerenciar relações com os resíduos. Importante destacar que a gestão de resíduos já é uma ação de mitigação do impacto ambiental, uma vez que, com o crescimento da população, a quantidade de resíduos gerados tende a aumentar em um sistema que já não se sustenta. A aplicação da blockchain otimiza o impacto ambiental positivo e oferece novas oportunidades e alternativas escaláveis para empresas e cidades. A blockchain possibilita a concretização de práticas mais justas com o meio ambiente, com as pessoas, novas formas de pensar a redução dos impactos ambientais e surge também como uma dispersora e implementadora de uma nova relação entre o ser humano e o seu entendimento do meio ambiente. A partir de um novo tipo de social que conecta humanos e não-humanos por meio da digitalização, há a agregação de diversas entidades que, sem elas, nós, seres humanos, não conseguiríamos habitar nem atuar no planeta.

Palavras-chave: blockchain; tecnologia; resíduos; meio ambiente.

Referências

Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://abrelpe.org.br/panorama-2021/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2022.

Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento. Diagnóstico Temático Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos. 2022. Disponível em: <http://www.snis.gov.br/downloads/diagnosticos/rs/2020/DIAGNOSTICO_TEMATICO_INFR_AESTRURA_PARA_OS_SERVICOS_RS_SNIS_2022.pdf>. Acesso em: 04 de novembro de 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Apropriação de Ambientes Imersivos: Relato de Experiências no Contexto da Educação Básica¹

João Velasques PALADINI²

Eliane SCHLEMMER³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS

Resumo

O presente resumo tem origem nas reflexões realizadas por um grupo de professores de uma escola de Educação Básica no desenvolvimento da pesquisa “A Cidade como Espaço de Aprendizagem: Práticas pedagógicas inovadoras para a promoção da cidadania e do desenvolvimento social sustentável”, coordenada pelo Grupo Internacional de Pesquisa Educação Digital - GPedU Unisinos/CNPq, vinculado ao programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Destaca-se que o objetivo principal da pesquisa consistiu em, a partir da construção de metodologias e práticas pedagógicas inovadoras que se apropriam da cidade (cibricidade) enquanto espaço de aprendizagem, propor elementos para subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas para as séries finais do Ensino Fundamental e Formação Docente, que promovam a cidadania para um desenvolvimento social sustentável. Durante a formação pedagógica desenvolvida em uma das escolas, acompanhada das práticas pedagógicas inventivas desenvolvidas, optou-se, estrategicamente, por co-criar ambientes imersivos que favorecessem o processo de aprendizagem dos estudantes, nas diferentes disciplinas participantes, e dos professores, no contexto da apropriação de diferentes tecnologias digitais. Apresenta-se o problema: Como ocorre a apropriação de ambientes imersivos em uma escola de Educação Básica? Cujo objetivo principal é compreender como ocorre o processo de apropriação de ambientes imersivos em uma escola de educação básica. Fundamenta-se metodologicamente no método

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutorando do Curso de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Docente da Educação Básica, São Leopoldo/RS, email: joao.vpaladini@gmail.com

³ Docente do Curso de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, email: elianschlemmer@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

cartográfico de pesquisa intervenção, no qual o professor-pesquisador-cartógrafo busca co-criar um território inventivo junto de diversas entidades, mas com sua atenção voltada para a aprendizagem dos estudantes. O território inventivo em co-criação tem como objetivo problematizar o mundo/tempo presente, especificamente o ambiente imersivo em co-criação, emergindo pistas e problematizações sobre o percurso vivenciado. O desafio do professor-pesquisador-cartógrafo consiste na apropriação dessas pistas, contextualizando-as com as habilidades e competências em desenvolvimento. Iniciamos o percurso da pesquisa co-criando um ambiente imersivo denominado “Real Life Santa Marta”, no formato analógico (jogo de tabuleiro) e digital, por meio do software Blender. Em seguida, devido a obstáculos enfrentados na infraestrutura tecnológica da escola, co-criamos um ambiente imersivo denominado “Onde está Roberta?” na qual os estudantes vivenciaram a narrativa no espaço físico-geográfico da comunidade. Para além dessas duas vivências aprofundamos a apropriação de diferentes tecnologias digitais e ambientes imersivos em um evento denominado “DigiMostre: Mostra Digital de Trabalhos Científicos”, tendo sua primeira edição na plataforma Facebook, a segunda edição na plataforma YouTube, e sua terceira edição ocorrerá no metaverso Mozilla Hubs. De acordo com Murray (2003), experiências imersivas podem ocorrer em diversos suportes, desde a literatura às tecnologias digitais. Ela cita, como exemplo, o personagem da obra Dom Quixote de La Mancha, que passou a acreditar nas aventuras lidas nos livros devido à sua excessiva vontade de vivenciar os fatos imaginários. Schlemmer e Backes (2015) afirmam que quando a imersão ocorre no contexto das “mídias tradicionais” (livro, jornal, rádio, TV, etc...), não há possibilidade de as nossas ações interferirem no desenrolar da história, ou seja, não temos a capacidade de agir de forma significativa e ver os resultados de nossas ações. No entanto, ao pensar essas ações no contexto das tecnologias digitais essa imersão é possibilitada em maior intensidade, “a depender da tecnologia digital utilizada, na relação com o tipo de linguagem predominante, com a comunicação propiciada, com o tipo de representação, com o nível de telepresença e de presença digital virtual e, principalmente, de como esse conjunto é “sentido” pelo sujeito” (SCHLEMMER;BACKES, 2015, p. 69). Neste contexto, a tecnologia de Metaverso se apresenta como potencializadora de ambientes imersivos. É necessário ressaltar que o avanço das tecnologias digitais ampliou e



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

modificou o contexto educacional, na mesma medida que o contexto educacional vem contribuindo para a criação de novas tecnologias digitais. Então, como o ser humano está em congruência com os espaços digitais virtuais, as formas de aprender conviver precisam ser (re)significadas, assumindo, com isso, uma compreensão de tecnologias digitais para além de simples ferramenta, apoio ou recurso (SCHLEMMER, 2006), mas sim forças ambientais que modificam a forma como habitamos o mundo. Concluimos que a principal contribuição desta pesquisa, que emergiu das reflexões realizadas por um grupo de professores da Educação Básica, foi o próprio percurso de apropriação de diferentes tecnologias digitais ao co-criar ambientes imersivos com os estudantes, potencializando os processos de ensino e de aprendizagem. Essa apropriação ocorreu de forma lenta e gradual, em diferentes tempos e velocidades pelas diversas entidades que habitam esse território educacional. Iniciando de forma ingênua, por meio da compreensão de tecnologias digitais como ferramenta, apoio e recurso. Em seguida, essa apropriação foi se consolidando, por meio da co-criação e invenção de novas experiências, passando para uma compreensão crítica dessas tecnologias. Com isso, é imperativo resgatar que o exercício da cidadania e o preparo para o mercado de trabalho são os dois objetivos da educação básica brasileira, não podendo ser pensadas fora do contexto da digitalidade. Consta-se também ser necessário maior incentivo à formação de professores no contexto das comunidades escolares e políticas públicas de acesso a tecnologias digitais e conectividade de qualidade.

Palavras-chave: Ambientes Imersivos; Educação Básica; Formação de Professores; metaverso; Cidadania Digital.

Referências

MURRAY, J.H. **Hamlet no Holodeck**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SCHLEMMER, E; BACKES, L. **Ambientes imersivos, realidade misturada, realidade aumentada, gamificação, ECODI e ECHIM**. São Leopoldo : Ed. UNISINOS, 2015.

SCHEMELLER, E. O Trabalho do Professor e as Novas Tecnologias. **Textual** (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 1, n.8, p. 33-42, 2006.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Ciência na Mídia: Um Estudo Sobre a Percepção de Universitários do Amazonas¹

Guilherme Augusto da Silva NERY²

Fabiane da Silva Monteiro dos SANTOS³

Cristiane de Lima BARBOSA⁴

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Em um cenário pandêmico, o universo científico obteve ainda mais destaque com a massa de informações que circularam sobre a origem do vírus SARS-CoV-2 e suas variantes, estudos relacionados às vacinas, tratamentos, medicamentos, dentre outros temas. Com a crescente das chamadas notícias falsas (fake news), o papel das abordagens em um olhar científico mais apurado ajudou a combater essas desinformações. O físico e divulgador científico Castelfranchi (2010) aponta, nesse sentido, que a ciência desperta cada vez mais interesse na sociedade, pois para ele, a ciência faz parte de nossa cultura, de nossa maneira de criar arte, de nossos medos e fantasias, de nossa prática e de nosso pensamento. Nesse sentido, entender como o público jovem percebe a presença de estudos científicos na mídia se torna um objeto interessante de pesquisa na área da Comunicação. A pesquisa intitulada ‘O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia?’ revelou ainda que a maioria desse público, incluindo os jovens de curso superior, não consegue citar o nome de uma instituição nacional de pesquisa nem de algum cientista brasileiro (MASSARANI *et al.*, 2021). Por isso, compreender como os jovens se informam e agem a respeito de temas de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) é crucial para o desenvolvimento e a implementação de ações e políticas públicas e para educadores, comunicadores e jornalistas. O objetivo geral deste projeto é analisar como ocorre a percepção de jovens, estudantes de Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), sobre a

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 7. Uma outra universidade possível.

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: cris.jor@gmail.com/crisbarbora@ufam.edu.br.

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: guilherme.nry21@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: fabiane.monteiro.santos01@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

presença da ciência na mídia, no Estado do Amazonas, em especial na ocorrência da pandemia (1ª a 3ª onda), considerando que Manaus, capital do Amazonas, foi um dos epicentros nas três ondas da Covid-19. Trata-se de uma geração peculiar, que nasceu e cresceu junto com a internet no Brasil, “chegando à vida adulta com uma socialização primária em contato com as redes e não apenas com a escola e a família” (MENDES, 2019, p. 20). A pesquisa de cunho exploratório e descritivo se dará por meio de uma metodologia mista, envolvendo análises quantitativas e qualitativas. Além do estudo bibliográfico, serão aplicados questionários (Survey), via google forms, para obter os resultados sobre a percepção do público analisado. A pesquisa survey é um tipo de investigação quantitativa que pode ser definida como uma forma de coletar dados e informações a partir de características e opiniões de grupos de indivíduos (FREITAS *et al.*, 2000). Essa proposta tem relevância acadêmica para o curso de Jornalismo, a qual busca fortalecer o processo de investigar como jovens em formação percebem a divulgação científica e democratização da ciência na mídia. Isso porque em termos de pesquisas científicas, a temática busca respostas para o papel social do jornalismo em especial, em épocas de extremos eventos como a pandemia atual. O trabalho se dividirá em três fases, nesse percurso metodológico, a saber: 1ª fase - levantamento bibliográfico sobre a temática da Divulgação científica e Percepção da ciência. 2ª fase - Aplicação das entrevistas com questões entendidas como relevantes para o objetivo desta pesquisa. A pesquisa será aplicada junto aos alunos e alunas matriculados (as) nos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da Ufam. A terceira etapa da pesquisa prevê a discussão e análise dos resultados, à luz dos referenciais teóricos relacionados a esse estudo. A ideia desse projeto foi motivada pela realização do estudo de âmbito nacional ‘O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia?’, realizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT/CPCT) e pelo crítico cenário de pandemia do Covid-19 que assolou de forma severa a capital do Amazonas. Aponta-se que os graduandos em Comunicação da Ufam, em sua maioria, têm interesse e manifestam atitudes positivas e confiança na ciência e na tecnologia. Porém, a visão otimista encontrada nesses resultados não deve ser confundida com uma postura acrítica. Os estudantes acreditam que a mídia tem um espaço escasso para a divulgação da ciência e ainda precisa aperfeiçoar o combate à desinformação de tópicos científicos. Quanto à escolha



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

do público-alvo, está se justifica por estar ligado a jovens que estão em formação na área da comunicação e serão formadores de opinião. Dados de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mostram que os jovens representam 10,9% da população do País (IBGE, 2019). Em relação à relevância social, frisa-se a importância de perceber como os acadêmicos da área de comunicação percebem as práticas que estão sendo implementadas nos veículos midiáticos e sobretudo, entender a dinâmica do processo da cultura científica. Os resultados deste estudo devem apontar para um diagnóstico sobre a percepção de jovens em relação à cobertura e prática do jornalismo científico (no âmbito da Divulgação Científica) e assim, promover uma reflexão acerca da formação dos futuros comunicadores a respeito da ciência.

Palavras-chave: Divulgação Científica; percepção pública; jovens; universidade pública; Amazonas

Referências

BARBOSA, Cristiane de Lima. **A textualização científica em dois discursos: Jornalismo ou Ciência.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade Federal do Amazonas, 2010.

CASTELFRANCHI, Yuriy. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? In: MASSARANI, Luisa (coord.) **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p.13-21.

FREITAS, Henrique et al. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 35, n. 3, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População Pirâmide Etária.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCHI, Yuriy; FAGUNDES, Vanessa; MOREIRA, Ildeu. **O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia: pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT).** Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; INCT-CPCT, 2021. p.225.

MENDES, I.M. **Percepções de jovens cariocas sobre ciência e tecnologia**, 2019. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz.



Ladybug Track: O Caminho Trilhado por Estudantes de 4º ano Desde a Visita de Uma Joaninha em Sala de Aula Até a Elaboração de Um Jogo de Tabuleiro.¹

Gisele Susan GIACOMIN²

Letícia Klimick de FREITAS³

Lucas Prates MARTINS⁴

Vanessa Schvartz RIVA⁵

Colégio Marista Rosário, Porto Alegre, RS

Resumo

Pertencendo ao grupo dos insetos, com seis pernas, corpo arredondado, cabeça pequena, antenas e dois pares de asas (o primeiro protegido por uma carapaça dura e de coloração chamativa): assim são as joaninhas. Um desses besouros, ao entrar pela janela da sala de aula do 4º ano despertou a curiosidade dos estudantes que resolveram realizar uma pesquisa-observação para tentar compreender o ciclo de vida desses animais e sua contribuição na natureza e sociedade. A partir do levantamento de suas certezas provisórias e dúvidas temporárias (FAGUNDES SATO E MAÇADA, 1999), chegaram a uma questão a ser pesquisada que surgiu do interesse e curiosidade deles, sem ser imposta ou sugerida pela professora, o que significa que a motivação para o pesquisar partiu dos próprios sujeitos envolvidos na pesquisa. O presente trabalho, portanto, é fruto do acompanhamento do desenvolvimento das joaninhas desde a fase larval até a fase adulta, num habitat natural e organizado para tal, permeado por questionamentos e descobertas por parte dos estudantes. Tem por objetivo a educação ambiental aliada a uma aproximação do grupo, o contato com a natureza, por meio da investigação da evolução das joaninhas, bem como o senso de responsabilidade com o meio ambiente e o uso das tecnologias digitais em sala de aula. Com base na pesquisa bibliográfica e de entrevistas,

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Professora dos Anos Iniciais da Rede Marista, e-mail: gisele.giacomin@maristas.org.br

³ Monitora do Laboratório de Ciências da Rede Marista, e-mail: leticia.freitas@maristas.org.br

⁴ Monitor de Robótica, e-mail: lucas.martins@maristas.org.br

⁵ coordenadora Pedagógica da Rede Marista, e-mail: vanessa.riva@maristas.org.br



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

**A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS**

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

os estudantes buscaram entender como as joaninhas podem ser utilizadas como um recurso natural no controle de pragas em plantações de orgânicos. A pesquisa revelou diversos aspectos importantes, dentre eles que, essa iniciativa de controle ecológico já vem sendo estudada e implementada em alguns locais, como em Paris, onde há alguns anos já não é mais feito o manejo com agrotóxicos e sim com alternativas naturais, contando com a ajuda das joaninhas. Para além disso, ainda em solo brasileiro, temos essa iniciativa mobilizada pela prefeitura de Belo Horizonte, com as biofábricas de joaninhas, ocorrendo a disponibilização desses insetos para que a população possa inserir esses seres em suas plantações, promovendo o controle biológico de forma natural. Além disso, com o pressuposto da Metodologia de Projetos de Aprendizagem Baseada em Problemas (SCHLEMMER, 2018), o papel dos professores envolvidos foi o de mediadores das aprendizagens, instigando os estudantes a elaborarem possíveis respostas para seus questionamentos e factíveis propostas de soluções. Nesse processo, os discentes foram os protagonistas, desde a observação do ciclo de vida das joaninhas, a partir do Kit JoaNinho, que forneceu informações sobre o desenvolvimento desse inseto até a sistematização das descobertas aprendidas. A importância e relevância desse estudo está no fato de ser possível perceberem o quanto podemos evitar o uso de agrotóxicos nas plantações, de forma a fornecer uma alimentação com maior qualidade, e ainda respeitando o meio ambiente, se aplicarmos técnicas para o controle de pragas de modo sustentável (BREMER, 2021), além de promover momentos de aprendizagem e cooperação, onde os sujeitos pesquisam e refletem sobre suas ações, entendendo seus próprios processos de aprendizagem. Após todo o acompanhamento do desenvolvimento e a soltura das joaninhas adultas na natureza, foram projetadas e criadas joaninhas eletrônicas usando um modelo de base motriz incluído no kit de robótica educacional LEGO EV3 Mindstorms (LEGO, [s. d.]). Estas foram programadas pelos próprios estudantes usando a interface do sistema EV3 em linguagem de programação em blocos, proporcionando, também, a aprendizagem e o desenvolvimento do raciocínio lógico, matemático e de pensamento computacional (CAVEDINI, 2016). As “joaninhas robóticas” foram utilizadas como peões de jogo de tabuleiro, todos elaborados manualmente por quatro grupos de estudantes, com perguntas e respostas acerca do tema de pesquisa (BERSCH, 2018). A motivação para o desenvolvimento deste trabalho foi de incentivar outras pessoas a também



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

encantarem-se pela joaninha, não só por sua beleza física e comportamento dócil, mas também percebendo sua função benéfica na natureza e na sociedade (GUERREIRO, 2006). Pensar nesse âmbito, fez com os estudantes fossem protagonistas deste processo, onde realizaram a leitura do cotidiano, identificaram uma problemática social que julgaram relevante e desenvolveram um *game* de forma que este pudesse contribuir e interagir com o seu público-alvo: famílias de pequenos agricultores com filhos em idade escolar. Com isso, o jogo de tabuleiro da turma pensado para esse público específico reflete a compreensão de que o ensino e a aprendizagem em rede implicam em não centralidades, seja ela no professor, no estudante ou, até mesmo, no conteúdo. Da visita da joaninha até a elaboração do tabuleiro, várias habilidades foram trabalhadas. Já a apropriação dos conteúdos previstos no plano de ensino foi realizada por meio de um percurso colaborativo, planejado entre estudantes e professora. Formou-se uma rede de saberes que unia as aprendizagens prévias dos sujeitos envolvidos na pesquisa, os conteúdos a serem trabalhados, a curiosidade emergente ao tema e uma prática pedagógica inventiva e gamificada. A aprendizagem assumiu diferentes perspectivas não lineares, mas complementares e inter-relacionadas, tornando-se significativa, pois ocorreu por meio de vinculação de novos conhecimentos aos já inclusos no repertório de cada sujeito envolvido.

Palavras-chave: pesquisa-observação; educação ambiental; gamificação, projetos de aprendizagem.

Referências bibliográficas

Asas e Cores. **Kit Educativo JoaNinho**. Disponível em: <https://www.asasecores.com.br> Acesso em: 17 ago.2022.

BERSCH, Maria Elisabete; SCHLEMMER, Eliane. Formação continuada em contexto híbrido e multimodal: ressignificando práticas pedagógicas por meio de projetos de aprendizagem gamificados. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 11, n. 1, p. 71-92, 2018.

BREMER, Cynara Fiedler et al. **IX ENSUS–Encontro de Sustentabilidade em Projeto–UFSC–Florianópolis**–maio de 2021. Embalagem de transporte e liberação de larvas de Joaninha com conceitos da Biomimética. 2021.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

CAVEDINI, Patrícia et al. Estimulando a Aprendizagem com Robótica Educativa. Desenvolvimento de um jogo com crianças de 5 e 6 anos de idade. In: **XVIII Simpósio Internacional de Informática Educativa**, SIIE 2016. 2016. P. 207.

FAGUNDES, L. C.; SATO, L. S.; MAÇADA, D. L. Projeto? O que é? Como se faz? In: _____. **Aprendizes do Futuro: as inovações começaram!** Coleção Informática para a mudança na Educação. Brasília, MEC, 1999.

GUERREIRO, Júlio César. A importância das joaninhas no controle biológico de pragas no Brasil e no mundo. **Revista Científica Eletrônica de Agronomia**, v. 3, n. 5, p. 1-3, 2004. LEGO. Movimentos e giros. Disponível em: <https://education.lego.com/pt-br/lessons/ev3-robot-trainer/1-moves-and-turns#plano-de-aula>. Acesso em: 16 ago. 2022.

SCHLEMMER, Eliane. PROJETOS DE APRENDIZAGEM GAMIFICADOS: Uma metodologia inventiva para a educação na cultura híbrida e multimodal. **Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3100, v. 27, n. 1, p. 42-69, jan./abril. 2018.

SCHLEMMER, E.; OLIVEIRA, L. C.; MENEZES, J. O habitar do ensinar e do aprender em tempos de pandemia e a virtualidade de uma educação OnLIFE. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 45, p. 137-161, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i45.8339. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8339>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SILVA, G.; RAMOS, T. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: O USO DE JOANINHAS COMO FERRAMENTA DE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NO CAMPO. **Vivências**, v. 18, n. 36, p. 215-226, 21 abr. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Midiatização da Pandemia em 2021: A Cobertura Científica da Covid-19 no Portal a Crítica/Am.¹

Thalita Eduarda Pereira dos SANTOS.²

Cristiane de Lima BARBOSA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Em janeiro de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou estado de emergência mundial devido ao avanço da disseminação do coronavírus (SARS-CoV-2). Desde então, a doença desencadeou uma das maiores pandemias da humanidade. Após o susto da 1ª onda da pandemia, a capital amazonense voltou a sentir os efeitos trágicos causados pela disseminação e contágio do novo coronavírus. O ano de 2021 iniciou-se com o terrível cenário da 2ª onda da pandemia em Manaus. Assim como no início de 2020, o cenário devastador causado pela doença percorreu o mundo por meio de imagens e textos veiculados em portais de notícias e em mídias sociais digitais, em especial pela falta de oxigênio que ceifou muitas vidas. A capital do Amazonas novamente se tornou o epicentro da pandemia, afetando aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da sociedade. Nesse contexto, o papel da imprensa na internet se tornou ainda mais importante para garantir a informação para o público que busca diariamente a informação verificada. Segundo uma pesquisa do Datafolha, os sites de notícias, programas jornalísticos da TV, jornais impressos e programas jornalísticos de rádio são vistos pela população como os mais confiáveis na divulgação de notícias sobre a pandemia (PEZZOTTI, 2020). Diante do exposto, esse trabalho tinha como objetivo analisar as dinâmicas do jornalismo científico na cobertura sobre a Covid-19 no Portal A Crítica, no Estado do Amazonas. A coleta de dados fez-se por meio da pesquisa documental nas publicações do Portal A Crítica, na aba

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 5) Jornalismo possíveis: ecologia de traduções de mundos do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Estudante de graduação do 5º semestre do curso de Jornalismo da FIC/UFAM, e-mail: thalitaeduardasantos@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da FIC/UFAM, e-mail: crisb.jor@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

coronavírus. A pesquisa foi norteada com a seguinte pergunta: Como o portal A Crítica, atuante no Amazonas, contribuiu para disseminar as pesquisas científicas sobre o novo coronavírus durante a 2ª onda da pandemia? As notícias da cobertura seguiram as diretrizes do jornalismo científico? A pesquisa de cunho exploratório se deu por meio de uma metodologia mista, envolvendo análises quantitativas e qualitativas. Foi utilizada a metodologia da Análise de Conteúdo de Bardin (2009) para obter os resultados sobre as temáticas abordadas na cobertura. Esta proposta deu continuidade aos estudos iniciados em 2020 para avaliar possíveis evoluções quanto à quantidade e qualidade das informações sobre pesquisas científicas que circularam no Portal A Crítica, no período de 2021 (janeiro a junho), comparando com os resultados do período analisado em 2020 (março a junho). O recorte temporal se deu no primeiro semestre de cada ano para haver o balizador contextual que permitiu a análise comparativa. Para atender os objetivos específicos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a fim de contextualizar o estado da arte e a pesquisa documental para abordar os dados coletados durante o ano de 2021, comparando-os aos tabulados no ano de 2020. Essas propostas têm relevância acadêmica para o curso de Jornalismo, que busca fortalecer o processo de investigar o papel da comunicação na área da saúde. Isso porque em termos de pesquisas científicas, a temática presente busca respostas para o papel social do jornalismo em espiral, em épocas de extremos eventos como essa pandemia do novo coronavírus. Diante da análise qualitativa e quantitativa do Portal A Crítica e dos resultados obtidos, constatou-se que diferente do ano de 2020, no qual a conclusão foi que houve uma baixa frequência de postagem de estudos científicos e a ausência de grandes reportagens multimídias, no ano de 2021 o caso foi um pouco diferente. Os temas mais recorrentes encontrados nas matérias de cobertura da pandemia no Portal A Crítica, no ano de 2021, foram aquelas relacionadas à Vacinas/Vacinação (31%); Colapso no AM (9,54%) – matérias cujo foco são as crises nos hospitais, as faltas de leitos e oxigênio – Óbitos (8,1%); Dados relacionados à óbitos e casos confirmados (7,79%); Informações sobre Covid-19 (7,5%) e Suspensão/Retorno das atividades econômicas e sociais (6,61%). Estas matérias eram em sua maioria de caráter factual, como atualizações referentes ao avanço do contágio ou medidas de prevenção e combate contra o coronavírus. As matérias misturavam-se entre



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

locais, nacionais e internacionais. Em relação a categoria ‘Outros’ com 12,8% do total das matérias, constatou-se que elas se tratavam de matérias aleatórias, que não se encaixavam diretamente em uma das 17 categorias acima e cujos temas são, principalmente, sobre: famosos, festas clandestinas, discursos do presidente e dicas de como cuidar de si mesmo durante a pandemia. A partir de janeiro de 2021, houveram estudos sobre a Covid-19 e suas variantes (desde o seu surgimento até o seu grau de transmissão), além de estudos preliminares sobre as vacinas (sobre suas procedências e seus possíveis efeitos colaterais). Comparada ao ano de 2020, em 2021 houve um volume maior de matérias publicadas no portal analisado. Em 2020 foram publicadas 1.265 matérias ao total, com apenas 3% (38) delas sendo sobre divulgação científica. Já em 2021 foram publicadas 1.707 matérias, com 53 matérias sendo sobre divulgação científica. Notou-se que, aquelas matérias de autoria dos repórteres do portal tiveram uma contextualização melhor. Em outras palavras, o repórter teve uma atenção ao explicar o cenário (como o vírus surgiu, como se transmite, quais as principais medidas de proteção que deveriam ser usados e qual o grau de transmissibilidade cada variante) e traduzir os termos científicos, aproximando seus significados à realidade das pessoas leigas. Os resultados deste estudo apontam para um diagnóstico sobre a cobertura e prática do jornalismo científico, na primeira e segunda onda da pandemia, em especial nos epicentros da doença no Brasil, como no Estado do Amazonas.

Palavras-chave: Comunicação e saúde; Jornalismo científico; Pandemia; Covid-19; Amazonas.

Referências bibliográficas

BUENO, WC. **Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória.** In PORTO, CM. org. *Difusão e cultura científica: alguns recortes* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 113-125. ISBN 978-85-2320-912-4.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Portugal: Edições 70, 2009.

BARBOSA, Cristiane de Lima. **A textualização científica em dois discursos: Jornalismo ou Ciência.** 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Amazonas, Manaus, 2010.

CALDAS, G. **Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência.** In: PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., orgs. *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 19-36. ISBN 978-85-232-1181- 3.

CASTELFRANCHI, Y. **Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público?** In: MASSARANI, Luisa. (Org.). *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, p.13-22, 2010.

Coronavac é eficaz contra variante P1, mostra estudo preliminar. Portal A Crítica, Manaus, 08 de março de 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/coronavac-e-eficaz-contra-variante-p1- mostra- estudo-preliminar> – Acesso em 02 de abril de 2022.

Estudos avaliam vantagens de maior intervalo da vacina AstraZeneca. Portal A Crítica, Manaus, 30 de junho de 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/estudos-avaliam-vantagens-de-maior- intervalo-da- vacina-astrazeneca> – Acesso em 02 de abril de 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise** [livro eletrônico] / Luiz Artur Ferraretto, Fernando Morgado. Rio de Janeiro: Válega, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213925/001118081.pdf?sequence=1>.

LERNER, K. **Doença, mídia e subjetividades: algumas aproximações teóricas.** In: Katia Lerner e Igor Sacramento. (Org). *Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas*. 1ª Ed. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, v.1, p. 151-161, 2014.

MASSARANI, Luisa. José Reis: **reflexões sobre a divulgação científica**/ organizado por Luisa Massarani e Eliane Monteiro de Santana Dias. – Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/livro/ebook_reflexoes_divulgacao_cientifica_press.pdf.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico.** São Paulo: Contexto, 2002. OLIVEIRA, V.C. As fabulações jornalísticas e a saúde. In: Katia Lerner e Igor Sacramento. (Org). *Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas*. 1ª Ed. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, v.1, p. 35-60, 2014.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

PEZZOTTI, Renato. **Estudo aponta tendências do “novo consumo” em tempos de coronavírus.** Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/20/estudo-aponta-tendencias-do-novo-consumo-em-tempos-de-coronavirus.htm>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

ROCHA, Karla. **Nova cepa presente no AM seria razão da explosão de casos da Covid em Manaus.** Portal A Crítica, Manaus, 15 de janeiro de 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/nova-cepa-presente-no-am-seria-razao-da-explosao-de-casos-da-covid-em-manaus> – Acesso em 02 de abril de 2022.

ROCHA, Lucas. **O que são ondas da Covid-19 e por que o Brasil pode estar diante da terceira.** CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-sao-ondas-da-covid-19-e-por-que-o-brasil-pode-estar-diante-da-3/>. Acesso em: 13 de janeiro de 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Gambit Studios: Uma análise de Mercado de Jogos Digitais do Gênero Indie¹

Jennifer Karoline Nascimento Dos SANTOS²

Marcelo De Souza MENEZES FILHO³

Pedro Henrique De Abreu VITOR⁴

Thiago Cardoso FRANCO⁵

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

A indústria global de games movimentou US \$175,8 bilhões de forma direta em 2021, de acordo com os últimos dados consolidados da consultoria da *Newzoo*. Esse montante apresentou uma ligeira queda de -1,1% em relação a 2020, que fechou com uma alta recorde registrada pela consultoria de 23,1% em função da pandemia e da alta demanda por entretenimento virtual. Além disso, a indústria movimentou cerca de US \$127,3 bilhões de forma indireta nos setores adjacentes aos jogos, como dispositivos móveis, computadores, periféricos, comunidades relacionadas aos jogos etc. Em geral estima-se uma movimentação de mais de US \$300 bilhões no mercado de games, o que representa mais do que a indústria de música e cinema combinadas. Dentro do ranking mundial de consumo médio de games o Brasil entra em 15º lugar com 67% de consumo médio, ficando 5% abaixo da média global, e em 6º lugar no ranking de tempo médio diário, ficando atrás de países como Arábia Saudita, Tailândia e EUA. Já na América Latina, o Brasil lidera absoluto o ranking, com um faturamento médio no setor de US\$ 2,3 bilhões, em 2021, e uma população ativa de cerca de 94,7 milhões que consomem os jogos, com um aumento do perfil de “*Popcorn Gamers*”⁶, ou seja, pessoas que preferem assistir

¹Trabalho apresentado à mesa coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

²Estudante de graduação 8º semestre do curso de Relações-Públicas na FIC-UFG, email jenniferkns@discente.ufg.br

³Estudante de graduação 8º semestre do curso de Relações-Públicas na FIC-UFG, email marcelosousa@discente.ufg.br

⁴Estudante de graduação 8º semestre do curso de Relações-Públicas na FIC-UFG, email vitopedro@discente.ufg.br

⁵Orientador do trabalho, coordenador do curso de Relações-Públicas na FIC-UFG, email thiagofranco@ufg.br

⁶ É a definição para jogadores gastam mais horas consumindo gameplays de outros jogadores.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

às *Gameplay*.⁷ do que ativamente jogar os jogos. Além disso, segundo o estudo da AbraGames uma alta parcela desse perfil gasta entre R\$100,00 e R\$500,00 com jogos ao ano, mesmo nunca os tendo jogado, o que abre discussões sobre o ecossistema do setor, como streamings, *skins*.⁸, *crowdfunding* etc. O setor de desenvolvimento de games, nos últimos anos tem apresentado um crescimento exponencial. Segundo pesquisas recentes da Associação Brasileira de Desenvolvimento de Jogos Digitais (Abragames) e Agência Brasileira de Exportação e Investimentos (ApexBrasil), no Brasil, nos últimos 4 anos houve um salto de 375 estúdios de desenvolvimento para 1009, um salto de 169%, sendo que, o sudeste brasileiro é quem possui a maior concentração desses estúdios (57%), Sul (21%), Nordeste (14%), Centro Oeste (6%) e Norte (3%). Vale lembrar que desse número apenas 223 empresas responderam à pesquisa o que corresponde a 22,1% dos estúdios, e desses 1009 estúdios todos foram mapeados baseados nos extensos critérios do CNAE, que apesar de ter características de implementações pesadas sobre os estúdios, são fundamentais para a documentação do setor. De acordo com essa pesquisa, no último ano, o mercado brasileiro de jogos eletrônicos movimentou cerca de US \$2,3 bilhões e exportou cerca de US \$53 milhões em games. Existe uma discussão dentro da comunidade *gamer* sobre as produções independentes, então temos que considerar alguns pontos importantes para classificar se o jogo é ou não *indie*. Temos que levar em consideração primeiramente o tamanho da equipe de desenvolvimento, uma equipe de 50 pessoas começa a perder a essência do desenvolvimento independente. Não necessariamente esse fator está ligado ao incentivo financeiro, porém está diretamente associado à mão de obra. Então entra a participação financeira, onde a classificação de desenvolvimento independente não está associada literalmente ao desenvolvedor que não possui nenhum incentivo financeiro externo, mas sim naquele que não é regido por esse financiamento, ou seja, receber investimento externo não representa uma ameaça ao desenvolvimento independente, na verdade o incentiva a continuar o processo, no entanto quando esse financiamento externo começa a ditar o processo de desenvolvimento criativo, então é traçada uma linha limite e esse projeto já não

⁷ De forma literal, a expressão significa “jogar o jogo”, é um formato de conteúdo que consiste em transmitir sua jogatina para outras pessoas assistirem, por conta dos serviços de streaming, principalmente o youtube, esse formato de conteúdo se popularizou na internet nos últimos 10 anos.

⁸ São roupas e cosméticos virtuais que podem ser utilizados apenas em um jogo ou software específico.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

pode mais ser classificado como independente. Do ponto de vista da opinião pública, os jogos *indie*, em sua grande maioria, são enxergados como jogos pixelados, simples e com pouco tempo de campanha. Atualmente, existem produções independentes que superam produções de grandes estúdios. Geralmente as equipes menores de desenvolvimento não recebem tanta pressão para o lançamento de seus jogos onde, por exemplo, lançamentos antecipados como o de *Cyberpunk*, que são fortemente motivados por questões econômicas e pressões executivas, por vezes implicam em entregar um produto que possivelmente estará incompleto. Esse tipo de prática afeta diretamente a imagem que o jogo terá diante da opinião pública. Dentro desse cenário é fácil afirmar que o setor cresceu de forma inigualável entre o final dos anos 80 e o início dos anos 2000. Dizer que a maior parcela de consumidores da comunidade *gamer* já jogou algum jogo que foi desenvolvido de forma independente também não seria mentira, apesar de não poder ser comprovado cientificamente. Então conclui-se que o gênero *indie* cresce de forma exponencial, no entanto ainda não tem a visibilidade ou a construção de identidade adequada para que a comunidade reconheça um jogo *indie* ao vê-lo. A partir dessas noções e dificuldades encontradas durante o projeto, decidimos continuar atuando no setor de jogos independentes, pois esse mercado ainda possui impedimentos funcionais, mas também compreende possibilidades de desenvolvimento dentro de sua própria atuação. O objetivo deste trabalho é desenvolver um projeto experimental de assessoria de comunicação dentro desse mercado de jogos digitais, voltado para desenvolvedores independentes. Evidenciando o constante crescimento desse nicho de mercado, este projeto tem o intuito de agregar e trazer ao mercado novas oportunidades de compartilhar projetos e trabalhos através das criações desses desenvolvedores. Será feita uma pesquisa de mercado baseada em trabalhos de autores importantes da área da comunicação e tecnologia, como Philip Kotler e Henry Jenkins. A *Gambit Studios* será criada para auxiliar as mentes criativas por trás do desenvolvimento de grandes obras que, por não possuírem o suporte necessário durante o processo de criação, não conseguem atingir a visibilidade adequada, dentro de um mercado que é nichado e singular, mas que está em constante expansão e evolução.

Palavras-chave: Jogos Independentes; Gênero *indie*; PGB; Relações-Públicas; Assessoria de



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

comunicação.

Referências

ACCOTO, Cosimo. **O mundo dado**. São Paulo: Paulus, 2020.

DINO. O crescimento significativo do mercado gamer no mundo. Terra, 7 maio de 2020. FORTIM, Ivelise (Org). **Pesquisa da indústria brasileira de games em 2022**. ABRAGAMES: São Paulo, 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAUFMAN, Dora. **O despertar de Gulliver: Os desafios das empresas nas redes digitais**. São Paulo: USP, 2015.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin L. **Administração de marketing**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. Edição 14.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PINHO, José Benedito. **A Internet como instrumento de Relações Públicas: possibilidades e limitações**. 2016. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/130643.pdf>> Acesso em: 10 de nov, 2022.



Dos Fluxos dos Rios aos Fluxos Da Rede: Um Estudo do Canal Educativo Amazônia Ribeirinha Como Espaço de Protagonismo dos Povos da Floresta¹

Estéfany MACHADO.²

Vivian TOURINHO.³

Cândida NOBRE.⁴

Soriany NEVES.⁵

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo Expandido

O canal educativo Amazônia Ribeirinha foi criado em março de 2021 com o intuito de envolver os alunos à prática de compartilhar as adversidades vivenciadas pela população e comunidades da região do Baixo Amazonas. Este trabalho se propõe a discutir o modo como a emergência e o desenvolvimento do canal projetam em primeiro plano as histórias, os protagonismos e resistências de populações tradicionais (indígenas, quilombolas, ribeirinhos) que nem sempre encontram ecos de suas vozes na rede.

A pandemia de covid-19 foi um desafio em larga escala para a saúde mundial. A crise sanitária mais grave do século XXI levou a um reordenamento da circulação de corpos que reconfigurou também o mundo digital e as escritas *dos* indivíduos e *sobre* eles. Neste contexto, o Amazonas, o estado mais afetado do Brasil, tornou-se o epicentro mundial da pandemia (SILVA *et al.*, 2022), sofreu e, sofre até os dias atuais com as consequências desse período sombrio.

Apesar da falta de acesso a uma infraestrutura de internet de qualidade, foi o fluxo das

¹ Trabalho apresentado para a Mesa Coordenada 3) O local digital das culturas do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Estudante do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. sthealexandra@gmail.com.

³ Estudante do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. viviankarinetourinho18@gmail.com.

⁴ Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. candidanobre@ufam.edu.br.

⁵ Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins e coordenadora do projeto de extensão do Canal Amazônia Ribeirinha. sorianyneves@ufam.edu.br.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

redes que possibilitou a continuação do ensino em todas as etapas para que os alunos não fossem prejudicados pela paralisação e o confinamento, sendo utilizada como mais uma ferramenta comunicacional, pois, como destaca Silva (2015, p. 158), “Um fenômeno curioso é que o uso da internet pode ocorrer simultaneamente ao consumo de outros meios de comunicação, principalmente mídias sociais”. É neste cenário que emerge o canal educativo Amazônia Ribeirinha. Ele foi uma alternativa pedagógica de suprir essa carência da prática do exercício jornalístico dentro da instituição, ao passo que demarca um espaço de protagonismo na produção.

Atualmente, aborda temáticas que envolvem os aspectos ambientais, sociais, culturais e econômicos, produzidos pelos alunos do curso de Jornalismo para e sobre a população local, comunidades ribeirinhas e indígenas tornando-os também protagonistas, amplificando suas vozes, demarcando, assim, um posicionamento de ativismo e resistência. Como explica Magalhães (2018, p. 11),

O net-ativismo e o conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia de atores de diversas naturezas, pessoais, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas, apresentam-se, segundo esta perspectiva, como a constituição de um novo tipo de ecologia (*eko-logos*) não mais opositiva e separatista, na qual uma dimensão ecossistêmica reúne seus diversos membros num novo tipo de social, não apenas limitado ao âmbito humano dos “*socius*”, mas expandindo às demais entidades técnicas, informativas, territoriais, de forma reticular e conectiva.

Neste sentido, observa-se nas produções do canal, a preocupação com a dimensão ecossistêmica mencionada, projetando tanto as populações tradicionais como também os territórios, imaginários, objetos, modos de vivência, existência e resistência, mediante as redes associativas e gramáticas particulares que compõem os modos de vida à beira do rio Amazonas.

O projeto possui financiamento e foi desenvolvido pela Professora Dra. Soriany Simas Neves, conta com seis alunos voluntários e um aluno bolsista. Os vídeos são estruturados por sete quadros: Olho na pauta (informativo); Top dos memes (entretenimento); Voz das comunidades (interativo); Cultura e Literatura Amazônica (divulgação cultural); Explica Aí (curiosidades); e o mais recente, criado no período eleitoral, Se Liga Aí Eleitor (informativo). Os alunos desenvolvem todas as etapas do processo: pautas; pesquisas; apresentação; edição e



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

engajamento nas plataformas de redes sociais (WhatsApp e Instagram). Desde a criação, foram realizadas quatro temporadas. Os vídeos são publicados no canal do Youtube e não há monetização das publicações.

A escolha do Youtube como plataforma de trabalho se deu para acompanhar os rumos e linguagens do jornalismo digital, contra-hegemônico, produzido em rede e para a rede, deixando o conteúdo disponível para acesso em tempo real, garantindo visibilidade e credibilidade. Os fluxos de trabalho seguem caminhos parecidos aos do jornalismo independente, em que “[...] os jornalistas não estão necessariamente no espaço físico da empresa, eles trabalham em diversos lugares, acionando redes de colaboração e executam o trabalho fazendo uso de uma multiplicidade de linguagens e equipamentos técnicos” (FÍGARO, 2018, p. 31).

Durante o ensino remoto houve a necessidade de uma produção prática de trabalho dentro das universidades, o acesso às tecnologias e uso da internet mesmo que precária na região, possibilitou que o produto criado pelos alunos alcançasse um público distinto e fosse compartilhado e acessado em tempo real de qualquer lugar pelos mesmos. “Corroborando, assim, para a participação cada vez maior das culturas e saberes locais nos circuitos digitais” (PEREIRA, 2013, p. 15). Levar notícias relevantes e apresentar a localidade para o público que não é da região amazônica se tornou mais um objetivo das produções pautadas dentro do canal; promover o protagonismo dos povos e das comunidades ribeirinhas para a quebra de estereótipos, e apresentar esse ciclo diverso de culturas, saberes e tradições é o que mantém o fluxo do projeto ativo.

Palavras-chave: Jornalismo em rede; protagonismo dos povos nativos; Canal educativo.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, M. **Net-Ativismo: protestos e subversões nas redes sociais digitais**. Lisboa: Coleção Livros ICNOVA, 2018.

FÍGARO, Roseli. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias**. São Paulo: ECA-USP, 2018.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

PEREIRA, Eliete da Silva. **O local digital das culturas**: as interações entre culturas, mídias digitais e territórios. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.27.2013.tde-06052014-110606. Acesso em: 1 nov. 2022.

SILVA, Sivaldo Pereira da. Políticas de acesso à internet no Brasil: indicadores, características e obstáculos. **Cadernos Adenauer XVI**, n. 3, p. 151-171, 2015. Disponível em: http://ctpol.unb.br/wp-content/uploads/2019/04/2015_SILVA_Acesso-Internet.pdf. Acesso em: 5 nov. 2022.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Educação Matemática Em Um Contexto Datificado.¹

João Velasques PALADINI²

Eliane SCHLEMMER³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS

Resumo

O presente resumo tem origem nas reflexões realizadas por um professor-pesquisador-cartógrafo, da disciplina de matemática, de uma escola de Educação Básica, durante desenvolvimento da pesquisa “A Cidade como Espaço de Aprendizagem: Práticas pedagógicas inovadoras para a promoção da cidadania e do desenvolvimento social sustentável”, coordenada pelo Grupo Internacional de Pesquisa Educação Digital - GPedU Unisinos/CNPq, vinculado ao programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Destaca-se que o objetivo principal da pesquisa consistiu em, a partir da construção de metodologias e práticas pedagógicas inovadoras que se apropriam da cidade (cibricidade) enquanto espaço de aprendizagem, propor elementos para subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas para as séries finais do Ensino Fundamental e Formação Docente, que promovam a cidadania para um desenvolvimento social sustentável. Neste contexto, sensibilizado pelas reflexões apresentadas por DiFelice (2020), emergiu o problema da pesquisa: Como a educação matemática deve se desenvolver em um contexto datificado? O objetivo deste trabalho é refletir sobre o processo de datificação do mundo no contexto escolar da disciplina de matemática, servindo como justificativa para a tese de doutorado intitulada “Seremos engolidos pelos dados? O que a datificação está a impor para a educação matemática” (título em construção). Fundamenta-se metodologicamente no método cartográfico de pesquisa intervenção, no qual o professor-pesquisador-cartógrafo busca co-criar um

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 6) Tecnologias imersivas e formação no contexto da Cidadania Digital do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutorando do Curso de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Docente da Educação Básica, São Leopoldo/RS, email: joao.vpaladini@gmail.com

³ Docente do Curso de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, email: elianschlemmer@gmail.com



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

território conceitual junto de diversas entidades, mas com sua atenção voltada para a educação matemática em um contexto datificado. O território inventivo em co-criação tem como objetivo problematizar o mundo/tempo presente, especificamente o processo de datificação do mundo, emergindo pistas e problematizações sobre o percurso vivenciado no contexto da educação matemática. O termo “datificação” implica que algo é transformado em dados. O que é esse algo e o que esse processo de transformação compreende são questões que precisam ser colocadas em contexto. O termo “dados”, no entanto, é relativamente claro, pelo menos em seu uso contemporâneo. Dados são o “material produzido pela abstração do mundo em categorias, medidas e outras formas de representação [...] que constituem os blocos de construção a partir dos quais a informação e o conhecimento são criados” (KITCHIN, 2014, p. 1). Para DiFelice (2020) o processo de datificação do mundo implica em transformações mais profundas, a nível ontológico, transubstanciando a matéria em dados. Uma vez que tudo se torna dados, conhecer passa a significar interagir com dados, portanto a datificação também implica em transformações epistemológicas. Contudo, expandir redes de interações digitais, de conectividade, aos objetos, as florestas, ao clima, às biodiversidades, significa criar uma nova morfologia do social, portanto o processo de datificação também implica em uma transformação a nível antropológico e sociológico. Para além dessas reflexões sobre o processo de datificação do mundo, emerge a necessidade de refletirmos sobre o papel da educação em uma sociedade cada vez mais conectada, digitalizada e datificada. A priori, os objetivos da educação básica brasileira é o exercício da cidadania e o preparo para o mercado de trabalho, entretanto esses objetivos precisam estar no contexto de uma sociedade cada vez mais onlife, ou seja, é preciso revisitar e problematizar as estruturas existentes nos sistemas educacionais, como, por exemplo, os currículos, as avaliações e as metodologias desenvolvidas na educação básica. Especificamente, na disciplina escolar de matemática, apresenta-se dois grandes desafios: a) o de se ver “matemática” onde a escola e a universidade nunca nos ensinou a ver ou recusou-se a denominar “matemática”; b) e o de se ver diretamente “matemáticas” no plural sendo praticadas em diferentes formas de vida, sem desejarmos vê-las como aplicações, modelações ou transposições da matemática científico-acadêmica, do modo como ela tem sido praticada pela comunidade de matemáticos puros ou aplicados. Miguel (2022) afirma



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

que num primeiro momento esses desafios poderiam nos parecer impossível ou mesmo impraticável, principalmente devido a uma construção que se constituiu com base em uma imagem colonizadora da atividade matemática, estabelecida por um vínculo subordinativo atribuído à comunidade de matemáticos em relação às comunidades de professores e de pesquisadores em educação matemática. Foi assim que o discurso lógico-euclidiano dos matemáticos passou a se orientar pelo desejo cego de se ver como uma metanarrativa fundamentalista, lógico-dedutiva, teleológica, universal, unificada, profética, globalmente completa, consistente e decidível e, mais do que isso, de se ver como uma metanarrativa que teria o poder de provar logicamente a sua própria completude, consistência e decidibilidade (MIGUEL, 2022, p.7). Por isso, a estrutura e as políticas curriculares de nossas escolas evidenciam a imagem de uma educação disciplinar, cientificista, conteudista, verbalista, psicológica, hierárquica, etapista, progressivista, propedêutica, liberal, concorrencial, meritocrática, mercadológica, nacionalista, fascista, racista, xenofóbica, misógina, homofóbica, patriarcal, excludente e anti-democrática, que não prepara, a rigor, nem para o trabalho, nem para a cidadania e nem para o enfrentamento dos problemas vitais que se apresentam para as diferentes formas de vida do mundo contemporâneo (MIGUEL; TAMAYO, 2020, p. 28). Portanto, é necessário desconstruir a educação matemática escolar como um processo contínuo, sequencialmente encadeado, progressivo e etapista, em que cada etapa é vista como um pré-requisito para a seguinte.

Palavras-chave: educação básica; educação matemática; datificação; dados.

Referências

DI FELICE, M. **A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais.** São Paulo: Paulus, 2020.

MIGUEL, A. Por uma panvirada algorítmico-normativa na Educação Matemática Escolar. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática.** Brasília, v. 12, n. 4, p. 1-11, set./dez. 2022

MIGUEL, A; TAMAYO, C.. Wittgenstein, terapia e educação escolar decolonial. **Educação & Realidade,** v. 45, n. 3, pp. 1-40, 2020.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

KITCHIN, R. **A revolução dos dados: big data, dados abertos, infraestruturas de dados e suas consequências.** Londres: Sage, 2014.

WITTGENSTEIN, L. **Observações sobre os fundamentos da matemática / Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik.** (Edição bilingue Alemão/Português. Tradução, Apresentação e Notas por J. J. R. L. Almeida). Campinas, SP: Editora hörle, 2021.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

**Desafios Logológicos da Cidadania Digital: Seres Informes e Ontologias Não-
Ocidentais.¹**

Fernanda VALLE.²

Vinícios MENEZES.³

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, IBICT
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ
Universidade Federal do Sergipe, UFS

Resumo

Na esteira das redes digitais e dos fluxos de dados das “galáxias bit”, pesquisadores de diferentes países assinaram o “Manifesto pela Cidadania Digital” (DI FELICE *et al.*, 2018) que encontra-se dividido em quatro temas: i) “Da sociedade para as redes conectivas” (sobre configurações de contratualidade social a partir da inteligência artificial), ii) “Dos parlamentos para as plataformas digitais” (acerca do crescimento de outras modalidades de interação política), iii) “Da identidade política para a pessoa digital” (sobre a emergência do infovíduo – um todo em rede e indissociável de pessoa física e digital) e iv) “Educar para a cidadania digital” (ênfase no dever da educação para atuação nas redes interagentes). Apesar da concordância e da necessária articulação com os problemas apresentados, este resumo pretende apresentar um contraponto teórico a partir da crítica ontológica da informação de Vinícios Menezes (2017, 2018, 2021). Trata-se de um aprofundamento conceitual para ampliar o entendimento acerca dos desafios contemporâneos. O manifesto aponta para o desejo de preparar o mundo vindouro para a ecologia informacional onde o “social não é mais composto somente por humanos”; redes e bancos de dados emergem como extensões das peles e mentes cidadãs e, transformadas, as cidadanias agora digitais são instituídas através do potencial

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 1) Epistemologias reticulares: o protagonismo dos não-humanos e a comunicação pós-antropocênica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda em Ciência da Informação pelo PPGCI IBICT UFRJ. Bolsista de pesquisa do IBICT.

³ Doutor em Ciência da Informação pelo PPGCI IBICT UFRJ. Professor Adjunto da UFS.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

cosmopolítico de independência dos Estados nacionais. A esta condição acoplada entre os mundos físico e digital, Rafael Capurro chamou de ontologia digital (2009). As noções de “galáxia-bit” e “infóviduo” sugerem aproximações possíveis com a filosofia da informação de Luciano Floridi (2011), que cunhou os termos “infosfera”, “*inforg*”, “*onlife*” para designar o encurtamento, senão a dissolução entre o “aqui” e o “lá” que situa contextualmente o mundo da vida, contemporaneamente espetacularizado nas múltiplas telas (*online*, *ontime*, *onlife*). Para o autor italiano, editor do *The onlife manifesto*, o princípio ontológico atual classifica-se como um “monismo relacional”, caracterizado pela univocidade do ser informacional em rede (FLORIDI, 2020). Ambos manifestos situam os artefatos computadorizados como protagonistas de uma revolução global e enumeram desafios ético-políticos, como a prática e a mediação da cidadania digital e os riscos oriundos desse ambiente, como a desinformação e a desestabilização dos acordos modernos, das garantias democráticas e seus modos de configuração cidadã. Distante da homogeneidade e da naturalização dos ideais do sujeito moderno iluminista, a caracterização de “povo” e de “povo enquanto cidadão” é historicamente variável. Ao analisar a tradição grega, Menezes (2017) destaca que os marginalizados do direito à palavra e ao discurso (*aneu logon*) são também excluídos do direito à cidadania, uma vez que o sentido ontológico do cidadão grego se fundamenta através da univocidade das formas (*eidōs*) e do sentido único da não-contradição, evocados pelo *logos* do patriarca – “fala, se és homem” (CASSIN, 1993, p. 32). Assim, não apenas mulheres, crianças, escravizados e estrangeiros não são cidadãos, como qualquer indivíduo, coletivo ou grupos de não-humanos fora do sentido e das formas patriarcais da sociedade grega antiga. Classificados como “*logos* de planta” por Aristóteles (2002, p. 145-147), a escória da *pólis* destoa das premissas que conferem existência, discurso e cidadania aos sujeitos. Nesse horizonte, o autor categoriza os excluídos como seres informes (*informis*), os sem-forma da *pólis* (MENEZES, 2018, p. 136). Com foco em comunidades ameríndias, o pesquisador brasileiro suscita a abertura logológica do sentido para outros modos de ser no mundo, alijados da epistemologia ocidental. Diferente de Floridi, para Menezes (2017, 2018) o ser não é universal ou informacional na perspectiva do canônico *informatio*, ou dar a forma a algo. Em sua leitura, o prefixo latino *in-*, de onde deriva o léxico informação, desdobra-se na doação e na privação ou recusa da forma. Assim, o fora do sentido,



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

o *informis*, expõe informação como relação ou força destituente que rasura o palimpsesto da gramática ocidental, instituidora da cidadania. Em vez da infosfera urge o sertão informacional, o “lugar não onde” (plano de imanência), espaço do “habitar a palavra para intensivamente transvê-la em perspectivas alternativas” (MENEZES, 2018, p. 273). A virada ontológica meneziana é um gesto cosmopolítico de saberes marginalizados pelo repertório filosófico ocidental que parece embasar os mencionados manifestos. No plano histórico, ao afirmar que o tempo presente é demarcado pela era da hiperconectividade, os autores não comentam que, a despeito do ciberespaço abrigar bilhões de pessoas usuárias e contratantes de serviços de conexão à internet, outras bilhões permanecem desconectadas, colonizadas pela mão (in)visível do mercado ou, deliberadamente, afastadas das dinâmicas dos povos da mercadoria, como os indígenas que optam pelo não contato com os brancos. As noções de nuvem e de cultura a-tópica das redes digitais não contemplam a infraestrutura física que sustenta o ciberespaço, financiada por empresas, com suas próprias agendas, interesses e agenciamentos –, logo, lugares planejados e habitados por quem domina os meios tecnocráticos de produção da cultura e cidadania digital. No plano epistemológico, ao afirmar que, somente agora, o social é composto por entes não-humanos, como as florestas e algoritmos, os manifestos ocultam uma longa história de outros saberes informacionais, assujeitados pela validação exclusiva de uma existência escritural logocêntrica e etnocêntrica que vai da antiga pólis grega ao metaverso. Outras escrituras, como as escrituras ameríndias, não são ou estão restritas às palavras sobrescritas no códice vegetal ou reproduzidas no *bit*. A floresta é um mundo de escrituras vivas, operadas por meio das relações socio-cósmicas entre as existências diferentemente humanas. Portanto, surgem perguntas críticas como: quem está incluído na categoria de infovíduo? Como esse sujeito informacional abrigará as contradições e particularidades de um fora do sentido do *topos* digital? Ao transpor a territorialidade dos seres informes para as telas da infosfera, os seres ocidentais ainda não se dão conta que o ser e o mundo não são apenas um.

Palavras-chave: cidadania digital; epistemologia; ontologia informe.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

CAPURRO, Rafael. **Contribución a una ontología digital**. 2009. Disponível em: <http://www.capurro.de/ontologiadigital.html>. Acesso em: 11 de fev. de 2017.

CASSIN, Barbara. Que quer dizer: dizer alguma coisa? **Discurso**, v. 20, p. 19-39, 1993.

DI FELICE, M. *et al.* Manifesto pela Cidadania Digital. **Lumina**, v. 12, n. 3, p. 3-7, set./dez., 2018.

FLORIDI, Luciano. **The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era**. London: Springer Open, 2014.

FLORIDI, Luciano. **The philosophy of information**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

MENEZES, V. A mulher como informe: uma maculatura desclassificada na tipografia do informar. **Liinc em Revista**, v.14, n.2, p. 136-151, nov., 2018.

MENEZES, Vinícios Souza de. O sertão da palavra informação: o informe em língua de brincar. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. v. 19. p. 272-292.

MENEZES, V. Outros livros, outras grafias: relatos indígenas. **Bibliothecae.it**, n. 10, v. 2, p. 219-254, 2021.

MENEZES, Vinícios Souza de. **Rasum Tabulae: um limiar metafórico-escritural dos estudos da informação, ou, Le Livre**. 2017. 306 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE
**CIDADANIA
DIGITAL**

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

Linn, Anastácia e a Quebra da Mordaça: Corpo e Roupas a Partir do Perspectivismo¹

Cristiane Maria Medeiros LAIA²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Esse trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado, ainda em curso, cujo interesse é propor abordagens que se inspiram e/ou partem de lugares não ocidentalizados de entendimento de mundo, para leituras menos unívocas das inserções de heterogeneidade em espaços sociais hegemônicos e excludentes. Com atenção às fissuras e readequações que tais inserções forçam em uma sociedade que, firmada nos processos de colonização e seus desdobramentos, segue silenciando, em muitos momentos, os sujeitos das margens e suas construções de mundo e existência. Nesse recorte o foco é na chegada de Linn da Quebrada no BBB22, no início desse ano, usando uma camiseta estampada com a reprodução da obra “Anastácia Livre”, do artista carioca Yhuri Cruz. Partindo da hipótese de que a roupa é, nesse caso, um gatilho, um precipitador para que a obra se complete (estética, conceitualmente e concretamente) quando em contato com o corpo de Linn. Um corpo periférico (queer e da Quebrada), que compartilha com Anastácia (a mulher negra escravizada que se tornou conhecida ao ser retratada no quadro “Castigo de Escravos”, de Jacques Etienne Arago, do século XIX) dos traços, texturas, cores, lugar de fala e perspectiva de mulher negra calada por séculos, que resiste às tentativas de apagamento. E que, por isso, é um veículo passível de completar o movimento de desamordaçamento que Cruz propõe. Em rede nacional. Em horário nobre. Na teorização das vivências de Eduardo Viveiros de Castro com alguns povos ameríndios, a que ele chamou Perspectivismo Ameríndio, acessamos o conhecimento mobilizado para pensar esse recorte. Importa-nos saber aqui que, a partir disso, Viveiros de Castro nos apresenta o Multinaturalismo como um modo de viver em que humanos e não humanos são considerados pares, e estabelecem relações horizontais em que todos são capazes de reconfigurar realidades. Esse

¹ Trabalho apresentado à Mesa Coordenada 1) Epistemologias reticulares: o protagonismo dos não-humanos e a comunicação pós-antropocênica do III Congresso Internacional de Cidadania Digital.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: crismilaia@yahoo.com.br .



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

entendimento parte, inicialmente, da ideia de que todos os seres possuem um âmago em comum, algo como uma alma (em uma analogia a um conceito ocidental) em torno do qual se fazem corpos diferentes, que os diferencia no mundo. Presente na cosmologia ameríndia visitada pelo autor e divergindo do pensamento ocidental Multiculturalista, em que acredita-se existir apenas um mundo e formas diferentes de se apropriar dele, no Multinaturalismo entende-se que o mundo é criado a partir do corpo, que é “o sítio da perspectiva diferenciante” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.248). Logo, corpos, sujeitos diferentes não se apropriam de formas diferentes de um mesmo mundo, mas têm mundos diferentes, que criam a partir de seus corpos, de seus pontos de vista. Acrescenta-se a isso o fato da roupa ser uma das expressões privilegiadas nesse contexto. Segundo o autor, a ideia de que “todos os corpos, o humano inclusive, são concebidos como vestimentas ou envoltórios(...)” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 248) se desdobra no pensamento ameríndio de que, nesse sentido, “trata-se menos de o corpo ser uma roupa que de uma roupa ser um corpo.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 248). Sendo a roupa um corpo, ela também pode precipitar pontos de vista. Disso, propomos que o conjunto Linn da Quebrada - camiseta com a imagem de “Anastácia Livre” seja abordado a partir da capacidade de agenciamento, de protagonismo que a roupa tem aí, funcionando então como um corpo, um precipitador de pontos de vista e, logo, de mundos. No caso, um mundo onde a mordaca de Anastácia silenciada pela escravidão é quebrada e dá vazão a voz que, vinda de Linn, vem, na verdade, de todo um corpo social que ela carrega consigo. Calado pelas muitas mordaças ainda impostas por uma construção social ocidental-pós-colonial. Tomamos de empréstimo nessa pesquisa ainda, Achille Mbembe e o conceito de “direitos das gentes” que ele desenvolve em seu livro “Crítica da Razão Negra” (2020), para pensarmos as margens e suas construções - essas entendidas a partir de bell hooks (2019); e as leituras sobre o silenciamento imposto a Anastácia pela máscara de flandres e aos sujeitos das margens pelas muitas máscaras sociais, oferecidos por Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro em seu livro “Lugar de Fala” (2019). Assim, apresentamos um agenciamento de ideias que nos permite uma abordagem não convencional de um fenômeno social que transita no território da decolonialidade. Uma alternativa aos modos ocidentais de entender os fenômenos do mundo que, muitas vezes, não dão conta da diversidade de existências que o compõe, sobretudo no que



III CONGRESSO INTERNACIONAL DE

CIDADANIA DIGITAL

A COMUNICAÇÃO DA FLORESTA E A
CONEXÃO DE TODAS AS COISAS

De 21 a 25 de novembro de 2022
Manaus e Parintins | Amazonas

diz respeito às periféricas que, não a largos nem fáceis, mas crescentes passos, instauram seus corpos, estéticas, afetos, políticas, cores e texturas em espaços não reservados para elas na “divisão colonial de lugares no mundo”³. O que nos sugere um movimento na contramão ao apagamento a que essas existências e suas construções são submetidas desde a colonização; um levante pela redistribuição de lugares também simbólicos do mundo, no que esse termo tem de mais concreto.

Palavras-chave: Anastácia Livre; Periferia; Linn da Quebrada; Perspectivismo Ameríndio; Multinaturalismo.

Referências

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução: Jamile Pinheiro. São Paulo, Ed. Elefante, 2019

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2020

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen Produção Editorial Ltda, 2019

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: DANOWSKI, Déborah, PEREIRA, Luiz Carlos (org.). **Revista “O que nos faz pensar”**, n.18. Rio de Janeiro, RJ: Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, 2004.

³ Termo usado por Achille Mbembe em *Crítica da Razão Negra*.